

«AQUELES QUE DIZEM QUE MORREM PRIMEIRO E DEPOIS RESSUSCITAM
ESTÃO ENGANADOS.» **EVANGELHO GNÓSTICO DE FILIPE**

Os
GRANDES
MISTÉRIOS
da
INICIAÇÃO
A HISTÓRIA SECRETA
DA IMORTALIDADE

TRADIÇÕES SAGRADAS, RITUAIS SECRETOS,
ESCOLAS DE MISTÉRIOS, O SIMBOLISMO DA MORTE
E A ARTE PERDIDA DA RESSURREIÇÃO.

FREDDY SILVA

«AQUELES QUE DIZEM QUE MORREM PRIMEIRO E DEPOIS RESSUSCITAM
ESTÃO ENGANADOS.» EVANGELHO GNÓSTICO DE FILIPE

Os
GRANDES
MISTÉRIOS
da
INICIAÇÃO
A HISTÓRIA SECRETA
DA IMORTALIDADE

TRADIÇÕES SAGRADAS, RITUAIS SECRETOS,
ESCOLAS DE MISTÉRIOS, O SIMBOLISMO DA MORTE
E A ARTE PERDIDA DA RESSURREIÇÃO.

FREDDY SILVA



alma
livros

FREDDY SILVA

Os Grandes Mistérios da Iniciação

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
livros

FICHA TÉCNICA

info@almadoslivros.pt

www.almadoslivros.pt

facebook.com/almadoslivrospt

instagram.com/almadoslivros.pt

© 2019

Direitos desta edição reservados

para Alma dos Livros

Copyright © 2017 Freddy Silva

Todos os direitos reservados. Publicado originalmente nos EUA
por Inner Traditions International, Rochester, Vermont.

Título: *Os Grandes Mistérios da Iniciação*

Título original: *The Lost Art of Resurrection — Initiation,
Secret Chambers, and the Quest for the Otherworld*

Autor: Freddy Silva

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Miguel Antunes

Capa: Vera Braga/Alma dos Livros

Imagens de capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-8999-09-2

1.^a edição em papel: Outubro de 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

À Divina Virgem

Raspem um cristão e encontrarão um pagão estragado.

ISRAEL ZANGWILL

Um conto de fadas escocês...

Em Nithsdale, morou em tempos uma mulher a quem foi permitido, com o auxílio das fadas, ver os espíritos dos mortos no Outro Mundo. Foi assim que aconteceu.

Um dia, estava sentada em casa a fiar lã. O bebé encontrava-se deitado num berço perto dela, escutando o sussurro suave da roca e o canto doce da mãe. De repente, ouviu-se um restolhar, como de folhas mortas ao vento, junto à porta. A mulher ergueu os olhos e viu uma bela dama, vestida de verde e carregando um bebé. Entrou e, sorrindo docemente, perguntou: «Cuidarás do meu lindo bebé até que eu regresse?»

A mulher respondeu: «Sim, fá-lo-ei.» Tomou o bebé nos braços e a dama partiu, prometendo regressar. O dia passou e a noite chegou, mas ela não voltou para levar a criança. A mulher muito se admirou, porém mais se admirou na manhã seguinte quando acordou e encontrou junto à cama belas roupas novas para os filhos e uns bolos deliciosos. Sendo muito pobre, ficou contente por vestir roupas novas aos filhos, e por descobrir que lhes serviam bem. Os bolos eram de pão de trigo e sabiam a mel. As crianças deliciaram-se a comê-los.

A dama não voltou nesse dia nem no seguinte. Passaram semanas, e a mulher cuidou da estranha criança. Decorreram meses, e, ainda assim, a dama manteve-se afastada. Muitas manhãs, encontrava bolos de trigo com sabor a mel em casa, e quando as roupas das crianças estavam quase gastas, eram-lhes providenciados novos trajés, tão misteriosamente como antes.

Chegou o verão, e uma noite a dama, vestida de verde, voltou a entrar na casa. Uma criança que brincava no chão estendeu as mãos para agarrar as brilhantes lantejoulas prateadas que lhe adornavam o vestido, mas, para sua surpresa, as mãos atravessaram-nas como se fossem raios de sol. A mulher viu isto e soube que a visitante era uma fada.

Disse a dama das fadas: «Foste bondosa para o meu lindo bebé; levá-lo-ei agora.»

A mulher teve pena de se separar da criança e respondeu: «Tendes direito a ela, mas amo-a muito.»

Proferiu a fada: «Vem comigo, e mostrar-te-ei a minha casa.»

A mulher saiu com a fada. Atravessaram juntas um bosque, e depois começaram a subir uma colina verde do lado ensolarado. A meio da subida, a fada disse algo que a mulher não entendeu. A relva no talude à frente delas ergueu-se e revelou uma porta. Esta porta abriu-se e as duas passaram o umbral. Quando o fizeram, a relva desceu e a porta fechou-se. A mulher deu por si numa câmara vazia e fracamente iluminada. «Agora verás a minha casa», informou-a fada, que tirou do cinto um cálice contendo um líquido verde. Deitou três gotas no olho esquerdo da mulher e ordenou: «Olha agora.»

A mulher olhou e encheu-se de espanto. Um belo campo estendia-se à sua frente. Havia colinas verdes rodeadas de árvores, regatos cristalinos a reluzir ao sol e um lago que brilhava como prata polida. Entre as colinas, estendia-se um campo de cevada madura. A fada deitou então três gotas do líquido verde no olho direito da mulher e disse: «Olha agora.»

A mulher olhou e viu homens e mulheres que conhecera em tempos passados, cortando a cevada e colhendo frutos das árvores. Exclamou: «Vejo muitos que em tempos viveram na Terra e há muito estão mortos. O que fazem eles aqui?»

A fada respondeu: «Estas pessoas sofrem o castigo pelos seus atos malvados.»

Dito isto, a fada passou a mão sobre os olhos da mulher e a visão de colinas verdes e campos de colheitas e ceifeiros desapareceu de imediato. Deu por si de novo de pé na câmara vazia e fracamente iluminada. Então, a fada ofereceu-lhe tecido e unguentos e, conduzindo-a à porta, despediu-se dela. A porta abriu-se, a relva ergueu-se, a mulher deixou a morada da fada e voltou para casa. Durante algum tempo, manteve o poder de ver as fadas enquanto andavam perto da sua casa. Mas, um dia, falou com uma delas, que

lhe perguntou: «Com que olho me vês?» Respondeu a mulher: «Vejo-te com os dois olhos.»

A fada soprou-lhe para os olhos e perdeu-se de vista. Nunca mais a mulher voltou a contemplar as fadas, pois o poder que lhe havia sido dado foi-lhe tirado pela fada com quem falara.¹

Capítulo 1

UMA NOBRE TRADIÇÃO RECENTEMENTE SUPRIMIDA

O texto chama-se *Tratado da Câmara Oculta*. O seu conteúdo forra as paredes de um labiríntico túmulo de passagem subterrânea de 1470 a. C. atribuído ao faraó egípcio Tutmósis III.

O texto é uma cópia fiel de um relato original compilado mil anos antes e fornece instruções sobre como avançar para o Outro Mundo, um sítio tão real para os egípcios como o mundo físico. Porém, ao contrário do mundo físico, que é governado pelo tempo e pela decadência, este lugar paralelo existe fora do tempo; é presente e eterno e simultâneo ao físico, como duas serpentes entrelaçadas num poste. Os egípcios chamavam-lhe *Amduat*.

O *Amduat* imiscui-se no mundo dos vivos. É o lugar de onde todas as formas físicas se manifestam e para onde regressam. É uma componente integrante do nascimento, da morte e do renascimento. Só através de uma experiência direta do *Amduat* é que uma pessoa pode entender plenamente as forças operacionais da natureza, cujo conhecimento se dizia que transformava um indivíduo num *akh* – um ser radiante com «iluminação espiritual interior».

Todas estas instruções cobrem de forma ordenada paredes, passagens e câmaras da sepultura de Tutmósis. Só há um problema – o texto declara explicitamente de que modo a experiência é útil a alguém que está *vivo*: «É bom para os mortos ter este conhecimento, mas também para a pessoa na Terra... Quem entender estas imagens misteriosas é um bem dotado ser de luz. Essa pessoa pode sempre entrar e sair do Outro Mundo. Falando com os vivos. Provado como verdade um milhão de vezes.»¹



Tutmósis III.

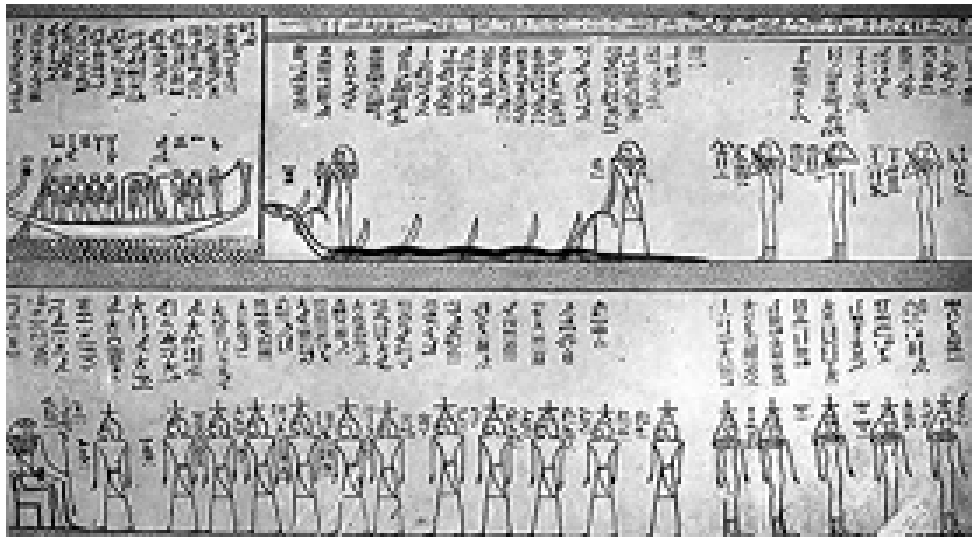
Depois há o túmulo em si, invulgar, no mínimo:

- Inclui um poço, característica redundante para um morto.
- O seu elemento central é um sarcófago oval de superlativa perfeição; contudo, a múmia de Tutmósis foi encontrada no templo de Hatshepsut, onde o faraó construíra um templo mortuário para si.
- A câmara principal está alinhada a nordeste, a direção associada à iluminação e sabedoria na filosofia esotérica.
- O texto completo do *Amduat* é o primeiro do género no Vale dos Reis; porém, apesar dos feitos extraordinários do faraó, foi pintado no reboco num estilo simplista, incaracterístico de um governante da sua magnitude.

Muito estranho deveras.

Para entender os antigos egípcios, é preciso pensar como eles. Tinham uma crença inabalável de que tudo o que existe no plano físico é um espelho dos processos a decorrer no metafísico. O que acontece em cima acontece em baixo. Consequentemente, muitos dos seus escritos possuem dois significados: um literal e outro alegórico ou metafórico. Mas quando os arqueólogos vitorianos viram inscrições a cobrir as paredes da sepultura de um faraó, interpretaram-nas como servindo um propósito funerário, pois, do

seu ponto de vista, essas câmaras subterrâneas foram tomadas pelo que eram: repositórios para os mortos, apesar das repetidas ausências de provas de inumação, ou casos de múmias encontradas noutra local – como no de Tutmósis III.



Fragmento do Tratado da Câmara Oculta.

Para os egípcios, contudo, um túmulo era considerado um local de repouso, mas não necessariamente o *derradeiro* lugar de repouso de um faraó. E, do mesmo modo, vivenciar o Outro Mundo não requeria que uma pessoa estivesse morta. Mais propriamente, as provas demonstram que, após ser submetido a um rito de iniciação secreto, o candidato era erguido de uma experiência uterina e proclamado como «levantado dos mortos».

Foi este o conceito por trás da ressurreição em vida, e não estava limitado às crenças egípcias. Foi entendido por escolas de mistérios, seitas esotéricas e sociedades xamânicas de todo o mundo, da China ao Arizona. Gnósticos da primeira era grega descrevem este ritual sagrado como uma experiência que revelava aos seus praticantes visões sobre a natureza da realidade. O autor de um evangelho gnóstico intitulado *Tratado sobre a Ressurreição*, de inícios do século II, mostra-se categórico: «Não presumam que a ressurreição é produto da imaginação. Não se trata de uma fantasia; mas sim de algo real. Em vez disso, dever-se-ia afirmar que o mundo é uma ilusão, em lugar da ressurreição.»² O autor anônimo

prossegue explicando que viver normalmente uma existência humana é viver uma morte espiritual, mas é no momento em que uma pessoa experimenta a ressurreição em vida que descobre a iluminação. «É... a revelação do que existe... e uma transição para a novidade»,³ e quem fosse exposto a isto enquanto vivo tornava-se espiritualmente desperto.

Tal conceito está em desacordo com o modo como a ressurreição veio a ser retratada, sobretudo após a ascensão do catolicismo. De facto, um texto do mesmo códice, o *Evangelho de Filipe*, ridiculariza os cristãos ignorantes que acreditam literalmente que um corpo físico pode ser ressuscitado depois de morto.⁴

Então, como experimentavam as pessoas a ressurreição em vida? Porque escolhiam tantas submeter-se ao seu rigoroso ritual? O que esperavam ganhar no quotidiano ao erguerem-se de entre os mortos? E porque foi esta filosofia banida e os partidários assassinados aos milhões pelas forças religiosas dominantes?

Capítulo 2

O MITO DA RESSURREIÇÃO

Muito do nosso atual entendimento do verdadeiro significado da ressurreição está envolto em feliz ignorância ou superstição. Mas não devemos ser duros para conosco, pois a superstição é o que resta depois de o entendimento original de um conceito se ter perdido com o tempo. E, no que toca a conceitos, a «ressurreição em vida» existe há bastante mais tempo do que imaginamos.

Em tempos, foi vista como um ritual sagrado cujas tradições eram zelosamente guardadas por iniciados da maior integridade moral. A admissão nas suas práticas internas era um privilégio alcançado por poucos, e esses viam a experiência como o pináculo do seu desenvolvimento espiritual. Depois, há cerca de dois mil anos, a história tornou-se distorcida e obscura. Portanto, onde e como tomou o sentido errado?

No século I, uma nova religião foi levada para Roma, com um homem chamado Yeshua ben Yosef a ocupar o papel principal de herói ressuscitado. Mas a história não se saiu bem com uma população há muito acostumada a erguer os seus heróis e governantes em pedestais e a deificá-los. Tão-pouco pegou com os gnósticos da Grécia, Ásia Menor e Egito, que, até àquele ponto, consideravam Jesus um mero mortal; criam igualmente que nunca fora crucificado, menos ainda reencarnado da morte física. Os principais proponentes destas visões «heréticas» foram o bispo Marcião de Sinope, Valentim de Alexandria, e outro estudioso dessa cidade iluminada, Basilides, que escreveu vinte e quatro comentários aos evangelhos e afirmou que a crucificação era uma fraude – que um substituto chamado Simão de Cirene tomou o lugar de Jesus. Manuscritos redigidos talvez no espaço de um século após o tempo de Jesus, e redescobertos junto ao Nilo em Nag Hammadi em 1945, assim o afirmam. Um deles – *Segundo Tratado do Grande Seth* – é particularmente condenatório, pois cita Jesus a descrever a crucificação na primeira pessoa: «Eu não morri na realidade, mas em aparência, para não ser por eles

envergonhado... Pois a minha morte, que eles julgam ter acontecido, sucedeu-lhes a eles no seu erro e cegueira, já que pregaram o seu homem até à morte... Foi outro, o pai deles, quem bebeu o fel e o vinagre; não fui eu... foi outro, Simão, quem carregou a cruz ao ombro. A quem puseram a coroa de espinhos... E eu ria-me da sua ignorância.»¹

Até já no século VII, o Alcorão defendia o mesmo argumento.

*E a sua falsa alegação de que mataram o Messias, Isa, o filho de Maryam, o Mensageiro de Alá, quando na verdade nunca o mataram nem o crucificaram, mas pensaram tê-lo feito. E os que contestavam o seu destino encontravam-se, eles mesmos, num estado de incerteza quanto à veracidade do incidente; a sua crença baseava-se num conhecimento vazio e a sua suposição era fundada em razões notoriamente insuficientes, pois de facto eles não o mataram, mas, não obstante, a culpa residia na intenção.*²

O mais condenatório é o facto de o debochado papa Leão X ter admitido que a história de Jesus era um mito, no que deve classificar-se como das maiores gafes da história: «Todas as eras podem testemunhar quão lucrativa aquela fábula do Cristo foi para nós e para a nossa companhia.»³

Ainda assim, uma visão literal da crucificação e da ressurreição foi subseqüentemente impulsionada pela Igreja Católica Romana, cuja autoridade se apoiava na experiência da regeneração milagrosa de Jesus após a morte por um pequeno grupo fechado de apóstolos, e na posição de incontestável autoridade que o acontecimento supostamente lhes conferiu. Dado que Pedro, o apóstolo, foi a primeira testemunha, e que o papa lhe veio a retirar a autoridade – com base em Pedro ter sido proclamado primeiro bispo de Roma, apesar de total ausência de provas⁴ –, claro que era do melhor interesse da Igreja promover uma interpretação literal do tema da ressurreição. A posição foi, sem dúvida, auxiliada pela incompreensão do apóstolo Paulo de como Jesus fazia os mortos voltar à vida, para não falar da sua falta de entendimento do ritual de

ressurreição em vida secretamente feito pela Igreja de Jerusalém. Lembrem-se, a Igreja de Jerusalém era governada por Tiago, o *Justo* – irmão de Jesus –, um homem que teria conhecimento dos ensinamentos secretos, enquanto Paulo nem sequer conheceu Jesus. A Primeira Epístola aos Coríntios quase deixa escapar o segredo quando observa que Paulo estava «decidido a nada conhecer além de Jesus Cristo, e este crucificado».⁵ Por outras palavras, que Paulo procurava negar a existência de mitos anteriores de deuses-homens ressuscitados já estabelecidos por todo o mundo antigo. Paulo meteu-se então num buraco ainda mais fundo, ao professar que o conhecimento espiritual é uma vaidade criada pelo diabo – dificilmente a posição tomada por um homem com verdadeiro entendimento da doutrina espiritual.⁶

Assim, a população da Europa sofreu uma lavagem cerebral para aceitar a ressurreição como um milagre literal vivido apenas por Yeshua ben Yosef após ter sido pregado numa cruz, morrido fisicamente e ressuscitado três dias depois; contrariando as leis da natureza, e até a posição pessoal de Jesus!

Esta viragem nos acontecimentos não sucedeu de um dia para o outro. Para o novo culto de Jesus, o Deus, para suplantar os velhos deuses, precisava de ser deificado e tornado aceitável ao povo do mundo romano e mais além; tinha de ser visto como possuindo poderes sobrenaturais semelhantes. Portanto, à semelhança de deuses rejuvenescidos dos egípcios, persas, fenícios e gregos – Tamuz, Adónis, Átis, Zeus, Osíris –, fizeram Jesus atravessar para o Outro Mundo e reemergir triunfantemente como um deus ressuscitado.



Manuscrito de Cobre.

Mesmo retirando as maquinações políticas por trás desta história, resta o equívoco fundamental de «ressuscitar os mortos». Os cultos gnósticos defendiam que tal termo nunca deveria ser levado à letra. Para as antigas ordens sagradas, era uma descrição figurativa de um ritual apenas revelado aos iniciados nas artes esotéricas. E enquanto o dogma católico sustentava que a sobrevivência da alma só é possível após a morte física (ou depois do fim do mundo), todos os outros partilhavam do entendimento comum de que a ressurreição devia ser atingida enquanto vivo, um ponto inequivocamente realçado pelo suprimido *Evangelho de Filipe*: «Aqueles que dizem que morrerão primeiro e depois ressuscitarão estão enganados. Se não receberem a ressurreição enquanto vivem, quando morrerem, nada receberão.»⁷

Por outras palavras, os que acreditam numa interpretação literal da ressurreição estão a confundir uma verdade espiritual com um evento real; Filipe descreve o cristianismo fundamentalista como «a fé dos tolos».

Os gnósticos desse período compreendiam melhor os mistérios do que as ordens religiosas ortodoxas. O conhecimento que haviam adquirido em segredo ao longo de séculos dizia respeito a uma experiência interior de Deus. Podiam reivindicar a experiência e, portanto, uma autoridade que ultrapassava a dos apóstolos e sucessores. Isto representava um grande perigo para a autoridade da Igreja, uma preocupação expressa por Ireneu, pai da teologia católica: «Ninguém se lhes pode comparar na grandeza da sua gnose, nem sequer mencionando Pedro ou Paulo ou algum dos outros apóstolos... eles mesmos descobriram mais do que o apóstolo.»⁸

Isto teria sido apenas a opinião de Ireneu, não tivesse o *Apocalipse de Pedro* – outro evangelho de Nag Hammadi – vindo também à luz para fragilizar a posição da Igreja. Neste relato, Jesus «ressuscitado» explica a Pedro, «aqueles que se apelidam de bispo ou diácono, e agem como se tivessem recebido a sua autoridade de Deus, são na verdade canais sem água. Embora não compreendam o mistério, gabam-se de que o mistério da verdade apenas a eles pertence. Interpretaram mal o ensinamento daquele apóstolo e montaram uma igreja de imitação, em vez da verdadeira irmandade cristã».

Portanto, aqui temos o problema fundamental: os gnósticos ofereciam a cada iniciado uma experiência direta de Deus por via de um ritual de ressurreição em vida, enquanto a Igreja alegava que a ressurreição da alma só podia ser alcançada se canalizada através dos seus serviços. A partir deste ponto, a tradição secreta praticada pelos gnósticos e por outras ordens esotéricas foi classificada como herética devido a motivos puramente políticos.

Todavia, o conceito de ressurreição em vida sobreviveu entre os cristãos gnósticos e as tradições gregas, tal como em tempos fora praticada por seitas como sabeus, mandeus, maniqueus, nazoreanos e, em particular, a comunidade essénia de Jerusalém, que escreveu sobre isso em rolos de cobre, que deliberadamente esconderam em grutas em Qumran pouco antes de os romanos

saquearem o seu templo. Graças a dois curiosos pastores de cabras, esses escritos foram descobertos em 1947.

O *Manuscrito de Cobre* descreve de que forma a imersão nos segredos dos mistérios levava ao derradeiro ritual de ressurreição dos mortos, conduzido em câmaras secretas sob o monte do Templo. De facto, um dos edifícios mais importantes descritos no pátio interior do templo é a Casa do Tributo, cuja entrada era ainda conhecida, no século I a. C., como o Portão da Oferenda. Erguia-se numa plataforma de pedra, na qual estava inserida uma laje de mármore que se podia levantar através de um anel fixo de metal, revelando a entrada para uma caverna funda. Um lanço de escadas conduzia a uma passagem subterrânea e à Câmara de Imersão, onde eram praticados rituais de purificação. Estas cerimónias são validadas nas primeiras escrituras, como no *Livro de Ezequiel*, que literalmente descreve como os anciãos de Jerusalém «tomavam parte em mistérios secretos... de origem egípcia» nas trevas sob o Templo de Salomão, e refere-se à câmara secreta usada para a iniciação como «a câmara nupcial».



Divina Virgem Semíramis com o bebé Tamuz.

As cerimónias de ressurreição em vida realizadas pelos essénios e outras seitas do Próximo Oriente até à era cristã eram uma continuação dos rituais transmitidos mil e quinhentos anos antes das tradições do faraó Seqenenre Taá em Luxor.⁹ E mesmo essas eram encenações de cerimónias idênticas que recuavam a mais dois mil anos, altura em que surge o conceito de um grupo interno de

iniciados, definido como «os vivos», que se distingue das pessoas normais, «os mortos».

No templo de Edfu, há a descrição de um ritual chamado «levantamento» ou «erguer», cujo conhecimento era transmitido apenas a uns poucos selecionados no seio do templo interior. A iniciação era conduzida em câmaras subterrâneas, muitas das quais ainda estão acessíveis através de passagens escondidas no interior das paredes ocultas de Edfu. Foi este ritual que continuou a ser praticado pelos essênios e pela Igreja de Jerusalém até aos seus últimos dias.

Não admira que, quando pessoas como João Batista e Yeshua ben Yosef entraram em cena, os ensinamentos que professavam mal tenham causado algum pestanejar. De facto, foram acolhidos com espanto por uma população há muito acostumada a que tais conhecimentos secretos fossem proscritos pelos rabis de Jerusalém ou pelos romanos.

O veículo através do qual o conceito de ressurreição em vida era transmitido chamava-se *Mistérios* ou *o Conhecimento*. Como as parábolas ensinadas nos primeiros círculos cristãos, os Mistérios eram divididos em dois grupos: os Mistérios Menores levavam os candidatos numa aprendizagem conceptual da ressurreição em vida. Os Mistérios Maiores consistiam na verdadeira experiência, envolvendo uma morte voluntária, seguida de uma lenta recuperação, e eram ensinados apenas a um grupo selecionado. O iniciado era colocado num túmulo figurado e a consciência conduzida para fora do corpo; nesse estado alterado, ele passava para o Outro Mundo e deambulava pelos seus reinos. Após descobrir o verdadeiro lugar e natureza da sua alma, o iniciado regressava, convicto da sua imortalidade, para enfrentar sem medo a aparente tirania da morte física, pois ele já experimentara o Paraíso e estava portanto livre.

É um grande benefício. Não admira que o *Evangelho de Filipe* insista: «Enquanto existimos no mundo, devemos adquirir a ressurreição.»¹⁰

Familiarizado com os segredos ensinados pelos essênios e os nazoreanos, também Jesus mantinha uma estrutura dualista: «A ti é dado conhecer os mistérios do reino de Deus, mas a quem não o tem, todas estas coisas são feitas em parábolas.» À maioria, oferecia ensinamentos simples, mas aos que iniciou no seu grupo interno – os poucos – era dado conhecimento secreto. Nos textos de Nag Hammadi, Jesus refere-se constantemente ao reino de Deus como um mistério interior, em vez de um lugar físico, largando pistas aqui e ali de que irá transmitir, em segredo, «o que nenhum olho viu e o que nenhum ouvido ouviu e o que nenhuma mão tocou e o que nunca ocorreu à mente humana».¹¹ Quando os membros da irmandade interna entendessem estes ensinamentos, eram declarados «ressuscitados».

Os rituais e processos por trás da ressurreição em vida raramente passavam a escrito; eram lembrados usando extraordinários feitos de memória e comunicados verbalmente apenas aos candidatos que tivessem passado longos períodos de estrita observação. Quaisquer textos sobreviventes com respeito aos segredos dos Mistérios indicam que estes consistiam numa experiência direta do mundo espiritual, exigindo a suspensão da vida física normal, incluindo a consciência desperta do indivíduo, um conhecimento das forças da natureza e um encontro com forças elementares incluindo deuses e as almas de antepassados. Os primeiros filósofos, como Platão, explicam como estes «deuses» eram de facto forças ocultas vinculadas à natureza – forças suprarracionais e transcendentais que não podem ser racionalizadas apenas pela contemplação mental.

Nos rituais egípcios mais antigos, isto envolvia a travessia do limiar da morte para que o iniciado se observasse enquanto espírito no mundo do espírito. Passava-se pela experiência de morrer, mas só metaforicamente, um desmembramento do mundo material e uma redução do corpo físico tanto quanto era possível alguém despir-se da bagagem física para permitir à alma viajar para melhores dimensões. Foi a relação entre o indivíduo e estas forças

inatas que formou a ciência sagrada egípcia da *heka*, aquilo a que os europeus vieram a chamar magia.

Os Mistérios indicavam uma verdade sagrada – que só palavras e imagens são incapazes de representar, mas cuja validade se podia entender através de uma «subida ao céu» ritual. E o método através do qual isto se conseguia chamava-se *iniciação*.



Cerimónia do levantamento, Babilónia.

Capítulo 3

O QUE É A INICIAÇÃO?

Há um princípio comum no xamanismo e nas tradições espirituais das culturas aborígenes: um estado de consciência alterado facilita uma experiência mística capaz de transmitir conhecimentos especiais. De facto, é uma das mais antigas crenças partilhadas pelas seitas esotéricas como os druidas da Gália, os caldeus da Síria, os samaneus da Cátria, os magos da Pérsia e os gimnosofistas da Índia, todos dedicados à exploração fora-do-corpo com o objetivo de alcançar a iluminação pessoal através da ressurreição espiritual. E o caminho que os neófitos experimentavam era por via da rigorosa arte da iniciação.

A iniciação nos Mistérios era um privilégio aberto a alguns selecionados, mas não necessariamente restrito a uma elite social. Poucos passavam os portões do templo, porque eram raros os pretendentes à altura da tarefa. Citando Pitágoras quando recusava entusiastas na sua academia em Cróton: «Nem todo o tipo de madeira serve para esculpir o retrato de Mercúrio» – sendo Mercúrio a renovação romana de Djehuti, o deus egípcio que guia as almas para o Outro Mundo.

Os que tinham sucesso passavam primeiro por um período de observação. Tertuliano, autor das fases iniciais do cristianismo, descreve uma etapa de experiência que podia durar quatro anos, essencialmente para avaliar o nível de confiança e responsabilidade dos candidatos. Durante esse tempo, eram-lhes dadas instruções gerais e ensinadas grandes verdades escondidas em parábolas enigmáticas. Completado com sucesso o período experimental, os candidatos eram admitidos num grupo interno e seguia-se a iniciação nos Mistérios mais plenos.

Iniciação significa «tornar-se consciente». É uma técnica que guia para o corpo frequências elevadas, mais penetrantes, que se acredita operarem numa das mais densas vibrações da natureza. Porque as experiências fora-do-corpo podem ser perigosas, só os que possuíam um entendimento firme do campo elétrico do corpo

eram admitidos no processo. A instrução era muitas vezes conduzida de templo em templo e realizada em fases, para impedir o esgotamento dos centros nervosos e dos circuitos elétricos do corpo, cada passo elevando lentamente a vibração do indivíduo. Como um alpinista que pretendesse escalar os Himalaias, tinham primeiro de se aclimatar e condicionar antes de subirem a picos cada vez mais altos. Os requerentes aprendiam a aquietar os hábitos, a condicionar a mente e a praticar o direcionamento consciente da energia vital do corpo. Era-lhes também exigido que desenvolvessem grande resistência aos impulsos físicos, em particular ao controlo das emoções.

Graus crescentes de iniciação testavam a coragem dos candidatos face ao medo, revelando o desejo cada vez menor de continuar por parte dos participantes mais fracos, reduzindo assim o seu número. Eram utilizados meios mecânicos para estimular experiências que imitavam a eventual experiência fora-do-corpo dos candidatos – por exemplo, faziam-nos sentir como se estivessem a cair num poço ou a ser sobrepujados por água corrente ou animais selvagens. Os que ultrapassavam estas provações congratulavam-se por avançarem em direção aos graus mais altos dos Mistérios, apenas para se confrontarem com novas formas de preparação psicológica.

Dominados estes pré-requisitos pelo candidato – juntamente com uma série de procedimentos não especificados –, a última fase do processo implicava uma longa estada num ambiente de privação sensorial. Segundo historiadores clássicos como Plutarco e Estrabão, estes lugares apresentavam diversas configurações: pirâmides, pagodes, labirintos, templos, grutas, passagens e câmaras subterrâneas, salas abobadadas, galerias espaçosas e quartos secretos. Algumas das paredes e colunas estavam decoradas com verdades filosóficas ou morais.

Por vezes, a iniciação ocorria dentro de uma estrutura no topo de uma espécie de monte rodeado de água, como a ilha-templo de Philae, onde o casamento sagrado de Osíris – o deus-homem

ressuscitado do Egito – com a noiva Ísis era ritualmente representado por iniciados em público, seguido de um segmento secreto conduzido em privado nas câmaras subterrâneas que cobriam grande parte da ilha original. Por norma, o evento realizava-se na última noite do quarto minguante, começava ao pôr do Sol e durava até o Sol nascer.



Templo de Philae, onde era realizada a representação do mistério de Osíris e Ísis.

Nesta fase da iniciação, os candidatos eram temporariamente conduzidos, passo a passo, a um estado de transe, adormecidos, mas paradoxalmente despertos, já que a alma se desligava temporariamente do corpo e tomava consciência de si mesma no Outro Mundo. A maioria dos escritores antigos concorda que o último ato de iniciação – a viagem xamânica – começava com a descida a uma espécie de inferno ou submundo antes de, por fim, alcançarem o Paraíso. Sob a supervisão de um hierofante ou guardião da sabedoria, a alma encontrava criaturas sobrenaturais, mas aprendia a superar o impulso natural de repulsa ou medo de modo a chegar ao derradeiro e sublime estado. O compilador macedônio Estobeu deixou-nos um registo da sua experiência:

A mente é afetada e agitada na morte, tal como o é na iniciação aos grandes Mistérios. A primeira fase não passa de incertezas, esforços, deambulações e trevas. E agora,

*chegado ao limite da morte e da iniciação, tudo tem um aspeto terrível; é tudo horrores, tremores e sustos. Mas, terminada esta cena, uma luz divina e miraculosa se manifesta... perfeitos e iniciados, eles estão livres, coroados, triunfantes, caminham nos lugares dos abençoados.*¹

Temístio, filósofo grego do século IV, retrata o candidato como encontrando trepidação e incerteza, de início, mas, após ser conduzido por um sacerdote, prossegue tranquilamente:

*Entrando agora na cúpula mística, ele enche-se de horror e espanto. É tomado de solicitude e total perplexidade. É incapaz de dar um passo em frente: e não consegue encontrar a entrada desse vazio que o deverá levar ao lugar a que aspira. Mas agora, no meio da perplexidade, o profeta ou hierofante que o conduz abre-lhe de súbito o espaço ante os portais do templo.*²

É importante clarificar que estas aparições não eram maléficas, apenas desconhecidas, e o desconhecido suscita uma reação natural na mente humana. O filósofo neoplatónico Proclo Lício, ele próprio um iniciado, explica: «Em todas as iniciações e Mistérios, os deuses exibem muitas formas, e às vezes, de facto, uma luz nunca imaginada é trazida à vista; ocasionalmente, esta luz é percebida segundo a forma humana, ou segue para uma forma diferente. Algumas das figuras não são deuses, e causam alarme.»³



A Última Ceia de Mitra, deus-homem ressuscitado dos zoroastrianos e, mais tarde, dos romanos.

Não admira que os segredos dos Mistérios só fossem do conhecimento de alguns guardiães; poucos têm a coragem de se sujeitar a tal provação. Dadas as suas responsabilidades numa situação que podia correr de forma desastrosa, com o potencial da loucura, até a possibilidade da morte, não surpreende que as técnicas fossem zelosamente protegidas dos ignorantes.

Contudo, os benefícios de atravessar o véu para o Outro Mundo eram inacreditáveis. Proclo descreve como, ao superar o medo do desconhecido, o prémio que o espera é magnífico.

*Tendo-o purificado exhaustivamente, o hierofante revela agora ao iniciado uma região toda iluminada e brilhando de esplendor divino. A nuvem e a densa escuridão dispersam: e a mente, antes cheia de desconsolada obscuridade, emerge agora como que para o dia, repleta de luz e de alegria, saindo das profundezas em que mergulhara.*⁴

A este ponto da iniciação chamava-se *autopsia*, «ver as coisas com os próprios olhos».

O escritor berbere do século II Lúcio Apuleio descreve assim a sua iniciação: «como morte voluntária e salvação obtida pela graça», e, pela sua experiência direta com a divina deusa, foi «de certo modo renascido e trazido de volta à estrada de uma nova bênção». Para Lúcio, esta deusa era Ísis, e encontrar-se com ela era visto como um casamento sagrado. O processo exigia uma longa preparação e a disponibilidade do candidato para ser paciente até que a deusa julgasse apropriada a admissão dele no Outro Mundo.

Se se passasse com sucesso nestes testes, atingia-se um maior grau de autoconhecimento, para não falar da onipotência e onisciência. Os iniciados que experimentavam a ressurreição em vida, erguendo-se com sucesso ao amanhecer, voltavam ao quotidiano com a sensação de um propósito mais elevado, maior integridade moral e medo reduzido, praticando o que pregavam entre «os mortos». Como observou o historiador grego Diodoro Sículo: «Os que participam nos Mistérios tornam-se mais espirituais,

mais justos, e melhores em todos os aspetos.» Ao que Sócrates acrescentou: «Os que estão familiarizados com os Mistérios asseguram a si mesmos boas esperanças contra a hora da morte.»

Provas de que os primeiros cristãos e seitas relacionadas da época seguiam uma doutrina gnóstica de iniciação no mistério da ressurreição em vida emergiram em 1958 na biblioteca de Mar Saba, um mosteiro ortodoxo grego na Palestina. É uma carta escrita por Clemente de Alexandria – talvez o mais erudito dos bispos gnósticos do século II – ao seu amigo Teodoro, na qual indica que um evangelho até então desconhecido fora escrito pelo apóstolo Marcos em Alexandria por volta do ano 90 d. C. que diferia em conteúdo da sua obra anterior redigida em Roma. Era um evangelho secreto relativo aos ensinamentos ocultos de Cristo, que «traz progressos para a gnose [conhecimento]». Clemente prossegue: «Assim, [Marcos] compôs um evangelho mais espiritual para uso dos que estavam a ser iniciados... Quando morreu, deixou a sua composição à Igreja de Alexandria, onde é guardada ainda mais atentamente, sendo lida apenas por aqueles que estão a ser iniciados nos grandes Mistérios.»⁵

No seu auge, Alexandria ostentava cerca de 2400 templos, mas o pico da aprendizagem era a sua louvável biblioteca. Compreendia duas secções: a maior, de mármore branco e ligada a um local sagrado chamado *Mouseion*, o Santuário das Musas; e a mais pequena, um templo dedicado a Serápis, um destilado do culto de Osíris. Juntas, formavam uma coleção titânica de mais de 540 000 livros e rolos, uma das grandes maravilhas do mundo intelectual, onde, segundo o historiador romano Marcelino, «continuam a preservar cuidadosamente os elementos dos ritos sagrados, tal como transmitidos nos seus volumes secretos».

Tudo isso mudou em 390 d. C., quando uma turba fanática de cristãos fundamentalistas a incendiou, com as pessoas que se haviam refugiado lá dentro. Coincidentemente, foi durante esse período que a Igreja conduziu o seu golpe e produziu a espantosa proposição de que a ignorância não tem importância nos assuntos

religiosos, nem representa uma barreira à santidade. De facto, *conduz* à conquista da santidade! Entretanto, os gnósticos e outras seitas iniciáticas foram marcados como hereges e proscritos.



Ritual de iniciação numa tribo da Melanésia, 1900.

Porém, a verdade era basicamente o oposto. Quase todos os sistemas religiosos até este ponto tinham emergido de indivíduos já iniciados nos Mistérios, estando, portanto, apetrechados com um conhecimento espiritual avançado – Zoroastro, Buda, Mani, os sábios védicos, os filósofos egípcios e gregos, e por aí adiante. Dadas as circunstâncias, o lema oficioso «a ignorância é uma bênção» servia bem à Igreja, pois, enquanto o catolicismo lutava pelo domínio em Alexandria e no Mediterrâneo, é claro, a partir dos escritos da época, que outros sistemas de crença estavam anos-luz à frente, e estes novos cristãos instantâneos competiam com pares mais informados. «Se o cristianismo pretende ser mais do que uma religião para os incultos, tem de se entender com a filosofia e a ciência gregas», escreveu Clemente.

A nova religião, tendo descartado ou ignorado os ensinamentos secretos, era considerada menos sofisticada, anunciando uma mensagem simplista e exotérica pregada por Paulo a um rebanho maioritariamente iletrado. O historiador grego Plutarco, pelo contrário, no seu tratado *De Iside et Osiride*, revela o benefício da experiência esotérica de iniciação nos Mistérios:

Enquanto estamos aqui em baixo, sobrecarregados com afeções corporais, não podemos ter qualquer relação com Deus, exceto no pensamento filosófico, em que nos é permitido tocá-lo tenuemente, como num sonho. Mas, quando as nossas almas forem libertas [pelos Mistérios] e passarem para a região do puro, invisível e imutável, este Deus será o seu guia e rei, de quem dependem e observam com ânsia insaciável a beleza de que os lábios do homem não podem falar... Por estes meios, poderão estar mais bem preparados para a obtenção do conhecimento da Primeira e Suprema Mente, a cuja busca a deusa os exorta. Por esta razão se chama ao seu templo Iseion, aludindo a esse conhecimento do Ser eterno e existente em si mesmo que pode assim ser obtido, se devidamente abordado.

CALMA COM ESSA PLANTA

Nos relatos sobreviventes de pessoas sujeitas à iniciação, nota-se uma impressão recorrente de que o começo da estimulação de quase-morte era uma experiência angustiante, apesar dos meses de preparação física e psicológica. Como qualquer pessoa que passou pela provação de um encontro às cegas sabe, o remédio rápido para tal situação é entorpecer os sentidos até à trepidação consumindo álcool. Durante a iniciação, a inclinação era para fazer basicamente o mesmo: era dado ao candidato um narcótico suave para ajudar à jornada fora-do-corpo no decorrer da noite.

As primeiras provas vêm de um dos templos mais estudados em relação à iniciação e aos segredos do Outro Mundo, a pirâmide de Unas em Saqqara, onde existe uma inscrição invulgar sobre o faraó ingerir certas substâncias de modo a expandir a sua consciência. «Unas come a sua magia e ingere os seus espíritos. Os grandes são para a refeição da manhã, os médios para a refeição do anoitecer, os pequenos para a refeição noturna.»⁶ Uma descrição dos hábitos alimentares de qualquer faraó dificilmente teria importância, muito menos porque um faraó morto não tem apetite. Mas o facto de o corpo de Unas não ter sido encontrado no interior

do edifício sugere que o texto transmite parte importante de um ritual. Voltaremos a Unas e à sua câmara ritual.

Na China Antiga, era normal os santos voarem do corpo, alimentados por narcóticos alquímicos, a fim de vaguearem pelas esferas celestiais e montanhas sagradas. Tinham até um epíteto para descrever os sábios que haviam dominado a ressurreição em vida: «Subidos ao céu no pico do dia.» O fundador do taoísmo, Lao Tzu, deixava regularmente o seu corpo para «ir dar um passeio pela origem das coisas».⁷

Encontram-se evidências de alucinogénios suaves nos antigos escritos persas de *Zand I Wahman Yasht*, que descrevem a iniciação de Zoroastro, o profeta filósofo, por volta de 550 a. C.: «Ohrmazd, o espírito sagrado, criador dos justos e da existência corpórea, tomou a mão de Zoroastro e nela pôs sabedoria omnisciente líquida, e disse “bebe”. E Zoroastro bebeu e a sabedoria omnisciente misturou-se em Zoroastro.»⁸ Esta libação pode muito bem ter sido a erva *Peganum harmala* ou arruda-síria, cujas sementes e raízes contêm os invulgares alcaloides psicoativos harmina, harmalina e tetraidro, que, quando bebidos, se tornam um potente alucinogénio.⁹

O *Livro de Arda Viraf* descreve uma viagem clássica de iniciação zoroastriana, em que são administradas a um sacerdote três taças de vinho misturado com o narcótico *vishtasp*, em preparação para uma experiência voluntária de quase-morte. Enquanto no Outro Mundo, Viraf, o sacerdote, embarca numa expedição de recolha de informação. Entretanto, no mundo físico, o seu corpo mantém-se em coma, estendido como um cadáver e vigiado por sete sacerdotisas que cuidam de uma fogueira à medida que recitam passagens rituais do *Avesta* e cantam *Gâthâs* para manter as forças negativas afastadas da sua aura, implementando, essencialmente, um campo de forças protetor.

Sete dias depois, a alma de Viraf regressa. Ele recupera a consciência, como que despertando de um sono agradável, e descreve a viagem pelo Outro Mundo – como atravessou a Ponte

Chinvat (Ponte da Separação) para ser recebido por seres angelicais que observam: «Bem-vindo, Arda Viraf, embora não seja ainda a tua hora.» Viraf é acompanhado aos locais onde as almas moram e descreve como as suas crenças e ações positivas tomam a aparência de uma bela e radiante donzela. Encontra outro anjo da guarda que segura uma balança dourada para a pesagem da alma – os lugares das estrelas, da Lua e do Sol, onde as palavras e ações positivas são acolhidas, o paraíso radiante da vida eterna. Ao longo deste caminho de verdade, é-lhe também mostrado o caminho alternativo da falsidade e as zonas de sofrimento onde os perversos ficam em tormento, ou como os arcanjos o descrevem a Arda Viraf, «a realidade de Deus e dos arcanjos, e a irrealidade de Akharman e dos demónios». A sua viagem prossegue por um caminho de estrelas que liga o Sol, a Lua e as estrelas, «o local onde os bons pensamentos são recebidos com hospitalidade», onde encontra almas com o brilho do Sol.

Viraf também refere uma viagem por uma ponte aparentemente interminável e a chegada a um rio turbulento, dilatado por lágrimas de lamentação derramadas pelos vivos por aqueles que partiram. Este ponto é atravessado por todas as almas, algumas fazem-no facilmente, outras com grande dificuldade. O anjo-guia de Viraf explica: «Quando regressares, diz ao mundo que, quando estiverem no mundo, não se lamentem nem chorem sem motivo, pois isso cria muito mais dificuldades e dano às almas dos vossos falecidos.»¹⁰ O ponto a ser realçado é que a alma é mais bem auxiliada na sua viagem pelo Outro Mundo pelo poder inerente ao pensamento positivo.

No mitraísmo – que antecede o zoroastrismo –, a erva haoma é descrita em textos sagrados como o alucinogénio de eleição, com a intenção do «triunfo da virtude». Os adeptos de Mitra, ou magos, também usavam a planta inebriante soma, a «afastadora da morte», assim chamada devido ao seu uso na viagem astral, que lhes permitia ver para lá do véu durante a iniciação. Curiosamente, durante o processo de produção do narcótico, dizia-se que a planta

era «sacrificada», e através da sua morte outros podiam tornar-se imortais.

Para os maias da América Central, a bebida ritual de eleição era o *balché*, feito da casca de uma árvore leguminosa que, quando fermentada durante alguns dias com mel, se transforma em narcótico. Era tradicionalmente preparada no interior de uma canoa, um método tão prático quanto simbólico, pois alude à viagem alegórica feita pela alma desencarnada a bordo de um barco solar ao longo da Via Láctea, até ao portal do Outro Mundo, que, para os maias, reside nas três estrelas que constituem a cintura de Órion.

Os egípcios tinham a sua própria versão. O narcótico mais penetrante encontrado no seu cerimonial e arte ritual é o lótus-azul (*Nymphaea caerulea*); a planta em si era colocada nos túmulos de faraós como Tutankamon, cujo sarcófago estava coberto delas.¹¹ A análise química dos alcaloides descobertos no lótus-azul revela que, tomado em doses elevadas, pode induzir psicose, mas em doses reduzidas atua como tranquilizante,¹² salientando a arte envolvida na administração de narcóticos durante os rituais para conseguir o resultado desejado.

Na Grécia, a iniciação nos Mistérios de Elêusis caía sob a tutela da deusa Deméter, que é retratada junto a um molho de trigo, muitas vezes representado a púrpura. Na verdade, esta pequena singularidade oferece uma grande pista para o que acontecia durante o rito final de iniciação, que começava com uma bebida de uma taça cerimonial especial chamada *kykeon*, guardada numa arca cujo conteúdo era mantido escondido. A taça continha um narcótico, provavelmente um destilado de cravagem – fungo psicoativo que toma a aparência de um bolor púrpura nas culturas de cereais.¹³

A administração de narcóticos parece ter sido uma arte em si mesma. E, ao contrário do xamanismo puro, uma pequena dose era o suficiente para fornecer um estado calmante, de modo a que a alucinação se transformasse no veículo para o mundo espiritual, em vez de um mecanismo que influenciava o que os iniciados viam quando chegavam ao seu destino.



Faraó a beber lótus-azul.

Se tudo corresse como planeado, o iniciado, tendo passado a noite imerso no Outro Mundo e ainda sensível devido à experiência, era ajudado a sair da câmara secreta a tempo de saudar a Estrela da Manhã, normalmente a Sirius, associada à sabedoria e ao conhecimento divino, após o que era declarado como «ressuscitado dos mortos».

O hieróglifo da Estrela da Manhã tem o significado literal de «conhecimento divino», ou «conhecimento das leis da natureza».

Se um dos propósitos da iniciação era experimentar o corpo de luz – a reconexão da alma com a Fonte e, com sorte, o seu regresso ao corpo com visões –, torna-se lógico que os ensinamentos secretos que levavam a esse ponto exigissem um grupo privilegiado que constituía uma sociedade à parte.

Como veremos, assim foi.



Deméter com as suas serpentes e trigo púrpura.

Capítulo 4

PRIMEIROS SEGUIDORES DO CAMINHO

A remoção das evidências de anteriores deuses-homens expiatórios crucificados pelos cristãos fundamentalistas procurava negar as raízes antigas da história de Jesus, de modo a exaltar o estatuto singular do novo herói catolizado. Mas, infelizmente, há muito que a ideia estava em voga.

Suméria, cerca de 2000 a. C.: Damuzi/Tamuz, deus-pastor que se retira para uma montanha sagrada a fim de contemplar a verdadeira santidade, depois ressuscita dos mortos.

Frísia, cerca de 1170 a. C.: Átis, deus-homem expiatório suspenso de uma árvore, é sepultado e ergue-se de novo para ser venerado como messias.

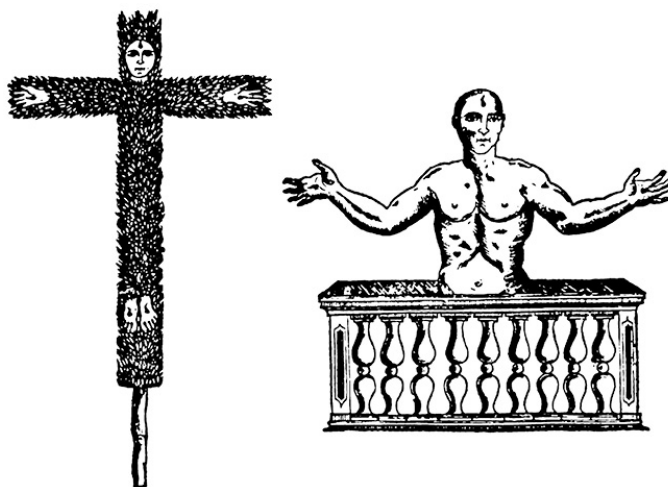
Tibete, cerca de 700 a. C.: Indra, deus-homem expiatório, nascido de uma virgem de tez negra, caminha sobre a água, prevê o futuro, é pregado numa cruz e ressuscita dos mortos. Os seus seguidores eram chamados «professores celestiais».

Nepal, cerca de 622 a. C.: Iao, deus-homem, pregado numa árvore, ergue-se dos mortos.

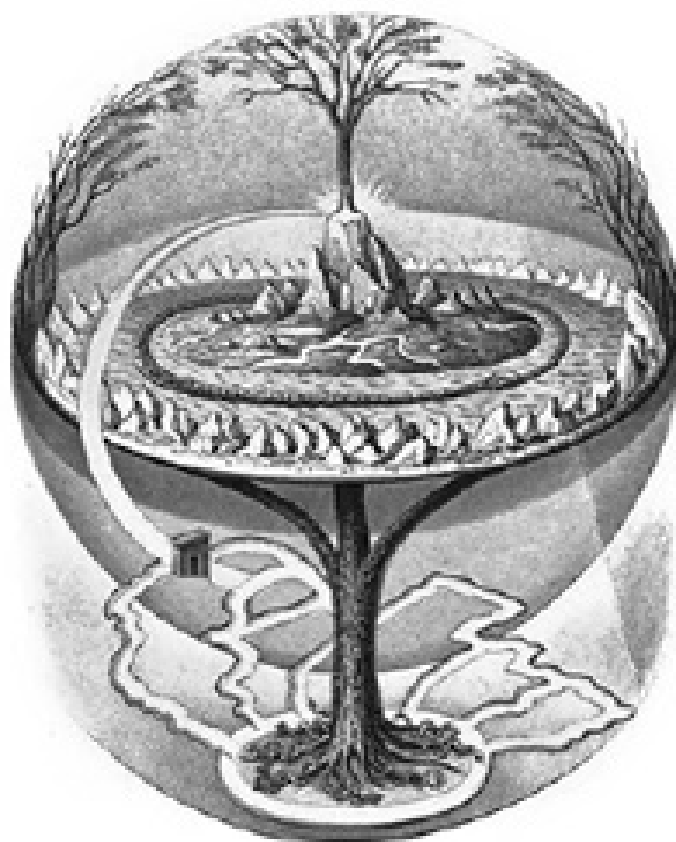
Java, cerca de 552 a. C.: Wittoba, deus-homem, pregado numa árvore e representado por um crucifixo.¹

Da Fenícia à China, o mundo pagão celebrou o herói que atravessa para o Outro Mundo como um homem «morto», apenas para se erguer como um deus e tornar-se o exemplo de um ser iluminado a caminhar na Terra. Quinhentos anos antes de Jesus, até os gregos encenavam um auto de moralidade sobre a vida de Prometeu, o deus-homem expiatório do Cáucaso que ressuscita dos mortos após ter sido pregado numa trave vertical com os braços estendidos na madeira. O simbolismo é claro: o herói desenvolveu conhecimento dos mundos inferiores, médios e superiores, representados pelas raízes, tronco e frutos da árvore do mundo. Regressou «cristificado» ou espiritualizado, em controlo dos quatro elementos que sustentam o mundo, cada um deles representado pela cruz de braços iguais.

No seu *Alphabetum Tibetanum* de 1762, o monge Augustinus Georgius lista duas imagens de Indra tal como é representado no Nepal. Uma mostra o deus-homem preso a uma cruz de madeira coberta por uma rica folhagem, apenas com o rosto, as mãos e os pés visíveis, estes últimos trespassados, como tendo sido pregados ao equivalente a uma Árvore da Vida (o deus nórdico ressuscitado Odin é igualmente pendurado de Yggdrasil, a Árvore da Vida). A imagem que se segue retrata a parte superior do tronco de Indra a erguer-se de uma caixa.



Duas imagens de Indra.



Yggdrasil, a Árvore da Vida, à qual se dizia que os iniciados eram «pregados» após terem completado com sucesso a iniciação nos Mistérios.

Independentemente de serem invenções com um propósito moral ou indivíduos da vida real – e muitas culturas garantem que *eram* reais –, estes heróis estavam apenas a representar o ciclo regenerador da natureza. As tradições globais insistem em mostrar de que forma o renascimento do Sol como rei era celebrado durante três dias após o solstício de inverno, quando o seu parto com a Rainha do Céu – a Virgem Celestial – dava à luz o menino salvador nos primeiros minutos após a meia-noite de 24 de dezembro. De facto, o Sol parece ficar parado no horizonte durante os três dias em torno do solstício antes de reverter o seu curso. A luz vence a escuridão do inverno e o renascimento da vida e da terra fica assegurado para mais um ciclo.

Quanto ao herói, ele ou ela empreendia uma viagem ritual correspondente ao ritmo do Sol renascido – pessoas como o deus-homem Adónis, que era celebrado a 25 de dezembro no templo de Jerusalém muito antes do tempo de Jesus.

Dos ritos de passagem dos nativos americanos às peregrinações dos exploradores chineses, os rituais mais antigos do globo seguiam uma prescrição quase idêntica. Normalmente, a busca começava num local remoto, um lugar de solidão conducente à contemplação interior, seguido de um período de privação sensorial num ambiente isolado, no qual, imersos no mundo cósmico, os iniciados tomavam consciência do propósito por trás do universo que habitavam. Chegados a um estado de autorrealização, descobriam o divino em si mesmos e regressavam ao corpo com uma visão mais informada das doutrinas a adotar na vida quotidiana. E o sinónimo pelo qual os praticantes se referiam ao processo era «o Caminho».

Estes indivíduos não sofriam uma morte física; apenas deixavam a sua ignorância das leis da vida ao atravessarem com sucesso para o Outro Mundo, regressando com uma descoberta de grande significado que os iluminava imenso.

AMÉRICA NATIVA

As montanhas sagradas ocupam o tema central no folclore dos nativos americanos enquanto portais de e para o Outro Mundo. Eram vistas como universidades onde procuravam a visão orientadora. No estado de Nova Iorque, Mount Marcy era originalmente chamado pelos iroqueses «o Grande Mistério», enquanto, no Novo México, erguendo-se sobre o deserto plano como um anjo da guarda vitrificado, Tsé Bit'a'í é sagrado para os hopis, os navajos (que lhe chamam Naat Ani Néz), e, antes deles, os anasazis, que o consideravam também o centro do seu mito da criação. Destes povos espiritualmente sintonizados dizia-se terem descido ali vindos do Outro Mundo, marcando o pico negro a sua entrada.

Tsé Bit'a'í é tão sagrado para estas culturas como o monte Kailash é para os hindus, budistas e jainistas – ninguém está

autorizado a subi-lo. Voos xamânicos para o Outro Mundo eram feitos durante a noite no interior das fendas em torno da base da brecha quase vertical. Talvez seja por isso que o seu nome se traduz como «rocha com asas».

Embora os anasazis tenham há muito partido para o mundo vindouro, a sul, os *tewa* continuam a realizar cerimónias em Tsikumu, uma montanha sagrada perto do seu *pueblo*. Como tantos templos de Pueblo, Tsikumu é visualmente dececionante, mas poderoso em presença, sendo o portal dos *tewa* para o Outro Mundo, a partir do qual eles afirmam ter emergido há muito tempo. Aqui, os iniciados trabalham com uma energia chamada *po-wa-ha* que lhes permite fluir deste plano da realidade para o Outro Mundo e voltar. A tradição é intemporal, assente em rituais transmitidos por povos anteriores e sem nome.

Tsikumu não é um portal solitário, mas o centro de uma cosmologia geodésica organizada que inclui o elemento mais proeminente de Tewa Valley, Black Mesa. Ali, onde existe uma gruta ritual que marca outro ponto de entrada no Outro Mundo, e onde há muito residiu uma família de uma raça de gigantes.²

No Sul da Califórnia, um dos pontos de acesso ao Outro Mundo mais bem documentados é a colina sagrada de Cuchama, que significa «alto exaltado». Desde que a memória tribal se lembra, trata-se de um santuário espiritual onde os rapazes, ao atingirem a idade adulta, e após iniciação pelo ancião, eram enviados numa busca solitária de visões, em preparação para a descoberta do Homem Superior dentro de si. O término do ritual acontecia na escuridão do cume ou na sua gruta sagrada, que parece artificialmente esculpida. Só, em silêncio e livre do egoísmo, o candidato era deixado à «adoração do Grande Mistério».³

Durante as viagens ao Outro Mundo, os iniciados contam ter sido recebidos por «Seres Brilhantes», ter-lhes sido mostradas as suas origens antes da encarnação, dado conhecimento especial e oferecida orientação com respeito ao caminho que haviam escolhido naquela vida em particular. Após descer a montanha e voltar à tribo

devidamente iluminado, cada indivíduo era declarado «nascido de novo». Como marca da sua nova clareza de visão e ressurreição espiritual, era banhado antes de entrar em meditação durante quatro dias, comendo parcimoniosamente e evitando a carne durante vários meses a seguir ao período de iniciação. Era também encorajado, após o casamento, a ajudar a transmitir os ensinamentos esotéricos a outros.



Tsé Bit'a'í, portal para o Outro Mundo dos anasazis, hopis e navajos.

Na região dos Grandes Lagos, os *naudiwessi* praticavam um ritual em que o candidato era admitido na «amável sociedade do Espírito», ao ser sujeito a uma morte simulada – ingerindo uma semente que o fazia cair inerte no chão, como se tivesse sido alvejado, para mais tarde ser acordado por homens da tribo anteriormente iniciados que lhe batiam com os punhos e devolviam o desnorteado homem à consciência plena. Ritual semelhante,

embora mais gentil, dos ojíbuas, dakotas e *sioux*, implicava que o candidato fosse deitado ao chão e ressuscitado com um golpe de uma bolsa de pele macia.

As cerimónias de iniciação no Sudoeste do continente norte-americano parecem ser prolongamentos de uma raça de povos pré-históricos que se diziam de estatura gigante. As tradições asseveram que essa raça veio do Norte em tempos remotos. De facto, um esqueleto gigante foi descoberto por jesuítas espanhóis em 1765 perto da Missão de San Ignacio. Só as costelas mediam sessenta centímetros, fazendo com que o indivíduo tivesse cerca de 3,35 metros. Um segundo esqueleto, ultrapassando os 2,70 metros, foi encontrado pelo Corpo de Engenheiros do Exército dos Estados Unidos nos anos 1920 em Lompock, e reivindicado por um ancião tribal como sendo um vestígio da raça de gigantes chamada *allewani*, de onde o possante rio Allegheny, no Leste americano, retira o nome. Além dos esqueletos invulgares, nos últimos anos da sua permanência no Sul da Califórnia, os jesuítas também descobriram grutas cerimoniais ostentando imagens pintadas de homens e mulheres com trajes atípicos das culturas nativas locais.⁴

Estando mais em sintonia com a terra, as tribos nómadas da América do Norte raramente construía templos permanentes, porque, para eles, toda a paisagem era sagrada. Em vez disso, detetavam pontos de energia na terra onde se podia iniciar uma conversa íntima com o Outro Mundo. As lendas hopis descrevem como o contacto entre estes dois mundos era feito umbilicalmente através de uma cana oca chamada *sipapu*. Esta cana apareceria dentro de um *kiva* – o equivalente a um templo para os nativos americanos –, para o qual era feito um pequeno buraco redondo junto à fogueira, permitindo aos antepassados emergir diante dos presentes, e, após cerimónia ritual fechada no interior do *kiva*, iniciava-se uma conversa entre o mortal e o imperecível. O mesmo conceito está registado no mito de criação japonês do *Nihongi*, que refere como um rebento de cana era gerado entre o Céu e a Terra, permitindo a comunicação entre os dois.



Buraco de sipapu no interior de um kiva.

Tal como os mojavos salientaram em tempos, o conhecimento adquirido por este tipo de encontros não era algo a aprender, mas a ser alcançado por cada pessoa segundo as visões recebidas enquanto em contacto com o Outro Mundo.⁵

AUSTRALÁSIA

Os ritos iniciáticos consistindo numa morte simulada e ressurreição eram por norma oferecidos aos jovens que atingiam o ponto da puberdade e, tal como os praticados pelos *wonghi* e *ualaroi* da Austrália, envolviam um ritual secreto observado estritamente por um grupo separado do resto da sua cultura que já tinha sido sujeito à iniciação. Durante o ritual, os jovens ficavam cara a cara com um ser espiritual chamado *Daramulun*, que os levava para «a distância», cortava-os e reconstituía-os numa nova forma pura.

Uma das cerimónias de iniciação mais dramáticas é atribuída aos *murring*. Estes deitavam um feiticeiro num túmulo, levemente coberto de paus e terra, e lembrando o espírito do rejuvenescimento, e os noviços postavam-se ao lado dele parecendo em transe, o feiticeiro agia como o espírito guia protetor enquanto os noviços atravessavam o Outro Mundo. Após o seu regresso, erguiam-se todos como se saídos dos mortos.

No Norte da Nova Guiné, os *yabim*, *bukaua*, *tai* e *tami* construíram um templo especial, com cerca de trinta metros de

comprimento, numa zona remota da floresta, especificamente para este tipo de ocasião. Era moldado na forma de monstro mítico, com uma boca ou entrada a formar a parte mais alta do edifício, que depois afunilava em direção à retaguarda – à semelhança dos túmulos de terra da Bretanha e do Norte de França, usados para propósitos idênticos. Uma palmeira-areca formava o eixo da estrutura e, ao mesmo tempo, representava a espinha dorsal do Grande Ser. O iniciado ficava na cabana durante meses, se necessário, rejeitando qualquer contacto com o mundo exterior, até reemergir ressuscitado da barriga do monstro.

Na ilha indonésia de Ceram, o iniciado era posto no interior de um barracão de madeira com uma lança ensanguentada espetada no telhado, simbolizando a remoção da sua cabeça por um espírito, de modo a que o resto do corpo pudesse ser levado para o Outro Mundo a fim de ser regenerado e transformado.⁶

Um vestígio destas tradições era ainda evidente em meados do século XIX em Mana Island, na Nova Zelândia, onde existia um *whare whakairo* (casa sagrada maori) chamado Kaitangata – «come homem» –, descrevendo apuradamente o propósito desta morada sagrada enquanto local aonde se vai para ser simbolicamente descarnado. A mitologia maori identifica Kaitangata como homem mortal que se casa com a fêmea sobrenatural Whaitiri; porém, é também filho do deus-estrela imortal Rehua, entidade com o poder de curar os cegos – os que «não veem» – e ressuscitar os mortos. Esta personagem é identificada com Sirius.

Espantoso nestes rituais por todo o Pacífico é que são adaptações quase perfeitas do mito osiriano dos egípcios, segundo o qual o deus-homem é metido numa grande caixa, cortado em pedaços, reconstituído, e, numa versão, ressuscitado como uma palmeira.

PÉRSIA E O CULTO DE MITRA

Muito antes de um grupo de místicos chamados Parsis ter fugido à perseguição e se ter instalado em Bombaim no século X, os predecessores, os zoroastrianos, preservaram uma maravilhosa

herança religiosa ao longo da Mesopotâmia e, mais tarde, da Pérsia. As suas escrituras estão cheias de referências a montanhas sagradas onde pessoas desapareciam durante longos períodos em busca de contactar com o Outro Mundo. A mais referenciada é o monte Ushi-darena, nome que deriva de *hûsh-dar*, que significa «iluminar e sustentar pela consciência divina». Segundo a literatura avéstica, este pico alto marca o local onde a sabedoria é recebida por uma pessoa num estado de espírito recetivo. Os peregrinos que regressavam eram descritos como possuindo *khvarenah*, «glória divina».

Os primeiros relatos de locais espiritualmente ligados na literatura persa em sânscrito afirmam que um tubo dourado sobressai do cume de montanhas sagradas como o monte Sokanta, estende-se profundamente pela terra e alonga-se até ao espaço – não muito diferente da descrição feita pelos nativos americanos e os japoneses. Desta conduta energética, diz-se que permite às forças da natureza incutir no recetor um estado de consciência superabundante. Estranho, num desses momentos especiais em que a ciência acidentalmente valida a lenda, tubos magnéticos que ligam a Terra ao Sol e se abrem como portais ao longo do dia foram provados como existentes pela NASA em 2008.⁷

Uma das mais antigas tradições de ressurreição na Mesopotâmia era comemorada todos os anos durante o festival de solstício de inverno de Akitu, quando o Deus da Fertilidade Marduk descia ao Outro Mundo antes de se erguer de novo triunfantemente para o mundo material três dias depois. A representação humana desta regeneração era levada a cabo pelo governante vigente, que era despido em público antes de ser confinado na montanha – uma pirâmide em degraus artificial chamada *zigurate*.⁸ Não admira, portanto, que os zigurates fossem considerados o ponto de encontro de deuses e homens, o limiar entre o tangível e o invisível.



Zigurate de Ur, quase indistinguível de uma montanha sagrada.

Estas estruturas colossais de tijolos de barro não resistiram ao passar do tempo. Não se conseguindo detetar câmaras internas que possam ter sido usadas no ritual da ressurreição em vida. Mas sabe-se que cada estrutura era coroada por um templo no cume, a cuja câmara interior só se acedia através de uma abertura ínfima, fosse para fazer uma pessoa curvar-se em humildade ou para limitar a quantidade de luz que entrava no espaço, e assim aumentar a privação sensorial no interior da câmara. O fio da história perde-se na cultura babilónica, quando, por volta de 2000 a. C., surgem as raízes do que viria a tornar-se na filosofia religiosa do zoroastrismo.

Zoroastro procurou e atingiu a iluminação no monte Ushi-darena, onde dominou os segredos da natureza. O seu discípulo Asmō-Khanvant foi igualmente iniciado, após o que também ele atingiu a sabedoria espiritual. Um dos frutos deste conhecimento surgiu na forma de *Avesta*, a literatura sagrada do zoroastrismo. O seu núcleo mais antigo, os *Gâthâs*, afirma providenciar o caminho para o Outro Mundo. Sem sombra de dúvida, o facto de isto ter sido escrito implica que Zoroastro viajou até lá e regressou com significativa perspicácia. Os seus ensinamentos produziram decerto um enorme

número de seguidores, elevando-o ao estatuto messiânico, pelo que talvez não seja surpresa ouvir que Zoroastro foi salvo da morte na infância, retirou-se para uma gruta num ermo a fim de contemplar a verdadeira santidade, foi crucificado e ressuscitou.

Um tema central do zoroastrismo é o antigo e muito influente culto ariano de Mitra. Em avéstico, o nome significa «causa de ligação». Por isso, seguir os passos dos Mistérios Mitríacos é procurar a união com a fonte de todas as coisas – daí que este deus seja associado à sabedoria divina. É também o guardião da Ponte da Separação, a via que liga a alma ao Outro Mundo.

Mitra aparece na literatura védica por volta de 2000 a. C. como deus do rejuvenescimento, muitas vezes irmanado com uma correspondente feminina chamada Varuna, formando o princípio dos opostos emparelhados como o Sol e a Lua. Era um deus do carro solar, tomou parte numa refeição sagrada, e o seu ato de sacrifício pessoal serviu de exemplo na busca da redenção da alma, e, assim, da vitória sobre a sua existência terrena.

A cor simbólica de Mitra era o vermelho – a cor do crepúsculo antes do nascer do Sol –, e a cada 25 de dezembro ele renascia de uma rocha. Uma luz brilhante no céu anunciava o acontecimento, atraindo pastores ao local, após o que eram informados da importância do evento por um mensageiro divino. Também outros deuses não identificados estão presentes. A sua vida voltava a ser celebrada no equinócio da primavera.⁹

Mitra era tão influente na Pérsia que foi absorvido pelos ensinamentos de Zoroastro como Mithra. Neste culto, os aspirantes imergiam-se numa câmara de pedra subterrânea, natural ou artificial, onde sofriam uma regeneração após terem sido fechados numa espécie de barco ou vaso retentor por um período predeterminado. A iniciação nos Mistérios exige que o herói entre num mundo escuro – gruta ou câmara representando o ventre primordial onde toda a vida é originada – para sacrificar o seu impulso animal-material e a sua alma espiritual ser libertada e renascida.

Dizia-se que o deus-homem Mitra entrara numa gruta ritual e matara o seu eu animal-material, ao cravar uma faca na medula espinal de um touro, fazendo com que uma cornucópia de trigo e vinho fosse libertada e oferecida ao Sol. A história ressurgiu mais tarde na Creta Minoica, onde o herói Teseu viaja por um labirinto subterrâneo para matar com sucesso o seu eu animal, o Minotauro.

O filósofo Porfírio de Tiro escreve que os templos associados a este culto eram reflexos da gruta original consagrada a Mitra algures nas montanhas da Pérsia. Porfírio também observa como, durante a iniciação, o candidato era presidido pela Lua ou por uma divindade lunar – que, em si mesma, era equiparada a uma vaca ou abelha, tal como as sacerdotisas presentes, que eram tratadas por abelhas. Os preparativos começavam com o batismo, seguido de severa disciplina corporal, por vezes através de oito tipos de provas, nas quais os aspirantes demonstravam a sua coragem, fortaleza mental e consciência plena. Estas tribulações tinham o objetivo de facilitar a regeneração pacífica do candidato no Paraíso. Quando reemergiam com sucesso da porta da gruta ou câmara, os iniciados eram considerados renascidos de uma bezerra, declarados ressuscitados e, a partir de então, representados por uma abelha.¹⁰

Estas tradições devem ter perdurado por um período considerável, pois foram descobertas provas da sua prática por Alexandre, o Grande, quando conquistou Persépolis em 330 a. C. Alexandre visitou um templo construído pelo rei persa Ciro, um zigurate destinado a túmulo do rei, mas com a notável exceção de que não havia evidências de algum corpo ter sido ali sepultado. Dizem as lendas que, na verdade, Ciro foi enterrado debaixo do seu zigurate, localizado numa região a que os persas chamavam Paraíso. No cume, erguia-se um edifício retangular com uma câmara no interior, à qual se acedia por uma passagem muito estreita. Foi aí que Alexandre encontrou uma cama dourada, uma tina ou sarcófago ritual feito de ouro, e abundância de vestes.¹¹ Estes itens eram supérfluos para um morto, dando a impressão de que a câmara se destinava a um ser vivo que esperava regressar

aos deveres quotidianos. Mais precisamente, sugere que, durante vários milhares de anos, um ritual associado à ressurreição em vida foi conduzido nessa parte do mundo.

À medida que a sua influência fluía para oeste, Mitra foi associado à constelação Órion, ligando assim este deus-homem a Osíris. Inevitavelmente, o seu culto alcança as margens do Mediterrâneo, entra no Império Romano e sofre ainda outra subtil mudança de nome: Mithras.¹²

O culto de Mithras rivalizou em pé de igualdade com os primórdios do cristianismo durante quinhentos anos, até um dos seus seguidores, o imperador Constantino, substituir o herói da história por Jesus, elevando de uma penada este recém-chegado de mero mortal a deus-homem ressuscitado. Contudo, centenas de anos antes do cristianismo, já o mitraísmo abraçara a teologia e rituais agora acalentados pelo cristianismo; entre eles, o beber vinho enquanto metáfora do sangue sacrificial, a partilha de um pequeno pão ou hóstia exibindo o sinal de uma cruz (a eucaristia), e uma última ceia sagrada. Para contrapor a alegações de usurpação, os escritores católicos argumentaram que o demónio, sabendo antecipadamente da vinda dos rituais cristãos, os imitou de modo a denegri-los.¹³ Os primeiros escribas da Igreja falsificaram, além disso, a história original, indo ao ponto de substituir por magos os deuses presentes no nascimento de Mitra, o que inadvertidamente reconhecia a origem persa do mito enquanto diminuía os magos, ao mostrá-los a idolatrar uma criança cristã.

Muito do que se sabe sobre o mitraísmo vem de relatos tardios dos gregos e romanos no Leste do Mediterrâneo e de templos no Sul de Itália que sobreviveram à perseguição cristã. Os neófitos que desejassem juntar-se aos Mistérios Mitríacos entravam como *frates* (irmãos) e sujeitavam-se a um período de observação antes de serem iniciados através de sete níveis, cujos nomes sobrevivem em latim: Corax (corvo), Nymphus (noiva secreta), e Miles (guerreiro). Estes precediam os níveis de adepto, cada um dos quais era

abençoado com uma unção de mel: Leo (leão), Perses (louro), Heliodronus (mensageiro do Sol), e, finalmente, Pater (pai).

Os títulos são bastante sugestivos da função e responsabilidade inerentes a cada grau. Por exemplo, um Perses era definido como «guardião do fruto» e estava associado à Lua; enquanto o seu totem – uma foice – identifica o título com Perseu, o deus que a usa para decapitar o monstruoso adversário, a Medusa, selando assim a maturidade do candidato e os frutos de sabedoria que advêm de tal despertar.¹⁴ Escrevendo em *De Abstitentia*, Porfírio observa que o ritual mitríaco estava aberto a ambos os sexos, com os iniciados do sexo masculino a serem chamados leões e as mulheres, leoas. Os cultos contemporâneos de Cibele e Átis também eram abertos às mulheres. O estudo e o treino eram intensos, rigorosos e difíceis, com as ações de cada indivíduo sob escrutínio cerrado. Os candidatos eram amarrados e vendados durante um ritual de juramento, no qual declaravam guardar os segredos que estavam prestes a ser-lhes confiados. E, se concordassem com os termos, eram deitados a um rio ou vala cheia de água. Um adepto armado com uma espada cortava-lhes as amarras e removia a venda. Outra parte do ritual envolvia vender um candidato no interior de um sarcófago semelhante a uma banheira.

Os templos mitríacos eram normalmente pequenos, não acolhendo mais do que um punhado de pessoas selecionadas, com a entrada geralmente situada a oeste e o altar a leste. Em cada lado da nave havia um banco inclinado, no qual os candidatos se reclinavam antes de lhes ser administrada a última refeição; no Sul da Europa e no litoral da Síria, estes bancos invulgares eram chamados *praesepia* (berços). A última coisa que os iniciados reclinados viam ao cair na inconsciência era a Via Láctea pintada no teto arqueado do templo, juntamente com uma escada de estrelas com almas a subir e a descer.¹⁵

Estes Mitreus eram construídos no subsolo, levando o escritor Tertuliano a observar em *De Corona* a ironia de os mitraístas venerarem um deus de luz no «que é um campo de escuridão».

Mitra representava um deus de equilíbrio e, naturalmente, o seu lugar era o equinócio. Por isso, não surpreende que os Mitreus que sobreviveram à destruição revelem um pequeno buraco no teto dos templos para permitir que um raio de luz brilhe sobre o altar no equinócio.¹⁶

Murais no interior de um Mitreu em Óstia retratam ao pormenor cenas de iniciação. Membros dos graus mais altos são mostrados a tomar a Refeição Sagrada enquanto *Paters* – únicos repositórios do conhecimento sacerdotal – presidem ao ritual. Outro mural apresenta um candidato a dobrar-se sobre um joelho e a prestar juramento, tal como no ritual da Maçonaria moderna. Outro mostra o candidato ajoelhado, braços cruzados sobre o peito, na chamada posição de Osíris.

Normalmente, os altares retratavam o cenário de Mithra a apunhalar um touro de cuja ferida brotam três espigas de trigo. Dado que a mitologia zoroastriana também atribui o touro ao Deus da Escuridão, este ícone simbólico engloba o objetivo do ritual que conduz ao amadurecimento da alma e à sua latente fertilidade como resultado do seu renascimento.

Este tipo de ícones era acompanhado pela figura de uma virgem divina segurando um bebé com a mão esquerda, enquanto a direita agarra um pau destinado a colher os frutos da árvore da sabedoria que se ergue atrás dela. Um véu cobre-lhe a cabeça, à volta da qual brilham sete raios de luz.

Escusado será dizer que o mitraísmo se tornou na jazida principal de onde o catolicismo pilhou a sua pedra angular.



Zigurate de Ciro, o Grande. Não se encontrou nenhum corpo no seu interior.

A área geográfica da Pérsia detém a marca de algumas das civilizações mais antigas do mundo, sobretudo a mesopotâmica. É por isso provável que os rituais mitríacos fossem resíduo de uma cultura ainda mais longeva, como a cita, que existiu na região dos Cárpatos e arredores, a leste do mar Negro, e migrou para sudeste.¹⁷ Para começar, a escrita pré-cuneiforme, muitas vezes atribuída à Mesopotâmia, e que precede o cuneiforme sumério, foi encontrada mil anos antes na Transilvânia;¹⁸ até o nome da capital suméria, Ur, vem da palavra *cita* para «senhor». Mais importante, no centro da cultura cita estava a casta sacerdotal real, os *tuadhe d'anu*, também referidos como *sumaire* e senhores da Luz, reconhecidos pelos poderes transcendentais, particularmente a capacidade para aceder ao mais alto estado de consciência chamado *sidhe*,¹⁹ o mesmo estado extracorporal praticado pelos mestres das artes iniciáticas da Índia, os *siddhis*. Para este efeito, os senhores citas, os *tuadhe d'anu*, construíram montes de terra colossais, ou *kurgans*, sobre câmaras secretas de pedra, muitas das quais continham sarcófagos vazios.



Taça de iniciação cita.

Um desses *kurgans* é Sengileevskoe-2, perto de Strovopol, na Rússia. Escavações feitas em 2013 revelaram uma câmara secreta retangular na qual estavam enterrados artefactos de ouro de superlativa qualidade. De interesse específico são três taças de ouro contendo um resíduo preto, analisado como sendo uma poção composta por ópio, impregnado com fumo de canábis, que teria sido queimada para criar um banho de vapor no interior da câmara.²⁰ Mas é a decoração das taças que revela muito sobre o ritual que ali ocorria: mostram cenas dramáticas e extremamente pormenorizadas de animais e humanos a lutar e a morrer, para não falar no retrato de um ancião barbudo a apunhalar um homem mais jovem na medula espinal. Feito idêntico ao de posteriores cenas mitríacas do caçador a apunhalar o touro no mesmo local anatómico. Por acaso, ambos os «caçadores» usam um barrete frísio. Estas imagens gráficas representam o rito de passagem para o Outro Mundo *cita*, que culmina no sacrifício ritual do eu mais jovem e imaturo.

A CASA DO ELFO

Seguir o conceito de Outro Mundo até à Mesopotâmia leva-nos à verdadeira natureza do elfo.

Há cinco mil anos, a palavra *El* identificava alguém «brilhante», referindo-se a uma pessoa ascendida, um deus-homem ou um ser de estatuto angelical. Quando chegou à Saxónia, o nome tinha mudado para *elfo*, cuja morada na mitologia nórdica é Alfheim, que

transmigrou para a antiga Escócia como Elphyne e Elphame, «casa-do-elfo».

Nos primórdios da filosofia nazarena, este Outro Mundo é comparado com um reino celestial, e explica claramente a mal interpretada frase iniciática de Jesus: «Se o homem não nascer de novo, não pode ver o reino do Céu.»²¹ Os iniciados nesta herança matrilinear – que incluía notáveis como Lilith, Miriam, Betsabé e Maria Madalena – estavam associados a uma grande sabedoria, bem como a uma linhagem messiânica.²²

Este é o mesmo reino a que Hílas, herói do mito grego de Apolónio *Jasão e os Argonautas*, é transportado pelas ninfas aquáticas, domínio em que entra figurativamente através de uma piscina sagrada que constitui o *daleth*, o verdadeiro umbral da Luz. O que Apolónio de Alexandria transmite neste épico de 250 a. C. é o fim do ego e do desejo, uma morte metafórica, da qual se renasce de modo a focar-se numa dimensão diferente. Sendo ele próprio um iniciado, tê-lo-ia sabido.

Na tradição cabalística, *daäth* (e daí *death*, morte) significa «conhecimento maior»,²³ e a sua localização na Árvore do Conhecimento equivale a uma espécie de ponte que liga os princípios de geração e regeneração; um ponto entre dois estados opostos mas complementares do ser; uma posição sem dúvida suportada pelos antigos egípcios, cujos termos para «túmulo» e «ventre» eram intermutáveis e sinérgicos enquanto vias para um conhecimento especializado que só pode ser entendido enquanto no Outro Mundo.²⁴

Em muitos dos mitos e lendas do mundo que descrevem o caminho do iniciado, a água marcava a fronteira simbólica entre o mundo material e a casa do elfo, era o primeiro passo rumo à entrada num estado transcendente, ilustrando a importância do batismo enquanto primeira fase da iniciação. Neste estado, reside-se neste mundo, embora não sendo deste mundo, por virtude de uma conquista espiritual e intelectual mais elevada. Num sentido gnóstico, é uma vida além do estado normal da vida mortal. Era

representado pelo verde, a cor da natureza e, mais tarde, também atribuída aos elfos e figuras do Outro Mundo como Osíris, Briddhe e Xiva. Para os gaélicos, era também a cor da morte, de Vénus e da fertilidade. Daí que não seja usada ritualmente na Igreja Católica, que, durante a Idade Média, aviltou ainda mais as conotações sagradas desta cor, ao associá-la à inveja.

JAPÃO

Tal como as tribos *cochimi* e *yuma* veneram Cuchama como o «alto exaltado», também os japoneses prestam homenagem a Fuji-no-yama, a «Montanha Honorável». Durante séculos, alguns peregrinos submeteram-se à iniciação nesta e noutras montanhas sagradas para encontrarem o *shugendo* – o Caminho –, que dizem desenvolver o poder espiritual latente em cada indivíduo.

A palavra *shugendo* é bastante descritiva: *shu* significa cultivar a iluminação da natureza divina inerente do iniciado; *gen*, a sua perceção inata; e *do*, a conquista de *nehan*, o equivalente ao nirvana. Aqui, encontramos paralelismos com os Mistérios Egípcios, pois Shu é também um dos deuses primordiais egípcios, a entidade mediadora entre o que está em cima e o que está em baixo. Os egípcios acreditavam que, se Shu não conseguisse manter o seu filho Geb (Deus da Terra) e a sua filha Nut (Deusa do Céu) em perfeito equilíbrio, a vida não poderia ser criada.

Dado que um dos netos de Shu é o deus-homem da ressurreição, Osíris, é interessante notar que uma interpretação da palavra japonesa *fuji* é «vida eterna», um objetivo central do contacto da alma com o Outro Mundo.²⁵

Haguro é talvez a mais importante das montanhas sagradas para a prática do *shugendo*. Em tempos antigos, durante a procissão pelos seus trinta e três templos principais, os iniciados refletiam sobre a natureza do casal mítico que criou o mundo, e, ao chegarem ao cume, alegavam «entrar na montanha» e «partir para o Outro Mundo».²⁶ Esta crença ainda é mantida pelos seguidores da seita alpestre do xintoísmo (a religião do Japão), os quais acreditam que, subindo às montanhas sagradas, se obtém a purificação espiritual

entre o corpo e o divino. Para reforçar este ponto, os peregrinos costumam envergar vestes brancas. E embora não haja qualquer registo conhecido de uma gruta ritual em Fuji, os iniciados referem-se à sua cratera quase perfeitamente circular como «o santuário».

A prática mística mais antiga do Japão, o xintoísmo, tem as suas raízes no *shén dao* da China, o «caminho filosófico do espírito», mais conhecido pelo seu nome abreviado, tao.

Talvez o mais sagrado dos santuários xintoístas do Japão seja Ise Jingu; os seus guardiães da sabedoria eram os *jinni*, professores que incorporam o conhecimento dos espíritos.²⁷ A antiga santidade e a importância de Ise Jingu são descritas no *Kujiki-72*, o texto pré-histórico mais antigo do país, cuja doutrina integrada de história e metafísica influenciou o pensamento esotérico japonês durante milénios. Esta narrativa controversa foi descoberta no próprio santuário.

Uma das muitas histórias encontradas no *Kujiki-72* descreve a descida do mensageiro celestial Nigihayahi, que traz consigo dez tesouros na forma de ensinamentos sagrados. Nigihayahi é instruído pelos superiores no sentido de que, se o seu corpo, ou o dos que o rodeiam, alguma vez estiver perturbado ou aflito, ao aplicar os ensinamentos, os «mortos» serão trazidos de volta à vida. Alguns dos títulos – como a Joia da Vida, a Joia da Ressurreição, e o Pano Cerimonial da Abelha – transmitem com eloquência importantes práticas de iniciação.

Outro componente central do texto é uma espécie de divina virgem chamada Amaterasu. Além de ser um *kami* (deus ou essência cuja energia permeia a natureza e gera todos os fenómenos), ela é também a representação feminina do Sol, e assim todo o conhecimento reside no seu interior. É casada com o Deus da Lua, mas quando este cai em desgraça, Amaterasu retira-se para uma gruta e as trevas caem sobre a Terra. Contudo, não tarda a lembrar-se da sua responsabilidade de promover a fertilidade e reemerge para trazer luz ao universo. É nesse momento que se funde com o seu *kami* masculino e se transforma numa única

entidade chamada Amateru, e desce ao local que, mais tarde, se tornará o santuário de Ise Jingu. Residindo nesse lugar sagrado, esta única mulher-homem ensina a mecânica da criação chamada *Ise-no-Michi* (Caminho de Ise), e os seus ensinamentos asseguravam o casamento alquímico do iniciado.

O Caminho de Ise exigia um estudo atento e demorado para poder ser adotado corretamente na vida quotidiana. Isto era levado a cabo em Izawa-no-miya, uma zona restrita e isolada do templo a que presidia uma irmandade de adeptos que vivia como uma entidade separada do resto do complexo. Juntamente com dois templos auxiliares, formava um ambiente ritual de quase cinco quilómetros chamado Lugar do Caminho.²⁸

Os métodos do *Kujiki-72* são processos rituais complexos, compostos por um texto antigo japonês apenas decifrável a um punhado de eruditos, e adicionalmente obscurecido por alegorias e metáforas. No seu âmago está a descrição de um universo regulado por Cinco Constituições compreendendo dezassete Caminhos. A sua pedra angular é o secreto Caminho do Ser Celestial, que contém em si a iniciação secreta *Michinoku* (Profundeza do Caminho). É talvez a única instrução sobrevivente conhecida, dada aos iniciados que se preparavam para o rito final da ressurreição. Qualquer indivíduo que incorpore esta constituição vem a encarnar o Caminho do Protetor e, se assim escolher, adota o Caminho da Torre de Vigia e torna-se um professor para futuros bandos de neófitos.



Templo no monte Haguro.

Uma informação adicional que revela que o santuário original de Ise Jingu foi um local onde os segredos do Outro Mundo eram ensinados e praticados diz respeito à revelação de Amateru. Nomeadamente que, de modo a seguir o exemplo de um indivíduo que harmonizou o masculino e o feminino e se tornou um deus, é necessário consumir *chyomi-kusa*, a «planta de mil anos» que cresce no cume do monte Fuji, cujas raízes tornam uma pessoa quase imortal. Talvez a conclusão seja alegórica, que subir ao cume da montanha mais sagrada do Japão é procurar a Árvore da Vida, como os praticantes do xintoísmo fazem ainda hoje. Contudo, a *chyomi-kusa* segue o padrão de consumir um narcótico de uma planta especial durante a iniciação, como a soma e a haoma da iniciação védica e persa, ambas crescendo também em montanhas altas e ditas como não sendo comestíveis para o homem comum.

Não se sabe se o nome Ise é uma transliteração de Isa/Ísis, esposa do deus-homem ressuscitado egípcio. Porém, as sacerdotisas de um templo ali perto realizavam cerimónias religiosas usando um chocalho estranhamente semelhante ao sistro utilizado em cerimónias similares pelas sacerdotisas de Ísis.²⁹ Decerto que a deusa Amaterasu, cuja essência é a fundação de Ise, partilha

muitos traços com a homóloga egípcia: é casada com um marido-irmão; representam o casamento cósmico; o irmão entra num tumulto que quase lhe destrói a vida, um pouco como o sanguinário Set do mito egípcio; é o repositório da sabedoria divina; e também supervisiona uma inundação anual que traz fertilidade à terra. No Japão, este ser traz as chuvas, garantindo uma boa colheita de arroz.

CHINA

Até hoje, o sagrado monte Omei e os seus setenta e dois mosteiros e santuários continuam a atrair dois milhões de peregrinos por ano. Como miragem de uma época distante, podem ver-se praticantes da terra pura budista a entoar o mantra *nianfo* durante duas horas, como ferramenta de transe para atingir a aspiração de serem «renascidos na terra pura» – a interpretação budista do Paraíso, também conhecido em sânscrito como *sukhavati* (maior alegria). O ritual serve para purificar pensamentos e trazer clareza mental, de modo a permitir o verdadeiro entendimento do conhecimento sagrado, pré-requisito para a reemergência do peregrino no Outro Mundo.³⁰ Este ritual religioso era muitas vezes visto como uma forma de os leigos não associados a um sistema monástico experimentarem o Outro Mundo, um método prático de vislumbrar o Paraíso, implicando que um ritual mais profundo estava reservado àqueles que se juntavam aos grupos internos pertencentes aos mosteiros.

A descrição do Outro Mundo no texto sagrado *Sukhavatyamrtavyuha* é praticamente idêntica à de outras filosofias esotéricas contemporâneas.

*Em Sukhavati não há sofrimento, e esse mundo é adornado com todo o tipo de tesouros, belos lótus e música maravilhosa... Este é um mundo excepcional, especialmente para a salvação dos seres não iluminados no período de degeneração [o mundo físico], que são capazes de atingir o estado iluminado nesta terra abençoada... Ele ou ela partirão desta vida com tranquilidade e renascerão em Sukhavati.*³¹

Esta filosofia, já observada no monte Omei no ano 400 d. C. sob os cuidados da Sociedade do Lótus Branco, pode ser um eco de tradições praticadas pelos antigos *rishis* em 2697 a. C. Naquele tempo, as pessoas iam em peregrinação à montanha para «encontrar o Caminho», sendo uma delas o imperador chinês Hsuan Yuan.³² Monges como o mestre taoísta Zhang, que viviam nas encostas do monte Omei, eram chamados *Cavalheiros do Caminho* e praticavam meditações em locais magneticamente carregados como o Altar Celestial e o Pilar Celestial. As suas buscas de revelação levavam ao *Taiyi*, o Caminho,³³ e, nessas ocasiões, os praticantes afirmavam ter visto seres luminosos, à semelhança da forma como os nativos americanos sentem os «Seres Brilhantes» nos rituais de iniciação.

Outra das montanhas sagradas da China, Wu-t'ai, é igualmente reconhecida como local de peregrinação de onde as pessoas regressavam iluminadas, tendo procurado o grande Bodhisattva Manjushri, a personificação da própria sabedoria. A tradição de Wu-t'ai enquanto lugar para despertar o «Grande Homem interior» data de milénios e serviu de farol a muitos ilustres patriarcas chineses na sua busca pela iluminação. Esta montanha de cinco picos é também conhecida por fenómenos sobrenaturais e, tal como nas outras oito montanhas sagradas da China, muitos locais de oração coincidem com anomalias geomagnéticas.

FENÍCIA

Historicamente, os territórios fenícios adjacentes ao Mediterrâneo sofreram, durante muito tempo, uma síntese de influências persas e egípcias, pese embora o culto do templo e a sua linguagem associada. No terceiro milénio a. C., já mercadores egípcios viajavam para a Fenícia e regressavam com todo o tipo de bens, sobretudo cedro. A sua cidade mais antiga, Biblos, é também uma das mais remotas da região; as suas primeiras estruturas datavam sensivelmente de 8000 a. C.

Regra geral, os nomes dos lugares e das coisas no mundo coevo seguiam o propósito da sua existência. Em fenício antigo, o nome

original de Biblos é Geb-el – uma concordância de Geb, senhor egípcio da Terra. Dado que Geb deriva de *gb*, significando «poço» ou «origem», pode descrever-se o local como «repositório subterrâneo que é a fonte da divindade». Como tal, Geb-el revela muito sobre o propósito dos seus templos. Numa versão do mito de Osíris, a arca que contém o seu corpo dá à costa em Geb-el, após o que Osíris é «firmado» e, graças à sua consorte Ísis e ao deus da sabedoria, Djehuti, ressuscitado.

A reconstituição do corpo de Osíris e a cerimónia que a acompanha dizia-se terem sido solenizadas numa gruta subterrânea a norte, na ilha de Aradus, que a certo ponto foi apadrinhada pelo faraó que conhecemos no início da nossa demanda, Tutmósis III (em cuja câmara aparece o texto que delinea o acesso ao Outro Mundo por parte de uma pessoa viva). Em Aradus, houve em tempos «antiguidades extraordinárias» – um altar assente em colunas e, a julgar pelo relato seguinte, o que parece ser um complexo de templos iniciáticos:

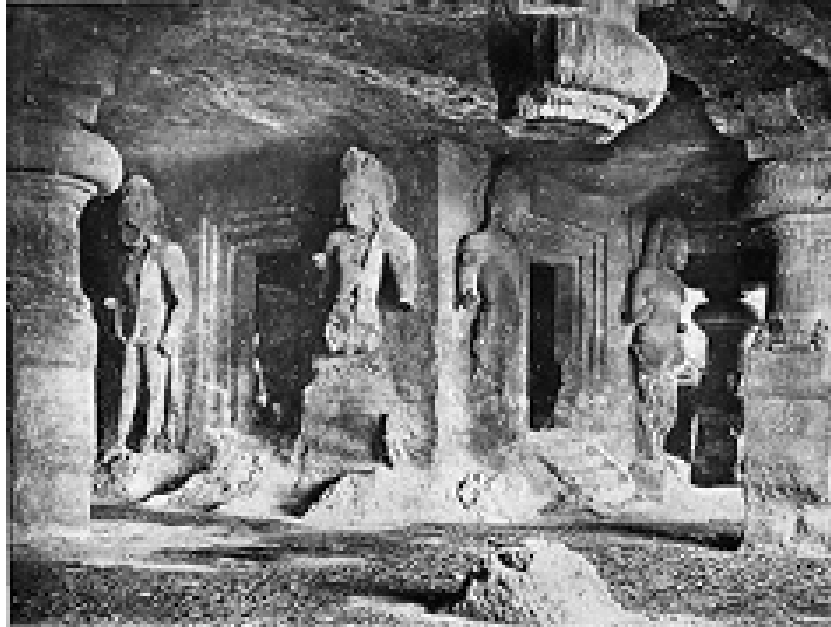
Cerca de oitocentos metros a sul deste pátio há duas torres, supostamente monumentos sepulcrais, pois erguem-se num antigo local de sepultura. Estão a cerca de nove metros de distância uma da outra, uma em forma de cilindro, coroada por uma pirâmide multilateral, de dez metros de altura incluindo o pedestal, que tem três metros de altura e quatro e meio de largura. A outra é um longo cone descontínuado mais ou menos à terça parte da sua altura; e, em vez de acabar em ponta, torcido em forma de hemisfério; ergue-se num pedestal de quase dois metros de altura e cinco de largura, adornado em cada canto com a figura de um leão em posição sentada. Por baixo, há câmaras quadradas de altura conveniente a um homem, e longas celas que delas se ramificam, variadamente dispostas e de diferentes comprimentos... Estas câmaras e celas subterrâneas são talhadas na rocha.³⁴

ÍNDIA

Num promontório no porto de Bombaim ergue-se uma notável colina, dentro da qual foi esculpida uma rede de grutas. Chamado Gharapuri (cidade das grutas), o empreendimento é impressionante por uma notável razão: a arquitetura foi escavada a partir de basalto, maciço e duro. Obviamente que a localização tinha uma importância crítica, porque os operários podiam ter trabalhado nos veios de arenito ali perto e poupado uma enorme quantidade de tempo e inconvenientes. Mas foram taxativos quanto a este local e trataram de desbastar a rocha para criar dois grupos de grutas: um contendo esculturas do deus hindu Xiva, talhadas a partir da rocha viva; o outro dedicado ao budismo.

Pandava, o herói do épico hindu *Mahabharata*, e Banasura, o demónio dedicado a Xiva, são reconhecidos com tendo construído estes templos para que a sua essência pudesse continuar a viver no interior. Mas o que também se torna notável no templo de Gharapuri é o retrato esculpido de um rei a desembainhar uma espada e rodeado de crianças massacradas – todos rapazes –, uma cena estranhamente evocativa da descrita na história bíblica de Herodes. Porém, a versão hindu é novecentos anos mais antiga.³⁵

Em tempos passados, os *gentoo*¹ usavam este local sagrado como templo iniciático para a purificação dos pecados, entrando na cavidade estreita a partir de baixo, «demasiado estreita para pessoas de qualquer corpulência poderem passar».³⁶ Deste modo, os candidatos transmigravam deste mundo para o ventre da mãe Terra, aninhavam-se sob o olhar de Xiva – deus da regeneração e do renascimento – e três dias depois, já metamorfoseados, reemergiam de uma abertura por cima do templo talhado na rocha.



Câmaras talhadas na rocha, Gharapuri (agora Elefanta).

Existe um templo semelhante, esculpido na rocha, a nordeste, em Matura, em forma de cruz, desta vez dedicado ao par de Xiva, Krishna.

PERU

Muito antes de os relativamente tardios incas terem chegado à cidade antiga de Cusco durante o século XIII, um templo local chamado Quinqu estava já estabelecido como um dos lugares espirituais mais importantes da região, um centro cerimonial que incluía um monólito natural semelhante a um linga fálico ligado a um monte de andesito erodido esculpido por dentro e por fora com rebordos, passadiços, nichos secretos, escadas que não levam a lado nenhum e uma câmara ritual dedicada a uma deusa da Terra. É uma representação perfeita do casamento divino esculpida a partir da rocha natural. O seu pátio de entrada está concebido em forma de curva feita de blocos entrelaçados e meticulosamente revestidos, divididos em dezassete alcovas.

O seu nome em quéchua significa «zigzag», referência a um padrão labiríntico engenhosamente talhado na rocha que liga a uma taça de libação na outra ponta. O mesmo padrão encontra-se em lugares sagrados de todo o mundo, o que os identifica como locais

onde os caminhos naturais de energia da Terra se congregam, e onde algumas pessoas fizeram viagens extracorporais.

O acesso à câmara subterrânea de Quinqu faz-se por uma passagem estreita deliberadamente talhada a partir da rocha maciça de modo a estar de frente para o pôr do Sol do equinócio, a direção da descida ritual para o Outro Mundo. A passagem serpenteia como um S até um espaço extraordinário, o duro andesito bem esculpido numa série de rebordos perfeitamente planos e polidos onde se podia passar uma noite confortável imerso num ambiente uterino. A sua característica dominante é um altar de metro e meio de altura, separado do leito rochoso com o maior cuidado, de modo a formar uma estrutura independente.

A passagem volta a curvar, revelando uma saída a leste, para um pátio em formato de taça, cujo leito rochoso foi, deliberada e cuidadosamente, recortado numa parede vertical, num ângulo que marca com precisão o nascer helíaco de Vénus no equinócio do outono; a secção sul do pátio, ainda que em ruínas, permite ver Sirius no solstício de verão. Vénus, como Sirius, era considerada, por numerosas culturas, uma estrela de sabedoria, e, sobretudo, a Estrela da Manhã que traz a renovação periódica. Não surpreende que localmente Quinqu fosse encarado como a entrada para o Outro Mundo.

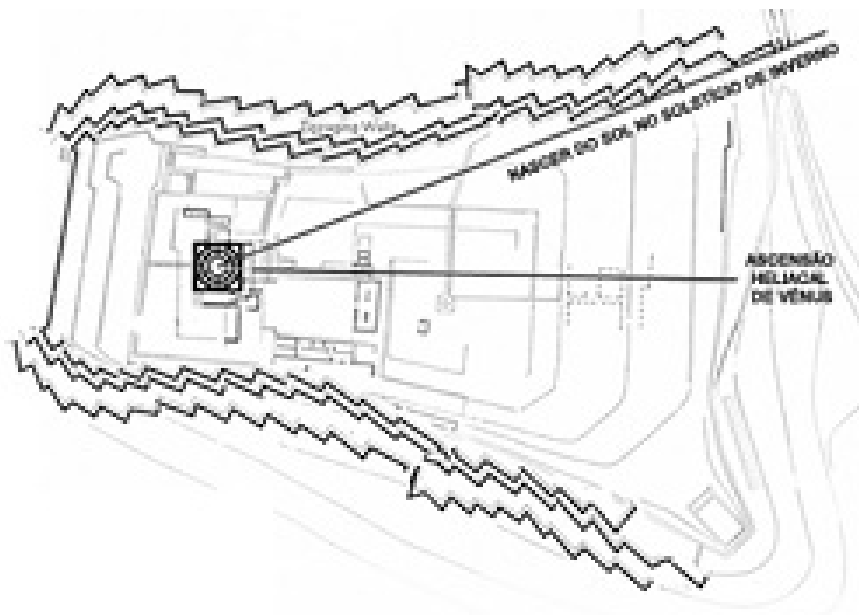
Três meses mais tarde, no solstício de inverno, Vénus e o Sol são de novo vistos a nascer juntos, agora em Sacsayhuaman, um impressionante complexo megalítico que se estende por cinquenta acres. É uma curta caminhada a partir de Quinqu, por um velho trajeto cerimonial, e, dadas as suas ligações astronómicas partilhadas, é provável que, em tempos, ambos os locais fizessem parte do mesmo ritual.



Câmara ritual talhada a partir da rocha viva, Quinqu, Peru.

A característica única de Sacsayhuaman são as paredes megalíticas dentadas. Antes de os conquistadores pilharem um dos lados do complexo em busca de materiais de construção, esta fortaleza única, quando vista do ar, tinha a aparência das asas de uma ave, mais ainda dado que o nome do local em quéchuá significa «sítio do falcão satisfeito». Embora esta ave receba pouca atenção na mitologia andina, o simbolismo faria com que um antigo egípcio de visita se sentisse em casa, onde o falcão era venerado como Seker e como Hórus – o primeiro como deus do renascimento e o segundo como o prolongamento simbólico de Osíris ressuscitado, cujos rituais eram elaborados e consumados no equinócio e no solstício.

O eixo ao longo da secção elevada de Sacsayhuaman alinha-se com o nascer helíaco de Sirius a 21 de junho (solstício de inverno no hemisfério sul), enquanto o extremo da sua parede norte marca o nascer do Sol no solstício. Inversamente, a 23 de dezembro, é Vénus quem nasce ao longo do seu eixo, mesmo antes do nascer do Sol, um fenómeno que se repete a cada oito anos, fazendo deste um local perfeito para celebrar o herói ressuscitado e a ascensão da sabedoria.



Sacsayhuaman e os seus alinhamentos.

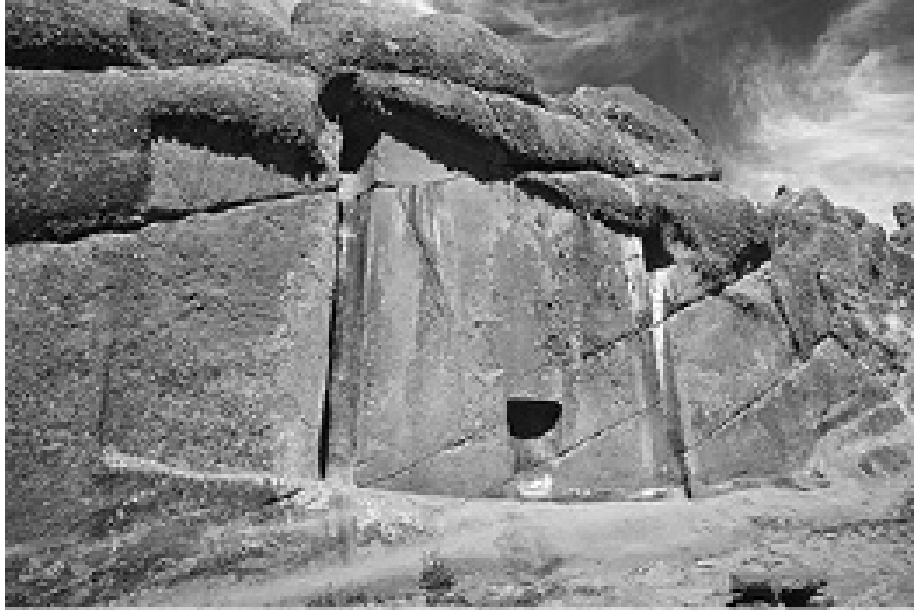
Uma viagem de quatrocentos quilómetros para sudeste de Cusco leva-nos a outro recurso natural parcialmente remodelado por mãos humanas, um maciço de arenito à beira do lago Titicaca. Em tempos, quando o nível das águas deste mar interior a rodeava, a colina era uma ilha semelhante a uma lágrima. As placas tectónicas que atormentam esta região inclinaram o seu leito rochoso em noventa graus, deixando a pedra vermelha exposta aos elementos, de tal modo que, vista do ar, parece uma faixa de lâminas. A colina chama-se Hayu Marca, Portão dos Espíritos, e ao longo da sua fachada, há muito tempo, gente sem nome esculpiu um portal monumental e chamou-lhe Amaru Muru. Um nicho oco na base tem altura suficiente para acomodar uma pessoa mediana.

A obra tem uma vaga semelhança com o espírito egípcio ou portas falsas (a que chegaremos mais tarde). De facto, a lenda mais antiga descreve-a como «um portal para as terras dos deuses», e afirma que, em tempos há muito idos, grandes heróis atravessaram este portão para uma nova e gloriosa vida de imortalidade no Outro Mundo. A porta está virada para leste e para o sol-nascente no equinócio.

Em quéchua, *amaru* significa «serpente», e tal como acontece com locais semelhantes, o título identifica o lugar como uma

conduta para as correntes energéticas da Terra, que, juntamente com o elevado conteúdo de óxido de ferro já presente na rocha, deixa uma impressão indelével em quem ali se aventura. Os zelotes católicos que conquistaram esta terra sentiam que ela os enervava, tanto que lhe chamaram Porta do Diabo; decerto que os habitantes menos sintonizados se sentem perturbados por este lugar, e muitas vezes fazem referência a uma luz azul que emana de um túnel no interior da rocha, ou a pessoas estranhas com trajes invulgares a emergir dele e viajando em direção ao lago Titicaca. Um dos mitos mais persistentes lembra o tempo do afundamento do continente pré-histórico da Lemúria. Um dos seus sete grandes mestres, Aramu Meru, viu-lhe confiada a missão de trazer o sagrado Disco Dourado Solar do Templo da Iluminação para o lago a fim de aí o guardar. No tempo dos incas, o disco foi transferido para Cusco, mas após a chegada dos espanhóis, foi devolvido ao Titicaca e colocado na Cidade Eterna dentro do lago. Talvez haja algo nisto, pois achados arqueológicos recentes encontrados vinte e cinco metros abaixo do nível atual do lago revelaram provas desta cidade lendária.

Mas o portal para o Outro Mundo em Amaru Muru não é o único. Partilha o seu traçado com um gémeo do outro lado do mundo, em Yazilikaya, na Turquia, e compará-los levaria qualquer pessoa a acreditar que foram ambos esculpidos pelo mesmo artista. Este afloramento vertical de calcário foi erradamente associado ao túmulo de Midas, o lendário rei que transformava tudo o que tocava em ouro. Contudo, o corpo do rei nunca foi encontrado aqui, e sem surpresa, dado que *mida* é o apelido frísio de Cibele, adaptação local de Deméter, a deusa tutelar da escola dos Mistérios Gregos e respetivos ritos de iniciação. Nessas ocasiões, a sua estátua era inclusive colocada na porta dos espíritos deste santuário. Por cima dele, no cume, há um altar talhado na rocha e túneis anexos que descem duzentos e setenta e quatro metros até à rocha maciça onde as iniciações secretas eram conduzidas.

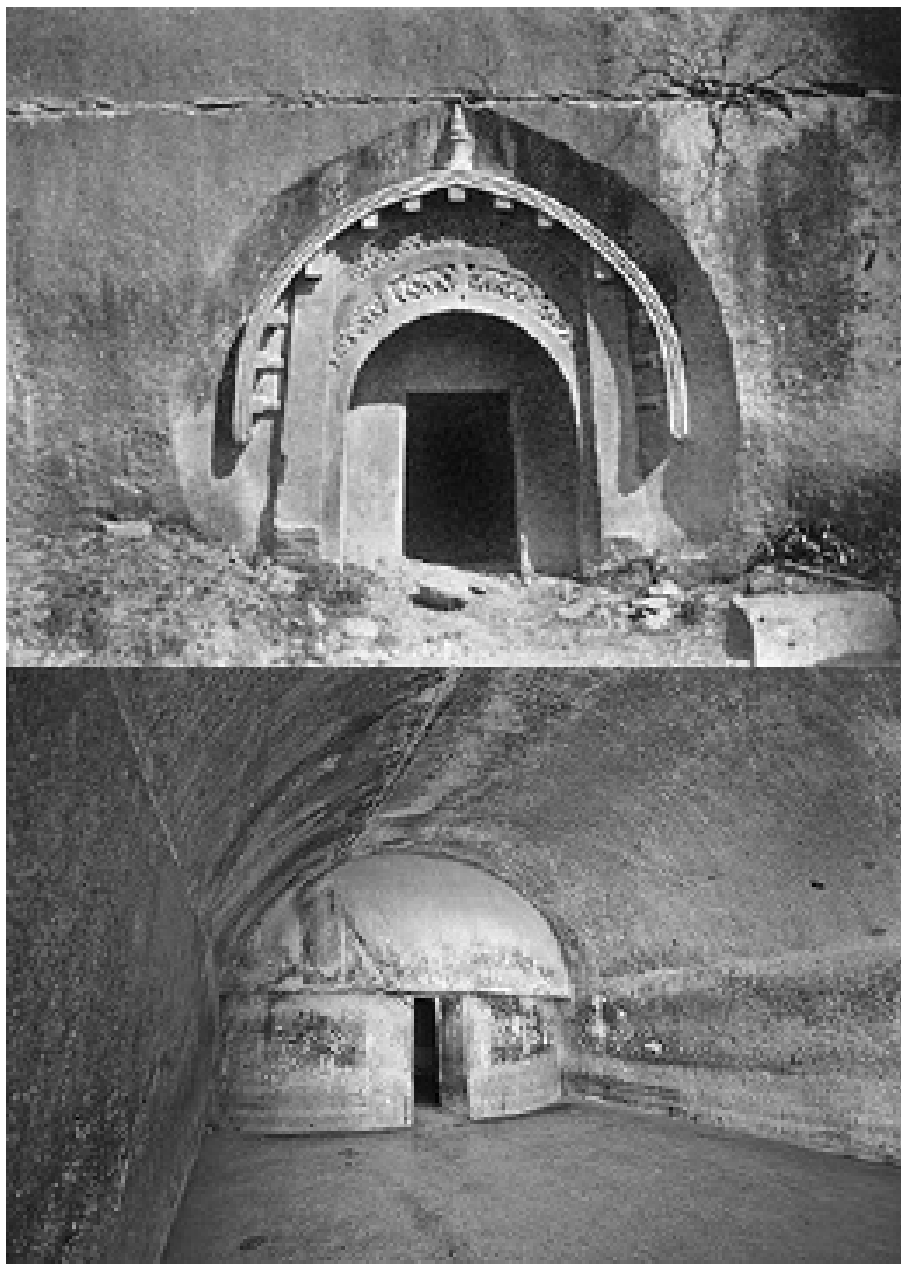


*Portais para o Outro Mundo: Amaru Muru (em cima),
e Yasilikaya, Turquia (em baixo).*

O mesmo acontece com Amaru Muru. Existem vestígios de uma espécie de estrutura retangular no seu cume, bem como um túnel que desce para a face rochosa do outro lado do portal, há muito emparedado pelas autoridades, não fosse alguém desaparecer nas entranhas da Terra, porque, como alegam as lendas pré-incas, o túnel estende-se até Cusco.

Há vastos exemplos com fios em comum ilustrando uma arte de autorrealização procurada e praticada por todo o mundo e por indivíduos que se distinguiram do resto da sociedade. Isto também demonstra que o conhecimento transmitido de grupo em grupo partilhava uma fonte comum de origem agora esquecida. No segundo milénio a. C., já havia exemplos recorrentes de membros da casa de um faraó egípcio em Saqqara que eram agraciados com a entrada num círculo interior privilegiado para «dominar as coisas secretas do rei». Um indivíduo relatou ter sido conduzido a uma câmara restrita para se sujeitar a um ritual único, após o qual proclamou alegremente: «Encontrei o Caminho.»

Escusado será dizer que, a certo ponto, isto chegou à Palestina, porque, dois mil anos mais tarde, o ritual e a expressão que o acompanhava foram ressuscitados pela Igreja de Jerusalém dos primeiros cristãos. Nessa época, uma mulher intimamente ligada ao Caminho era Maria Madalena. O seu pai, Syro, era um *jairus*, sumo sacerdote, que Jesus levantou dos mortos.³⁷ Este «levantar» para o grau da vida comunitária fazia parte do Caminho, e era por norma administrado, como um rito de passagem, aos doze anos. Maria Madalena, ou mais corretamente Magdala, não é um nome, mas uma distinção. *Maria* era uma mulher criada em ambiente monástico enquanto tomava ordens sagradas. O apelido vem de *magdal-elder* e significa «torre de vigia do rebanho», uma posição de distinção no seio de uma comunidade.³⁸ Assim, Maria de Magdala descreve uma mulher santa que é uma autoridade religiosa (torre) da comunidade. Seguindo os passos do pai, também Maria foi introduzida no sacerdócio e ressuscitada dos mortos, como se confirma em Marcos 5:42: «E logo a donzela se levantou e caminhou; pois tinha a idade de doze anos.»³⁹



Lomas Rishi, uma das mais antigas câmaras de iniciação talhadas na rocha dedicada a Krishna, Índia.

Durante este período, o Caminho foi uma componente fundamental das cerimónias de ressurreição da comunidade essénia de Qumran, cujos iniciados eram referidos como «os do Caminho». Em tempos antigos, Qumran era chamado Sekhakha. Dado que a região estivera sob domínio egípcio, é possível que o nome seja

uma variante de Saqqara, o complexo egípcio de templos dedicado a Seker, deus falcão do Amduat.

Os essênios partilhavam muitas características com seitas gnósticas contemporâneas como os nazoreanos, e há provas suficientes de que os dois grupos eram iguais, ao ponto de os nomes terem sido combinados como naassenos;⁴⁰ outro grupo eram os mandeus – cujo nome tem origem em *manda*, que significa «percepção, conhecimento, gnose»⁴¹ – que, hoje, no Sul do Iraque, continuam a praticar rituais de iniciação que conduzem a formas de êxtase. Os seus textos referem como os métodos utilizados para aceder ao Outro Mundo foram em tempos os do Egipto.

Dizia-se dos essênios que eram «fiéis até à morte», em vez de revelarem os segredos do Caminho, como se estes místicos tivessem um pacto especial com Deus que corporizava as aspirações espirituais de todos os povos. E podem muito bem tê-lo feito, pois diz-se que os livros secretos que esconderam sob o monte do Templo continham rituais e conhecimento «revelados por Deus», informação que oferece nada menos do que o próprio Paraíso.

1 Termo arcaico utilizado pelos europeus para referir os habitantes da Índia. (*N. da T.*)

Capítulo 5

O OUTRO MUNDO DOS CELTAS

Juntamente com os assuntos relativos aos Mistérios, a informação que impulsionava os iniciados para o derradeiro ato de ressurreição era considerada material restrito. Mitos e sagas transmitiam sementes de informação, enquanto as parábolas agiam como ferramentas de recrutamento para aliciar os curiosos. Além disto, a essência do Conhecimento era transmitida oralmente, de geração em geração, por guardiães da sabedoria. No Norte da Europa, as últimas pessoas a guardar na memória as coisas secretas dos celtas foram os druidas, e por essa altura a era de conhecimento acumulado estava para lá da compreensão, tendo muito dele acontecido no Neolítico, possivelmente no período do Mesolítico. Não admira que os sacerdotes druidas levassem dez anos a aprender os Mistérios, os seus feitos de memória espantavam até os cínicos conquistadores romanos.

Confiar volumes de informação a uma enciclopédia humana pode ser de louvar, mas tem a desvantagem de morrer com a pessoa que os mantém; portanto, uma investigação forense às práticas de iniciação celtas assenta em esquadrihar tradições, monumentos e linguagem sobreviventes em busca de pistas sobre a forma como poderão ter praticado o contacto com o Outro Mundo, particularmente como criavam o ambiente certo para tal propósito.

Os celtas consideravam o Outro Mundo um local cujo tempo e espaço diferem do mundo físico, mas que, no entanto, se entrelaça nele, só que numa dimensão diferente. Para eles, a morte física é o renascimento no Outro Mundo, e a morte no Outro Mundo é o renascimento para o físico.

Na mitologia galesa, o Outro Mundo é chamado *Annwn*, também conhecido por *Caer Sidi*, «o castelo das fadas». À semelhança do Amduat dos egípcios, é descrito como um mundo de prazeres essenciais. O ingresso neste mundo de encantamento é possível através de uma iniciação xamânica em vida, e, para a facilitar, os celtas construíram inúmeras estruturas de pedra com câmaras

interiores escuras cobertas por montes de terra idênticos a grutas artificiais, sendo os mais comuns o túmulo de passagem e o dólmen. A prática era tão generalizada que se encontram dólmenes da Irlanda à Líbia, e por toda a Ásia, com a Península Coreana a exibir a maior concentração. Independentemente do local onde estas estruturas enigmáticas aparecem, une-as um elemento: surgem todas ao longo dos pontos de cruzamento das correntes eletromagnéticas da Terra, tanto que os celtas as viam como locais separados do mundo normal, como se protegidos por um campo de forças.



Dólmen clássico. Crucuno, Carnac.

Uma das raças míticas mais antigas da Irlanda são os *tuadhe d'anu* (povo da deusa Ana), de quem se dizia terem trazido o Conhecimento para a antiga Eire. As lendas descrevem-nos como capazes de habitar simultaneamente o mundo dos vivos e o dos desencarnados. O seu Annwn era visto como uma ilha no Oeste, paraíso além-mar, terra de deuses e espíritos da natureza onde os antepassados vivem imortalmente num estado de bem-aventurança, e no qual os mortais podiam ser admitidos após ganharem a confiança dos *tuadhe* e lhes ser dado o devido treino. Mais

importante, os mortais autorizados a entrar nesse reino espiritual, faziam-no enquanto estavam vivos.

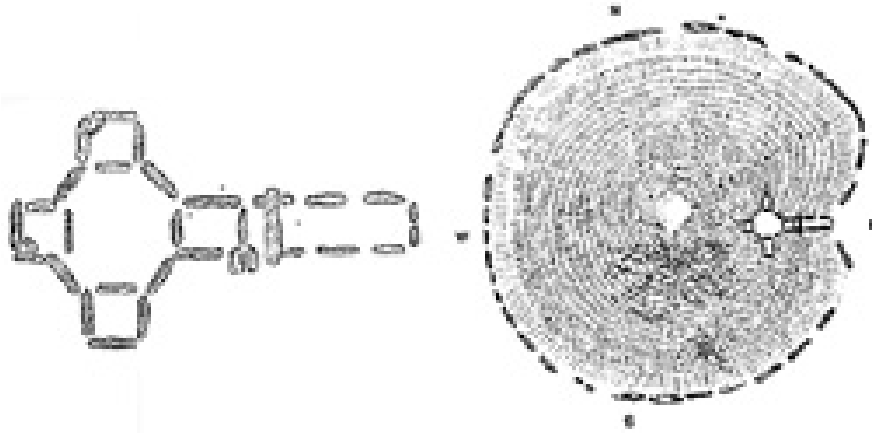
Esta «ilha» é o mesmo reino ocidental para onde os iniciados egípcios embarcavam na sua viagem iniciática, para onde desce o sol-poente durante a sua viagem simbólica para a noite – o mundo das sombras – e ambas as culturas acreditavam que este se situava não num território distante e desconhecido, mas perto da Terra, a um sussurro de distância noutra dimensão.

Diz-se que os *tuadhe* continuam a viver em forma de espírito dentro dos dólmens: círculos de pedra e longos túmulos espalhados pela paisagem rural irlandesa. Tal como a consciência transcendente, o Sídh, que, por vezes, se apresenta aos vivos que meditam em locais sagrados. Um desses templos é o onírico círculo de pedra em Uragh, situado numa vertente esculpida por um glaciar, com vista para um lago e emoldurado por cascatas, onde uma mulher muito alta, vestida com o que parecem ser sedas leves, aparece muitas vezes aos visitantes que ali se deslocam em demandas espirituais. Tive o prazer de ser um desses sortudos.

Na região central da Irlanda, o local para se ligar ao Outro Mundo é Sliabh na Caillighe Bheara – a «Montanha da Bruxa» –, também conhecida por Loughcrew. Ao longo do seu flanco e cume, existem mais de cinquenta antigos locais de veneração, incluindo vários túmulos com câmaras. O lugar tem o nome de Bheara, a deusa principal do mito de criação celta, cujo retrato azul-esverdeado faz dela o equivalente celta aos outros deuses da regeneração e do renascimento, Xiva e Osíris.

Um dos túmulos de passagem mais impressionantes de Sliabh na Caillighe Bheara leva a uma câmara cheia de impressionantes pedras verticais esculpidas com losangos, diamantes, ondas e espirais, o que a identifica como uma divisão usada em tempos para visualização. A câmara recebe a luz do Sol em duas ocasiões: ao nascer do Sol que marca o Samhain – o dia em que se diz que o véu para o Outro Mundo está mais fino – e ao nascer do Sol no

Imbolc, o dia dedicado à deusa Brígida, a *Exaltada*, filha dos *tuadhe d'anu*.



Plano de uma câmara de passagem cruciforme dentro do monte oriental, Sliabh na Caillighe Bheara.

Brígida é a padroeira da poesia, da medicina, da sabedoria, do conhecimento, das artes e da iluminação, e, dado que é também considerada uma deusa tríplice, todos estes atributos tornam-na comparável ao deus egípcio da Sabedoria, Djehuti – que preside ao umbral do Amduat. Os seus animais totémicos, a serpente e a abelha, associam-na ao tipo de elementos envolvidos na iniciação: energia guiada e conhecimento divino. Mas o que liga formalmente Brígida – e, portanto, à câmara em Loughcrew – aos ritos de ressurreição dos mortos é uma passagem na *Cath Maige Tuireadh*, uma saga da mitologia irlandesa, na qual Brígida produz *lamentações*, um intenso e pesaroso pranto após a morte. É-lhe atribuída a invenção de um assobio usado para chamar a outra pessoa, pela extensão das horas negras, de modo a que o viajante possa fazer a sua viagem em segurança. São inevitáveis as metáforas relacionadas com a viagem noturna pelo Outro Mundo e a proteção proporcionada por um guia experiente.

Além disso, Brígida aparece na tradição celta como Brìghde, raiz de *bride*, noiva. E não é por acaso que as salas usadas especificamente para chegar ao Outro Mundo se denominavam

câmaras nupciais; eram-no por razões que vamos desenvolver (ver capítulo 8).

Quarenta e três quilómetros a leste de Loughcrew, jaz um grupo de imponentes montes artificiais, sendo Newgrange, em forma de coração, o mais famoso. O nome é uma corruptela do seu anterior e mais apropriado título, Grain-Uagh, que significa «gruta do sol», pois a sua longa e estreita passagem, revestida de quarenta e seis impressionantes pedras verticais, está orientada para a luz do nascer do Sol no solstício de inverno. No momento em que o Sol ressuscita na noite mais escura do ano, um raio de luz solar atravessa a câmara mais recôndita para iluminar uma série de espirais esculpidas nas pedras de uma alcova ao fundo. Apesar da sua data estimada de construção, 3200 a. C., Newgrange é relativamente recém-chegado, comparado com o seu irmão adjacente, Knowth, que data de cerca de 4885 a. C.¹

Este destaca-se de muitas formas, nomeadamente porque tem não uma, mas duas passagens. A sua passagem direita, voltada para oeste, muda abruptamente de percurso em 19,4°, como se pretendesse ir ao encontro de algo. De facto, cerca de três metros e meio atrás da parede do fundo jaz uma câmara central presidida por uma magnífica cúpula em forma de mísula, feita de grandes pedras lisas, dando ao visitante a impressão de estar dentro de uma colmeia. É, em muitos aspetos, um conceito de conceção semelhante ao das câmaras auxiliares no interior das pirâmides egípcias. Câmaras de três lados completam o traçado, enquanto uma passagem de ligação de trinta e quatro metros feita de lajes altas segue para leste. A perspetiva plana assemelha-se a um crucifixo, bem como a um útero, implicando que quem imergir no seio de Knowth é mergulhado no estado de incubação.

As passagens leste e oeste estão relacionadas. O que não se sabe é se há alguma a ligá-las, mas, caso exista (o local ainda está em escavação), o projeto adaptar-se-ia à ideia de os iniciados entrarem pela porta ocidental ao pôr do Sol para imergirem nas câmaras centrais. Uma delas contém uma considerável pedra

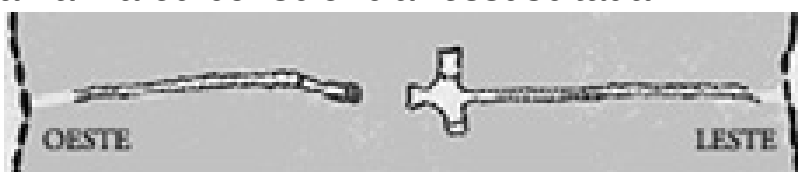
decorada com o propósito de pia batismal. No término da iniciação, a saída faz-se a leste, pela longa passagem, e em direção à luz matinal do equinócio.

De facto, é o alinhamento astronómico das passagens que prova que Knowth e o adjacente Newgrange, em tempos, fizeram parte de um todo ritual. O primeiro está alinhado com o equinócio, o segundo com o solstício de inverno, e ambos com o nascer helíaco de Vénus; um entalhe por cima da caixa de luz em Newgrange marca inclusive o trânsito de oito anos de Vénus. Se tivéssemos vivido em 3051 a. C., teríamos visto Vénus nascer a partir de Knowth no equinócio de outono e, três meses depois, de Newgrange no solstício de inverno.

No Egito, Vénus era a estrela sob cuja luz os iniciados ressuscitavam de modo a serem considerados «filhos de Deus», posição partilhada pela Igreja de Jerusalém – e talvez pelos sacerdotes de Sacsayhuaman e Quinqu, pois, tal como já vimos, essas estruturas estão alinhadas com o mesmo nascer helíaco de Vénus e precisamente nesse ano.

O inter-relacionamento de deus-homem, Vénus, equinócio e solstício era comemorado, pelo menos simbolicamente, nos primórdios da era cristã. Segundo a Bíblia, João Batista foi concebido no equinócio de outono e nasceu no solstício de verão, enquanto Jesus foi concebido no equinócio de primavera e nasceu no solstício de inverno. A relação está consagrada no ritual de Mestre Maçom da Maçonaria do Rito Escocês, cujas tradições comemoram eventos e rituais que ocorreram até cinco mil anos antes.² O seu 17.º grau, o Cavaleiro do Oriente e do Ocidente – talvez o mais poderoso e espiritual –, inclui simbologia numérica comum tanto a Knowth como a Quinqu, bem como ao templo mais associado aos ritos da ressurreição de Osíris, o Osireion em Abidos. O Osireion consiste em dezassete câmaras laterais, Knowth tem dezassete montes auxiliares, enquanto a zona de preparação de Quinqu é uma parede curva com dezassete nichos.

Do outro lado do mar da Irlanda na Escócia celta, há vastas tradições de locais sagrados e pessoas que atravessaram para o Outro Mundo, algumas são identificadas como *sorcha* (pronuncia-se *sahkhaa*), palavra antiga que significa «paraíso» e «ser iluminado». De novo, há um laivo de influência egípcia, pois a sílaba *ka* é a sua palavra para «alma ou consciência ressuscitada».



Plano das duas passagens de Knowth.



Monte iniciático principal de Knowth e alguns dos seus dezassete montes auxiliares.

No cerne da tradição escocesa do Outro Mundo está uma montanha que marca o centro geodésico do país, Sidh Chailleann, que significa «colina dos *sídhe*» ou «colina do reino das fadas». No contraforte ocidental de Schiehallion (como hoje é conhecida), a aproximadamente dois terços da subida ao seu cume piramidal, há uma gruta que os celtas povoaram com fadas e duendes, o seu folclore passado para o papel por um pároco local do século XIX.

Existe uma gruta notável junto ao ângulo sudoeste de Sith-chailinn, em Shealing, chamada Tom-a-mhorair [gruta do

gigante]. Alguns quilómetros a leste, há uma abertura na face rochosa, que se julga ser o seu fim. Contam-se várias histórias, e os crédulos acreditam nelas, relativamente a esta gruta; que o seu interior está cheio de câmaras ou apartamentos separados, e que mal uma pessoa avança alguns metros, encontra uma porta que, no momento em que entra, se fecha, como se abriu, por vontade própria, e impede o seu regresso.³

Segundo o reverendo MacDonald, as histórias eram relatadas por pessoas que «podiam caracterizar-se como intelectuais, sóbrias e industriosas nos seus hábitos, honestas e religiosas».⁴



Schiehallion, a colina dos Sídhe.

As únicas pessoas que frequentaram esta morada de seres sobrenaturais eram indivíduos que se julgava terem sido iniciados nos segredos da natureza, uma tradição que recuava a um grupo autónomo de monges eremitas locais chamados *culdee*, que em tempos foram associados à primeira Igreja Celta. Anteriormente conhecidos como caldeus (do aramaico *khalid*, «amigo de Deus»), migraram da Ásia Menor, e as suas práticas eram extensões das crenças druidas, maniqueias e essénias,⁵ todas elas partilhando a tradição de iniciação e ressurreição em vida.

Esta tradição encontra a sua homóloga na ilha de Mull, ponto de partida para a ilha sagrada de Iona. A venerável montanha sagrada de Mull, Ben Mhor, ergue-se formidavelmente sobre um elemento invulgar: uma enorme gruta com uma abertura para o Atlântico e larga o bastante para engolir o sol-poente. A gruta de MacKinnon está associada a muitas lendas estranhas. Contos populares descrevem iniciados a praticar ali rituais, durante os tempos pagãos, numa enorme pedra lisa chamada Mesa de Fingal, que assenta numa câmara bem no interior deste tubo vulcânico horizontal. Decerto que as imediações estão protegidas por suficiente superstição para manter afastados os pouco curiosos, além de um mar que entra na gruta e flui bem para o interior com a subida da maré. Diz-se que os recessos da gruta atravessam a montanha, permitindo aos que assim o pretenderem entrar a ocidente e emergir para o nascer do Sol a oriente.

Isso era então. Hoje, o fundo da gruta está bloqueado por areia e destroços, mas, presumindo que a lenda é verdadeira e que o fosso natural corre, de facto, por baixo da ilha – esse tipo de traços vulcânicos são comuns nesta parte da Escócia –, uma linha oriental projetada sobre Mull chega à boca de Uamh na Nighinn (Gruta da Jovem Donzela), um nome invulgar, dado o seu isolamento em relação a qualquer povoado e o acesso ser feito apenas por mar. Poderia este nome implicar uma comunhão com a Divina Virgem com quem os iniciados se casavam? Talvez. E, como se isto não fosse coincidência suficiente, a distância entre a boca das duas grutas é de 18,6 milhas², o mesmo número em anos que o ciclo lunar.

Que o Mistério da Ressurreição era de algum modo executado nesta região pode recordar-se pelo comportamento invulgar de Odhràn, um monge cristão celta do século vi que, após chegar à ilha adjacente de Iona com São Columba, reconstruiu uma capela arruinada edificada pelos *culdee*. Diz a lenda que as paredes da capela caíam à mesma rapidez com que tinham sido erguidas, como se por intento maligno; só quando uma pessoa fosse enterrada viva

lá dentro é que as pedras permaneceriam direitas. Odhràn voluntariou-se para a tarefa, e quando a terra foi retirada três dias depois, ele ergueu-se e declarou que tudo o que fora dito sobre o inferno era uma piada. Claramente, este monge vivenciou algo dentro daquele antigo local de veneração que mudou a sua perspectiva sobre a verdadeira natureza da realidade.

A alegada chegada dos *culdee* às Ilhas Britânicas por volta de 37 d. C.⁶ é suportada pelo facto de esta pequena capela se alinhar com o nascer simultâneo de Vénus e do Sol no equinócio da primavera desse ano.

A propósito, os druidas (gaélico para «mágico, homem sábio») eram conhecidos por terem invocado o tempo contra São Colomba quando ele tentou expulsá-los e aos *culdee* de Iona. Ou talvez o gesto visasse a aversão de Columba pelas mulheres, pois Iona e Mull apontam para uma tradição de rituais em que as mulheres estavam muito envolvidas, visto que um número desproporcionado de igrejas e mosteiros era mantido por ordens femininas, incluindo Eilean nam Bam, a Ilha das Mulheres, enquanto os druidas e os monges *culdee* eram conhecidos como tendo sido casados.⁷

A norte de Iona, estendendo-se entre os vendavais e o quebrar das ondas do Atlântico Norte, jazem a deserta ilha de Lewis e o seu mais fascinante elemento: o templo ritual de Callanais. Há séculos, ter-se-ia perdoado que não se atribuísse qualquer significado a este local, até que dois metros de turfa cortada para combustível revelaram os detalhes de um dos mais magníficos lugares cerimoniais do mundo.

Callanais é único, pois trata-se de um círculo de pedra ligado por quatro avenidas de reluzente gnaisse hebridense, alinhadas com os pontos cardeais, exceto uma, notavelmente dobrada a nordeste, a direção associada à iluminação e à sabedoria antiga. Visto do ar, o local toma o aspeto de um crucifixo estendido.



Callanais, Ilha de Lewis.



Ruínas de mamoa cerimonial em colmeia no interior de Callanais.



Mamoã cerimonial, Nether Largie. A câmara funerária está em primeiro plano.

O último pormenor pode revelar uma das suas funções originais. Embora haja poucas dúvidas de que o local retrata eventos astronómicos significativos,⁸ ao centro do círculo foi acrescentada uma mamoã supérflua em forma de colmeia, sob a qual foi escavada uma câmara subterrânea retangular voltada para leste. Não havia vestígios de inumação. Porém, pesquisas recentes trouxeram à luz o facto de que a estranha avenida nordeste – além de marcar os nasceres mais a norte da Lua e do Sol – se estendeu, em tempos, por mais quilómetro e meio e, antes da subida devastadora do nível das águas do mar por volta do ano 2200 a. C. que criou o lago ali perto, teria terminado numa segunda mamoã, também com uma câmara subterrânea voltada para o nascer do Sol no equinócio. Se assim é, parte de Callanais servia uma função ritual, como se uma pessoa fosse preparada numa mamoã e depois percorresse a estrada cerimonial para se esconder dentro de outra. Tão especulativo cenário seria familiar a um visitante vindo de um templo egípcio, especialmente de Saqqara, pois a mesma via era

tomada pelos candidatos que ali desejassem submeter-se a uma jornada ritual para o Outro Mundo, como veremos no capítulo 13.

Tal como os egiptólogos, também os arqueólogos britânicos fizeram amplas generalizações de que todos os montes eram construídos com propósitos funerários, apesar de só quinze por cento deles apresentarem provas de deliberada sepultura humana. É o caso de Nether Largie, um monte razoavelmente preservado em Kilmartin. Trata-se sobretudo de um túmulo de quarenta metros de largura, com uma câmara central capaz de albergar, com muito conforto, um grupo de doze pessoas a meditar sob um teto húmido de xisto. A sua acústica parece concebida para suscitar um estado de devaneio. Não que qualquer som acordasse os mortos, pois o único sinal de inumação é o pequeno cisto que jaz adjacente, mas separado do monte.

Os exemplos de montes e câmaras cerimoniais estranhos espalhados pelas Ilhas Britânicas são demasiados para os conseguir enumerar, mas há um que merece especial atenção devido à sua longa associação com o Outro Mundo celta – uma ilha de rocha vulcânica e ardósia quase solta do território continental da Cornualha –, Tintagel. É a «ilha no ocidente» por excelência, para onde a alma migra nas tradições da ressurreição. De facto, devido à sua localização geográfica, em Tintagel, uma pessoa prepara-se fisicamente para embarcar numa viagem rumo a oeste, para o infinito horizonte atlântico. Toda a massa assenta numa anomalia magnética, dando ao local uma aura palpável de lugar separado do mundo físico.

O persistente e caprichoso Atlântico torna este sítio mais tolerável para as focas do que para os seres humanos. Na verdade, a falta de habitação sugere que Tintagel serviu em tempos para retiros espirituais, sendo um dos primeiros vestígios a capela de Julitta, um oratório celta de cerca do século v. Descobertas de bela cerâmica mediterrânica e tunisina atestam ainda mais a importância da ilha enquanto santuário religioso.



Dentro da mamoa de Nether Largie.

A pista para desvendar o segredo de Tintagel jaz algures pelo caminho, à beira de uma falésia íngreme no continente, onde se ergue uma rara igreja do século v dedicada a Madryn, uma princesa galesa que, diz-se, deu à luz uma criança divinamente concebida. O nome é talvez uma corruptela de Mater Ann, a mãe dos deuses. Além da igreja, foram encontrados túmulos de ardósia vazios, mas contendo um depósito de bens do Sudeste da Turquia. É estranho que os saqueadores de túmulos tivessem roubado os corpos, mas deixado os preciosos dons. Estes túmulos rodeiam um monte antigo sob o qual se descobriu uma grande câmara poligonal alinhada no

sentido este-oeste, que incluía uma nefrite escavada usada para libações rituais. Também esta não tinha qualquer sepultura.

Ao centro destes elementos anómalos ergue-se uma invulgar pedra cónica feita de mica e que marca a beira de um dos mais estudados caminhos europeus de energia natural, a linha Morgana.⁹ Contudo, também serve de posto de avistamento, utilizado para alinhar a Ursa Maior e a Estrela Polar, que se erguem sobre a ilha de Tintagel mesmo antes de o Sol renascer no solstício de inverno. Isto é significativo porque, segundo as tradições indígenas, as almas encarnam a partir do ponto fixo do céu – a Estrela Polar –, viajam através de um tubo invisível até à Terra e regressam por ele ao morrer.

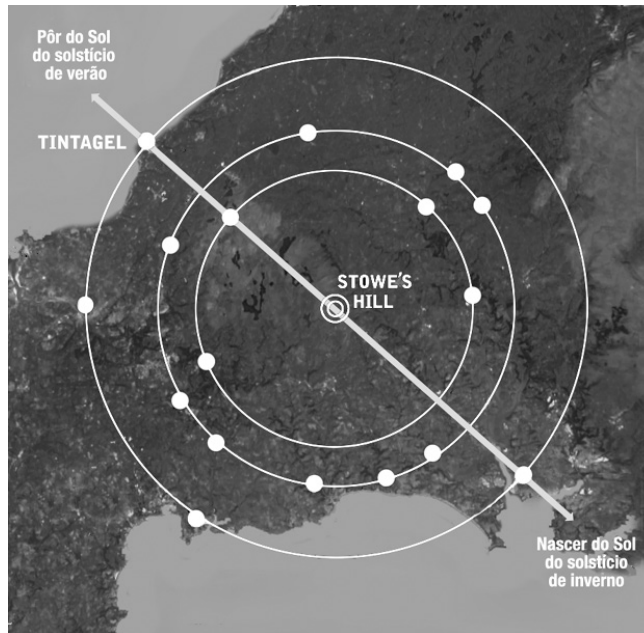
A ligação adicional de Tintagel ao Outro Mundo surge de um conto popular antigo que alega que a ilha possui um castelo de fadas que aparece duas vezes por ano – no inverno e no verão –, como se Tintagel servisse de portal para outra dimensão em duas ocasiões especiais, a exemplo dos solstícios.

Depois, há a associação ao mito arturiano. Embora a ligação de Tintagel a Artur e ao Graal seja uma recente popularização do poeta Tennyson, a história é uma adaptação do mito egípcio da ressurreição, com Artur a desempenhar o papel de Osíris, o seu maléfico irmão Mordred como Seth, e Merlin como Djehuti, deus da sabedoria. É também uma recriação da anterior lenda celta de Tristão e Isolda, uma história velada da perigosa jornada de um herói para se casar com a sua divina virgem.

Artur parece ser um rei composto do século V, parte real, parte mito; pode nem ter sido um nome verdadeiro, mas um título, dado que Arth Fawr é o termo galês para Ursa Maior, a constelação que englobava a Estrela Polar no seu tempo. Como Hércules e os seus doze trabalhos, o épico babilónico em doze partes de Gilgamesh, as provações do nórdico Ar-Thor, ou a viagem do grego Ulisses, Artur representa o herói numa demanda espiritual. Como outros deuses-homens, o seu nascimento de uma rainha virgem é magicamente concebido, enquanto as batalhas se assemelham a fases de

iniciação nos Mistérios. A corte, Camelot, deriva do rio local, Camel, cujo nome original era Cam-Alan.

No mito, Artur casa-se com uma bela donzela que lhe traz uma tábua redonda como parte do dote. As suas doze fases estão ligadas às doze batalhas da demanda; porém, as conotações são análogas às da passagem do Sol pelas casas do zodíaco. E, se assim é, a história começa a assemelhar-se a um retrato do ciclo da vida e do renascimento, pelo menos devido à sua riqueza em referências alegóricas de transcendência da consciência vulgar através de uma viagem a uma terra mística. É a experiência que permite ao herói superar um ferimento fatal e regressar para erguer o seu reino da catástrofe.



Tintagel e a tábua redonda de locais sagrados.

O *Mabinogion* galês descreve como Artur e os companheiros navegam pelas águas até ilhas no Outro Mundo em busca de um caldeirão mágico. Tintagel pode muito bem ser uma dessas ilhas, juntamente com um grande número de locais sagrados espalhados pela Cornualha associados a Artur. Assumindo que o conto tradicional que comemora os solstícios está correto, uma linha traçada através de Tintagel na direção do nascer do Sol do dia 21 de dezembro liga a Stowe's Hill, um lugar ritual de extrema

importância no centro da Cornualha (*stowe* significa «lugar sagrado», em saxão). Deste ponto focal, os raios de uma roda invisível irradiam para fora, revelando uma tábua redonda geodésica de templos. Tintagel marca o quadrante noroeste¹⁰ – a posição tradicional na Roda Celta da Vida atribuída ao mundo espiritual, marcada pelo festival de Samhain, e agora cristianizada como véspera de Todos os Santos.

Ao longo deste alinhamento no pico de Tintagel jaz a pegada de Artur gravada na pedra viva, através da qual passa a linha Morgana, reta, rumo à igreja de Madryn e ao solstício de inverno. A pegada marca o local da ressurreição do poder do governante, a sua divina realeza consagrada no momento em que o Sol se ergue acima do horizonte. Existe uma marca idêntica na colina sagrada de Dunadd, perto de Kilmartin, onde os reis divinos da linhagem de David eram igualmente consagrados. Também ela está alinhada com o nascer do Sol no solstício de inverno, bem como com a mais elevada posição da luz, o nascer do Sol do solstício de verão.

Vestígios deste ritual de ressurreição jazem a poucos metros da pegada de Artur: um *fougou*, um túnel escavado à mão que em tempos conteve uma poça de água na abertura oeste, que pode ter tido uma função batismal. Tal como a câmara para o Outro Mundo em Quinqu, o túnel foi cortado numa curva em S sem motivo prático aparente, até que se descobriu que marcava o caminho da linha Morgana.¹¹ Como tantos deste tipo, as entradas referenciam o nascer e o pôr do Sol do equinócio, permitindo ao candidato entrar a oeste, ser ritualmente batizado e imergir no ventre durante três dias antes de emergir para a luz nascente e ressuscitar para o mundo dos vivos.

A Grã-Bretanha do século V foi uma época agitada para místicos, sacerdotes e eremitas. Muitos, como Telo, Cado, Piran e a princesa irlandesa Ia, viajaram da Irlanda e de Gales a Devon e à Cornualha, e até à costa da Bretanha, no que parece ter sido um esforço concentrado para combater a falsa doutrina cristã que então se espalhava pela Europa.



Pegada do rei solar (em primeiro plano) com a igreja de Madryn do outro lado no continente (em cima).



E a pegada do rei em Dunadd (à direita).



A câmara ritual ou fougou em Tintagel.

Outro monge itinerante foi Neachtan, e parte de um vale que lhe é dedicado jaz a três quilómetros de Tintagel. Subsistem contos populares locais sobre peregrinos que viajavam até ao vale Rochoso, procurando o caminho da iluminação. Há lendas distantes de cavaleiros associados a uma tábola redonda e, mais tarde, os cavaleiros templários faziam questão de viajar até aqui, como parte do seu currículo espiritual, a fim de se prepararem para a mais árdua das jornadas: o percurso da autodescoberta e da ressurreição espiritual.

O caminho de entrada e saída do vale assume a vaga forma do símbolo egípcio da vida eterna, o *ankh*, cuja cabeça jaz a leste, marcada por um antigo eremitério que se diz ter sido ocupado por Neachtan. A minúscula cela, feita a partir de ardósia local e ainda hoje existente, foi expandida no século XIX para uma modesta casa de pedra. Ao seu lado, flui um regato que cai dezoito metros, transformando-se numa dramática cascata.

Até aqui tudo bem. Mas a história sofre uma reviravolta invulgar porque a única iteração humana conhecida deste nome – São Nectan, cujo chamado religioso foi moldado por uma paixão de

imitar o caminho seguido por um eremita do deserto egípcio – vivia quarenta e cinco quilómetros a norte, em Hartland. Portanto, lidamos com a mesma pessoa ou será o nome comemorativo de um propósito curioso por trás do vale?

Há contos que descrevem iniciados que passavam longos períodos imersos na intimidade da cela do eremita, saindo depois para um rebordo a meia altura da cascata com o intuito de saltarem para um profundo *kieve*, ou bacia, antes de atravessarem um problemático buraco circular na face rochosa e emergirem recém-nascidos da cascata. A esta pia batismal está ligado um caminho ritual sobre o rio, terminando a quilómetro e meio dali, no que parece ser uma câmara vertical, escavada nas falésias de ardósia negra no ponto onde as águas doces se fundem com o mar.

O todo forma o que é essencialmente um templo de paisagem ritual.

Tal como aprendemos atrás, o caminho iniciático para a ressurreição espiritual exige que o campo energético do corpo esteja aberto a melhores e mais penetrantes estímulos. Na verdade, fica-se com a sensação de que, durante a peregrinação pelo vale Rochoso, o corpo é estimulado. O certo é que outra corrente telúrica bem estudada – a linha Merlim – também flui pelo eremitério e a bacia só acrescenta energia palpável. Se o vale fosse um espelho do corpo humano e dos seus chacras, a única ponte que o atravessa marcaria o local do coração, e tradicionalmente, a menos que se possa abrir o coração, o resto da jornada é inútil. Por coincidência, esta ponte divide o vale em duas metades que parecem muito diferentes, embora complementares. Talvez esta fosse uma das razões pelas quais os religiosos escolhiam este lugar, pois forma o equivalente material aos relatos dos iniciados que se sujeitavam a uma experiência fora-do-corpo, que descrevem a travessia de uma ponte sobre matéria negra antes de alcançarem uma paisagem paradisíaca completamente diferente.

Mais adiante no vale Rochoso, no que seria o equivalente ao chakra do terceiro olho, foram escavados dois labirintos na face de

ardósia, estimando-se que cada um deles tenha mais de 4500 anos. Estes coincidem com o fluxo de outro caminho energético bem documentado, a linha Morgana.¹² Ao lado destes entalhes há um pequeno recinto na face rochosa, quase demasiado pequeno para acomodar uma pessoa em posição fetal, mas alegadamente usado para meditação.

O chacra da coroa está marcado mais adiante no caminho pela já mencionada câmara vertical à boca do rio, onde a vista se expande dramaticamente para abraçar o horizonte ocidental.

Conto popular, produto da imaginação ou facto, a verdade é que foi encontrado o corpo de um eremita sepultado dentro de um carvalho oco na base da bacia, um ritual de origens druídicas óbvias e, portanto, anterior ao histórico São Nectan.

Neachtan, por outro lado, é o nome do senhor que preside ao Outro Mundo celta.



Bacia de Neachtan. À direita, a câmara no fim do caminho.

2 Cerca de trinta quilómetros. (N. da T.)

Capítulo 6

SEGREDOS DA COLMEIA

Uma característica recorrente das câmaras rituais celtas reside no encaixe de telhas interiores para simular uma colmeia, sendo Newgrange um exemplo particularmente bem preservado. Tal como o é o túmulo de passagem voltado para leste de Kercado, um dos inúmeros componentes que constituem a paisagem ritual de Carnac e, de cerca de 5000 a. C., um dos mais antigos túmulos de passagem conhecidos na Europa. As pedras interiores têm esculpido o típico padrão em mosaico que simboliza a interação de luz e escuridão que caracteriza as forças causais neste mundo e no próximo. Esta lei universal foi originalmente encapsulada no antigo jogo chinês de tabuleiro *siang k'i*, com fortes associações à adivinhação e à astrologia. Na sua lenta migração para oeste, o jogo foi ressuscitado por intelectuais islâmicos com o nome pelo qual é hoje conhecido – xadrez.

Para todos os efeitos, é análogo a um jogo dos Mistérios. O movimento de cada peça representa a luta eterna entre as forças antagonísticas da ignorância e do conhecimento. Alguns dos praticantes até jogavam de olhos vendados para demonstrar as capacidades extraordinárias de uma alma deveras empenhada. O tabuleiro foi adotado pelos cavaleiros templários como a diferença representativa entre os inconscientes e os ressuscitados, e subsequentemente pela sua progénie, os maçons, que, até hoje, incorporam o conceito no seu ritual de iniciação do terceiro grau: a remoção da venda ao candidato após ele ou ela ser erguido de um túmulo figurado e declarado «ressuscitado».

Tradicionalmente, a trajetória da alma até ao Outro Mundo é para oeste, ao longo do caminho do Sol de descida para as trevas do oceano primordial. Olhando para oeste sobre o mar a partir da costa da Irlanda, o último bastião de forma sólida antes do horizonte mutável é Skellig Michael, um pico de basalto natural que se projeta para o céu a partir do Atlântico como uma pirâmide negra.



Skellig Michael num dia calmo.

Uma caminhada... não, uma subida suicida pelo trilho vertiginoso até ao cume recompensa o sobrevivente com a vista magnífica de seis *clocháins* – câmaras de pedra em colmeia. Cercado de completa tranquilidade, o mais solitário dos postos avançados humanos é desprovido de qualquer distração material, como se deliberadamente esculpido para peregrinos que desejassem contemplar o mundo para lá do físico. No século VI, o local funcionava como colmeia para monges que fugiam ao mundo temporal com o propósito de se embrenharem em meditações e preocupações espirituais solitárias. Só a distante praia irlandesa os convidava a regressar após ressuscitarem das expedições interiores.



Câmara em colmeia, Skellig Michael.

Estes casulos de pedra não teriam parecido estranhos às tribos *yaqui* e *seri* que viveram junto à fronteira de Sinaloa, México. Em 1947, foi descoberta uma gruta nas montanhas ali perto, a mais de 2100 metros de altitude, cheia de choupanas em forma de colmeia. Os nativos já quase tinham desaparecido por essa altura, tal como as pessoas que, em tempos, construíram este paraíso isolado. Mas as choupanas em colmeia continham as múmias de gigantes de quase três metros, envoltas em vestes cor de açafrão, nas quais tinham sido pintados emblemas de pirâmides azuis com pontos. Os locais diziam que eles pertenciam a uma raça com origem numa terra há muito submersa.¹

Durante uma viagem à América do Sul, fiquei surpreendido ao descobrir que a câmara em colmeia também era usada nesta parte do mundo, e possivelmente para rituais idênticos. No Peru, sempre que é dada a explicação de que um local sagrado é pré-inca, isso é linguagem arqueológica para «não fazemos a mínima ideia de quem o construiu», o que essencialmente se aplica à maior parte da pré-história andina. É o caso das torres altas afuniladas pré-incas conhecidas como *chullpas* que adornam os montes planos de Cutimbo e Silustani.

Os incas não eram especialmente peritos em grandes obras de alvenaria, particularmente do tipo megalítico, como ficou provado quando vinte mil homens tentaram puxar uma pedra colossal no templo de Ollayantambo, só para três mil deles morrerem esmagados quando as cordas falharam.

As *chullpas* afuniladas são também construídas com enormes pedras curvas, encaixadas num estilo de caixa e espinha, e tão justamente dispostas que não se consegue meter um pelo de alpaca entre elas. Nunca se usava argamassa. As torres mais tardias são feitas no mesmo padrão elevado, mas acabadas num estilo mais linear, como se por um projetista cósmico.



Chullpa em Cutimbo, Peru.

As estruturas são referidas como *uta amaya* (casas da alma). Note-se que *da* alma e não *para* a alma, uma diferença aparentemente inócua, mas fulcral, porque indica que a sua finalidade inicial não era servir de sepultura – a desculpa ortodoxa –, mas de local de facilitação. Até o cronista do século XVI Pedro Cieza de León, que era meio inca e meio espanhol, suspeitava que as enigmáticas torres podiam ter sido reutilizadas como sepulturas

durante a época inca, mas que originalmente serviam um propósito ritual.

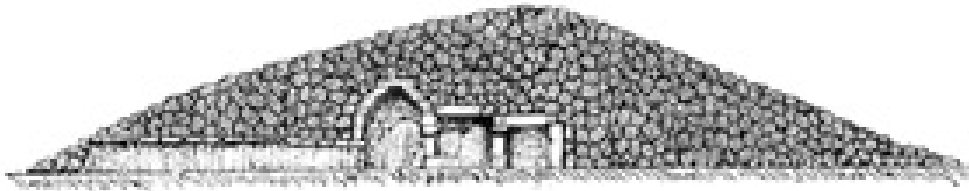


Relevos de cão e noiva.

Pode ter acertado. Uma das torres teve a sua face arrasada, revelando, felizmente, como a alvenaria de base foi concebida em forma de colmeia. Só há uma entrada, através de um minúsculo buraco retangular, forçando até a mais baixa das pessoas a arrastar-se de quatro, como se forçada a entrar e sair da estrutura em posição de humildade – um dos pré-requisitos da iniciação ritual. E, só para defender a questão, as entradas de todas as *chullpas* estão voltadas para leste. Se acontecer estar na *chullpa* principal em Cutimbo por volta do meio-dia, com o Sol no seu zénite, algo de muito impressionante acontece: a luz projetada sobre as pedras revela entalhes em relevo, por cima da entrada, do que parecem ser uma figura masculina e uma feminina, o acasalamento simbólico do iniciado com a noiva. Possivelmente. As figuras estão gastas. Mas também se veem os relevos de dois grandes cães, o que, à primeira vista, parece uma escolha invulgar para gravar à entrada de uma câmara ritual – a não ser que se compreenda o sistema religioso aimara, que ensinava que uma alma que experimenta a ressurreição se sujeita a uma prova enquanto encontra o caminho para o Outro Mundo. O relato andino desta viagem na vida depois da morte usa o símbolo de uma ponte sobre um rio tempestuoso, e, à medida que a alma atravessa o rio, é auxiliada por cães pretos capazes de ver no escuro – à semelhança dos cães do Hades dos gregos, dos cães de

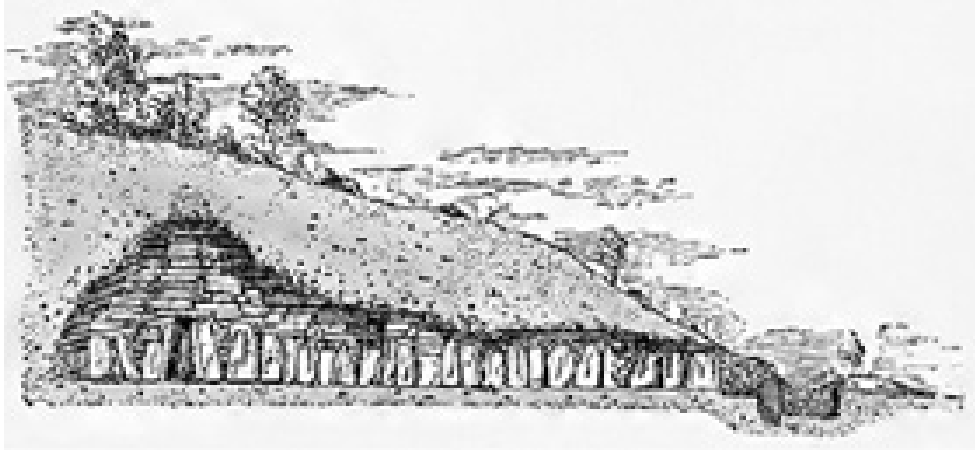
escolta Cwn Annwn que acompanham as almas no Outro Mundo galês, e de Anúbis e Upauat dos egípcios.

Estas câmaras em colmeia exemplificam uma longa tradição de associação à abelha. Uma vez que abelha e o favo de mel caracterizam facilmente a manifestação da harmonia divina na natureza, as abelhas eram consideradas um elo entre a vida e a pós-vida. Deuses da natureza como Vixnu, Pã e Afrodite são retratados como abelhas numa flor, enquanto, no mito egípcio da criação, o deus-sol Rá cria lágrimas de mel que se transformam em abelhas no momento em que tocam no solo. As sacerdotisas que honravam os cultos da fertilidade, como os de Ceres e Deméter, tinham a alcunha de abelhas, à semelhança das mulheres que assistiam os candidatos que se sujeitavam à iniciação em câmaras secretas.



Onde os túmulos de passagem têm câmaras de teto plano, uma delas apresenta a forma de colmeia, indicando que o projeto não servia apenas um propósito estrutural. Achnacree, Escócia.

A colmeia estava igualmente ligada ao conhecimento pessoal e à sabedoria divina, um conceito imortalizado na Bíblia: «Jónatas... estendeu a ponta do bastão que tinha na mão e mergulhou-a num favo de mel, e levou a mão à boca; e os seus olhos iluminaram-se.»² O tema foi retomado por esses observadores atentos dos segredos dos Mistérios, os gregos antigos, com Sófocles a descrever a forma como as almas são levadas para o Outro Mundo como um enxame de abelhas: «Aí [do Outro Mundo] vem o enxame das almas, zumbindo ruidosamente.»



*Câmara em colmeia e passagem, Newgrange,
Irlanda.*

Na Irlanda, as abelhas eram religiosamente veneradas, pois produzem mel, o principal ingrediente do hidromel, a bebida da imortalidade que flui no Outro Mundo (espera-se que em quantidades inesgotáveis). Não obstante o facto de as abelhas hibernarem durante três meses antes de reemergirem, esses atributos explicam o porquê de os pequenos e industriais insetos serem retratados nos túmulos antigos como símbolos da ressurreição e do Outro Mundo. Por vezes, também aparecem favos de mel no interior de câmaras subterrâneas, revelando o verdadeiro propósito de tão curiosos compartimentos.

Malta deve o nome ao fenício *maleth*, que significa «refúgio», e mais tarde *melita*, ou mel. Obviamente que isto não qualifica de imediato a ilha como um refúgio do Outro Mundo. Afinal, é conhecida por uma espécie endémica de abelha que prospera nesta minúscula joia do Mediterrâneo e produz uma boa quantidade do líquido dourado e pegajoso. Contudo, os invulgares templos de Malta – quarenta numa partícula de calcário de não mais de vinte e seis quilómetros por treze –, sim.

A ciclópica arquitetura dos templos de Malta surgiu do nada, desenvolvida sem precedentes por volta de 3200 a. C., e num rasto demasiado pequeno para ter sustentado a primeira civilização arquitetónica. Em suma, falta o seu território civilizacional. Com motivos em trifólio a dar-lhes a aparência de úteros, e originalmente

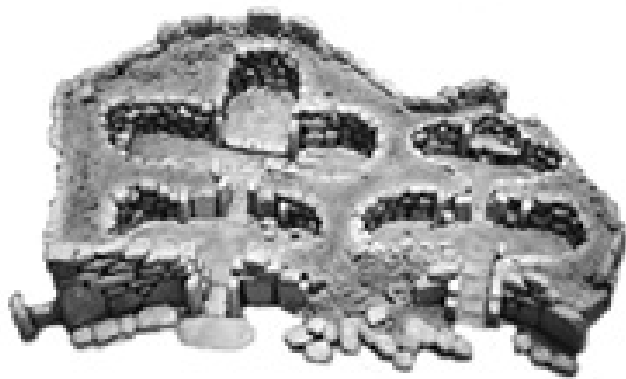
coroados com cúpulas em colmeia, nada há que se lhes pareça. Estes projetos de três câmaras têm um significado astronómico comprovado; porém, como a maioria dos templos, serviam propósitos multifuncionais. Do ponto de vista iniciático, cada câmara era utilizada para ensinar um entendimento relativo à criação, corpo e espírito, e a respetiva correspondência com o mundo Inferior, o Médio e o Outro Mundo. As câmaras, ou eram contíguas ou subiam em andares e, à medida que o neófito se movia de sala abobadada em sala abobadada, eram-lhes revelados segredos de autodomínio com vista a uma revelação da perceção interior.

Quando os templos malteses foram originalmente escavados, estavam cobertos por uma camada de quase um metro de solo estéril, como se a ilha tivesse, em tempos, sido sujeita a um titânico *tsunami* que, sem cerimónia, depositou milhares de pessoas e de animais em todos os buracos disponíveis, pondo fim à atividade humana e dos templos. Uma nova cultura emergiu centenas de anos mais tarde e reconstruiu por cima.

Em 15 000 a. C., no entanto, era um local muito apetecível para se viver, ligado por uma língua de terra à Sicília, a parte mais quente de um continente maioritariamente coberto por lençóis de gelo de cinco quilómetros de espessura. Tudo isso mudou três mil anos depois. A língua de terra desabou, os níveis do mar subiram dezoito metros, Malta sofreu uma violenta perda de terra e tudo o que resta são os quatro pedaços de arquipélago que vemos hoje.

O templo mais antigo assenta no leito rochoso da mais pequena das ilhas adjacentes: Gozo. Diz o folclore que foi construído por uma gigante chamada Sansuna, cuja capacidade de carregar grandes pedras era atribuída à sua dieta vegetariana, o que, embora admirável, pode ser um eco do culto inicial de Deméter, a deusa do trigo, e da sua ligação ao fungo alucinogénio cravagem. Chamado Ggantija (torre dos gigantes), é uma das estruturas livres mais coevas do mundo, erigido mil anos antes da última fase da Grande Pirâmide em Gizé e dos templos de tijolos de barro sumérios, aparentemente por povos sem qualquer conhecimento acumulado

de como construir estruturas sofisticadas, e num arquipélago que se diz ter sido maioritariamente inabitado.



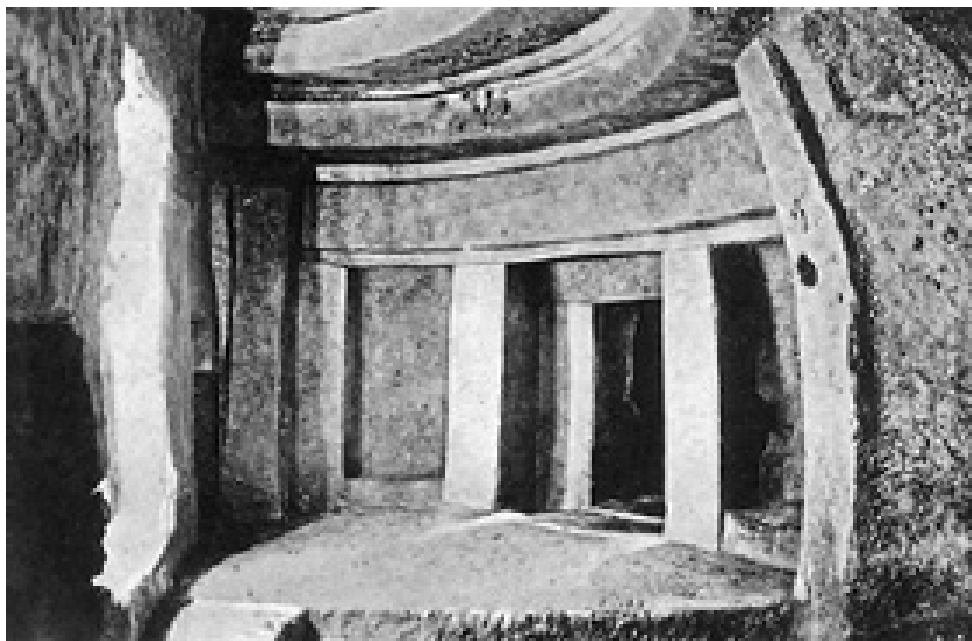
Desenho semelhante a um útero do templo duplo de Ggantija, originalmente coberto por um telhado em colmeia.

Ggantija data de cerca de 3200 a. C., para o encaixar numa moldura temporal academicamente aceitável. E é aqui que os problemas começam. As pedras mais antigas, e maiores – algumas pesando sessenta toneladas –, mostram sinais de extrema erosão causada pela água numa ilha que experimentou pela última vez um clima substancialmente mais húmido por volta de 8000 a. C., com o Sara a sul a partilhar a mesma pegada climática.

Depois, há a questão das provas arqueológicas de presença humana no local e artes rupestres datadas do Paleolítico, juntamente com restos de animais vistos pela última vez no final da Idade do Gelo, enalhados em Malta após o colapso da língua de terra.

A outra anomalia de Ggantija é que representa um templo duplo, emparelhado com uma estrutura subterrânea adjacente. E aqui começa a associação ao Outro Mundo e ao ritual da ressurreição em vida. Dos quarenta templos conhecidos em Malta, só sobrevivem vinte e três, a maioria num estado desesperado de reparação. Muitos têm câmaras subterrâneas-satélite, também em vários estados de abandono. Mas, em 1902, trabalhadores que escavavam uma cisterna romperam acidentalmente o teto de um complexo e bem preservado templo ritual subterrâneo que se tornou

conhecido como o Hipogeu de Hal Saflieni, que pode ter servido como a componente subterrânea do templo de Tarxien, ali perto. O leito calcário não foi apenas recortado em passagens espaçosas, mas escavado em trinta e três corredores e câmaras contíguos em três andares com uma área ocupada de cerca de sessenta e cinco hectares.



Dentro do Hipogeu de Hal Saflieni.

Camadas acumuladas de solo revelaram cerâmicas datadas de 4000 a. C. e restos humanos de 2200 a. C. Mas as provas sugerem que o Hipogeu não é assim tão jovem e nunca foi concebido como local de sepultura, pelo menos não de forma deliberada, porque mais de sete mil restos mortais humanos foram encontrados violentamente misturados com os de animais e diversos destroços, como se despejados nas grutas por um repentino evento catastrófico – como as cheias que devastaram a ilha por volta de 2200 a. C. Centenas de esqueletos tinham crânios alongados idênticos aos dos faraós egípcios, bem como aos dos gigantes enterrados nos longos túmulos ao longo das Ilhas Britânicas. Estatuetas da Mãe Terra, num estilo contemporâneo ao da arte europeia de entre 4000 e 7000 a. C., foram também exumadas, além da arte rupestre do Paleolítico consistente com o mesmo

período entre 8000 e 30 000 a. C.; uma das imagens é o contorno de uma grande mão humana com seis dedos.

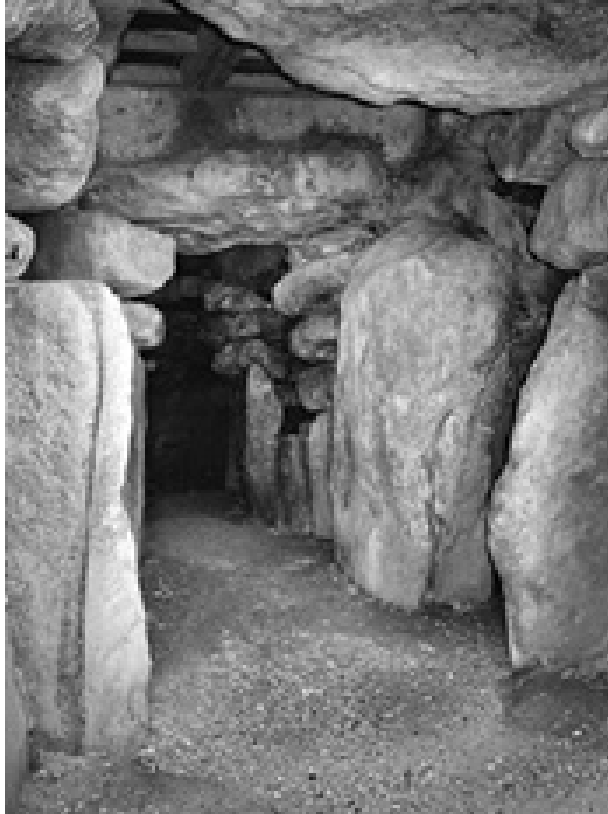
Quem visitar o Hipogeu só pode comover-se com a forma como a ressonância acústica conduz os sentidos a um estado recetivo. A escavação de perto de duas mil toneladas de pedra em câmaras concebidas com todo o cuidado permite que os sons graves produzidos em certos locais sejam bem audíveis nos três níveis. É um ambiente sensorial perfeitamente concebido para a imersão num grau mais subtil da realidade. A grande pista surge na pintura a ocre-vermelho e manganês preto ainda pintada no teto da sua sala mais ressonante, a Câmara do Oráculo, em forma de hexágonos entrelaçados, fazendo com que uma pessoa se sinta dentro de uma colmeia. E, uma vez que o estilo é consistente com o da arte paleolítica, este coloca o ambiente numa moldura temporal além de 8000 a. C.

Numa das minhas visitas, a dada altura, a guia oficial chamou-me à parte, numa das câmaras, para me dizer que trabalhar no Hipogeu era para ela a concretização de um sonho de criança. Sem se aperceber do tipo de pesquisa que faço, continuou a partilhar como, de entre a miríade de cavidades, se sente magneticamente atraída a sentar-se neste local para rezar ou meditar, quando o Hipogeu está vazio. Descreve uma sensação de sair do corpo e de se sentir muito protegida, como se na companhia de espíritos benevolentes.

Uma afirmação bastante notável, vinda de uma guia oficial.

Também não tinha conhecimento da pesquisa recente que prova como as câmaras foram especialmente concebidas para conduzir e manipular o som de modo a induzir efeitos sensoriais específicos, um traço comum a estruturas monumentais, da Turquia ao Peru. A frequência de ressonância do Hipogeu é de 112 Hz, e os criadores quiseram-na assim. Nesta frequência, o padrão de atividade no córtex pré-frontal do cérebro muda de forma abrupta, resultando numa relativa desativação do centro da linguagem e numa mudança temporária de domínio do lado esquerdo para o direito, relacionado com o processamento emocional e a criatividade. Esta mudança

não acontece nas frequências adjacentes de 90 ou de 130 Hz, pelo que, deliberadamente, estas câmaras ligam uma zona do cérebro que os cientistas biocomportamentais acreditam estar relacionada com os estados alterados da consciência.³



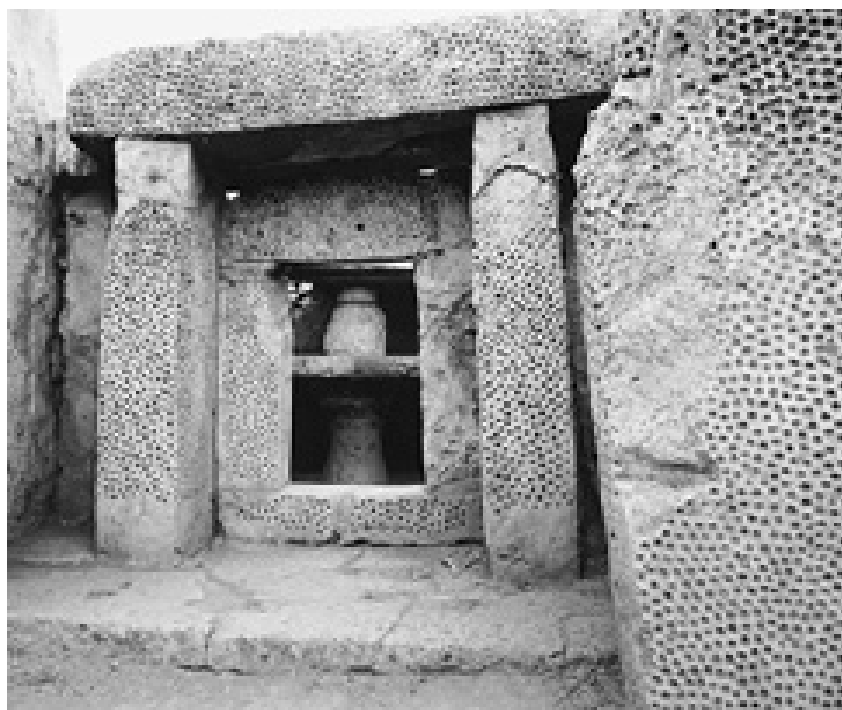
Túmulo de passagem de gigante com câmara em colmeia, West Kennett, Inglaterra.

O Hipogeu de Malta não está sozinho neste aspeto. Experiências sobre o comportamento acústico dentro de locais muito antigos, como Newgrange, na Irlanda, e o Chun Quoit de Inglaterra, Cairn Euny e Wayland's Smithy, descobriram que as câmaras, embora concebidas segundo diferentes configurações – oval, em pétala, cruciforme e em colmeia –, têm todas uma forte ressonância a uma frequência entre os 95 e os 120 Hz. Petróglifos interiores e exteriores assemelham-se inclusive aos padrões acústicos gerados pelos modernos equipamentos de som.⁴

Nas falésias do Sudoeste de Malta, os templos de superfície de Mnajdra e Hagiar Qim podem ter desempenhado papéis semelhantes conjuntura da ressurreição em vida dos Mistérios. Os

arquitetos não deixaram qualquer registo escrito do que ali acontecia – o que não é invulgar, dado o secretismo com que protegiam informações valiosas –, mas um olhar à forma única como as faces de pedra foram deliberadamente esculpidas revela o jogo: estão cobertas de pequenos buracos que, a curta distância, fazem com que os templos pareçam enormes colmeias.

Há uma prova linguística que liga ainda mais a antiga Melita às práticas iniciáticas do Mediterrâneo, e esta encontra-se numa ninfa chamada Melissa.



Padrão em favo de mel, Templo de Mnajdra, Malta.

Uma ninfa é a personificação da força criativa feminina da natureza. A sua raiz grega *nymphē* também significa «noiva» e «velada». Representa o tipo de jovem donzela com quem se casa, embora apenas seja atingível em locais afastados da habitação humana e, muitas vezes, por alguém que viaja sozinho – não muito diferente da descrição do iniciado que começa uma viagem a um reino distante.

O historiador grego Porfírio descreve como, nos templos presididos por Artemisa, Deméter ou Cibele, as sacerdotisas de serviço eram chamadas *Melissae* – as abelhas –, e refere que este

inseto veio a ser associado ao conceito de regeneração periódica por via do qual as Melissae herdaram o nome da mitologia grega.

Melissa fazia parte de um grupo de ninfas abelhas cujo dever era ensinar comportamentos civilizadores e tirar os homens do seu estado de ignorância. O relato que o antiquário Mnaseas faz de Melissa traça um bom retrato da sua função. Segundo a tradição, Melissa foi a primeira a encontrar o favo de mel, a prová-lo e a misturá-lo com água para preparar uma beberagem. Ensinou outros a fazer isto, e assim a abelha recebeu o nome dela. Após descobrir a qualidade virtuosa desta beberagem, quando se tornou criada do pequeno Zeus, deu mel ao deus, em vez de leite, para que os seus olhos pudessem abrir-se.⁵

Porfírio escreveu largamente sobre as sacerdotisas de Deméter. Quando as vizinhas de Melissa tentaram obrigá-la a revelar os segredos da sua iniciação, ela manteve-se em silêncio, nunca deixando que uma palavra se lhe escapasse dos lábios. Em fúria, as mulheres despedaçaram-na, fazendo com que nascessem abelhas do seu cadáver.

No século VI a. C., os Mistérios Órficos impregnaram a Grécia e as ilhas do Mediterrâneo. Os órficos afirmavam a origem divina da alma, cujo conhecimento era alcançado através da iniciação nos Mistérios e do seu processo de transmigração. Os iniciados purificavam-se e adotavam práticas ascéticas com o propósito de cultivarem o humano aperfeiçoado dentro de si. Num segmento de poesia órfica, fala-se de Melitta como de uma colmeia chamada Seira, a colmeia de Vénus: «Celebremos a colmeia de Vénus, que se ergueu do mar: essa colmeia de muitos nomes: a poderosa fonte da qual todos os reis descendem; de onde todos os Amores alados e imortais foram novamente produzidos.»⁶

Seira correspondia à deusa Deméter, cujos templos eram referidos como «casas de Melitta» – tal como, em tempos anteriores, Mylitta era a Vénus dos babilónios.

Curiosamente, na Irlanda gaélica, Melissa aparece como Maoilíosa, e significa «serva de Jesus».

Que, em tempos, Malta serviu de local de peregrinação aos que buscavam os Mistérios se prepararem para a derradeira viagem da sua vida no Outro Mundo está escondido à vista de todos num clássico da literatura grega, *A Odisseia*.

No tempo de Homero, os poetas eram chamados Divinos; e a poesia, a linguagem dos deuses. Embora este épico se passe na ilha mítica de Ogígia, Malta pode ter-lhe servido de inspiração. A ilha é a morada da ninfa Calipso, cujo canto de sereia faz com que Ulisses naufrague, após o que ela o retém durante sete anos, esperando fazer dele o marido imortal. Mas Ulisses tem outros planos. Não consegue suportar estar separado da mulher Penélope, pelo que cabe a Hermes, o deus da sabedoria, dizer a Calipso que o liberte, pois não era o destino de Ulisses viver com ela para sempre numa realidade alterada, mas como mortal num ambiente terreno. Então Calipso manda-o embora num barco, com pão e vinho.

Como a maioria dos mitos, a história é uma alegoria, um recetáculo de uma verdade espiritual. Para começar, o nome da ilha é deliberado. O adjetivo grego *ogugios* significa «primordial», pelo que a terra aonde o herói é atraído é um sítio separado do seu próprio tempo e espaço – à semelhança dos locais para onde se viaja num estado alterado.

Depois, há a ninfa Calipso – também um nome propositadamente inventado que significa «ocultação de conhecimento subtil» –, que possui poderes sobrenaturais e vive numa gruta rodeada de ciprestes e choupos, símbolos clássicos do Outro Mundo. Como a Brígida dos celtas, Calipso é a noiva que chama Ulisses e o guia com a sua voz pela paisagem noturna do Outro Mundo para que o herói possa imergir-se no conhecimento dos deuses, e para o qual lhe é justamente oferecida a vida eterna. Ulisses está satisfeito, de início, mas eventualmente apercebe-se de que tem de aplicar o que aprendeu neste universo paralelo para que o conhecimento seja útil na sua vida mortal, e assim regressa ao mundo desperto.



Tridente, símbolo de transformação, local sagrado navajo, Monument Valley.

Como na jornada clássica do iniciado que procura os Mistérios, tudo o que é tangível na vida de Ulisses é desafiado – a ausência de casa, o ego, o desejo –, porque, de modo a tornar-se um homem melhor, ele precisa de seguir o chamado do conhecimento sagrado até um local separado do resto do mundo, uma ilha distante no oeste. O ponto de vista de Homero é que, para se ficar mais consciente da vida, é preciso fazer um intervalo na rotina e ligar-se às leis do universo, por via da iniciação, se necessário. A história abre com Posídon, marido de Deméter, cujo tridente é o símbolo da transformação, tal como o de Xiva – também o símbolo do tridente gravado nas pedras dos lugares sagrados os anuncia como locais reservados à migração xamânica e à transformação espiritual.



Calipso chorando a partida de Ulisses de Ogígia.

Calypso, de Henri Lehmann, 1868.

Parece, então, que o épico de Homero descreve a imersão do iniciado nos Mistérios, através da qual inicia uma viagem ao Outro Mundo e regressa ressuscitado. Dado que Homero, o *Jônio*, foi iniciado no santuário de Tiro, estava apenas a relatar a própria experiência de um modo que não traísse os segredos dos Mistérios, precisamente como Platão observou: «O Hino a Deméter de Homero, Píndaro e Sófocles já louvam a alegria dos iniciados no Outro Mundo, e têm pena dos que morrem sem nunca terem sido iniciados.»⁷

Capítulo 7

CINQUENTA SOMBRAS DE Gnosticismo

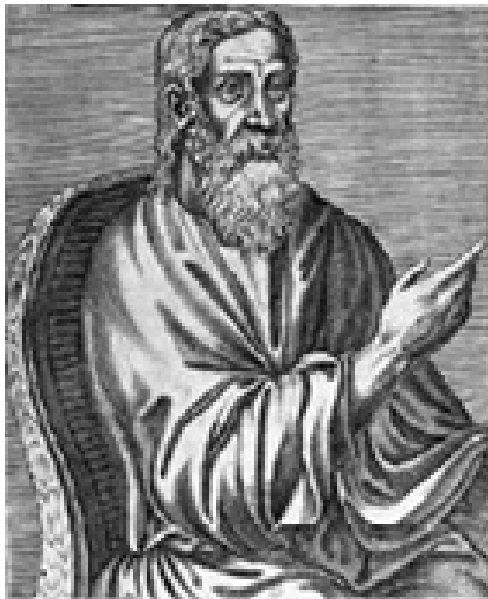
Por volta do período em que os inícios do cristianismo se definiam, existia um número de tradições gnósticas que partilhavam pontos de vista similares, senão idênticos, sobre a ressurreição em vida, o ensinamento dos Mistérios e as práticas iniciáticas para aceder ao Outro Mundo. Mas, de repente, a introdução de uma interpretação literal da experiência de Jesus provocou uma atmosfera de polarização, e, à medida que o cristianismo ortodoxo começou a superiorizar-se, o seu poder centralizado sufocou as tradições gnósticas, uma a uma. Ainda assim, graças aos eruditos gregos que recolheram muito conhecimento esotérico da sua exposição às grandes bibliotecas de Alexandria, podemos ficar com uma ideia de como o conceito original de ressurreição em vida era amplamente praticado e aceite nos primórdios do mundo clássico.

O termo *gnosis* significa «conhecimento direto das coisas sagradas». Ao contrário das religiões ortodoxas, os gnósticos preocupavam-se com a prática do autoconhecimento, de visões ganhas a partir da experiência interior, em vez de pelo raciocínio objetivo. O deles era um caminho de obtenção da sabedoria divina através da *religio*, «reconexão com a fonte». (Que *religio* ia ser a raiz de *religião*, o mesmo mecanismo que atualmente impede biliões de pessoas de o fazerem, é mais do que irónico.)

Estes objetivos eram perseguidos e atingidos nos templos interiores, por via de métodos psicoespirituais, para lá da oração, do ritual ou da entoação, e através de disciplinas meditativas envolvendo o transe, a aplicação de energias subtis e, como os egípcios já sabiam perfeitamente, o uso de uma ciência e de uma linguagem simbólicas que providenciavam um nível de controlo ao longo de todo o processo.

Um dos evangelhos gnósticos mais fascinantes é o *Tratado sobre a Ressurreição*. Nesta obra, a normal existência humana é referida como uma morte espiritual, enquanto a ressurreição em vida é o momento da iluminação pessoal. A experiência ritual revela o que

existe, e quem entender esta ideia torna-se espiritualmente vivo. Pode ser logo resgatado dos mortos. É uma ideia que ressoa por todo o *Evangelho de Filipe*, que, na verdade, castiga os cristãos ignorantes que interpretam literalmente a ressurreição: «Quem acredita na ressurreição como uma verdade literal é tolo.» E mais adiante: «Aqueles que dizem que morrerão primeiro e depois ressuscitarão estão enganados, devem receber a ressurreição enquanto estão vivos.»



Clemente de Alexandria.

Um dos últimos locais onde estes Mistérios foram abertamente discutidos foi na cidade de Alexandria. Clemente, erudito gnóstico e bispo da época, descreve, no seu tratado *Mistérios da Fé a não Divulgar a Todos*, como os Mistérios secretos eram escondidos no quadro de cada ensinamento de modo a que para os desinformados – os «mortos» – fossem percebidos como histórias literais, enquanto o informado discernia informações mais subtis, mais significativas: «Os sábios não dizem com a boca o que recebem em conselho. “Mas o que ouvirdes ao ouvido”, diz o Senhor, “proclamai sobre os telhados.” Permitti-lhes que recebam as tradições secretas do verdadeiro conhecimento, e expõe-as ao alto e manifestamente, e tal como ouvimos ao ouvido, assim entreguemos a quem for

requerido; mas a todos sem distinção [os não iniciados] o que lhes é dito são parábolas.»¹

Clemente esclarece também a importância de manter os ensinamentos gnósticos afastados dos imprudentes; sendo as suas práticas de uma natureza tão profunda que exigiam aos neófitos um elevado grau de responsabilidade moral e pessoal: «Não é desejável que todas as coisas sejam expostas indiscriminadamente a todos ao domingo, ou o benefício da sabedoria comunicado aos que ainda nem em sonhos foram purificados na alma. Nem são os Mistérios do *Logos* para ser expostos ao Profano.» Também deixa claro que tanto os gnósticos como as primeiras seitas cristãs praticavam duas formas de Mistérios: os Mistérios Menores para os principiantes e os Mistérios Maiores, que levam à gnose plena e à iniciação: «A tradição secreta da verdadeira gnose foi transmitida a poucos, por uma série de mestres, e não por escrito.»²

As últimas fases da iniciação eram fortemente ocultadas, com purificações rituais e instruções especiais dadas antes da revelação mística. O secretismo foi sobretudo útil durante o período formativo do catolicismo, altura em que quem fosse doutrinado fora do dogma da Igreja era talvez assassinado, cristãos gnósticos incluídos.

O objetivo declarado dos ensinamentos era nada menos que um casamento sagrado da alma com a mente divina, de modo a suscitar uma transformação pessoal. Quanto ao conhecimento adquirido, esse nunca era discutido com os não iniciados. Ptah-Mer, sumo sacerdote da cidade egípcia de Menfer, levou a experiência para o túmulo, a julgar pela inscrição no seu sarcófago: «Penetrou nos Mistérios de todos os santuários. Nada lhe foi escondido. Cobriu com um véu tudo o que tinha visto.»

Informadores gregos posteriores insinuam apenas que a experiência revigorava a felicidade da alma, agora e no futuro, das profanações do mundo material, enquanto a própria alma é elevada à realidade de uma grande revelação interior. Alguns filósofos até ao período vitoriano, muitos iniciados, descrevem-na como a mais

sublime experiência, pois proporcionava visões místicas, bem como uma esperança extática de condições na vida depois da morte.

Quem o tentou explicar foi Salvius de Albi, bispo do século VI, e mesmo assim só após insistente incentivo do irmão, pelo que as entidades do Outro Mundo parecem ter feito o que quiseram com Salvius, para sua grande consternação: «Ai de mim, que me atrevi a revelar tal mistério. Pois vejam, a doce fragrância que eu bebia do local sagrado, e pela qual fui sustentado durante estes três dias sem comer nem beber, afastou-se de mim. E a minha língua está coberta de chagas terríveis, e tão inchada que parece encher-me a boca toda. Agora sei que não agradou ao Senhor meu Deus que estes segredos fossem divulgados.»³

Embora a filosofia gnóstica fosse praticada no Mediterrâneo por diferentes seitas, cada uma delas aderiu a uma receita quase idêntica.

GNOSTICISMO SETIANO

Os tratados setianos constituíram a maior parte dos primeiros evangelhos gnósticos encontrados em Nag Hammadi e parecem ser anteriores ao cristianismo e possivelmente ao judaísmo. O ritual setiano baseava-se numa iniciação em cinco passos chamados «os Cinco Selos», que incluía lavagem, batismo e unção como parte da purificação e preparação do indivíduo no caminho do renascimento espiritual. Há inúmeros relatos de visões do mundo transcendente e do seu conteúdo, para não falar em orações e hinos dirigidos especificamente aos vários seres sobrenaturais encontrados na experiência visionária.⁴ O processo, delineado no *Evangelho dos Egípcios*, não chega a revelar os passos mais importantes da iniciação, exceto para descrever a experiência ritual como prelúdio para a obtenção de conhecimento secreto, prometendo porém que a mente incorruptível recebia e vivenciava a iluminação.

Os iniciados setianos entendiam que Deus é uma força interna e não externa, e após serem levantados dos mortos proclamavam: «Ó autogénico ser perfeito, que não estás fora de mim... declaro verdadeiramente a tua glória, pois entendi-te... Ó Aeon, Ó Deus do

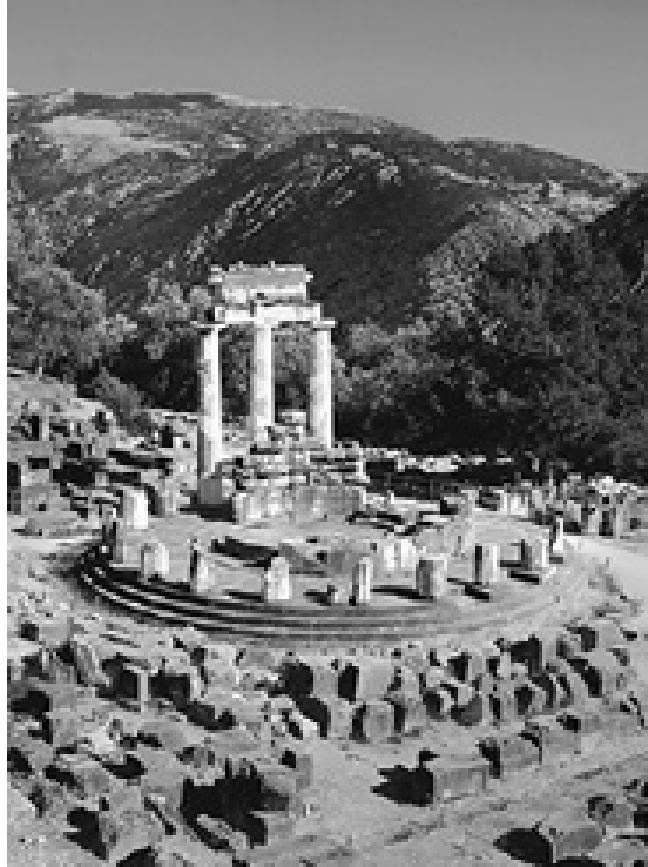
silêncio.»⁵ Alógenes – um gnóstico setiano que deu o seu nome a um texto – estava familiarizado com a ressurreição e descreveu a experiência: «A alma do homem tornar-se-á, quando deixar o corpo, uma grande enchente de Luz, de modo a percorrer todas as regiões até chegar ao Reino do Mistério.»

MISTÉRIOS DÉLFICOS E DE ELÊUSIS

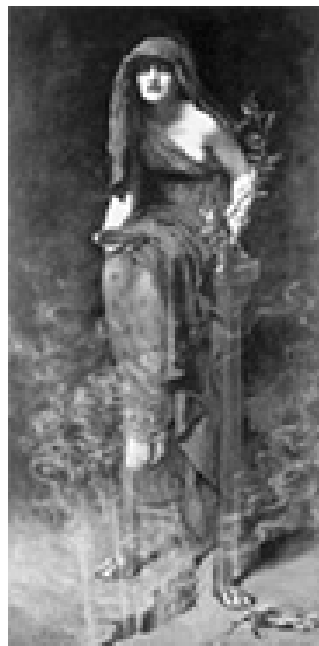
Em 1860, os aldeãos gregos que viviam à volta do monte Olimpo ainda veneravam as forças da natureza que se julgava emanarem deste sagrado domínio de Zeus, a renovação grega de Osíris. As gentes locais chegavam a conduzir os peregrinos a moradas secretas na montanha onde cerimónias e rituais associados ao Outro Mundo haviam sido continuamente praticados como extensão dos Mistérios de Delfos.

Não se sabe quando surgiram os Mistérios Délficos. O complexo de templos ao qual estão associados pode ter sido usado como oráculo e portal para o Outro Mundo desde tempos pré-históricos. Independentemente disso, os ensinamentos tornaram-se uma grande influência para Pitágoras, filósofo do século VI a. C., ele mesmo um iniciado de Delfos, bem como grande defensor da reencarnação, tendo muitas vezes narrado em pormenor as suas vidas anteriores, uma delas como uma bela cortesã.

A primeira utilização conhecida das grutas de Delfos para a prática dos Mistérios e respetivas cerimónias de ressurreição data de 800 a. C. O oráculo chamava-se Pítia, como o deus serpente da natureza que foi acalmado por Zeus. Como todos os mitos de um ser divino que acalma uma serpente agitada, é uma metáfora que descreve a manipulação controlada das energias eletromagnéticas da Terra.



Templo de Atena em Delfos.



Oráculo de Delfos tomando os vapores. Sacerdotisa de Delfos, de John Collier, 1891.

Em épocas posteriores, quando o culto do divino feminino foi suplantado pelo masculino, Delfos foi novamente dedicado ao deus solar Apolo. O oráculo estava ativo da primavera ao outono, após o que se dizia: «Apolo abandonou o templo» – como se vê o Sol fazer no inverno –, tornando-se então no domínio do culto de Dioniso, o deus do rejuvenescimento, outra expressão de Osíris. Buscas de visão, bem como de profecia para lá do presente, no passado e no futuro, eram feitas na câmara subterrânea interior do templo, auxiliadas por um narcótico, neste caso, um gás natural chamado etileno, que, se usado em concentrações inferiores a vinte por cento, induz um efeito semelhante ao transe.⁶

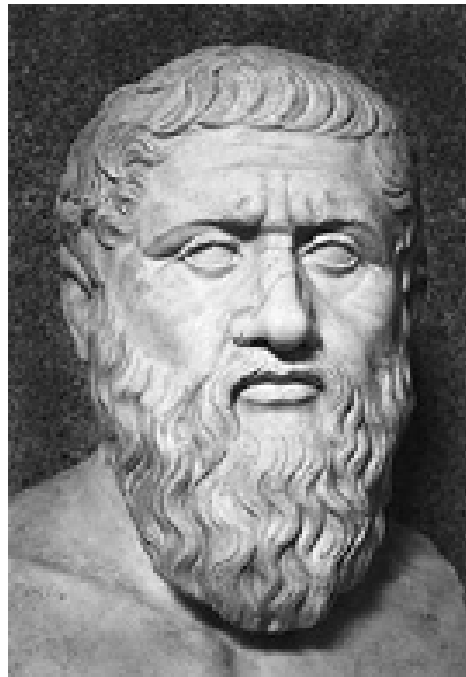
Relatos sobreviventes de filósofos clássicos gregos providenciam os detalhes mais lúcidos do que ocorria nas antigas escolas dos Mistérios, provando que o secretismo, bem como um sistema dualista, foram mantidos durante séculos. Escrevendo no século III, o acadêmico Heliodoro ensina-nos que os ritos de passagem para o Outro Mundo – especificamente o verdadeiro significado do mito de Ísis e de Osíris – não eram deixados claros às pessoas normais, e os sacerdotes que se diziam hábeis nos segredos da natureza «instruem os que desejam saber destes assuntos privados nas suas capelas à luz das velas».⁷

Outros escritos revelam basicamente que os autores eram também iniciados, tendo boa parte deles experimentado a ressurreição em vida. Como Platão declarou:

*Aqueles que são iniciados nos grandes mistérios observam uma luz maravilhosa. Alcançam-se as regiões mais puras, e campos onde se canta e dança, palavras sagradas e visões divinas, inspiram um assombro sagrado. Então, o homem, perfeito e iniciado, livre e capaz de se mover suprafisicamente, sem restrições, celebra o misterioso com uma coroa na cabeça. Vive entre homens puros e santos. Vê na terra os muitos que não foram iniciados e purificados, enterrados nas trevas e, através do medo da morte, agarrando-se aos seus males por falta de fé na felicidade do além.*⁸

Difícilmente estaremos perante a descrição de um homem que conta uma experiência em segunda mão.

Platão passou treze anos nas bibliotecas do Egito, tempo suficiente para se familiarizar com as práticas místicas dos seus antigos escritores. Em obras como *Fedro*, revela pormenores da própria viagem espiritual; no seu caso, através dos Mistérios de Elêusis: «Contemplámos as belas visões e fomos iniciados no mistério que pode verdadeiramente chamar-se abençoado.»⁹ Platão também oferece um profundo conhecimento dos ritos, identificando os dois níveis de iniciados pelo nome – os *mystai* e os *epotai* – até descrições de experiências visionárias que se seguiram: como a alma é capaz de «ganhar asas» para subir aos reinos espirituais; como para lá do mundo dos deuses jaz «uma realidade por que o verdadeiro conhecimento se interessa, uma realidade sem cor nem forma, intangível, mas absolutamente real, apreensível apenas pelo intelecto que é o piloto da alma».¹⁰



Platão

Nos *Diálogos*, Platão salienta que o objetivo do filósofo é tomar consciência da sabedoria que só se encontra na realidade suprafísica do Outro Mundo enquanto ainda em vida.

Os verdadeiros filósofos fazem da morte profissão e, para eles, de entre todas as pessoas, a morte é menos alarmante... [pois estão] felizes por partirem para o lugar onde há a perspectiva de atingirem o objeto do seu desejo de toda uma vida, que é a Sabedoria... Se se for um verdadeiro filósofo, ter-se-á a firme crença de que nunca se encontrará a Sabedoria em toda a sua pureza em qualquer outro lugar.¹¹

Não surpreende, portanto, que ele visse a metafísica como um dos mais altos patamares da iluminação pessoal. «A verdadeira ocupação do filósofo é permitir que a alma se liberte do corpo e corra livre», o que aparentemente fez. Platão admitiu como a sua participação na ressurreição em vida moldou a sua doutrina filosófica.

O filósofo Plotino tinha alguma desconfiança inerente ao mundo material. Para ele, era uma imagem menor de algo «mais alto e inteligível... a verdadeira parte do ser genuíno». Como Platão, também estudou em Alexandria e comportava-se segundo os mais elevados padrões morais e espirituais. O tempo que passou imerso no clima sofisticado de Alexandria pode ter-lhe desenvolvido estas qualidades, mas o que lhe abriu os olhos foi a experiência de ressurreição em vida, que saboreou quatro vezes, regressando sempre mais iluminado.

Nesta união extática, a alma mantém a consciência. Mas todas as fases não passam de preparativos para a fase final, a de união mística com Deus, o único, que transcende a beleza, num êxtase caracterizado pela ausência de toda a dualidade... Aí o homem verá, como se vê no céu, tanto a Deus como a Si mesmo: ele, louco de radiância, cheio de luz inteligível, ou antes unido à luz na sua pureza, sem qualquer fardo, qualquer peso... Esta união extática é, porém, de breve duração no que a esta vida diz respeito: procurámos a sua posse completa e permanente no estado futuro, quando formos libertos de todos os entraves do corpo... Deus não é externo a ninguém, mas

*está presente em todas as coisas, embora ignorem que assim é.*¹²

Dois séculos depois, Temístio descreve a experiência basicamente nos mesmos termos. O seu testamento é tão mais pungente por ele ser um não cristão admitido no Senado de Constantinopla, sob o reinado de Teodósio I, o imperador que ordenou a destruição do Templo de Delfos e a queima do Serapeu de Alexandria.



Celebração de Posídon, o deus da transformação, em Elêusis. Friné na Celebração de Posídon em Elêusis, de Genrich Ippolitovich Semiradksy.

*No momento da morte, a alma tem a mesma experiência dos que são iniciados nos Grandes Mistérios. De início, vagueia e corre penosamente, e viaja com suspeita pelo escuro, como uma pessoa que não foi iniciada; depois, antes da derradeira iniciação, vêm todos os terrores: arrepios, tremores, suores, espanto; a seguir, é-se atingido por uma luz maravilhosa e é-se recebido em regiões puras e prados, com vozes e danças, e a majestade dos sons e formas sagrados; entre estes, aquele que cumpriu a iniciação vagueia livre e solto e, ostentando a sua coroa, junta-se à comunhão divina e convive com homens puros e santos.*¹³

Como foi que Temístio saiu impune disto, ninguém sabe. No seu tempo, a Igreja promulgou leis que proclamavam essas experiências como heréticas, particularmente no que respeita ao excerto seguinte:

Há... ritos iniciáticos, através dos quais são revelados não os mistérios de um templo municipal, mas do próprio mundo, o vasto templo de todos os deuses... Ser iniciado é experimentar o mesmo conhecimento que se obtém da morte – embora, claro, com a iniciação, aquele que busca regresse a este mundo e não morra.¹⁴

Fílon de Alexandria nasceu cerca de vinte anos antes de Jesus e sobreviveu-lhe pelo mesmo período. Afirmou ter sido iniciado nos Mistérios Judaicos e, mais tarde, tornou-se um iniciador, após fundar a sua escola, os Mistérios de Moisés. Fílon explicou como Moisés tinha sido iniciado nos Mistérios de uma tradição ainda mais antiga, passada e perpetuada por uns poucos selecionados.

Os gregos antigos sempre atribuíram a fonte destes segredos a práticas egípcias anteriores, e prosseguiram com os mistérios da ressurreição de Ísis e Osíris até bem entrado o século II, embora helenizando os nomes dos deuses de modo a apelar a um público grego. O filósofo sírio Jâmblico também declarou os Mistérios Egípcios como a principal inspiração para tradições gnósticas posteriores. Familiarizou-se com a tradição ritual egípcia, sobretudo da *heka* – «magia prática» –, que envolvia o vergar das leis naturais, dando aos alunos uma experiência empírica da ressurreição.

Jâmblico alertou para os perigos inerentes à iniciação fruto da falta de conhecimento das emoções mais baixas, aquilo a que ele chamava «o eu material inferior». Reconheceu as implicações positivas e negativas desta magia, referindo-se-lhe, quando usada corretamente, como *theurgia* (trabalhar com os deuses), e *goetia* (magia negra) se utilizada com intenções egoístas ou maléficas. Descreve a capacidade dos iniciados de permitir que a alma deixe o corpo e voe para o Amduat, como a alma é puxada pelos deuses «acostumando-a, enquanto está ainda no corpo, a ser separada do corpo e assim alcançar a fonte da eternidade».¹⁵ Através de um processo não revelado, os iniciados eram «capazes de ascender a realidades mais elevadas e universais». Os seus ensinamentos refletem as instruções dadas nos Textos das Pirâmides Egípcias

onde o iniciado era educado para os perigos das horas noturnas que a alma tem de conquistar para chegar em segurança ao Outro Mundo. A falta de preparação exaustiva do ser inferior, particularmente a perda de controlo sobre emoções destrutivas como o medo, podia levar a todo o tipo de efeitos negativos dos perigos inerentes a viajar pelas regiões inferiores da natureza.

O precursor dos Mistérios Délficos foi o culto antigo da deusa da terra Deméter por volta de 1600 a. C. O seu rito iniciático tinha o título de «Mistérios de Elêusis» – recebendo o nome do templo onde eram praticados –, o que dava aos iniciados uma experiência íntima da vida depois da morte enquanto ainda vivos. *Eleusis* significa «chegada ao mistério ou secretismo», e a oferta de adesão estava aberta a heróis como Hércules, mas também a leigos que passassem certos testes.¹⁶ A iniciação era feita em três fases: os Mistérios Menores, na primavera, começavam com *katharsis*, um ritual instrutivo e de purificação, seguido de *sustasis*, um rito preparatório que, segundo Clemente de Alexandria, era normalmente conduzido em água salgada junto à praia. Os Mistérios Maiores seguiam o equinócio do outono, duravam nove dias e eram restritos aos iniciados que se tivessem sujeitado a um período de escrutínio moral e passado o teste, como se vê na inscrição sobre a entrada do templo onde estavam prestes a entrar: «Aqueles que são puros e são de mão e de coração, e que não têm em si qualquer má consciência, podem merecidamente entrar.»¹⁷



*Iniciação nos Mistérios de Elêusis, século v a. C.,
Grécia.*

A cerimônia final – na qual o iniciado era fechado na Câmara dos Mistérios – começava de madrugada e principiava com uma representação do mito da descida e do regresso de Perséfone do Outro Mundo, após o que os hierofantes declaravam em voz alta o renascimento dos iniciados. Este ritual era chamado *teleste*, quando os candidatos eram levados quase ao ponto de morrer para poderem erguer-se no limiar de outra realidade e vê-la com total clareza.

Um ano depois, vinha a última fase, a *epopteia* ou visão. Esta era conduzida numa câmara escura sagrada chamada *Telestron* (local de encerramento, perfeição), onde as forças da natureza eram canalizadas para o interior de um ambiente geometricamente concebido de modo a facilitar a experiência transformadora. Segundo uma descrição do poeta Píndaro, durante um estado alterado, os iniciados descobriam «o fim da vida e o seu início divino». As revelações ocorridas nestas ocasiões eram

consideradas assunto privado e mantidas em segredo, como declara um iniciado: «Estou aí iniciado... mas não o digo a ninguém.»¹⁸ Houve até uma altura em que o opinar pessoal sobre tais assuntos em público era rigorosamente controlado pela lei grega.¹⁹

Sujeitar-se conscientemente a uma experiência de quase morte deve decerto ser um esforço tremendo; contudo, os benefícios da iniciação superavam bem os prejuízos, como salientou o filósofo Cícero Enthuses: «Estes mistérios trouxeram-nos da selvajaria agreste para uma civilização culta e refinada... aprendemos com eles os primeiros princípios da vida. Ganhámos o entendimento não só para vivermos felizes, mas também para morrermos com melhores esperanças.»²⁰

HERMETISMO

Mistura de religião e filosofia, os escritos herméticos correm paralelamente ao gnosticismo e aos oráculos dos caldeus, e o seu objetivo era nada menos do que a experiência da derradeira realidade. O nome deriva de Hermes, reencarnação grega do deus egípcio com cabeça de íbis Djehuti, revelando assim a origem intemporal dos seus ensinamentos.



Djehuti, deus da sabedoria, mais tarde conhecido como Tot e Hermes.

No texto hermético *Dicurso sobre o Oitavo e Nono*, é descrita uma experiência extracorporal voluntária em que o candidato, enquanto no Outro Mundo, ascende por uma série de níveis e sofre uma revelação mística. O que procura, falando a Hermes Trismegisto, diz: «O que direi? Recebemos esta luz. E eu mesmo vejo essa luz em ti. E vejo o oitavo, e as almas que nele estão, e os anjos cantando um hino ao nono e seus poderes. E vejo aquele que tem o poder de todos, criando aqueles [que estão] no espírito.» Ao que Hermes aconselha: «É vantajoso que, de ora em diante, guardemos silêncio numa postura reverente. A partir de hoje, não fales da visão.»

Mais à frente, o diálogo fornece uma descrição de como um candidato era cuidadosamente preparado para se submeter ao ritual de ressurreição em vida. «Por fases, avança e entra no caminho da imortalidade. E assim entra no entendimento do oitavo que revela o

nono.» A certo ponto, o requerente parece ter atingido um estado de êxtase noutra dimensão:

Rezo ao fim do universo e ao princípio do princípio, ao objeto da demanda do homem, a descoberta imortal, o criador da luz e da verdade, o semeador da razão, o amor da vida imortal... Sou o instrumento do teu espírito; a Mente é o teu plectro. E o teu conselho dedilha-me. Vejo-me! Recebi poder de ti. Pois o teu amor alcançou-nos.

O hermetismo (caminho de Hermes) encontra-se no taoísmo (o Caminho), e a sua influência é igualmente sentida no budismo, hinduísmo, nas formas mais puras do cristianismo, e no sufismo, o ramo esotérico do islão. Hermes também se referia ao caminho da iniciação como *A Estrada Antiga*, cujos ensinamentos sobre a transfiguração espiritual se transformariam na arte da alquimia durante a era medieval; no século XVIII, o hermetismo foi praticado até por Isaac Newton, enquanto os seus conceitos surgem na filosofia da Maçonaria do Rito Escocês.

OS INCUBADORES

Com a supremacia da Igreja Católica na Europa veio a completa proibição de todos os rituais associados à ressurreição em vida pessoal, pela óbvia razão de que, se alguém além de Jesus pudesse fazê-lo, o papa e os seus bispos ficariam desempregados. Ainda assim, no Sul de Itália, persistiram bolsas de dissidência até bem dentro do século V.

Antes de se tornar uma cidade romana, Vélia era a colónia grega de Hyele. A sua escola-templo eleática do século V a. C., fundada pelos filósofos Zenão e Parménides, situa-se num promontório com vista para o mar Tirreno e, observada do ar, parece-se estranhamente com a cabeça e o pescoço de uma enorme pitão. Entre as ruínas do templo, existem bases de estátuas que atestam a obra de sacerdotes-curandeiros que davam por títulos reveladores como «Senhor do Covil», cuja especialidade era presidir a uma técnica iniciática conhecida como *incubação*.

A incubação envolvia ficar deitado, quieto e em silêncio, nas trevas de uma câmara subterrânea e, através de encantamentos, cair num estado de consciência cuidadosamente equilibrado entre o desperto e o adormecido, antes de entrar no Outro Mundo para desfrutar de uma visão profética. O deus tutelar que presidia a estas cerimónias secretas era Apolo, outra interpretação de Osíris.



Zenão de Eleia mostra aos jovens as portas esquerda e direita da verdade e da falsidade.

Não muito longe de Hyele, no canto noroeste da baía de Nápoles, existia um local complementar, senão ainda mais espantoso em Baia, onde mais de uma centena de túneis se ligam a um templo grego do século v a. C. como artérias a um umbigo. Fontes clássicas descrevem os sacerdotes residentes como eremitas ou protetores de um oráculo, vivendo debaixo da terra e comunicando com o mundo exterior através de túneis.²¹ Originalmente, foi dedicado à deusa Artemisa. No entanto, o mais provável é que tenha sido consagrado à sua mãe, Deméter, dada a forma como a entrada do túnel principal está alinhada com o nascer do Sol no solstício de verão.



Cúpula em colmeia do complexo de templos em Baia dedicado à Divina Virgem, ainda uma ruína impressionante no século xv.

Por volta do tempo do general romano Agripa, fez-se um grande esforço para selar deliberadamente este mundo subterrâneo artificial com tijolos e argamassa, e encher os túneis de entulho. O local permaneceu por descobrir até 1962, foi brevemente investigado, selado de novo pelo Governo italiano e a sua própria existência tornada secreta.²² O único vestígio de sacralidade nesta península vulcânica de Baia era o templo, com a cúpula em forma de colmeia a esboroar-se.

Quando se retomaram esforços posteriores para revelar este complexo iniciático, foi descoberta uma porta de quase dois metros de altura, mas com pouco mais de cinquenta centímetros de largura. Lá dentro, uma passagem com várias dezenas de metros de comprimento desce para oeste, na direção simbólica do Outro Mundo, acompanhada de uma brisa química fétida e húmida que emana das profundezas. Uma miríade de túneis emerge então como um polvo, alguns coduzindo de forma deliberada a lado nenhum, outros a um labirinto de salas; só um desce claustrofobicamente em direção a um canal artificial, com cerca de vinte e cinco metros de largura. No lago, há um cais com degraus escavados no maciço

vulcânico,²³ como se o viajante esperasse ser transportado através do mítico Letes, o rio do esquecimento no submundo grego.

Era esse o objetivo. Todo o labirinto subterrâneo foi concebido para se assemelhar à passagem para o Outro Mundo. Segundo o poeta Virgílio, só se entrava depois de se percorrer a gruta de Hipnos, deus do sono, após o que «os mortos» veem as memórias da vida mortal apagadas ao beber das águas do Letes para que possam ser encarnados. Se o candidato optasse mal, o avanço ao longo dos túneis era impedido por becos sem saída. Se, por outro lado, escolhesse com sabedoria, o caminho conduziria ao rio, de onde seria transportado para o outro lado, continuando até à câmara ritual subterrânea (agora emparedada) para dar por si em «locais de deleite... onde as almas descansam entre os pomares abençoados», como Virgílio escreveu n'*A Eneida*.

É interessante reparar que os caminhos bloqueados viram sempre à esquerda – simbolizando a limitação do cérebro esquerdo da racionalidade nesta viagem de autodescoberta espiritual –, enquanto os caminhos corretos viram à direita, o hemisfério intuitivo do cérebro. Até o nome Hyele era uma transliteração deliberada de *hyle*, o conceito aristotélico de matéria. Assim, um iniciado que descesse os túneis da academia experimentava metaforicamente a noção de matéria e a sua dissolução.

Ironicamente, a famosa história de Virgílio, com Eneias a visitar o Outro Mundo, parece ter ocorrido neste complexo iniciático em Baia, como se o escritor, através do seu herói, estivesse a transmitir a própria experiência. Para começar, na *Eneida*, o herói faz uma oferenda de azevinho à entrada do Outro Mundo. Na entrada emparedada da câmara ritual real há, de facto, um nicho propositadamente colocado para tal oferenda.



Sarcófago com cena dionisíaca esculpida, sugerindo que era usado para iniciação.

Capítulo 8

A CÂMARA NUPCIAL SECRETA

Se bem se lembram, o zigurate de Ciro, o *Grande*, situado numa região a que os persas chamavam Paraíso, tinha um edifício retangular no cume, com uma câmara a que se acedia por uma passagem estranhamente estreita – um traço não muito diferente do templo dos Incubadores em Baia, do túmulo de Knowth ou de qualquer pirâmide egípcia. Dentro da dita câmara havia um leito dourado, uma mesa com taças, uma tina ou sarcófago dourado e abundância de vestes, mas nada de Ciro morto.¹ O testemunho de Alexandre, o *Grande*, oferece uma visão única do propósito de tais templos enquanto zonas de ressurreição ritual, em vez de sepultura, pois, numa região onde se praticava o mitraísmo, os seus seguidores eram conhecidos por usarem uma alcova durante uma cerimónia nupcial chamada *nymphus*, que marcava a fase final da iniciação, com a notável diferença de que não havia noiva de carne e osso envolvida.

O véu sobre este mistério levanta-se ainda mais na cidade dedicada à sabedoria e fundada, ironicamente, pelo próprio Alexandre: Alexandria. Aí, uma informação valiosa foi transmitida a Clemente de Alexandria por alguém que se submeteu à iniciação, uma frase específica dita nas fases finais da cerimónia: «Desci à alcova.» Um dos contemporâneos de Clemente, o escritor argelino Apuleio, acrescenta uma cândida descrição da sua experiência de iniciação e, mais importante, leva-nos diretos ao momento em que chega a esta câmara restrita:



Câmara nupcial subterrânea, Dendera, Egito.

O sumo sacerdote ordenou a todos os não iniciados que partissem, investiu-me com nova veste de linho e conduziu-me pela mão até aos recessos interiores do próprio santuário... Aproximei-me dos portões da morte e pus um pé no umbral de Perséfone, viajei por todos os elementos e, porém, foi-me permitido regressar. À meia-noite, vi o Sol brilhar como se fosse meio-dia; entrei na presença dos deuses do Submundo e do Mundo Superior, aproximei-me e adorei-os.²

Estas afirmações sugerem que o envolvimento dos iniciados no Outro Mundo tomava a forma de casamento sagrado, do qual resultava a regeneração da alma de volta ao mundo dos vivos, seguida da ressurreição de uma cama, um barco, uma tina ou um sarcófago.

O ambiente exclusivamente utilizado para o acasalamento final do iniciado com a noiva – Ísis ou o seu *doppelgänger* regional – é

descrito nos Mistérios de Elêusis como *pastos* (câmara nupcial). Tal como no gnosticismo valentiniano, em que o último ato nos cinco passos da iniciação culminava numa câmara nupcial, uma sala secreta num templo ou local sagrado onde o candidato cumpria a união de masculino com feminino no que era essencialmente uma representação do mistério de Ísis e Osíris.³ O termo ainda era utilizado no século II, como se prova pelo arqui-inimigo dos valentinianos, o bispo Ireneu, que escreveu: «Alguns deles preparam uma “câmara nupcial” e praticam uma mistagogia [ritual sagrado relacionado com os Mistérios], com certas invocações, para aqueles que estão a ser aperfeiçoados, e afirmam que o que estão a executar é um “casamento espiritual”.»⁴

O mito valentiniano centrava-se em torno do casamento sagrado do masculino *Yesus* (Eu Sou) com o feminino *Sophia* (conhecimento, gnose), e o seu ponto de vista ajuda a clarificar uma curiosa afirmação de Jesus: «Muitos estão à porta, mas são os solteiros que entram na câmara nupcial.»⁵ Estes solteiros são iniciados que aprenderam a harmonizar os seus opostos complementares, tornaram o exterior igual ao interior, o de cima como o de baixo, e foram subsequentemente considerados aptos a prosseguir com a derradeira união xamânica.

O *Evangelho de Filipe* refere-se a uma sala restrita usada por Jesus com o mesmo nome: «O Senhor fez tudo num mistério, um batismo, um crisma, uma eucaristia, uma redenção e uma câmara nupcial.»⁶ Filipe salienta que só um filho da câmara nupcial podia estar em posição de receber a ressurreição espiritual, e era taxativo em que devia atingir-se em vida do candidato. Descreve que, na consumação deste derradeiro ato, a alma é devolvida ao estado primordial, os seus polos opostos unificados, sendo o resultado a paz interior. Porém, fiel à tradição, não são revelados detalhes específicos, além desta frase de fazer crescer água na boca: «No mundo da verdade, se virem alguma coisa desse local tornam-se um com o que lá está. Viram o espírito e tornaram-se o espírito.»⁷ Filipe deduz que a união não é sexual, no sentido físico, mas

extática, no sentido celestial. «Todos os que entram na câmara nupcial acenderão a luz... Se alguém se tornar filho da câmara nupcial, receberá a luz.»⁸

A união sagrada entre alma e fonte traz consigo enormes benefícios espirituais, pois a experiência desta mais alta realidade confere ao iniciado as mesmas características do mundo dos deuses. «Se te tornares num dos do alto, são os do alto que repousarão em ti.»⁹ Este aforismo repete-se nos salões de templos antigos por todo o mundo, onde é dito que a pessoa que entra na câmara interior é «transformada num deus, numa estrela brilhante».

Um dos primeiros relatos sobreviventes do casamento do iniciado terreno com uma noiva divina encontra-se na suméria *Canção de Inana*, possivelmente a inspiração original para o *Cântico de Salomão*, que mais tarde encontrou o seu caminho para o Antigo Testamento. Inana é uma deusa lunar que aceita um noivo na forma do pastor Dumuzi/ Tamuz, que se transforma num deus-homem ressuscitado no solstício de inverno. Inana é representada portando o Graal, uma taça cheia do néctar da suprema excelência.

Inana era também uma hierodula, «mulher sagrada», termo atribuído às sumo sacerdotisas sumérias que presidiam ao aspeto mais sagrado da cerimónia da câmara nupcial. As vestes escarlates da sua função representavam o *ritu* (verdade), de onde emergiu a palavra *ritual*. Como epítome da cerimónia nupcial, a hierodula explica outro mistério do casamento sagrado, o *hieros gamos*, repetido mais de dois mil anos depois nas cenas entre Jesus e Maria Madalena. Pouco antes de a Bíblia ser traduzida para inglês, o título *hierodulai* foi mal traduzido para *harlot*, meretriz, servindo bem à Igreja no seu papel de minimizar a importância do matriarcado nos rituais sagrados e, desde então, convenientemente identificando a mulher de vermelho, seja ela a «prostituta da Babilónia», Inana/Ishtar ou Maria Madalena, com a prostituição.

Uma antiga tradição da cerimónia da câmara nupcial pode seguir-se até ao Templo de Salomão. O *Livro de Ezequiel*, por exemplo, descreve como os anciãos de Jerusalém «tomavam parte em

mistérios secretos... de origem egípcia» nas trevas sob o Templo, e a câmara secreta usada para a ocasião era referida como «a câmara nupcial». Segundo o *Zohar* – o texto fundamental da Cabala –, o casamento do Rei e da Rainha celestiais apenas podia ser consumado se Salomão construísse um templo em Jerusalém, com uma divisão especial atribuída a esta precisa cerimónia.

Os mandeus, que mantinham João Batista como o seu principal mestre espiritual (e ainda o fazem), prosseguiram com esta tradição. Estavam estritamente organizados em irmandades, sendo as mais íntimas de iniciados, profetas ou magos chamados *nasoraiyi*, cujo dever era preservar a gnose – não surpreende, dado que o seu nome deriva do antigo babilónio *nasiru*, que significa «guardião dos segredos divinos». Mais tarde, tornaram-se popularmente conhecidos como nazoritas.¹⁰



Ezequiel aponta para um portão fechado que só é «acessível através de Maria», uma referência a uma câmara nupcial restrita. Quadro de Julius Schnorr von Carolsfeld, cerca de 1851.

João e – mais tarde – Jesus pertenciam à classe sacerdotal habilitada a praticar o mais secreto dos ritos mandeus, o da câmara nupcial.¹¹ Este incluía o batismo em água corrente, a unção com óleo, uma refeição, a redenção e, finalmente – para o candidato de quem se esperava que regressasse vivo do Outro Mundo –, o casamento espiritual dentro da câmara nupcial, culminando na

regeneração do indivíduo: uma ressurreição em vida. O ritual era considerado tão importante que caso o oficial que presidia à câmara nupcial, fosse sacerdote ou sacerdotisa, escorregasse nalguma parte ou frase, ser-lhe-ia exigida uma expiação pelo batismo e, em situações mais sérias, eram excluídos para a vida.



Ezequiel descreve a chegada ao Outro Mundo por meio de um carro.

A forma como esta câmara especial viria a ser associada a uma noiva pode resultar da crença das antigas sociedades de que a sabedoria emanava de Outro Mundo presidido sobretudo por uma divindade feminina, uma mãe-deusa ou divina virgem que providenciava pontos quentes na Terra onde se é perfeitamente capaz de lhe aceder de forma direta. Esta donzela exaltada representa a fonte criativa; é a personificação da força primordial. No mundo celta, estas qualidades são atribuídas à deusa Bríghde/Brígida, que preside a inúmeras câmaras de pedra e grutas usadas pelos celtas para chegar ao Outro Mundo. Sendo a raiz de *bride*, noiva, qualquer interação com os seus oráculos torna-se em si mesma um ato de casamento, sobretudo quando alguém entra nesses ambientes com a intenção de se unir à noiva celestial.

A experiência do ritual da câmara nupcial oferecia a possibilidade de transcender as polaridades contraditórias da alma, de os hemisférios imaginativo feminino e lógico masculino da

personalidade encontrarem a reconciliação. Segundo o *Evangelho de Filipe*: «É necessário nascer de novo através da imagem. Que imagem? Ressurreição... a câmara nupcial e a imagem devem entrar na verdade: isto é a regeneração.»¹² Imerso nas trevas solitárias de uma câmara nupcial, a privação sensorial suscita uma luz de consciência mais elevada no iniciado, e, à medida que a alma «entra no seu descanso», finalmente, uma revelação divina desce sobre o indivíduo, um ponto deixado muito claro no *Evangelho de Filipe*: «Todos os que [entram] no quarto acenderão a luz e apenas a ele ou ela será manifesta, oculta não nas trevas e na noite, mas escondida num dia perfeito e luz sagrada.»¹³

Aqueles que procuravam um casamento pessoal com o Divino eram referidos como «filhos da câmara nupcial». Acreditavam que o amor e a sabedoria são interdependentes, e a verdadeira iluminação traz uma autotransformação intelectual, bem como espiritual. Não surpreende, portanto, que tantos viessem de uma elite intelectual e instruída, e muitos se tivessem tornado nos arquitetos de sociedades-modelo iluminadas: líderes, curandeiros e profetas, alguns possuindo dons de telepatia e clarividência.¹⁴

Em 60 a. C., historiadores como Diodoro ainda comentavam a prática antiga da câmara nupcial secreta, que, no seu tempo, se tinha desenvolvido há mais de quatro mil anos e ultrapassara a idade dos megálitos. Sabia-se que o ritual oferecia um potencial de enorme desenvolvimento a pessoas normais habituadas a ganhar a vida da terra e a ver o mundo apenas até às suas fronteiras observáveis: uma vida mortal definitiva delimitada pelo nascimento e pela morte física. Escusado será dizer que tal transformação teria ido de mãos dadas com uma ascensão nas qualidades cívicas, aumentando assim o nível da sociedade, senão para todos, pelo menos para os que tinham experimentado a viagem ao Outro Mundo. Não querendo pintar um retrato demasiado empolado, atenção, porque as fraquezas humanas permitiram que esta tecnologia espiritual se corrompesse, como a história demonstra, deteriorando-se, como o fez, ao longo dos últimos trinta séculos,

num mecanismo de controlo usurpado de igual modo por padres, reis e a religião organizada.

A associação entre a câmara nupcial e o ritual de ressurreição é descrita em termos alegóricos no *Livro de Enoque*, uma obra com uma origem tão misteriosa como os mistérios de ascensão que retrata. A descrição de Enoque de uma viagem às estrelas é, para todos os efeitos, um manual de instruções para iniciados, escrito por um adepto, porque os detalhes lúcidos que apresenta só podiam ter vindo de alguém que vivenciou o Outro Mundo.

As subidas celestiais de Enoque preparam os candidatos passo a passo para a transformação psicológica que ocorre numa viagem de mudança de consciência. Este rito iniciático era conhecido pelos praticantes das artes mágicas da época como *Maasah Merkavah* (a obra do carro), tornando-se mais tarde na ciência da autotransformação, *Merkaba*, que se traduz «veículo do corpo-espírito». Etimologicamente, as suas raízes são egípcias: *mr* (amor), *ka* (espírito), *ba* (corpo); *mr* é também a raiz de *mry*, ainda hoje conhecida como Maria, a Divina Virgem.

O equivalente de Merkaba é a tradição esotérica originalmente designada *qbl* (revelar), hoje vulgarmente conhecida como *ka-ba-Allah*, e os habitantes de Jerusalém no século I podiam encontrar os seus ensinamentos num livro restrito chamado *Bahir* (iluminação), e também *O Caminho do Grande Retorno*.¹⁵

A obra do carro, ou carro dos deuses, é uma tradição antiga que se estende da Ásia Central ao Egito e que ligava reis e profetas ao reino dos deuses. Dessas pessoas, dizia-se que se misturavam com as divindades no Outro Mundo para regressarem radicalmente transformadas, e o vaso no qual o seu corpo e alma eram transportados através do limiar era referido como câmara nupcial. E não se tratava de uma simples sala velha – as suas dimensões obedeciam às leis universais do ritmo e da proporção, a sua localização coincidia com os rios naturais de geomagnetismo da Terra. Até as propriedades energéticas da pedra usada na construção eram cuidadosamente consideradas pelos pedreiros, a

maioria dos quais já tinha experimentado o processo. Era alquimia no sentido puro da palavra.

Para Osíris, o seu carro de eleição era o barco, aquele tão profusamente retratado nas paredes dos templos ao longo do Nilo, como Luxor e Karnak, onde a tradição do carro da ascensão está ligada às quatro estrelas que formam o oblongo na Ursa Maior, a Grande Ursa, a constelação que os egípcios entendiam agir como guardião dos segredos da iniciação relativos ao Outro Mundo. O mesmo conceito reaparece mais tarde na lenda de Arth Fawr – a história arturiana do homem-urso que empreende uma viagem capaz de lhe mudar a vida – desafia a morte, torna-se espiritualmente ressuscitado e volta para ressuscitar um reino moribundo.

O facto de o ritual da câmara nupcial ter sobrevivido este tempo todo torna-se uma prova fiável de que funcionava. Para começar, os seus benefícios foram apregoados na câmara subterrânea sob a pirâmide de Unas, onde uma inscrição afirma categoricamente que os resultados foram «provados como verdade um milhão de vezes». Isso foi em 2350 a. C. Não admira que a ressurreição em vida tenha sido adotada por tantas seitas místicas; mesmo tão tarde como no século XII, os cátaros praticavam uma versão no Languedoque.



Barco de Osíris, incluindo outros deuses do Amduat, Anúbis, Set e Hórus.

E os praticantes tinham outra coisa em comum: foram todos banidos ou queimados vivos pela Igreja Católica.



A roda do carro de Krishna; e o templo em forma de carro de Vixnu, um aspecto de Krishna. Templo de Vitala, Vijayanagara, Índia.

É tentador aceitar estas crenças como pertencendo a uma era passada, e contudo, em tempos recentes, até o psicólogo Carl Jung sucumbiu à alegria da câmara nupcial numa fase mais adiantada da sua vida. Escreveu sobre a experiência: «Tudo à minha volta parecia encantado... Encontrava-me no jardim das romãs... ao fundo, estava eu mesmo: eu era o casamento... havia estados inefáveis de alegria. Estavam presentes anjos e luz.»¹⁶

Capítulo 9

O QUE ACONTECE NO MÉDIO ORIENTE FICA NA AMÉRICA CENTRAL

Artefactos desenterrados dentro e à volta da cidade-templo de Teotihuacan situam uma cultura no que é hoje o centro do México há mais de doze mil anos, enquanto na península do Iucatão, a leste, códices como o *Popol Vuh* retratam os maias como o resto distante de uma civilização avançada deslocada para as terras altas da Guatemala por catástrofes globais. A questão é: de onde vieram estes povos? E se o mito do dilúvio que descrevem é o mesmo que se registou por volta de 9703 a. C., poderiam os maias ter preservado alguns dos mais antigos rituais de iniciação da Terra?

Abundam as semelhanças linguísticas e artísticas entre os povos da América Central e os homólogos do Médio Oriente, sobretudo no que respeita às coisas sagradas: o deus-homem-peixe mesopotâmico Oaana surge na palavra maia *oaana* (aquele que reside na água); *h-menes* (homens sábios) é também o nome de um egípcio que se tornou faraó por volta de 3100 a. C., precisamente na altura em que a terra de Ma'ya'ab nasce e o famoso calendário do Quarto Mundo do povo que tinha o seu nome foi posto em movimento.

Palavras acádicas como *ma* (lugar), *naa/nana* (mãe), *kul* (assento) e *kun* (vagina) são intermutáveis com o maia. O templo de Kabah no Iucatão é um eco do conceito egípcio de corpo-espírito, *ka-ba*, enquanto os ensinamentos dos Mistérios esotéricos relativos ao corpo-espírito de Deus, *ka-ba-allah*, se encontram na *ca-bala* (dois escondidos) maia. *Ahau* (grande espírito) é comum às culturas antigas do Egito, Nova Zelândia e ilha de Páscoa e tem o mesmo significado em cada caso. Linguística à parte, templos maias posteriores estão cobertos de efígies cujo estilo tem semelhanças surpreendentes com a arte sacra hindu, budista e balinesa; um lintel de pedra em Lorillard mostra um homem a inserir um cordão de contas pela língua, ao estilo do culto da deusa Kali, enquanto a veneração de pirâmides multiplataforma com topos truncados é

decididamente uma prática do Médio Oriente. Mas de interesse direto para a nossa investigação são as palavras maias *Way* (espírito ou alma) e *Waybil*, o local no Outro Mundo onde a alma reside.



*O deus-homem ressuscitado como
Kukulcán/Quetzalcóatl.*

A ideia de uma cultura mesoamericana de templos com raízes orientais é mais do que uma teoria fantasiosa. Está amplamente provado que houve povos a viajar para oeste pelo Pacífico no terceiro milénio a. C. O *Chilam Balam* é ainda mais específico, alega que os antepassados dos maias chegaram ao Iucatão em 9600 a. C., idos de um lugar onde a água «engoliu a fonte da sabedoria», uma terra chamada Atzantiha. Dois belos lintéis, dos templos de Palenque e Akab Oib (Uxmal), retratam a chegada do deus criador maia, Itzamna, num barco, entre pessoas que se afogam, templos que desabam, montanhas e vulcões. Este deus era um conhecido mestre astrónomo, matemático e professor das leis que sustentam uma sociedade civilizada – atributos que parecem ser uma fusão dos deuses criadores marido-esposa-irmão-irmã da mitologia japonesa, Izanami e Izanagi.

Alguns antropólogos concluíram razoavelmente que os maias, adoradores da paz, foram influenciados por uma cultura ida das terras altas da Guatemala, os *itzá*, cujo nome deriva de *itzam* (xamã,

feiticeiro). Por outras palavras, alguém com conhecimento das leis da natureza que pode ligar-se à fonte das coisas. E aqui começa a associação entre os maias e o Outro Mundo.

O *Chilam Balam* refere-se aos primeiros habitantes do Iucatão como *Ah-Canule* (Povo da Serpente), seguidores de um deus do rejuvenescimento chamado Kukulcán que é retratado como uma serpente emplumada verde-azulada, também conhecida pelos olmecas como Quetzalcóatl (serpente emplumada).

Quetzalcóatl pertence a uma Era Dourada, uma época pré-histórica antes de um violento dilúvio ter tragado a Terra. O seu culto era baseado na não violência, na compaixão e na humildade.¹ Era também obcecado pelos mistérios para lá da vida e da morte, pois dizia-se que Quetzalcóatl fizera a viagem ao Outro Mundo e regressara para falar sobre isso.² A história é decerto antiga, pois os olmecas, presentes no golfo do México em 1500 a. C., sabiam disso. E estes povos não tinham ilusões de que este deus fora também um homem real, pois descrevem-no nos termos mais inequívocos como «um homem louro e de tez rosada com longa barba... uma pessoa misteriosa, um homem branco de corpo forte, testa ampla, olhos grandes... que veio do outro lado do oceano num barco que se movia sozinho sem remos».³

Ao contrário do culto de Kukulcán, praticado pacificamente pelos maias, os astecas adotaram Quetzalcóatl e transformaram-no num dos rituais mais diabólicos da história. É um paradoxo que um povo que venerava um deus-homem representando um dos mais elevados ideais espirituais se envolvesse numa tão bárbara selvajaria que culminava com o massacre ritual de centenas de milhares de vítimas todos os anos – até que os igualmente bárbaros conquistadores chegaram ao México no século XVI e ficaram tão repugnados com o que viram que proibiram a prática! Mas, como se disse, quando o verdadeiro entendimento de um conceito se perde, o que resta é superstição, e nisto os astecas são culpados de levar à letra os ensinamentos do ritual do Outro Mundo, pois o conceito de desmembramento do corpo não era mais do que o despojar

metafórico do eu físico para permitir à alma levantar voo e entrar numa paisagem paradisíaca.

Um dos muitos monumentos erigidos em honra de Kukulcán é a pirâmide de nove patamares em Chichén Itzá, representando ao mesmo tempo o grande monte da criação e o número de níveis de perfeição exigidos para chegar ao Outro Mundo. Todos os anos, o Sol do equinócio interage com a balaustrada da escadaria nordeste, criando uma habilmente concebida exibição de luz e sombra que se assemelha a uma serpente subindo a pirâmide. Nesta hora mágica, a serpente *kuxan sum* (a corda viva) liga os dois mundos, tal como as «canas ocas» nos locais sagrados persas, japoneses e nativo-americanos ligam a Terra ao Outro Mundo.

Escavações recentes desta pirâmide revelam ser uma adição tardia a um templo mais antigo, agora alcançável através de uma porta estreita montada na grande escadaria. Uma passagem estreita acede a uma câmara central dupla onde está um jaguar – símbolo da Terra, da gravidade, o oposto complementar da serpente emplumada – esculpido na rocha maciça e pintado a cinábrio vermelho, a cor utilizada pelos maias para representar o renascimento da alma, pois imita o brilho do crepúsculo que precede o Sol renascido.

O modelo espacial dos maias organizava-se horizontalmente pelos pontos cardeais, e verticalmente em três níveis: um Mundo Superior, um Mundo Médio, e um Outro Mundo que consistia em nove níveis, um lugar aquático onde residem as forças da criação. Viam o acesso a este local como um empreendimento difícil, exigindo a travessia de dois rios, não falando de um sortido de obstáculos, para cujo fim a *Way* – a alma – exigia os serviços de um cão capaz de ver no escuro, tal como Cwn Annwn e Anúbis preenchem o mesmo papel nas narrativas galesa e egípcia.

O Outro Mundo maia chama-se *Xibalba* (pedra de fogo com o poder de transformar).⁴ Era visto como terra de abundância, alcançável durante as cerimónias ou quando a alma inevitavelmente parte de vez do seu vaso carnal. Ao centro de *Xibalba*, ergue-se

uma possante árvore *ceiba*, um *axis mundi* a partir do qual emana todo o conhecimento. É uma ironia cruel que esta árvore devesse aparecer em forma estilizada num mural no templo de Palenque com a exata forma de uma cruz cristã, embora centenas de anos antes de os maias terem colidido com o catolicismo e a sua versão distorcida do símbolo, com consequências desastrosas.

Os xamãs maias procuravam pontos quentes naturais onde esta árvore do conhecimento atravessa todos os níveis da existência, e usavam-nos para permitir à *Way* viajar para o Outro Mundo, onde ganha acesso a divindades, antepassados e forças celestiais. O xamã – um adepto com outro nome – abria esta comunicação entre os dois mundos através de um elaborado ritual que dissolvia quaisquer limites impostos ao corpo no Mundo Médio, após o que ele era capaz de adivinhar o futuro e permitir que o poder do sobrenatural se mesclasse com as atividades quotidianas.

A árvore do mundo maia, *Wacah Chan*, encontra-se na gruta sagrada Balam-ka-àché, as suas raízes sinuosas, tronco, membros e copa criados a partir de milénios do lento gotejar do calcário até formar uma impressionante estalagmite que parece segurar o teto da gruta. Nesse mundo escuro e subterrâneo, inúmeros iniciados experimentavam Xibalba, talvez escolhendo essa gruta entre milhares iguais por todo o Iucatão precisamente porque os seus canais esculpidos pela água se assemelham bastante a uma vulva feminina e respetivas trompas de Falópio. Dentro deste mundo de privação sensorial, a alma envolvia-se com seres sobrenaturais e colhia os frutos de uma árvore do conhecimento. Peitoris há muito recortados em torno de *Wacah Chan* ainda contêm dúzias de pequenos vasos de barro que em tempos estiveram cheios de oferendas, incenso e narcóticos.

Que esta gruta em específico era utilizada como câmara nupcial está imortalizado numa lenda local que fala de um jovem que desejava casar-se com uma jovem donzela, contra a vontade da mãe dela; então, ele escondeu na gruta a amada noiva, daí a origem do nome alternativo, *Xtacumbi* (senhora escondida).



A árvore do mundo maia, Wacah Chan, dentro da gruta sagrada Balam-ka-àncché.

O posicionamento estratégico de grandes templos sobre estas grutas rituais tornou-se uma extensão desta prática. A Pirâmide de Osario em Chichén Itzá é uma estrutura tardia com um buraco de acesso no cume que desce doze metros por degraus de metal até à gruta ritual original, agora envolvida pela estrutura artificial. Vale a pena notar que estas pirâmides estão geralmente alinhadas com os nasceres extremos de Vénus, o que para os maias representava tanto a Estrela da Manhã como a renovação periódica, e também o primeiro objeto que era mostrado aos iniciados após emergirem de uma câmara restrita.



A Pirâmide de Osario envolve a gruta ritual original.

Dado que existem mais dois templos em Chichén Itzá que partilham alinhamentos idênticos, vejamos se os três estão relacionados com o mesmo ritual.

O universo maia encontrava-se a tal ponto inundado de sacralidade que o seu mundo secular e espiritual estavam fundidos. Cidades-templo representavam a conceptualização de um cosmos cujos princípios eram lógicos e harmoniosos, com edifícios sagrados concebidos e situados em conformidade. Um dos seus artifícios favoritos era ligar estruturas que partilhavam propósitos comuns em triângulos perfeitos.⁵ A norte da Pirâmide de Osario ergue-se o imponente Templo do Jaguar. As oito superfícies da sua sala inferior agem como mecanismo de ensino acerca da criação; a sua figura central brande um espelho, o totem utilizado para olhar para o Outro Mundo, indicando que este indivíduo tinha replicado o cosmos dentro de si e, como tal, conquistara o direito a ser um mediador entre os mundos. A sala aberta é guardada por um jaguar de pedra que olha para o longo pátio de Chichén Itzá e mais além – na direção do nascer mais austral de Vénus, bem como do nascer do Sol no solstício de inverno.

Olhando de uma plataforma elevada avista-se um *chac mool*, uma efígie de pedra reclinada de costas numa posição muito

desconfortável, com um prato pousado no seu chacra sacral, como se destinado a conter Vénus ou o sol-nascente quando se erguem sobre o horizonte.

Juntas, estas três estruturas formam um perfeito triângulo retângulo e, dado o simbolismo relacionado, parecem ter partilhado uma função no ritual de ressurreição em vida.

O culto de Kukulcán/Quetzalcóatl procurava nada menos que a transfiguração espiritual. Isto devia atingir-se através de uma mistura de testes mentais e um estilo de vida ascético com vista a remover-se das ligações físicas – despojar do ser –, de modo a que esta «pedra preciosa e rica pena», como os maias se referiam à alma, pudesse aceder a um melhor nível do ser.⁶ O processo exigia que o iniciado se sujeitasse a uma morte e a um renascimento simbólicos – tal como Kukulcán/Quetzalcóatl fez em tempos durante quatro dias dentro de uma caixa de pedra,⁷ após o que se ergueu, «gritou, tomou as suas vestes e pôs a sua insígnia de penas... Depois, quando estava adornado, pegou fogo a si mesmo e ardeu... as cinzas uma vez erguidas e... todas as aves raras apareceram... razão pela qual, passados oito dias, surgiu a grande estrela chamada Quetzalcóatl».⁸

Tal como Osíris, este indivíduo torna-se um deus, uma estrela brilhante. E, conforme Osíris e Órion partilham uma relação simbólica na narrativa egípcia da ressurreição, também os maias veneram Órion como a fornalha cósmica, o ventre do universo e o ponto de chegada para as almas que entram e saem do Outro Mundo.⁹

Para acrescentar peso à evidência de que o ritual de ressurreição em vida era um componente-chave dos ensinamentos conduzidos em Chichén Itzá, um mural no Templo do Jaguar parece descrever a história de uma figura mítica, a rainha Moo, e esta tem uma semelhança inquietante com o mito de Osíris e da sua esposa-irmã Ísis.

Em tempos, a rainha Moo presidia à dita cidade-templo com o marido-irmão, o príncipe Coh. Juntos, eram-lhes dados os epítetos

de *Ozil* e *Idzin*, as palavras maias para amor/desejo, e irmã mais nova.¹⁰ Este príncipe, tal como Osíris, foi assassinado pelo irmão. Para acrescentar outra camada, *coh* é o termo maia para «leopardo», uma criatura próxima do jaguar, o totem do mundo material que aspira transformar-se em serpente emplumada após uma transfiguração espiritual. Osíris foi retratado como um leopardo agachado, enquanto a pele de leopardo era tradicionalmente usada por adeptos egípcios ressuscitados, para não falar dos sacerdotes de Amenti, guardiães dos segredos do Amduat.

Quanto à rainha Moo, não só partilha características com Ísis – casam-se com os irmãos e usam aves como totens, a arara e o abutre, respetivamente –, como Ísis, estando associada à cheia sazonal do Nilo, era referida como *Mw*, a palavra egípcia para água.

Dado que nenhuma prova arqueológica descobriu vestígios da rainha Moo e do seu príncipe, talvez a história represente um ideal espiritual, em lugar de pessoas vivas, reais. Por outro lado, não era invulgar que os governantes no Iucatão, ou noutra local, tomassem o manto de heróis míticos anteriores. Sabe-se que muitos adotaram o título de Quetzalcóatl para representar o seu estatuto espiritual – merecido ou não – ou para dar o exemplo a outros ou promulgar um ideal.

O exemplo de autorrenovação de Kukulcán preparou o caminho para futuros estudiosos, e o ritual exigido para lhe seguir os passos parece ter sido praticado noutros pontos da região. Na cidade-templo de Copán, *stelae* de três metros e meio narram a vida do seu rei-xamã Waxaklanhun Ub'ah K'awil, registando a sua negociação com o Outro Mundo juntamente com as dos associados. A estela C marca a primeira interação do governante e a subsequente regeneração como rei-xamã, que coincidiu com o primeiro nascer de Vénus. O rosto do rei está esculpido equinocialmente nas faces leste e oeste do monólito, enquanto segura o bastão da serpente de duas cabeças. À medida que se transforma na personificação física da árvore do mundo, assim o seu avental age como fundação das suas raízes, enquanto do dito avental emerge o narcótico lótus-azul.

Este invulgar motivo foi também utilizado num antigo ritual egípcio idêntico, que examinamos à frente.

Numa das mais antigas cidades-templo maias habitadas, Oxkintok, existe um invulgar edifício retangular com o nome de Tzat Tun Tzat. Situado no lado oeste do complexo, foi em tempos descrito como uma gruta artificial sem fim, os seus túneis abobadados ligados por pequenos portões e escadas estreitas, lembrando um antigo labirinto, cujo propósito era que o candidato encontrasse o caminho às apalpadelas na escuridão de modo a experimentar fisicamente a viagem da alma desconcertada pelo Outro Mundo. O conceito é idêntico ao da história de Teseu, o herói de Creta.

Como o Hipogeu em Malta, Tzat Tun Tzat consiste em três níveis ascendentes de túneis, com o teto do nível inferior deliberadamente baixo de modo a lembrar ao candidato que deve prosseguir com humildade. O acesso aos túneis superiores, e cada vez mais altos, faz-se através de uma pedra rotativa em cada teto. Por fim, ele reemerge ressuscitado por um portal alinhado com o nascer do Sol no equinócio.

Tal «morte» explica porque é que o irmão Antonio de Ciudad Real, que anotou os costumes dos maias durante a conquista, entendeu mal o propósito deste templo, como «um lugar para onde lançavam os que tinham cometido grandes ofensas para que aí pudessem morrer».¹¹



Um xanil nah ou porta falsa.

Não muito longe de Oxkintok ergue-se a impressionante cidade-templo de Uxmal. Lá dentro, encontra-se um quadrilátero de edifícios de elaborada decoração, inapropriadamente designados pelos padres espanhóis como «o Convento». Na verdade, em tempos, serviu como academia para curandeiros, matemáticos e astrónomos. O edifício sul, ou de entrada, chama-se *itzam nah* (casa do xamã), e um olhar ao longo da moldagem superior mostra relevos em estuque de pequenas flores chamadas *itz* (substância abençoada ou mágica), em particular quando manuseadas por um *itzam* (xamã), identificando assim o edifício como o local onde se conduziam rituais; um reticulado de X indica que o acesso ao edifício era restrito. Sobre cada uma das oito portas repousa uma efígie de pedra chamada *xanil nah* (casa de caniço), que atua como uma espécie de espírito ou porta falsa.

O nome tem uma estranha semelhança linguística com *jannah*, o conceito persa de paraíso, onde se entra através de oito portões secretos num lugar de canas; a mesma conceção surge na tradição egípcia. De facto, pode existir aqui outra interligação, pois o ponto de origem no mito mesoamericano é chamado *tollan* (lugar das

canas de tábua) e, para o alcançar, era preciso atravessar um corpo de água.¹² Neste local sagrado, as pessoas aprendiam as artes, a escrita, a astronomia, e todos os elementos que constituem uma vida civilizada. A literatura pós-clássica maia alega que os governantes iam ali e obtinham dos deuses as credenciais com que governar por nomeação sagrada.

Do outro lado da casa sul ergue-se um edifício complementar, mais alto, ponto focal do quadrilátero. A inclusão de serpentes de duas cabeças sobre cada um dos seus *xanil nah* reforça a associação à regeneração celestial (*céu* e *serpente* partilham a palavra maia). Sobre a porta central, a máscara de olhos esbugalhados de Itzam-Ye devolve o olhar ao observador, com uma máscara secundária sobreposta, de grandes olhos anelados, chamada *ch'ok* (jovem), indicando que quem entrar neste edifício volta regenerado.



Dupla máscara de Itzam Ye.

Por fim, mas não menos importante, a face interna do quadrilátero inclui quinhentas e oitenta e quatro cruzes, o número de anos que a estrela do renascimento, Vénus, leva a aparecer no mesmo local do céu quando observada da Terra.

Globalmente, o quadrilátero define uma área separada do resto de Uxmal, como se destinada a um reduzido grupo de escolhidos.

No entanto, o conceito da viagem dos iniciados ao Outro Mundo não se limitava às cidades-templo do Iucatão. Na margem oriental da península, o templo de Tulum volta-se para as águas abertas das Caraíbas e o nascer do Sol no equinócio. Trezentos e dezanove quilómetros para o outro lado, o tema do Outro Mundo completa-se na ilha de Jaina, onde uma pirâmide em degraus partilha a mesma latitude de Tulan e vira-se para o pôr do Sol no equinócio. Jaina significa «Templo na Água», e a sua semelhança linguística com as palavras persas *jannah* e *jinn* é inevitável. Jaina é a quintessencial ilha no Oeste, o lugar onde a alma começa a sua viagem pelas águas, e, mais tarde, onde mais de vinte mil pessoas foram sepultadas, cada uma delas enterrada com uma estatueta oca com buracos para serem usados como assobios, a fim de ajudar a alma a percorrer a negrura retinta do Outro Mundo.

É como se, no Iucatão, os maias tivessem criado dois portais entre mundos, e o cordão umbilical invisível que os ligava influenciasse a sua pátria e as cidades-templo de permeio, uma completa e preconcebida paisagem ritual.

JOGAR À BOLA COM O OUTRO MUNDO

Como outras culturas espirituais antigas, os olmecas e os maias erigiram monumentos de pedra que davam uma interpretação visual para a mecânica do universo. Um desses traços únicos é o chamado «campo de jogo», onde, segundo a perspectiva ortodoxa, os guerreiros disputavam um jogo macabro com a cabeça cortada do inimigo derrotado. No entanto, não existe nem sombra de provas históricas ou arqueológicas que apoiem esta teoria.

Há mais de oito campos de jogo só em Chichén Itzá, mas o que fica na secção noroeste é o mais impressionante. Referido como *hom*, a estrutura invulgar, com paredes íngremes e ausência de acomodações para os espetadores, ilustra o conceito maia de como a vida emerge de uma fenda no monte da criação.

Hom significa tanto «fenda» como «campo de jogo», uma palavra que presta homenagem ao *om* e à forma como o som ou a vibração são fundamentais para o ato da criação.

A área de jogo estende-se numa proporção de aproximadamente 4:1, duas oitavas na música. Esta sintonização acústica faz com que os ecos ressaltem sete vezes das altas paredes verticais. Cada parede contém um anel de pedra exatamente 3x7 unidades (três oitavas) acima do solo, gravado com serpentes emplumadas entrelaçadas; olhos preenchem os espaços entre os rolos, de modo que a bola que penetra o anel se torna o objeto com que «olhar» para o Outro Mundo. A referência sonora é reforçada no templo sul e nas suas sete portas.

Percorrendo o campo, encontra-se dois painéis intrincadamente esculpidos que retratam jogadores no que parece, aos olhos de qualquer leigo, um jogo macabro. O jogador central, em particular, não tem cabeça; sete cobras sinuosas saem-lhe do pescoço cortado, cada uma delas representando os elementos criativos de luz e som; a sexta serpente tem o nome de *Wacah Chan*, a árvore da qual emana todo o conhecimento sagrado. Aos pés do jogador está uma grande bola com uma caveira rodeada por uma *way* – uma alma.

Nenhum destes símbolos esotéricos tem qualquer sentido num local alegadamente construído para que os guerreiros jogassem futebol com a cabeça de um inimigo decapitado. Transmitem, porém, uma história do ato regenerativo da criação, com o campo de jogo como instrumento sagrado, um sítio focal para um drama espiritual a ser desempenhado por iniciados que visualizavam a sua mecânica e aprendiam a personificá-los.



Friso num campo de jogo representando um homem decapitado, com uma way ou alma dentro da grande

bola.

Outro nome dado ao campo de jogo era *tlach-tli* (o local de observação), levando à especulação de que, em certas condições, o campo era usado para observar o movimento perpétuo dos corpos celestiais e, a partir daqui, a sua ligação ao destino humano. É certo que os frisos retratam uma projeção de Mercator cilíndrica dos planos em torno do zodíaco, traçando um caminho dos planetas acima e abaixo do horizonte, retratando, com efeito, um metafórico jogo de futebol dos deuses. Até o ângulo de inclinação da parede exterior do campo é de uns invulgares vinte e três graus, a inclinação axial média da Terra, um conceito também incorporado no pilar Djed egípcio, que se acreditava representar a espinha dorsal da própria vida.

Enquanto metáfora – e as escolas dos Mistérios comunicavam sempre através de metáforas –, este local de observação descreve o campo de jogo como um lugar onde se olha para o Outro Mundo. De dia, os jogadores traziam espelhos às costas, lembrando que são reflexos da perfeição dos céus. A ideia do jogo era acumular pontos suficientes para chegar ao centro do campo, *teocalli* (casa dos deuses) – pese embora a referência à deusa hindu do conhecimento e da renovação periódica. Assim, quando trabalhavam no campo, os jogadores interagiam com uma divindade criativa de modo a aprender o jogo mais desafiante, o da vida – não como aparece aos «mortos», mas como existe realmente, conhecimento de que só os «ressuscitados» estão ao corrente.

A área do campo de jogo espelha os valores numéricos da pirâmide adjacente de Kukulcán, dividida como estava em noventa e nove quadrados, o número de anos em que os calendários solar e lunar se calibram, uma lembrança numérica a cada candidato de que o humano aperfeiçoado é a soma do masculino e do feminino. Algumas danças tradicionais do México são ecos ténues deste drama bipolar.

Não admira que o próprio campo de jogo fosse visto como uma entrada metafórica para o Outro Mundo: o vencedor descobria os

Mistérios do cosmos, e, através desta ligação a todos os níveis da realidade, o indivíduo era iluminado.

Com a área dividida em quadrados, o campo de jogo maia pode ser uma variação do tabuleiro de xadrez. Como os movimentos do jogador de bola, os movimentos invulgares de cada peça retratam os da criação. A ligação entre o jogo e os campos de jogo do Iucatão é que, em 600 a. C., o xadrez chegou à Pérsia, referido no romance chamado *Karnamak-i-Artakshatr-i-Papakan*, cujo herói se destaca pelas suas capacidades invulgares, de entre todas as coisas, no jogo da bola.

O jogo da bola dos maias era uma metáfora para o ciclo regenerativo da natureza, e aquele que entendesse a sua mecânica superava o ciclo repetitivo do destino. Para eles, o jogo era de guerra *simbólica*. A chegada dos conquistadores levou consigo a destruição da cultura mesoamericana por outro tipo de guerra, ainda que, por essa altura, uma mudança no clima, mais a introdução no Iucatão do conflito militar pelos toltecas e astecas, significasse que o sentido metafísico do jogo de futebol se corrompeu. O deus de um homem torna-se o demónio de outro. E quando os arrogantes europeus brancos, desligados da verdadeira natureza das coisas, desceram sobre os maias, interpretaram literalmente os frisos invulgares ao longo do campo de jogo, em vez de entenderem o seu verdadeiro significado – que o teatro da existência humana é um simbólico jogo de futebol dos deuses, e a única diferença entre os dois é carne.

O ASTRONAUTA DA BOLSA DE LA VENTA

Um dos achados arqueológicos mais controversos no mundo olmeca diz respeito a um relevo único do que os antigos teóricos sobre alienígenas creem firmemente ser um astronauta montado numa cápsula espacial. O facto de o objeto ter a forma de cascavel não parece perturbá-los.

A serpente sempre foi um símbolo culturalmente partilhado de energia telúrica, bem como do seu poder rejuvenescedor. Na América Central, também representou o renascimento periódico de

deuses-homens como Kukulcán e Quetzalcóatl, e as pessoas reais que lhes seguiram o exemplo, mostradas a serem consumidas por, vestidas de, até a emergir da boca de uma serpente. Aplicar este entendimento às estelas olmecas transforma de imediato aquilo que vemos: um indivíduo muito descontraído no interior de uma câmara, envolto por uma serpente protetora. Este «astronauta» olmeca parece estar a viajar, ou antes, a fluir em direção a outra realidade, um iniciado que embarca numa viagem ao Outro Mundo para se tornar como um deus, um Kukulcán.



O astronauta de La Venta segurando o seu contentor.

Mas aqui não é esse o verdadeiro mistério, pois numa mão segura o que alguns chamam bolsa, e outros, contentor. Neste ponto, a nossa história regressa ao Médio Oriente, dado que um olhar atento à cabeça da cascavel revela uma coroa emplumada, igual à retratada na cabeça das figuras aladas antropomórficas sumérias chamadas *apkallu*, um grupo de sete emissários de um deus criador encarregados de trazer à humanidade as artes civilizadoras no seguimento de uma cheia catastrófica. A sua história é repetida quase textualmente nos mitos diluvianos da maioria das culturas antigas da Terra, só mudando os nomes.

A imagem por excelência de um *apkallu* é a de uma pessoa com cabeça de águia, ou talvez de falcão, erguendo-se junto a uma árvore florida, colhendo os frutos com uma mão e segurando um *banduddû* – contentor – na outra. Este contentor é idêntico ao

sustentado pelo nosso viajante olmeca, apesar de ambas as culturas estarem a meio mundo de distância.

A forma como o *banduddû* é segurado sugere que os frutos deverão ser colocados no dito recetáculo. Às vezes, a figura da divindade suprema Ahura Mazda é retratada dentro de um disco alado sobre o eixo da árvore de fruto, implicando que esta está próxima de Deus e, assim, da sabedoria. É a Árvore do Mundo ou Árvore do Conhecimento, à qual inúmeros deuses-homens ressuscitados foram metaforicamente presos ou pregados.



Apkallu com contentor junto à Árvore do Conhecimento.

O icónico contentor surge em painéis esculpidos e tábuas de barro descobertas por toda a Mesopotâmia. No devido contexto, e vistas em conjunto, parecem formar uma espécie de tríptico que transmite um comentário contínuo. Uma dessas séries de painéis, removida de um dos quartos do palácio em Nimrud, está alojada no Museu Britânico. Um dos painéis mostra dois *apkallu* a administrar à árvore sagrada; no seguinte, um *apkallu* virou-se da árvore e concede ao rei o fruto da árvore, o tempo todo segurando naquele misterioso contentor. Claramente é conferido ao rei – identificado como Ashunarsipal – algum privilégio especial.

Num painel seguinte, Ashunarsipal já não está rodeado pelos *apkallu*; pois foi transformado numa figura alada que segura uma árvore de fruto, bem como o contentor. Na imagem contígua, está

em contacto direto com a Árvore do Conhecimento e aponta para Ahura Mazda dentro do seu disco alado. O rei está ao corrente do material restrito que lhe fornece um meio de aproximação a Deus, o tipo de informação que só um sacerdote ou alto iniciado do templo saberia. Acontece que Ashunarsipal era ambos. Sabemos isto porque, num friso separado, ele é retratado a segurar uma colmeia sobre a cabeça, um claro indício de que foi iniciado nos seus segredos.

O que liga Ashunarsipal ao astronauta olmeca é o *banduddû*, pois identifica cada portador com uma posição privilegiada. Por outras palavras, o contentor é um símbolo que marca o seu dono como estando na posse de informação transcendental. Em vários frisos sumérios e selos de barro, o primeiro *apkallu* – um homem-peixe chamado Uan, mais tarde transliterado para Ou-anna, Oannes e João – é também mostrado a segurar o *banduddû* numa mão e um pergaminho contendo informações dos deuses na outra.

Parte da chave para o desenrolar desta história respeita a esse outro objeto segurado pelo *apkallu*, nomeadamente o *mullilu* (fruto da árvore). Alguns especulam que é uma pinha, e a observação parece válida. Contudo, um olhar mais atento à representação clássica dos *apkallu* junto à Árvore do Conhecimento mostra claramente as criaturas a *apanhar* os frutos de uma árvore que em nada se assemelha a um pinheiro, estando os dois elementos em desacordo. A árvore é tipo florescente, e a que melhor encaixa na descrição em todo o Médio Oriente é a romãzeira. Poderia o *mullilu* que o *apkallu* segura ser uma romã e o seu cálice, um fruto que, quando cortado ao meio, faz lembrar, de alguma forma, uma pinha? Se assim for, isso acrescenta algo ao nosso entendimento do contentor enquanto símbolo do Outro Mundo?



Ashunarsipal segurando uma colmeia.

«Sobre a romã, nada devo dizer», sussurrou o geógrafo Pausânias, no século II, «pois a sua história é tipo um mistério sagrado.» E estava certo. No simbolismo e na mitologia, o papel da romã é o de ponto de contacto entre o nosso mundo e o dos deuses. Nos mitos gregos, surge na história de Perséfone como metáfora do renascimento, bem como do ciclo da natureza, após Perséfone se casar com o deus Hades e lhe serem dadas seis sementes de romã como única fonte de nutrição durante os seus seis meses no Outro Mundo. A história tem óbvias conotações astronómicas, mas, mais importante, se se reparar na pulseira do *apkallu* que apanha o fruto da árvore, esta inclui seis sementes. E, na arte sacra, todos os pormenores têm significado.



Apkallu oferecendo a Ashunarsipal o fruto do conhecimento.

Incidentalmente, a mãe de Perséfone, Deméter, era a deusa que presidia aos templos gregos onde o ritual de ressurreição em vida era praticado após a ingestão de um narcótico suave. A romã, dada a sua forma comparável e o interior em câmaras, é um substituto para a cápsula narcótica da papoila.

Num mito grego similar, Órion casa-se com Side, cujo nome significa «romã». Dado que o mito é baseado na história mais antiga de Osíris, a quem os egípcios identificavam com Órion, estabeleceu-se uma ligação entre a árvore de fruto e o indivíduo ressuscitado. A romã é também associada à deusa olímpica Hera, cuja coroa tem a forma do cálice deste fruto.

Como já vimos, o ritual grego da ressurreição foi um prolongamento ou adaptação da anterior tradição dos Mistérios zoroastrianos e da experiência induzida de quase morte de *pairi daeza*, o modelo original do paraíso cristão. A romãzeira e o seu fruto eram respeitados no ritual zoroastriano porque se tratava da planta sagrada que habitava este jardim do Éden. Como a planta tem folhas o ano inteiro, naturalmente que se tornou uma representação figurativa da perfeição da natureza, para não falar na

imortalidade da alma, o objetivo principal dos iniciados nas escolas dos Mistérios de todo o mundo – conceito encapsulado na mitologia persa com o herói Isfandiyar, que come uma romã e se torna invencível. Seria esta a tradição de que o rei Ashunarsipal estaria ao corrente.

Parece que, onde quer que surja, o contentor é associado ao conhecimento do Outro Mundo e, implicitamente, transforma-se no recetáculo desse conhecimento, enquanto identifica o seu portador como o indivíduo que o possui. Pela sua própria natureza de intermediários entre os mundos, os *apkallu* materializavam-se já equipados com essa sabedoria; para os humanos, por outro lado, exigia o fruto da Árvore do Conhecimento para viajar ao Outro Mundo e regressar como um deus.

O traço antropomórfico de ave dos *apkallu* sugere uma águia, ou provavelmente um falcão, seguindo o modelo egípcio dos deuses falcão Hórus e Seker. O que liga esta linha de pensamento à nossa investigação principal é a fase inicial do ritual, que começava com um batismo, e na qual o contentor faz outra aparição.

Nos rituais sumérios, *banduddû* reais eram enchidos com água por um sacerdote *apkallu*, que é instruído pelo deus Ea a «pegar no balde, o mecanismo de levantamento com pega de madeira, leva água da boca dos rios gémeos, sobre essa água lança o teu feitiço sagrado, purifica-a com o teu santo encantamento e salpica essa água sobre o homem, o filho do seu deus».¹³ O efeito líquido de salpicar esta água santificada era *ptr* – «libertação» da desarmonia do recipiente, no que é, sem dúvida, uma das descrições mais antigas de um batismo ritual. Nos tempos da Babilónia, só a um adepto de alto estatuto chamado *nasiru* – título que significava «guardião do conhecimento secreto» – era confiada esta tarefa. A tradição manteve-se por um período considerável, porque veio a ser praticada por um *nasiru* posterior, um certo João Batista.

Seria o *banduddû* um vaso metafórico para o conhecimento restrito? Talvez. Foi localizado um bom número de contentores físicos feitos de pedra ou barro, alguns medindo apenas quinze

centímetros, cada um deles adornado com todo o tipo de motivos: serpentes entrelaçadas, leões banquetando-se com um touro, uma mulher segurando duas serpentes, um falcão, uma porta flanqueada por espirais entrelaçadas, uma muralha de portões, e por aí adiante. Qualquer pessoa versada nos segredos dos Mistérios reconhece imediatamente as imagens simbólicas como representativas dos ensinamentos que levavam os iniciados a um estado de iluminação. Estes falsos contentores – pois não têm uso prático – podem ter servido como mecanismos mnemônicos usados em ambientes restritos.

Se o *banduddû* é realmente emblemático do repositório de conhecimento do Outro Mundo, então, o seu eco ouve-se uma vez mais através do tempo e do espaço na história de outro famoso recetáculo contendo as leis do universo – a Arca da Aliança.

Capítulo 10

ESTRANHOS DE NAZARÉ

O Egito era o eterno armazém de ideias espirituais ocultas e pagãs há muito proibidas na religião judaica, de tal modo que, segundo uma tradição primitiva, quando João Batista daí regressou carregado com uma missão profética oferecendo autodescoberta, o seu caminho era regularmente impedido pelas autoridades do templo na Judeia.

Após um período de isolamento no deserto para se descobrir a si mesmo, João voltou a uma vida de trabalho em Betesda e aconselhou novos candidatos a «prepararem-se para o Caminho». Os seus batismos rituais – uma componente inicial no caminho para a ressurreição em vida – ofereciam libertação a uma população há muito excluída do contacto com a gnose por um sistema religioso conservador. Para os responsáveis ortodoxos, o que João estava a fazer era nada menos que escandaloso; porém, para as massas, a mensagem dizia-lhes algo, porque a fé que ele professava não era nova, de facto. Consistia num regresso a uma prática proibida mais antiga.

Felizmente, a censura do sistema não foi bem-sucedida. Os seus seguidores tornaram-se nos mandeus, que, apesar da constante perseguição cristã, ainda sobrevivem nos dias de hoje como os *natzoraje* no Sul do Iraque, juntamente com o seu bem mais precioso, o *Livro de João*, o evangelho do seu preeminente mestre espiritual. Como vimos, o ritual mandeu incorporava a câmara nupcial, e uma ênfase particular na água corrente ou viva durante o batismo. Só se conhecem dois adeptos dos Mistérios que usaram esta técnica – um foi João Batista.

O outro foi Jesus. Para alguém que inspirou um movimento religioso centralizado, ainda que sem o seu consentimento, pouco se sabe sobre ele, e esse é incompreendido. Durante séculos, a Igreja tentou retratá-lo como o camponês itinerante do Mediterrâneo que veio de Nazaré; contudo, nem a cidade nem a sinagoga descritas nas escrituras cristãs existiam nessa época. Toda a região

parece ter sido um lugarejo contendo apenas uns quantos casebres e antigas casas em grutas.¹

Na verdade, Jesus foi muito mais do que isso. Os textos mandeus afirmam que ele rompeu com a escola de João Batista para formar a sua. Isto causou grande consternação entre a seita, porque acusaram Jesus de ensinar abertamente muitas das doutrinas secretas dos mandeus. No entanto, as suas ações e ensinamentos esotéricos denunciavam as suas verdadeiras raízes espirituais como não de um único credo, mas de vários, incluindo os métodos de iniciação da casa de Ísis e Osíris.² Jesus, tal como Osíris, chega a comparar-se à «brilhante Estrela da Manhã», referindo-se a Vénus.³

O que se sabe é que, nos seus últimos anos, Jesus pertenceu a uma irmandade gnóstica ligada tanto aos mandeus como aos essénios – os *nasurayi* (guardiães de ritos secretos e conhecimento); e a sua terra natal não era Nazaré, mas Cochaba.⁴ Os métodos únicos de iniciação de Jesus indicam que ele foi em tempos um mago do mais alto grau da iniciação mandeica, uma posição que portava o título de *nasoraiyi*, e os iniciados adotavam este título através de um rito de passagem realizado numa câmara nupcial, após o qual estavam oficialmente qualificados para administrar o mais secreto dos ritos: a ressurreição em vida.⁵

Na verdade, os magos persas consideravam Jesus a mais recente encarnação de Zoroastro, a quem viam como um profeta reencarnado que muda de nome, forma e aspeto ao longo do tempo na sua viagem para dominar os segredos da natureza. Jesus era tido como a décima terceira e última dessas encarnações.

Um verdadeiro Peixes, Jesus nasceu no dia 1 de março. A mera menção desta heresia fará decerto com que o seu nome seja cortado de todos os jantares organizados por cristãos dos dias de hoje. Mas os seus dias no purgatório social serão compensados pela alegria de saber que até a Igreja medieval conhecia este facto, e só no século IV foi atribuída a Jesus uma data de nascimento ligada ao solstício de inverno. Na altura, o motivo foi prático: querendo atrair os pagãos para esta nova religião, o imperador

Constantino – adorador de Mitra – pegou na celebração de Jesus e combinou-a com uma boa quantidade de tradições pagãs de deuses que se regeneravam por altura do solstício de inverno – Apolo, Dioniso, Adónis, Átis, Tamuz –, mas principalmente Mitra, um deus-homem cujo nascimento numa gruta foi presenciado por pastores, e que tomou uma última ceia antes de se submeter a uma morte ritual.



*Definitivamente a. C.: os deuses ressuscitados
Dioniso, Apolo, Adónis, Átis, Mitra, Tamuz.*

OSÍRIS E JESUS, SEPARADOS À NASCENÇA

Não esquecendo, é claro, Osíris, cujo corpo desmembrado é restaurado pela consorte, Ísis, para reemergir três dias depois do solstício de inverno como Hórus, a criança que se senta ao colo de Ísis – mais tarde transferida para a imagística cristã como o Deus-Menino Jesus sentado ao colo de Maria.



A Divina Virgem, nas suas muitas formas.

Completemos agora o círculo com o herói solar – o candidato que se sujeita a uma morte figurada é despertado para o Grande Mistério e regressa do Outro Mundo transfigurado como uma estrela brilhante. As seitas gnósticas criam sinceramente na ressurreição em vida como ferramenta de autodescoberta, e os iniciados que a dominavam eram descritos como os Grandes Iluminados. Fazendo-o, tomavam o seu lugar na linhagem de sacerdotes-reis da era neolítica, os faraós de Hórus e Reis-Sol – heróis verdadeiramente despertados, dignos do epíteto Filhos de Deus.

Na realidade, ser proclamado Filho de Deus é revelar o mais alto grau de iniciação. Na linguagem do templo, o neófito carregava o título «filho da mulher», seguido de «filho do homem», de onde se formava como iniciado da ciência cosmogónica para se tornar um «filho dos deuses», culminando na iluminação total, que vinha com o título «Filho de Deus».⁶

Um dos Filhos de Deus originais é Osíris, o herói que largou o seu apego material ao corpo, dominou o Outro Mundo, transfigurou a sua alma, ressuscitou como uma estrela brilhante e tornou-se um deus. Osíris é a verdadeira personificação do deus-homem. É o herói do seu ritual pessoal e, como regalia, também preside à entrada em Sekhet Aaru (campo de canas) , também conhecido como paraíso.



Osíris, guardião do portão de Sekhet Aaru, ou paraíso.

Sem surpresa, Osíris torna-se no modelo para subsequentes heróis solares, sendo um dos mais recentes Jesus Cristo, que agora sabemos não ser nome verdadeiro, mas um título simbólico grego, *Iēsous Christós*, significando essencialmente: «Eu sou um homem ungido espiritualizado pelo conhecimento de Deus.» É um título arquetípico para um iniciado nos Mistérios que aprendeu a transformar a sua natureza carnal em iluminação espiritual e experienciou de facto a mente de Deus de modo a compreender as leis da mecânica celestial.

Se lermos os evangelhos oficiais de mente aberta, os acontecimentos que rodeiam a morte e subsequente ressurreição de Jesus parecem demasiado duvidosos se levados à letra. A acumulação de provas recentes postula na sua esmagadora maioria uma visão alternativa: que ele se submeteu a uma morte *simbólica* seguida de uma ressurreição em vida.⁷ Até o Alcorão afirma isto categoricamente, e, como já sabemos, também os evangelhos gnósticos.⁸ Lendo com um olhar gnóstico, a história começa a fazer sentido. No processo que leva aos acontecimentos, tal como todos os deuses-reis, Jesus é ungido com o caro óleo de nardo por uma sacerdotisa consagrada ao templo – neste caso, Maria de Magdala⁹

– em preparação para a sua «sepultura» numa gruta, segundo as regras da cerimónia da câmara nupcial. Como Jesus afirma: «Ela ungiu antecipadamente o meu corpo para a sepultura.»¹⁰ É o herói solar que se prepara para uma morte ritual, e só mais tarde se erguer dos mortos, desempenhando sobretudo um ato de regicídio frequentemente representado ao longo da história, e à semelhança da representação do mistério de Osíris.

Há uma segunda ligação, linguística, entre o conceito de Jesus enquanto humano cristificado, o deus-homem Osíris e o planalto calcário de Gizé.

Quando se expressa a divindade na Terra em termos linguísticos, a letra G é muitas vezes usada como prefixo de um nome, como em Geb, Senhor da Terra, e Gaia, a Terra Mãe. Neste aspeto, o nome Gizé ou Gisa é bastante revelador, vindo, como vem, de uma das mais antigas expressões conhecidas de Ísis: Isa. Ao firmar o seu nome, o planalto de Gisa torna-se «a encarnação terrena de Ísis».

Curiosamente, em árabe, Jesus chama-se Isa.

Em egípcio moderno, Gizé também significa «proximidade», implicando que o que lá estiver colocado está próximo de Ísis. Como uma das suas estruturas artificiais é a Grande Pirâmide – também conhecida como Casa de Osíris –, é-nos dito que este templo icónico, e as suas câmaras interiores, é um local onde se realiza o casamento sagrado, onde um mortal viaja para o Outro Mundo enquanto solteiro, une-se à noiva e regressa um deus-homem. Poderia ser por isto que os antigos egípcios se referiam à Grande Pirâmide como «o local de ascensão»?

Pode argumentar-se, então, que Gizé é um lugar de transformação, onde um humano vivo ascende, se sujeita a uma transfiguração alquímica e se torna semelhante a um deus. O iniciado é espiritualizado e, tal como Jesus e tantos outros iniciados, ressuscita dos mortos.

Argumentou-se, até convincentemente, que o jovem Jesus passou muitos dos seus anos de formação na cidade egípcia de Alexandria. Se assim foi, isso explica a fonte de tantas das suas

ideias esotéricas,¹¹ para não falar no porquê de esse período da sua vida estar ausente da Bíblia oficial. O seu mestre, João Batista, observou uma vez, «o reino de Deus está perto»,¹² implicando que o céu está mais perto do mundo material do que muitas vezes somos levados a acreditar. Como a perspectiva xamânica, esta frase identifica o reino do Outro Mundo como estando a um sopro de distância do mundo desperto da percepção. Nas práticas iniciáticas dos nazoritas e dos essênios – a quem João Batista estava intimamente ligado –, tudo o que se exigia para vivenciar este reino era a capacidade de largar o estado desperto e entrar num devaneio subconsciente dentro de um ambiente adequado. E uma história que exemplifica uma destas interações com o Outro Mundo encontra-se na Escada de Jacob, no Antigo Testamento.

Jacob inicia uma viagem para Harã, e quando a noite se aproxima, faz de uma grande pedra uma almofada confortável e adormece. No seu sonho, vê uma longa escada, uma das pontas a tocar a Terra, a outra erguendo-se em direção ao Céu, com uma multidude de seres brilhantes a subir e a descer. Então, Jacob vê Deus, altura em que lhe é dito que um dia herdará a terra onde dorme. Quando Jacob acorda, descobre que esteve o tempo todo deitado num local sagrado: «Esta não é senão a casa de Deus, este é o portão do Céu.» Levanta-se, sacode o orvalho da noite e ergue a sua almofada de pedra na vertical, doravante chamada Betel, literalmente «a casa de Deus».



*Jacob sobe ao Outro Mundo graças a uma escada.
Quadro de Julius Schnorr von Carolsfeld, cerca de
1851.*



Um pequeno menir, Dol, França.

Esta parábola aparentemente inócua transmite uma abundância de informação a quem for versado na linguagem simbólica dos Mistérios. A pedra usada por Jacob como almofada e erguida na vertical é conhecida por toda a Europa como *betyl* ou *betilo*; nas terras celtas, chama-se *menhir*; na Índia, *Sivalingam*. E de todos

estes megálitos se diz que contêm ou alojam a energia de uma força natural ou divina. Também partilham outro aspeto: marcam a interseção de caminhos das vias telúricas energéticas da Terra,¹³ as mesmas forças capazes de induzir estados oníricos alterados.

Se a história de Jacob é historicamente fiel ou simples mito, torna-se irrelevante. O que importa é que transmite uma lição valiosa: que uma pessoa que interage de forma meditativa com um ponto quente de energia consegue experimentar o Outro Mundo, e onde esses locais especiais ocorrem à superfície da terra, são celebrados por uma pedra vertical, um túmulo de passagem, um templo, uma pirâmide, um dólmen ou uma estupa.

Também é significativo que a vila onde a história acontece, Harã, fosse o lar dos sabeus (de *saba'ia*, que significa «sábios ou povo das estrelas»), uma seita esotérica que se sabe ter-se dedicado a cerimónias de iniciação secretas, sendo uma delas uma peregrinação anual às pirâmides de Gizé, porque os sabeus alegavam que os edifícios os aproximavam das estrelas, um pouco à semelhança da viagem de Jacob ao Outro Mundo.

A HISTÓRIA REPETE-SE?

O que nos leva à homónima de Gizé, Gisors, uma vila no Norte de França que contém uma muito invulgar igreja dedicada a Saint-Gervais-Saint-Protais, cujo terreno foi consagrado em 1119, ano em que surgiram os cavaleiros templários – oficialmente, pelo menos.¹⁴ Acontece que a igreja está intimamente ligada aos cavaleiros, tal como um monte cónico contíguo, também ele local sagrado até ao tempo dos romanos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Luftwaffe bombardeou Gisors. Uma explosão perto da igreja abriu um buraco para uma cripta. Dedicada a Santa Catarina, padroeira dos templários, dizia-se que esta sala fizera parte dos rituais de câmara nupcial dos cavaleiros. Escavações nos anos 1960 mostraram uma passagem ligando esta sala subterrânea ao monte artificial ali perto e à sua própria câmara subterrânea, à qual, a certo ponto, se acedia por uma espécie de poço que parece concebido para não tirar água.

Quem criou este elaborado projeto de engenharia e porque é motivo de especulação? No entanto, é sabido que, desde o século XIV, se pensa que Gisors foi um dos repositórios do tesouro templário, parte do qual era temporal – por essa altura, tinham acumulado uma enorme riqueza financeira –, enquanto a outra era de natureza espiritual, um segredo relacionado com um ritual zelosamente guardado pelos cavaleiros.¹⁵



Monte e castelo templário, Gisors.

As provas mostram que os templários consistiam em dois grupos bem diferentes: uma irmandade geral que tomava conta dos assuntos temporais, e uma seleta irmandade interna que conduzia os seus assuntos mais como um colégio ministerial. Uma das funções desta última era a realização de um ritual de ressurreição dos mortos. Os cavaleiros que desejassem ser admitidos neste grupo seleta prestavam um juramento de secretismo que continha a frase: «Eu, que desejo entrar nas alegrias do Paraíso...»

Difícilmente o tipo de juramento que alguém faz para se tornar guerreiro!

Nisto, o ritual, a igreja e o monte em Gisors estão ligados. É possível que os candidatos fossem preparados para a iniciação na

cripta – uma de muitas descobertas sob locais templários¹⁶ – e depois conduzidos pela passagem de ligação até à câmara nupcial sob o monte sagrado, onde viajariam para o Outro Mundo antes de serem despertados para saudar o nascer do Sol no cume. Para quem tiver experimentado ambientes similares – a Pirâmide de Unas, por exemplo –, este formato processional é bem conhecido. Mas a grande pista de que isto acontecia em Gisors encontra-se no mais invulgar dos tímpanos sobre a entrada principal da igreja, pois retrata inequivocamente Jacob e a sua escada, como que identificando este local sagrado como um portal para o Outro Mundo.

Ao ouvir o nome Gisors, é impossível negar a semelhança audível com Gesu, uma ortografia original do título Jesus. De facto, as palavras *Gisors*, *Gesu*, *Jesus* e até *Osíris* estão relacionadas.

Gisors é uma corruptela do termo basco *geezer*: um homem que vem de longe disfarçado, cuja origem parece preceder o cristianismo.¹⁷ É pouco provável que a vila tivesse recebido o nome de um simples estranho que viajava de um lugar distante, mas uma pessoa exaltada que viajasse de e para outra dimensão, *isso* seria um evento digno de ser celebrado.

Geezer/Gesu/Jesu/Jesus traz uma longa pegada etimológica, histórica e geográfica. As suas variantes são *gaesa*, um juramento celta ou *taboo* (sagrado, proibido); *gusi*, o culto dos espíritos ancestrais seguido pelas tribos do Bornéu; *ge-ez*, o termo etíope para autoconhecimento; *aiza*, o guardião dos altares sagrados do Daomé, e por aí adiante. Estas qualidades espirituais tornaram-se então na fundação de títulos dados aos governantes representando o conceito do deus-homem ressuscitado. São disso exemplos Gesar de Ling, deus-salvador do Tibete de cerca de 2500 a. C., que desceu do Céu, dormiu numa gruta e devolveu a ordem ao mundo; Jizo, um Bodhisattva japonês de cerca de 1200 a. C., que construiu pirâmides, auxiliou outros no caminho para a iluminação, foi ressuscitado dos mortos e preside ao Templo de Ise; Geser Khan, Rei-Sol e herói épico da Mongólia; Esus, deus-homem expiatório da

Gália de cerca de 800 a. C., crucificado com um cordeiro ao lado e honrado pelos *canutissi* (seguidores de Ísis); Hu-Esus, deus celta nascido de uma virgem, príncipe do Outro Mundo; Iasius, jovem deus cretense que se deitou num campo com Deméter; Eshu, deus nigeriano que trouxe o conhecimento celestial; Iasar, o mesmo na antiga Fenícia; e, por fim (mas não exaustivamente), os títulos europeus para soberano exaltado – merecessem eles ou não o epíteto – *czar*, *kaiser* e *césar*.



Escada de Jacob no tímpano do portal da igreja de Gisors.

Portanto, Jesus, o deus-homem ressuscitado, não é apenas um, mas muitos, e com bem mais de dois mil anos. De facto, a história de uma criança divinamente concebida por uma virgem, muitas vezes filha de um carpinteiro, que é salva da morte na infância, retira-se por um período prescrito para um local isolado, submete-se a um grande sofrimento ou morte como ato de expiação, passa para o Outro Mundo durante três dias para se encontrar com espíritos desencarnados, enquanto o seu corpo físico permanece incorruptível, depois ressuscita, torna-se um exemplo de indivíduo aperfeiçoado que é deificado como um deus-homem mediador,

redentor, intercessor ou messias, é comum nas mais antigas religiões e tradições pagãs anteriores ao cristianismo.

O deus-homem salvador dos maias, Quezalcóatl, nasceu de uma mãe virgem, jejou quarenta dias numa montanha sagrada, expiou, montou um burro e foi purificado num templo com água e unguento com óleo. Depois, segundo o *Codex Borgianus* e o *Codex Vaticanus*, foi pregado numa cruz numa colina sagrada e atravessou para o Outro Mundo durante três dias antes de ressuscitar, após o que deteve o atributo de Estrela da Manhã.

Do mesmo modo, Krishna – que foi aceite como pessoa real, bem como um deus – nasceu numa gruta, foi salvo da morte na infância, ensinado numa floresta e regressou para ser pregado numa árvore em forma de cruz, e foi ressuscitado. Há trezentas e quarenta e seis analogias só entre a história de Cristo e a de Krishna.¹⁸ A história de Jesus torna-se ainda mais fascinante se olharmos para a origem desse outro mestre da ressurreição em vida, Osíris.

Osíris é, na verdade, a tradução grega do egípcio Asar. Quando Asar herda o reino terrestre, une-se ao pai celestial, Geb, pelo que o seu nome toma a forma firmada *Gasar* (príncipe da Terra). *Gasar* era também uma das ortografias iniciais de Gizé, sendo as outras *Gesa* e *Gesu*, uma das ortografias originais de Jesus.

Gizé representa a consumação do casamento sagrado entre *Gasar* e *Isa* – Osíris e Ísis – e o local onde os dois se tornam um é a câmara nupcial, também conhecida como a câmara do rei da Grande Pirâmide, esse vasto edifício e portal para o Outro Mundo.

Nada mau para um *geezer* vindo dos *nasoraiyi*.

Capítulo 11

DENTRO DA GRANDE PIRÂMIDE E RUMO AO OUTRO MUNDO

Naquele dia, revelou-se impossível conseguir acesso privado à Grande Pirâmide. Na melhor das hipóteses, partilharíamos as passagens claustrofóbicas com setenta e tal turistas demasiado excitados, os mais ínfimos sussurros amplificados pela acústica propositadamente concebida do edifício, o suor pela alta humidade do ambiente. Tudo parecia infrutífero. Ainda assim, perseverámos. Mal eram sete da manhã. Na altura, não sabíamos, mas estávamos prestes a viver algo anteriormente reservado aos iniciados nos Mistérios.

Seis de nós subiram a Grande Galeria até à câmara do rei; os blocos lisos e monolíticos de granito vermelho demonstrando a capacidade fluente do mundo antigo de trabalhar a mais dura rocha da Terra como se fosse massa. As duas mulheres do grupo sentiram-se subitamente desconfortáveis e saíram, levando consigo uma horda de turistas. No espaço de minutos, os três homens e eu tínhamos a câmara só para nós, um incrível golpe de sorte, considerando que, nos dias de hoje, só uma mala de *bakshish* pode comprar um momento de silêncio neste espantoso monumento. No entanto, ali estávamos nós, sozinhos e silenciosos como um túmulo.

Inesperadamente, as luzes apagaram-se. Fomos consumidos pela escuridão no núcleo da pirâmide. Dos quatro, Aaron e eu tínhamos mais experiência nos hábitos do espaço sagrado. Honrámos o espírito entoando em uníssono. Uma sensação sinuosa entre edifício e corpo dominou-me, e sons como nunca tinha produzido antes, nem desde então, saíram-me da garganta. À medida que os outros se juntavam, a acústica natural fez das nossas vozes uma melodia inebriante.



Olhando pela Grande Galeria, Grande Pirâmide, Gizé.

Foi neste ponto que a minha vida e a minha percepção dos templos mudaram para sempre. Emanando das paredes de granito saiu um grupo de pessoas altas, todas vestidas com uma espécie de seda branca, rodeando a câmara. Ainda me lembro de virar a cabeça a fim de olhar para todos eles (lembrem-se, estava totalmente às escuras), devem ter sido uns trinta. Curvaram a cabeça e eu curvei a minha. Parecia um reencontro com uma família há muito perdida, não queria que eles se fossem embora, a cabeça cheia de perguntas.

Não sei quanto tempo durou isto, não importava; estávamos num conclave com a magia.

Assim que parámos, duas lâmpadas fracas voltaram a brilhar. Olhei para os outros e, embora não se tivesse trocado palavra,

soube que também experimentaram algo profundo. Revezámo-nos a deitarmos-nos no sarcófago, dez minutos. Quando chegou a minha vez, preocupava-me que, sendo tão alto, não coubesse. Mas o granito, amaciado por ferramentas desconhecidas e séculos de visitantes, abraçou o meu corpo como uma almofada, o plano da cabeça até às solas dos pés exatamente do comprimento do recetáculo, os ombros da sua precisa largura. Lembro-me de fazer uma nota mental de que devia mandar fazer uma cama segundo estas especificações quando voltasse para casa.

Viajei para longe, visitando pessoas interessantes e ambientes extraordinários que nunca vira antes, mas pareceu-me tudo familiar. Em minutos, fora transportado para universos longínquos e recebera informações importantes. Fora-me dado um vislumbre do que ocorreu há eras na câmara nupcial, onde iniciados anónimos saborearam o Outro Mundo. Mas, por respeito à tradição e aos seus princípios, não posso revelar mais do que vivenciei.

O que seria possível em condições mais favoráveis?



A Casa de Osíris: na verdade, mais um arranha-céus.

Outras atividades na câmara foram interrompidas pelo som de uma voz árabe cheia de adrenalina vinda de algures lá em baixo. Provavelmente, tínhamos abusado da hospitalidade e decidimos

apressar-nos. A luz brilhante do deserto cegou a saída para o ar denso do Cairo. Aaron e eu trocámos olhares aturdidos, era óbvio que ambos queríamos dizer alguma coisa, por isso iniciei a conversa:

- Viste o que eu vi lá em cima?
 - Queres dizer os sacerdotes, num círculo, todos de branco?
- Não se podem fingir momentos como este.

Após o meu breve encontro com o Outro Mundo, cruzei-me com um relato pessoal de Paul Brunton, um jornalista do início do século xx que ficou descontente com o credo do mundo moderno e percorreu o globo, conhecendo filósofos, visitando locais sagrados e escrevendo copiosamente sobre as suas experiências. Foi enquanto, mais tarde, lia sobre as suas viagens ao Egito que tropecei na sua experiência pessoal na Grande Pirâmide.

Sabendo da intenção de Brunton de passar a noite no interior do templo, um amigo árabe local avisou-o: «Há um exército de fantasmas e *Genni* naquele território.»¹ Tradições de há séculos dos beduínos falam de luzes rodopiando regularmente em torno das pirâmides, que tomam por espíritos guardiães. Essas luzes rodam várias vezes antes de subirem ao vértice, onde se descarregam como uma chama. Imperturbável, Brunton procedeu como planeado. Em total isolamento dentro da câmara silenciosa e escura, sentiu primeiro inquietação e a sensação de estar cercado por entidades negativas – à semelhança das experiências clássicas descritas pelos iniciados –, mas, à medida que relaxava, a energia da câmara mudou ao ritmo dos seus sentimentos. A passagem seguinte do seu relato tirou-me o fôlego.

Tomei consciência de uma nova presença na câmara, de alguém amigável e benevolente que se erguia à entrada e olhava para mim com olhos bondosos. Com a sua chegada, a atmosfera mudou por completo... Aproximou-se do meu banco de pedra, e eu vi que era seguido por outra figura. Ambos pararam ao meu lado e fitaram-me com expressão grave,

cheias de sentido profético. Senti que um momento crucial da minha vida estava próximo.

Na minha visão, a aparição destes dois seres representou uma imagem inesquecível. As vestes brancas, os pés calçados com sandálias, o aspeto sábio, as figuras altas... Havia um ligeiro brilho à volta deles, que, de forma inquietante, iluminava parte da divisão. De facto, pareciam mais do que homens, tendo o porte ligeiro de semideuses.²

Brunton escreveu sobre a sua experiência na década de 1930, setenta anos antes da minha, mas as descrições são idênticas. Com mais tempo e silêncio para trabalhar, Brunton pôde conversar à vontade com esses espíritos, que lhe perguntaram: «Porque vens a este lugar, procurando evocar os poderes secretos? Não te chegam os caminhos mortais?» Brunton deixa claro que ouviu a voz dentro da sua cabeça, à semelhança do que poderia acontecer com um surdo. E está absolutamente correto: quem trabalha com forças subtis, como os clarividentes, sabe que a comunicação se ouve no interior, mas num tom diferente dos pensamentos. Voltemos ao fascinante diálogo que se seguiu. «Não chegam!», respondeu Paul. O sacerdote continuou: «A agitação de muitas multidões nas cidades conforta o coração trémulo do homem. Volta, mistura-te com os teus companheiros e, não tarda, esquecerás o leve capricho que te trouxe aqui... O caminho do Sonho levar-te-á para longe do rebanho da razão. Alguns seguiram-no e voltaram loucos. Regressa agora, enquanto há tempo, e segue o caminho destinado a pés mortais.»

Brunton não falhou um fôlego ao responder, tão certo estava do caminho escolhido: «Tenho de seguir este caminho. Não há outro para mim, agora.» Um dos sacerdotes curvou-se e disse-lhe ao ouvido: «Aquele que entra em contacto connosco perde a pertença com o mundo. És capaz de caminhar só?»

«Não sei.»

«Assim seja. Escolhete. Acata a tua decisão, pois agora não há volta atrás. Adeus.» Brunton foi então deixado sozinho com o

segundo sacerdote, «... os grandes senhores dos poderes secretos tomaram-te nas suas mãos. Esta noite, serás conduzido ao Salão da Aprendizagem».

Brunton recebeu ordens para se estender no sarcófago e foi-lhe dito que, nos dias de outrora, este estaria forrado com canas de papiro. Brunton escreveu que a experiência era difícil de explicar – como foi a minha, de facto. Descreve ter sido dominado por uma sensação como de um anestésico que lhe deixou os músculos tensos, como uma letargia paralisante. Após ultrapassar o choque do que estava a acontecer, a sua consciência partiu numa viagem bem pessoal.

Foi dito a Paul que lhe era permitido viver essa travessia para o Outro Mundo «porque és um homem versado nestas coisas, e vieste a nós trazendo boa vontade e compreensão no coração, alguma satisfação terás».

Ainda no sarcófago, é conduzido por corredores desconhecidos no interior da Grande Pirâmide e fica desorientado quando procura a porta para uma câmara que contém os registos secretos, após o que o sacerdote oferece conselhos sábios, cuja relevância é tão importante agora como era então: «Não importa se descobriste, ou não, a porta. Encontra a passagem secreta no interior da mente que te levará à câmara escondida dentro da tua alma, e terás encontrado algo deveras valioso. O mistério da Grande Pirâmide é o do teu próprio ser. As câmaras secretas e os registos antigos estão todos contidos na tua natureza. A lição da pirâmide é que o homem se deve virar para dentro, deve aventurar-se no centro desconhecido do seu ser a fim de descobrir a sua alma, mesmo quando tem de se aventurar nas profundezas desconhecidas deste templo para se deparar com o seu mais profundo segredo.»



A câmara do rei e o sarcófago: a derradeira câmara nupcial.

Paul Brunton experimentou uma pequena porção do Caminho, o mesmo seguido em tempos pelos iniciados, de onde emergiam «ressuscitados dos mortos».

Para Paul e para mim, a experiência em Gizé foi tão mais válida por nenhum de nós ali ter ido em busca de um encontro sobrenatural para, mais tarde, poder escrever sobre isso – entrar simplesmente num local sagrado e permitirmo-nos estar abertos à possibilidade, é aí que acontecem coisas fascinantes. É a ténue linha entre o racional e o místico, a morada que pintores, músicos e filósofos procuram. É o solo propício à inspiração.

Escusado será dizer que a experiência alterou a minha perceção do mundo, bem como o entendimento do porquê de os templos terem sido criados, o que podem fazer por nós, e *para* nós. Mas também desenvolveu em mim a capacidade de perceber níveis mais finos da realidade, de ser mais sensível ao fluxo da energia natural ao ponto de o conseguir ver, e – sempre que consigo ignorar as distrações do mundo moderno – ter um controlo melhorado do processo de manifestação. Longe de serem poderes sobrenaturais ou resultado de pensamentos ilusórios, estas são capacidades

emergentes com as quais todos nascemos antes de «bebermos das águas do esquecimento», para citar os gnósticos. É o potencial latente em tempos promovido por todas as seitas que ensinavam os métodos da ressurreição em vida e, mais importante, os locais sagrados onde ocorriam essas experiências e, na maioria dos casos, onde ainda ocorrem.

M.I.W: HOMENS DE BRANCO

Curioso por aprender mais sobre a natureza dos seres altos envoltos em vestes brancas dos quais irradiava uma luz extraordinária, virei-me para os *Textos da Construção*, de Edfu, que descrevem uma raça pré-histórica de seres meio humanos, meio divinos, os *aku shemsu Hor* (brilhantes, seguidores de Hórus), ou, como surgem noutros textos, observadores. Diz-se terem trazido as artes e as ciências civilizadoras para o Egito e outros locais, e governaram o Egito pré-dinástico antes de Menés, que é descrito como «o primeiro faraó de uma linhagem puramente humana».³

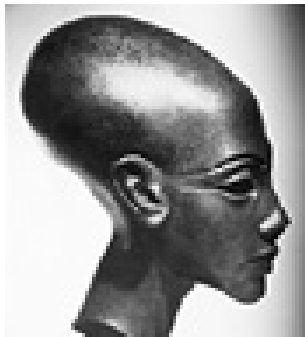
São retratados com cinco cúbitos de altura – aproximadamente quatro metros e meio –, com crânios alongados, mas elegantes, e envergando longas vestes brancas. A quarta secção do *Livro de Enoque*, intitulada «O Livro dos Sonhos», classifica-os como «homens de branco». Os egípcios associavam esta raça humanoide a Sirius, a estrela ligada à sabedoria antiga. O seu papel nos assuntos espirituais encontra-se por todo o mundo. No Levante, por exemplo, eram classificados como xamãs, enquanto em tribos nativo-americanas como os hopis e os *cherokees* são o Povo das Estrelas, mais uma vez associado a Sirius. Poderiam estas pessoas ser a inspiração original por trás das vestes brancas dos iniciados prestes a entrar na câmara nupcial?



Gigante fossilizado exumado do túmulo de um gigante, Irlanda.

O que aconteceu a estes professores dos Mistérios, mestres da sabedoria? A memória popular de toda a Bretanha, Irlanda, Oeste de Inglaterra, Gales e Escócia assevera que estes seres exaltados trouxeram o conhecimento das coisas secretas para as terras do Norte, e, através da sua orientação, milhares de templos, de Carnac a Callanais, foram erigidos. A mesma história está incorporada no material enoquiano, cuja forma oral mais antiga expressa uma memória tradicional de uma crise na evolução desta raça que aconteceu por volta de 9000 a. C., quando uma catástrofe sem paralelo se provou ter consumido grande parte da Terra.⁴ Nestas condições, uma raça acostumada a diferentes condições climáticas teria achado impossível sobreviver sem se reproduzir com uma espécie comparativamente imatura de modo a perpetuar o seu reduzido material genético. Explicaria isto a ascensão de dinastias de reis e rainhas divinos trazendo nas veias vestígios de uma linhagem em tempos puramente divina e, além disso, com uma anatomia distinta? Vemos vestígios disto nos esqueletos de pessoas indígenas de entre dois e três metros e meio de altura encontrados por todo o mundo,⁵ no humanoide de quatro metros completamente

fossilizado desenterrado de um túmulo de gigante no condado de Antrim, Irlanda,⁶ e nos crânios alongados do faraó egípcio Aménofis III, do seu filho Aquenáton, das suas filhas, e do seu filho Tutankamon.



Uma das filhas de Aquenáton, julga-se que seja Meritaton.

Se estes pressupostos estão corretos, a cópula física entre duas raças diferentes para criar uma linhagem semidivina teria envolvido um rito fálico capaz de elevar a biologia, fisiologia, psicologia, até o ADN da mulher humana cuidadosamente selecionada para se tornar na recetora. Este casamento sagrado ter-se-ia realizado numa câmara especial, um local privado e inacessível a quem fosse alheio aos Mistérios.

Este cenário especulativo pode muito bem explicar um problema recorrente para os arqueólogos e historiadores que tentam manter uma argumentação linear na ascensão do desenvolvimento humano: nomeadamente, como é que uma espécie subdesenvolvida, acabada de emergir do jugo dos neandertais, de repente e sem precedente, constrói pirâmides, linguagens simbólicas multifacetadas e plenamente desenvolvidas, possui pleno entendimento dos mecanismos da Terra e do seu ciclo de precessão (que exige, por si só, um período observacional de 25 620 anos), e gera civilizações inteiras da noite para o dia como se viessem pré-embaladas?



Iniciados tolai usando um chapéu com uma cobra esculpida enroscada numa vara. As máscaras brancas representam os espíritos observados durante as cerimónias de ressurreição, Nova Bretanha.

Capítulo 12

INICIAÇÃO EGÍPCIA

Escrevendo no século IV, o historiador romano Marcelino comenta a riqueza de conhecimento secreto armazenado na biblioteca de Alexandria: «Se alguém, na sinceridade do seu intelecto, desejar aplicar-se nos vários ramos do conhecimento divino, ou na análise da metafísica, descobrirá que o mundo inteiro deve este tipo de conhecimento ao Egito.»¹

Os Mistérios Egípcios originais eram um segredo bem guardado, raramente escrito e sobretudo memorizado pelos sacerdotes do templo. Contudo, apesar do seu firme entendimento das leis do universo, até a cultura egípcia caiu lenta, mas inexoravelmente, em declínio. Após a sua ressurreição por Alexandre, o *Grande*, a era ptolemaica que se seguiu assistiu à reconstrução de muitos templos deixados devolutos pelas hordas invasoras persas, e em conformidade com o seu estado original. Quando os estudiosos helenísticos acorreram a Alexandria, o conhecimento começou finalmente a ser passado a pergaminho ou parede de templo, traduzido e disponibilizado a um público mais vasto, sendo o único senão deste nobre plano a destruição indiscriminada do material por uma turba de fundamentalistas cristãos.

Durante séculos, a única fonte sobrevivente de informação sobre os rituais dos Mistérios Egípcios veio de Lúcio Apuleio, com base na sua experiência de iniciação do culto da ressurreição de Osíris, cujo ponto focal – ou pelo menos o templo de que é mais sinónimo – é o Osireion em Abidos. Lúcio escreve como passou por um período de observação no seio da comunidade interior do templo, levando a uma espécie de experiência monástica no sacerdócio. Os preparativos começavam com a purga das emoções mais baixas do corpo físico ou das vibrações mais baixas; o ascetismo era essencial ao longo dos ensinamentos, enquanto um jejum de dez dias preparava o corpo para a fase final. Ao pôr do Sol do décimo dia, o sacerdote conduzia os candidatos pela mão «ao local mais secreto e mais sagrado do templo interior». A partir deste ponto,

Lúcio manteve o seu voto de silêncio e não mais escreveu sobre o que viu. Contudo, dá uma pista: «Finalmente voltei, trazido por todos os elementos. Vi o Sol brilhar a altas horas da noite; vi os deuses infernais e celestiais. Aproximei-me e adorei-os.»²



O Osireion em Abidos, ponto focal do culto da ressurreição de Osíris.

Vários textos egípcios posteriores acrescentam alguns pormenores: como o sacerdote ou iniciado entrava num lugar especial do templo e imergia em *qed*, estado de meditação que preparava o caminho para o acesso individual ao Outro Mundo. Os sacerdotes esperavam que todos os indivíduos regressassem, embora por vezes aturdidos pelo que haviam visto, descrevendo-o como «uma morte voluntária e uma difícil recuperação da saúde».³

O LIVRO DOS NÃO-TÃO-MORTOS

O maior obstáculo ao entendimento da verdadeira natureza dos textos egípcios da ressurreição está na interpretação de historiadores vitorianos que trataram o material num enquadramento judaico-cristão. Por outras palavras, como ritos fúnebres literais, e não como deviam ser lidos, como alegorias. Com algumas notáveis

exceções,⁴ os intelectuais da época estavam em completa negação de que os primitivos egípcios pudessem ter entendido uma ciência mística que superava a dos europeus evoluídos, muito menos descrever experiências que ocorriam numa dimensão além da nossa. Esta interpretação funerária literal turvou, distorceu e retirou potencial ao verdadeiro entendimento da sensibilidade mística egípcia, e, no entanto, as suas obras mostram que eles se sujeitavam a transformações espirituais significativas, e que o faziam enquanto vivos. O xamanismo, afinal, precisa de ser vivido diretamente, em vez de filosoficamente racionalizado. É uma participação no plano interdimensional para lá dos sentidos conscientes. Assim o afirmavam os filósofos clássicos gregos e romanos, e há dois mil anos estavam bem mais próximos da verdade do que estamos hoje.

Chaeremon, sacerdote egípcio do século I que se esforçou bastante para tornar os conceitos abstratos egípcios compreensíveis pelos não egípcios, deu uma ideia do profundo conhecimento possuído pelos antigos sacerdotes que, através do «contacto constante com o conhecimento e inspiração divinos», perseguiram uma «vida de sabedoria... Os sacerdotes dedicavam a vida inteira ao pensamento e à contemplação de Deus... O fruto da sua contemplação era o conhecimento, e, através da contemplação e do conhecimento, atingiam um modo de vida simultaneamente esotérico e antiquado.»⁵ A julgar pelos títulos – Mestre dos Segredos do Céu, da Terra e do Amduat, e, ainda mais explicitamente, Mestre dos Segredos Relativos à Visão Única –, é certo que os altos oficiais do templo obtinham um entendimento direto e profundo das realidades espirituais. Um desses vizires foi Rekhmire, um homem conhecedor da mecânica da iniciação da ressurreição, de quem se dizia: «Não há nada na Terra, no Céu nem em qualquer parte do Amduat de que ele não tenha conhecimento.»⁶

Para os egípcios, o Amduat – o Outro Mundo – é parte integrante do nascimento, da morte e do renascimento, é a fonte de energia e

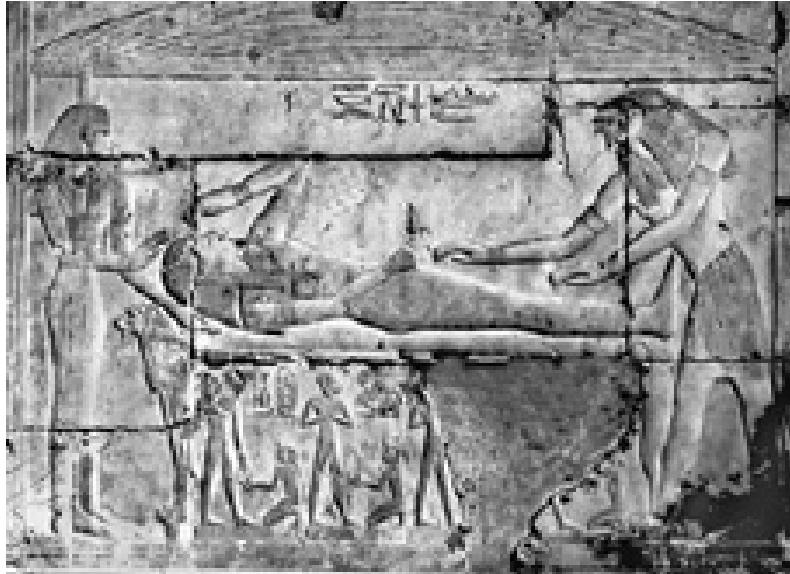
uma biblioteca de referência astral. E, porque era visto como a fonte da matéria, o ser humano encarnado não se considerava verdadeiramente vivo; mas o oposto, enquanto a alma está perpetuamente viva e vive no eterno. Os iniciados até tinham este credo gravado nos túmulos quando, por fim, morriam fisicamente: «Uma vida inteira neste mundo é apenas uma bagatela, e a eternidade jaz no reino dos mortos.»⁷

Segundo as crenças egípcias, o propósito do Amduat é despertar «o grande humano interior», reunindo a alma com o seu propósito latente durante o seu aprisionamento num corpo físico. O mesmo entendimento dos mecanismos da alma é ensinado numa obra taoísta chinesa, *O Segredo da Flor Dourada*, que assevera que o contacto com múltiplos locais sagrados «desperta o Grande Homem dentro de nós».

Se os pensadores académicos independentes não tivessem feito tudo para questionar a interpretação literal do misticismo egípcio,⁸ hoje, nada saberíamos sobre um dos seus maiores segredos – que as práticas de ressurreição dos egípcios não se destinavam especificamente aos mortos. *O Livro do que Jaz no Amduat*, escrito nas paredes do túmulo de Ramsés IV (cerca de 1155 a. C.), apresenta uma descrição lúcida da viagem noturna da alma do material ao etéreo e de volta, prova de que alguém chegou a esta terra do paraíso e regressou para contar a história. Além disso, recomenda: «É bom para os mortos ter este conhecimento, mas também para uma pessoa na Terra.» O texto conclui com uma promessa surpreendente: «Quem entender estas imagens misteriosas é um bem dotado ser de luz. Essa pessoa pode sempre entrar e sair do submundo. Falando sempre aos vivos. Provado como verdade um milhão de vezes.»⁹

No seu cerne jaz uma representação simbólica da transformação e renovação do indivíduo após uma morte figurada, mas não literal. Descreve as qualidades regenerativas do mundo noturno, onde são fornecidas as respostas às questões humanas básicas. Em termos simbólicos, se alguém é capaz de traçar o mesmo caminho que o

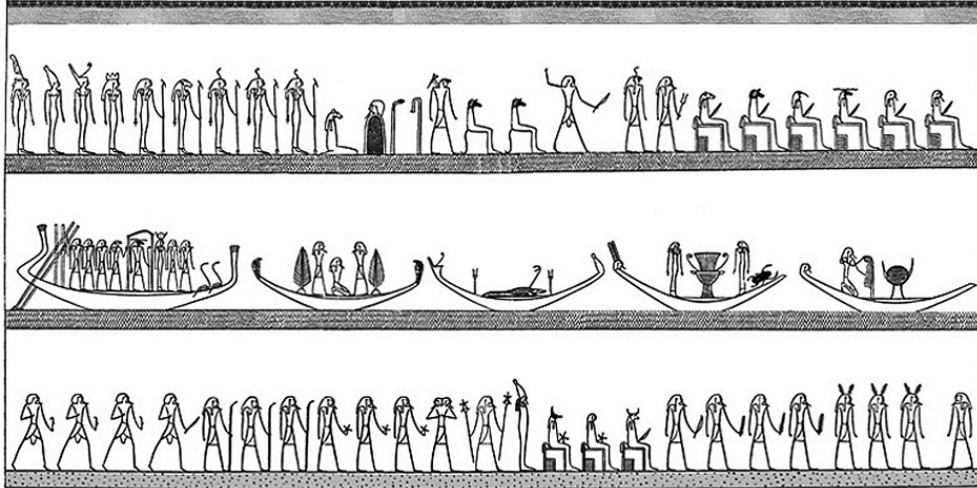
Deus Sol na sua viagem pelo Outro Mundo, ele ou ela aprenderá sobre as forças que moldam o mundo causal, ganhando assim conhecimento do ciclo da vida e da sua eterna renovação.



O faraó deitado no seu féretro, presidido por Ísis e Seker. De braço erguido, está claramente vivo e a apontar para a frente, o lugar simbólico do olho que tudo vê. Abidos.

Cerca de 1470 a. C., o texto original, *Tratado da Câmara Oculta*, surge ao longo das passagens e câmaras do estranho túmulo de Tutmósis III, descrevendo ao pormenor experiências místicas dos vivos que se assemelham às que se sofre na morte.¹⁰ O túmulo é estranho porque a múmia do rei não foi encontrada lá dentro, mas do outro lado da montanha, em Deir-el-Bahri – ironicamente, no mesmo túmulo que Seqnenre Taa, o faraó a quem a origem do ritual de ressurreição da Maçonaria é atribuída.¹¹ Além disso, o estilo gráfico do texto contrasta com outros no Vale dos Reis; a câmara que contém o sarcófago de quartzito vermelho está voltada a nordeste, o alinhamento tradicional associado à aquisição de sabedoria antiga; e há um poço dentro de um túmulo supostamente destinado a dar água de beber a um morto. Estamos portanto abertos a considerar a probabilidade de que a função *original* desta câmara fosse para internamento temporário, em vez de permanente.

O nome Tutmósis significa «Djehuti nasceu». Djehuti, o deus da sabedoria, é uma das duas figuras com lugar proeminente nos textos da ressurreição, e de quem se disse que «conhecia os segredos da noite» e podia apresentá-los aos vivos através do uso das técnicas corretas para que pudessem visitar o Amduat e regressar.¹² As suas doutrinas descrevem como «o ser humano pode estabelecer-se no alto sem nunca deixar a Terra».¹³



Uma secção do texto no túmulo de Tutmósis III.

Vale bem a pena frisar um aspeto adicional acerca de Djehuti, cujo nome foi mais tarde transliterado pelos gregos como Tot. Os primeiros egípcios não o consideravam um mero deus em forma espiritual, mas um verdadeiro homem que atingiu o estatuto divino através de revelações obtidas da sua interação com uma fonte divina, recebendo o estatuto imortal pela autopurificação, mas escolhendo ficar entre as gentes para lhes revelar o conhecimento que adquiriu ao aceder ao Outro Mundo.¹⁴ Mesmo na sua encarnação posterior como Hermes Trismegisto, no século XVIII, ainda era referido nos círculos filosóficos como tendo sido uma pessoa real.

Djehuti foi associado ao número 8, que representa os quatro elementos materiais em equilíbrio com os quatro mutáveis. É um ser equilibrado, aquele que harmonizou o masculino com o feminino, o físico com o espiritual e se tornou «único», para citar Jesus; a sua morada e templo físico era a cidade de Khmun, literalmente Oitava

Cidade. Dado que é Djehuti quem dá conselhos sobre a ressurreição em vida, vale a pena salientar um paralelismo fascinante com Jesus, o deus-homem. Na arte da *gematria* – uma cifra que atribui valores numéricos a letras e palavras –, enquanto Tot, o seu nome tem um valor de 88, tal como o de Jesus é 888.¹⁵

A outra figura que vem presidir à entrada no Amduat é Osíris, e numa capela exclusivamente dedicada a ele no templo de Abidos, há textos que descrevem como a alma sobe aos Céus para se tornar um *akh*, um ser de luz; a essas instruções foi dado o título de *transfigurações*. O candidato – neste caso, o faraó Seti I – é visto a ser conduzido por Osíris para emergir no fim da cerimónia com o seu corpo espiritualizado na forma de Hórus.

Contígua a este templo à superfície encontra-se uma das mais formidáveis câmaras subterrâneas alguma vez construídas, o Osireion, um templo feito de ciclópicos blocos retangulares de granito vermelho e, a julgar pela acumulação de lama fora das suas paredes, tido como de há pelo menos doze mil anos. O nome fala por si, é a Casa de Osíris, o local onde o deus-homem foi morto por Set para se manifestar de novo como o deus-falcão Sokar, deixando poucas dúvidas de que a representação dos mistérios do nascimento e renascimento deste deus-homem era ensinada e conduzida aqui. O seu átrio central inclui uma piscina com degraus dos dois lados e era talvez utilizada para batismos rituais.

Mas, de novo, não há sinais de inumação. A múmia e o túmulo de Seti I foram encontrados muito abaixo do Vale dos Reis, a cinquenta e duas milhas³, um número quase idêntico ao ângulo de inclinação da outra Casa de Osíris, a Grande Pirâmide.

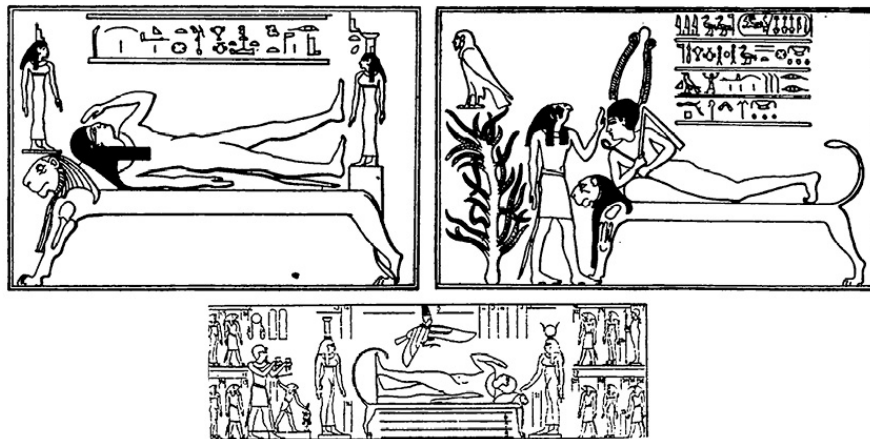
Praticamente equidistante e seguindo na mesma direção, jaz outra capela dedicada a Osíris, em Edfu, onde uma porta leva a uma passagem dentro da parede oca e desce para duas câmaras subterrâneas adornadas com hieróglifos de natureza instrutiva.

Os preparativos nestes templos para a viagem de um iniciado ao Outro Mundo eram complexos e demorados, sugerindo que os praticantes estavam bem cientes dos perigos inerentes às viagens

fora-do-corpo. No templo de Dendera, uma porta secreta no chão leva a um buraco que só um contorcionista pode apreciar. Depois da entrada difícil, duas passagens claustrofóbicas conduzem cada uma a respectivas câmaras estreitas, oficialmente descritas como salas de armazenamento de objetos religiosos, então, o motivo para as paredes estarem cobertas de invulgares e elaboradas cenas rituais é no mínimo ilógico. No entanto, as salas adequam-se a uma pessoa que se sujeita à incubação, com os murais que presidem mostrando relevos únicos do que parece ser uma cerimônia de renascimento incluindo flores de lótus – a planta consistentemente associada à iluminação espiritual – cheios de serpentes e feitos à semelhança do que só pode ser descrito como enormes lâmpadas incandescentes. A cena é sem dúvida sugestiva de um ritual de regeneração na sua forma mais simbólica.



Mural dentro da câmara oculta, Dendera.



Murais de Luxor e Dendera. Em baixo: faraó animado no seu féretro, o seu espírito flutua como um pássaro, enquanto um assistente aguarda com uma libação. Em cima à esquerda: faraó num estado de movimento presidido por Ísis e a sua irmã Néftis, Senhora do Recinto do Templo, uma sacerdotisa que supervisionava rituais privados. Em cima, à direita: o faraó vivo ergue-se como Osíris. Porque precisaria um morto de um refresco? Em cada caso, o faraó é retratado de um modo inconsistente com o de um morto.

Quando os candidatos reemergiam ao amanhecer, faziam-no como adeptos, ressuscitados dos mortos a tempo de saudar Sirius, e olhando o mundo com olhos muito diferentes. Como sempre, o que os iniciados tinham visto não era partilhado, mantinham a boca fechada relativamente à informação recebida e, para que não se esquecessem, uma bondosa injunção gravada numa parede em Edfu recordava-os: «Não reveles o que viste nos Mistérios do templo.»

OSÍRIS NO ORIENTE

As tradições egípcias de ressurreição em vida refletem-se na Índia e no Oriente. «Deus vive em cada um, mas poucos sabem como encontrá-lo. E este é o Caminho para a salvação», diz Krishna no *Bhagavad Gita*, um diálogo narrativo hindu entre este deus criador e o príncipe Arjuna. No mesmo fôlego, Krishna aconselha sobre um grande segredo do puro Mistério: «Para atingir a perfeição, é necessário obter conhecimento da unidade, que está acima da sabedoria.» Com estas palavras de aconselhamento, Krishna deixa escapar o segredo e revela ser um iniciado familiarizado com os Mistérios do Outro Mundo. Mas há mais nesta história do que salta à vista. Para começar, o *Gita* é um auto de moralidade na melhor tradição gnóstica: Krishna é o cocheiro do príncipe, por isso a implicação é que Arjuna pertence a esse grupo seletivo de buscadores espirituais que seguem o Caminho do Carro.

As culturas hindu, budista e jainista não têm falta de templos sofisticados e câmaras ocultas onde se pode buscar o Caminho. Também desenvolveram técnicas físicas de ioga para ajudar os candidatos a elevar a sua energia corpórea ou *shakti* de maneira a entrarem num estado de bem-aventurança e penetrarem no Outro Mundo de forma autocontrolada. Os antigos *rishi* e *yogi* da Índia descobriram que, ao controlar e revolver continuamente a energia para cima e para baixo entre a coluna e o cérebro, é possível acelerar o estado de consciência.

Um desses métodos é o *kriya*, cuja origem pertence ao passado remoto. Krishna exalta as suas virtudes no *Bhagavad Gita*, o sábio Patanjali fala dele nos *Ioga Sutras*. Passa depois à clandestinidade durante séculos até ser reintroduzido no século XIX e, como com tantas outras práticas sagradas, só estava disponível para uns poucos fiéis após um período de preparação que durava um ano, e então apenas para os que levassem uma vida ascética.

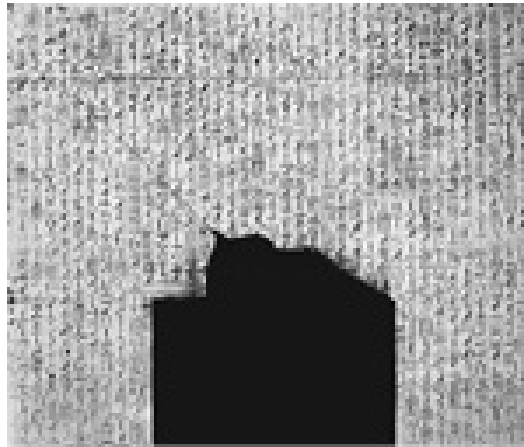
Tal como o Caminho, diz-se que as técnicas avançadas da ciência sagrada do *kriya yoga* libertam a alma do mundo físico rumo a uma percepção da Fonte, com a diferença de que, ao usar o próprio corpo, a pessoa se transforma na câmara nupcial, torna-se a sua gruta sagrada privada. Muita desta filosofia inseria-se no *kundalini* (derivado de *Maha Kundali*, Mãe do Espaço e do Tempo), com o objetivo de atingir uma transformação holotrópica da consciência.

Nas condições corretas, elevar a energia elétrica natural do corpo anda de mãos dadas com o poder sobrenatural e a graça espiritual, e são estas qualidades que transformam uma pessoa comum num mágico extraordinário, no sentido original da palavra – um *magos*, alguém que aprende a dominar as leis da natureza.

Esta tecnologia espiritual existe no contexto do *Evangelho de João*, tão querido dos mandeus, tal como está exposta nas paredes dos templos do Egito. Ambientes iniciáticos como Abidos mostram, mural após mural, instrumentos a ser acoplados ao longo da coluna e do terceiro olho do faraó, física e simbolicamente, com diferenças notórias na postura de rei. Quando em pé, é retratado como em

movimento, e quando deitado como um cadáver, é animado com o seu braço e perna erguidos, demonstrando que o faraó não está morto, mas a receber ensinamentos em vida. Está a ser preparado para uma viagem e espera-se que regresse.

E a descrição dessa viagem encontra-se na mais completa das obras antigas, os *Textos das Pirâmides*.



Os Textos das Pirâmides, Saqqara.

[3](#) Cerca de oitenta e quatro quilómetros. (N. da T.)

Capítulo 13

COMO VIAJAR PARA O OUTRO MUNDO E VOLTAR VIVO, OU OS TEXTOS DAS PIRÂMIDES

Nove pirâmides trespassam o céu em Saqqara, um extenso complexo de templos cerimoniais que recebeu o seu nome de Seker, o deus-falcão do renascimento.

O nome surge de *sy-k-ri* (corre para mim),¹ o grito proferido por Ísis a Osíris enquanto ele vagueia pelas trevas em direção ao Outro Mundo, procurando unir-se à sua noiva e tornar-se um de novo – ação estranhamente similar ao *lamento* da deusa celta Brígida.

Estes fatores bastam para identificar Saqqara como local onde se vai para experimentar a ressurreição. De facto, é em Saqqara que se encontram as primeiras obras sobreviventes da literatura sagrada, proporcionando uma janela única para uma experiência ritual que liga um vivo ao Outro Mundo.

Os Textos das Pirâmides contêm as mais vívidas e detalhadas instruções do Amduat, salões e divisões, como lá chegar, como superar forças negativas no início, o que esperar encontrar a cada hora e o uso correto dos feitiços e encantamentos essenciais para que a alma mantenha a concentração durante toda a peregrinação. São um protótipo escrito dos ensinamentos dos Mistérios e possivelmente a primeira vez que um tal ritual foi transmitido de forma visual e não através da oralidade. A sua influência ressoa por todas as escolas dos Mistérios. Mas, acima de tudo, os *Textos das Pirâmides* sugerem claramente terem sido concebidos como um ritual em que se esperava que o iniciado regressasse ao corpo vivo.

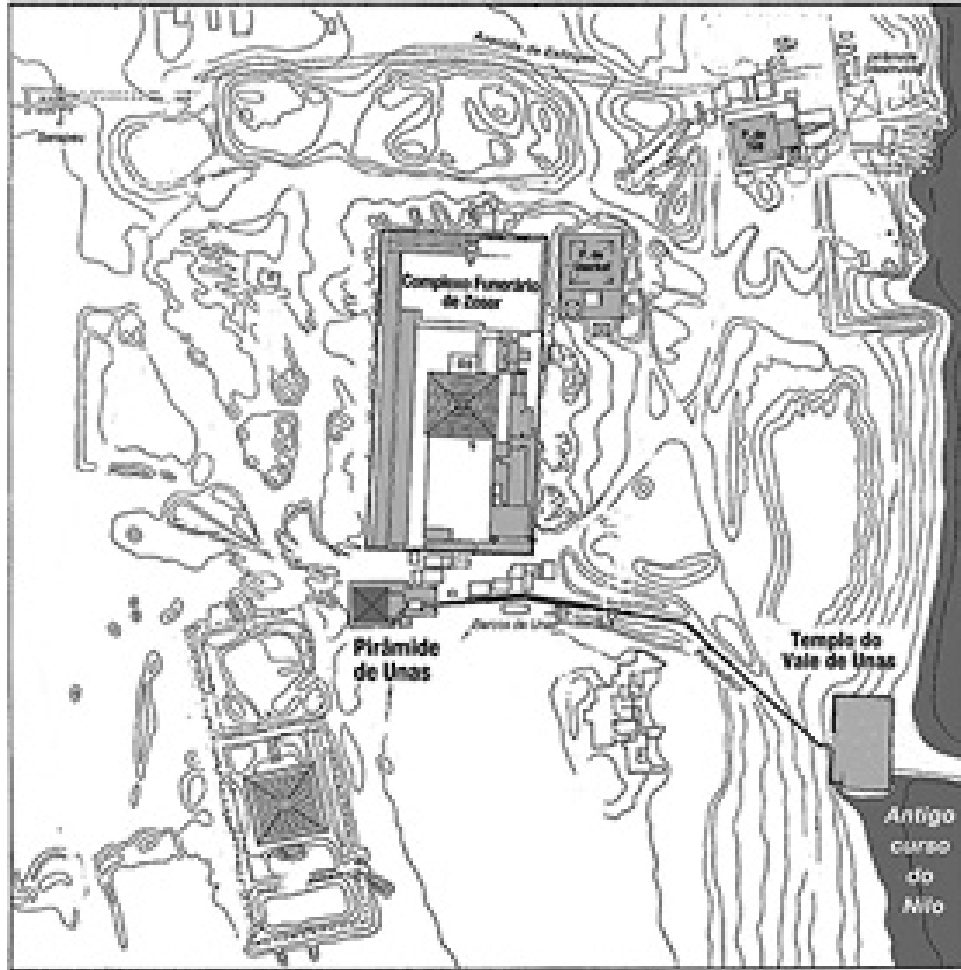
Do chão ao teto, os textos cobrem as câmaras subterrâneas mais profundas da pirâmide de Unas, de cerca de 2350 a. C., elevando as probabilidades de ser esta a primeira versão, e provavelmente a que foi copiada para as paredes da câmara de Tutmósis III quase mil anos mais tarde. E, tal como a de Tutmósis, esta necrópole contém um sarcófago, mas sem indícios de que Unas alguma vez lá tivesse estado enterrado.



Seker. Como protetor das câmaras especiais, parte do seu dever era supervisionar a correta passagem para o Outro Mundo.

Originalmente, acedia-se de barco à pirâmide de Unas. O candidato era transportado da margem leste do Nilo e desembarcado a oeste, num pequeno templo no vale. Depois, prosseguia por um longo passadiço coberto que conduzia ao templo subterrâneo, cercado por um muro de fronteira contendo a pirâmide propriamente dita. Assim, a partir do momento em que o candidato punha pé em terra firme, estava isolado da luz solar do mundo exterior para se concentrar unicamente na peregrinação para oeste, seguindo o caminho do sol-poente até ao Outro Mundo.

Hoje, o que é estranho, ao entrar nesta pirâmide, é que os primeiros textos que se encontram devem ser lidos da direita para a esquerda, demonstrando que o que se toma pela entrada da câmara principal é, na verdade, a saída. Originalmente, o iniciado teria entrado abaixo do solo, residido no ventre e ressurgido ressuscitado no topo de uma colina artificial.



Parte do complexo de Saqqara, com a pirâmide de Unas e o seu templo no vale.

Porque tudo no mundo da concepção de templos era feito segundo a Lei da Correspondência, até o enorme sarcófago de granito negro de Unas jaz propositadamente na secção ocidental do complexo. O granito era o material de eleição para os sarcófagos nas pirâmides por uma série de razões. É uma rocha vulcânica que emana das profundezas da Terra em fusão, pelo que é fácil imitar a imersão da alma no vazio, mudando de um estado líquido para a forma sólida ao reentrar no corpo físico após uma transfiguração. Não é por acaso que a palavra egípcia para granito, *match*, tem em *mat* (imaginar, descobrir, conceber) o seu derivado fonético.² No caso do sarcófago de Unas, a escolha do negro tem um significado adicional, na medida em que era a cor associada às trevas do vazio primordial onde todo o conhecimento reside, e é através do contacto

com este conhecimento que se vem a ser espiritualmente ressuscitado.³ Este conceito gnóstico é a razão por trás das estátuas de uma Virgem Negra descobertas em grutas por toda a Europa.



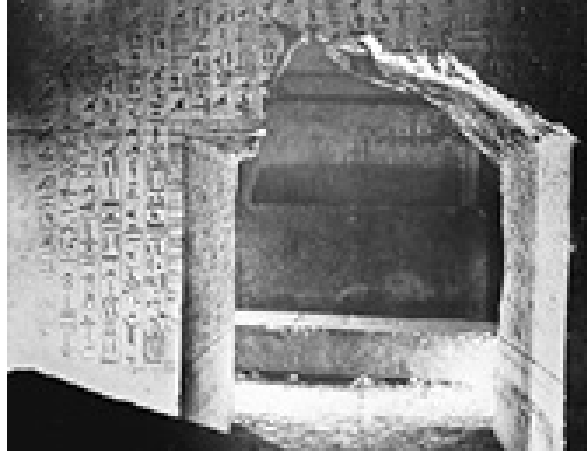
A Pirâmide de Unas no século XIX, Saqqara.



Ísis, faraó e pilar Djed.

Longe de serem meras crenças funerárias, os *Textos das Pirâmides* que rodeiam o sarcófago representam uma série de experiências místicas vividas pelo faraó – o mediador entre os mundos material e etéreo – semelhantes às descritas no xamanismo, tais como a ascensão da alma, encontros com deuses e o renascimento espiritual do indivíduo. O tema invulgar que define os *Textos das Pirâmides* como uma instrução destinada a um vivo que se sujeita a uma morte figurativa em vez de literal está abrangido no *Enunciado 213*, o texto mais próximo do sarcófago: «Ó Unas, tu não partiste morto, partiste vivo para te sentares no trono de Osíris, o teu cetro *aba* na mão para que possas dar ordens aos vivos, o teu cetro de botão de lótus na mão para que possas dar ordens àqueles cujos lugares estão escondidos.» A mensagem é clara: o faraó subiu bem vivo ao Amduat e, ao seguir os passos de Osíris, é agora capaz de comunicar de igual modo com os vivos e com os desencarnados. Como Jacob no seu sonho xamânico, o faraó é auxiliado na subida por meio de uma escada, no seu caso, o pilar Djed, símbolo da espinha dorsal do universo.

Uma segunda pista de que os *Textos das Pirâmides* eram usados especificamente como ferramenta para os vivos está no facto de o faraó adotar a forma de Hórus. Descreve-se repetidamente como «Hórus, o herdeiro de meu pai. Sou aquele que foi e voltou», e é como Hórus que «descansa na vida no Ocidente [o Amduat]... e brilha de novo a Oriente».⁴ Este é um desvio radical da pronúncia funerária padrão que acompanha um faraó morto, que normalmente parte para o Outro Mundo como Osíris e lá fica. É o seu *sucessor* que adota a forma do ressuscitado Hórus, o filho de Osíris que, em forma humana, representa o espírito humano renascido.⁵



Sarcófago vazio de Unas rodeado pelos Textos das Pirâmides.

Para enfatizar este ponto, na parede sul da câmara do sarcófago vê-se a descrição de uma experiência mística, na qual o espírito de Unas, enquanto imita o caminho tomado pelo deus da ressurreição, sofre uma purificação espiritual e renascimento, ao som repetido em coro de «Unas não está morto, Unas não está morto, Unas não está morto», seguido do regresso do seu espírito ao corpo vivo.⁶ Nenhum outro enunciado dos *Textos das Pirâmides* resume tão bem o tema central comum a todas as tradições dos Mistérios: que a alma é capaz de se separar temporariamente do corpo físico vivo, viajando independentemente para o mundo espiritual e regressando. Forma o princípio central do gnosticismo. É uma experiência concebida para os vivos, e não para ser deixada por descobrir até ao momento em que se solta o último suspiro na Terra.



Câmara de Unas coberta com os Textos das Pirâmides.

O objetivo dos *Textos das Pirâmides* era expor a alma dos vivos ao Outro Mundo, para ser recebida por Ísis no seu papel celestial de Sophis – a representação da sabedoria e do divino feminino – e regressar ao corpo com o conhecimento da mecânica celestial, aplicá-lo a um nível prático e permitir que o divino fluísse pelo eu consciente enquanto desempenhava os deveres terrenos.



O uréu na frente do faraó.

Os faraós que receberam a iniciação estão identificados pelas efígies da serpente e do abutre colocados sobre a frente, no lugar do terceiro olho. A posição da serpente levantada junto à glândula pineal representa o faraó espiritualizado, que aprendeu os segredos da viagem interior. Também demonstra que aprendeu a dominar as forças telúricas da Terra (representadas pela cobra), através das quais é capaz de se erguer acima dos impulsos da carne (representados pelo abutre) – o aspeto transcendido do humano materialista, a necessidade física controlada e espiritualizada. Em muitos aspetos, é um conceito semelhante ao círculo vermelho ocre que os hindus praticantes pintam na testa.



Porta ka.

Em Saqqara, há outro tema recorrente associado aos Mistérios secretos, o dos membros da casa do faraó Teti I que eram agraciados com a adesão a tão privilegiado círculo interno. Existe uma inscrição numa porta *ka* (porta falsa através da qual a alma flui) que descreve a surpresa de um desses indivíduos ao ser aceite para «dominar as coisas secretas do rei». Teti construiu a sua pirâmide ao lado da de Unas e contém parte dos *Textos das Pirâmides* desta. O servo humilde continua: «Hoje, na presença do filho de Rá, Teti... mais honrado pelo rei que qualquer servo, como mestre das coisas secretas de toda a obra que sua majestade deseje feita... Quando sua majestade me favoreceu, sua majestade fez com que eu entrasse na câmara de acesso restrito.»⁷

No fim da experiência ritual, esta pessoa agradecida proclama alegremente: «Encontrei o Caminho.»

Capítulo 14

O FARAÓ DEIXOU O EDIFÍCIO

Quando a pirâmide em degraus de Sekhemkhet foi escavada, a sua entrada e as salas internas ainda estavam seladas. Dentro da câmara interior havia um sarcófago de alabastro da mais delicada execução. Também ele foi encontrado selado e, quando aberto, descobriu-se não conter nada além de ar. Nenhuma sepultura. Apenas fibras de lótus-azul jaziam em cima do sarcófago; a mesma situação ocorreu na pirâmide de Zawiyet el-Aryan.

Duas pirâmides do Reino Antigo, não saqueadas, com sarcófagos selados, mas nenhum corpo lá dentro – prova clara de que nem todos os edifícios funerários eram concebidos como locais de repouso final; serviam outro propósito, possivelmente simbólico ou ritual.

A pirâmide de Sekhemkhet fica adjacente à de Unas em Saqqara, e ambas estão sob o olhar da imponente pirâmide em degraus de Djoser, sem dúvida a mais bem preservada das estruturas, cujo extenso pátio foi em tempos palco de um festival Sed de cinco dias, normalmente realizado durante o décimo terceiro ano de reinado do faraó e logo após os ritos anuais de Osíris. O festival fornece outra pista que fortalece a teoria de que o complexo de Saqqara, junto com os seus *Textos das Pirâmides*, esteve em tempos intimamente associado ao ritual da ressurreição em vida.

Durante o festival, o faraó submetia-se a um duplo rito de passagem. Na primeira parte, pública, a sua realeza era renovada, faziam-se oferendas, visitavam-se deuses nos seus santuários e administravam-se ritos de purificação, seguidos por uma coroação ritual, após o que o faraó ingeria uma refeição especialmente preparada.



Pirâmide em degraus de Djoser, Saqqara.

A segunda parte é completamente diferente. Era conduzida longe da vista e envolvia a aplicação de ritos secretos para assegurar o renascimento do faraó. Este entrava numa sala especial carregando o estandarte de Wepwawet – o deus chacal cujo título, Abridor dos Caminhos, é bastante sugestivo da sua função. Juntava-se-lhe um sacerdote *sem* que conduzia os ritos fúnebres. Dois outros sacerdotes entravam também na câmara: um era o Abridor da Boca, enquanto o outro trazia uma veste branca a ser usada pelo faraó, simbolizando a união de Hórus e Osíris.¹

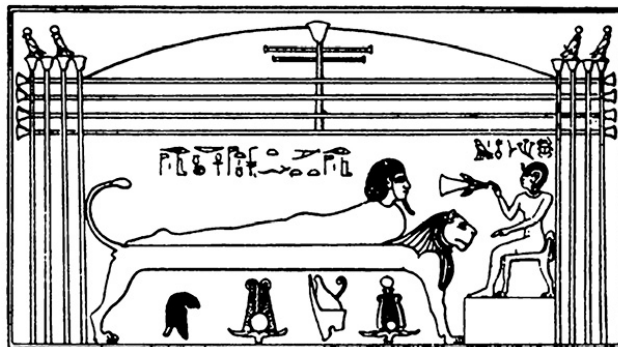
Todos estes preparativos para o embarque do faraó para o além são muito estranhos, tendo em conta que ele está de perfeita saúde e no auge do seu poder.



Seker segura o cetro do chacal; Seshat, deusa dos edifícios sagrados, aguarda.

Segue-se outro ritual, desta vez dentro do «túmulo», para o qual foi encomendado um sarcófago especial.² Relevos pintados na câmara mostram o faraó, não deitado e morto, mas de pé e interagindo com os deuses de modo jovial. Parece que o faraó – descrito como «repousando no santuário» – passa por uma preparação para imergir temporariamente no Outro Mundo a fim de ser espiritualmente renovado. De facto, ele volta ao seu corpo vivo para retomar os deveres terrenos até ao dia da morte física.

Um sarcófago especial e elaboradamente esculpido foi também encomendado para o festival Sed de Mentuhotep IV, um faraó que continuou a viver bem depois do acontecimento, tornando o sarcófago redundante enquanto instrumento funerário.



*Faraó deitado de bruços e a quem foi dado o
alucinogénio lótus-azul.*

Relevos do festival Sed do faraó Niuserré representam-no a beber uma libação e deitado numa cama dentro de uma câmara nupcial. A mesma cena surge repetida em Dendera e Abidos – dois templos intimamente associados ao mito da ressurreição de Osíris –, onde o faraó é mostrado deitado numa cama num estado muito animado, de braço erguido, às vezes de bruços, mas incontestavelmente vivo.

A veste branca ritual usada pelo faraó no festival Sed sobreviveria dois mil anos, para voltar a surgir como a túnica branca utilizada pelos essénios e por aqueles que desejassem ser instruídos nos Mistérios secretos por Jesus. Como em tantas parábolas, os candidatos em torno da vida de Jesus tendem a chegar de noite para serem iniciados – como o influente fariseu Nicodemos, que vai ver Jesus para renascer. Obviamente que pessoas vivas e de boa saúde não vão à procura de renascimento, pelo que as histórias precisam de ser interpretadas com um olhar metafórico. Por exemplo, na parábola bíblica do rei que chama convidados a um banquete de casamento, de todas as pessoas reunidas na câmara nupcial, um dos indivíduos não veste o seu traje de casamento – a veste branca batismal – e, sem ela, a sua presença na câmara é considerada inválida.³

Como já vimos, o peso das evidências sugere que Saqqara e um vasto número das pirâmides ao redor foram originalmente concebidas com um ritual sagrado em mente. Para começar, o traçado do complexo da pirâmide de Sekhemhet é praticamente idêntico ao da de Djoser e, tal como Sekhemhet, o corpo de Djoser não foi sepultado na sua própria pirâmide.

Do mesmo modo, dez pirâmides, de Seila a Dashur e a Gizé, todas atribuídas a Seneferu, não continham quaisquer sarcófagos ou múmias. Seja como for, porque haveria um faraó, possuindo só um corpo, de precisar de dez casas mortuárias separadas?

Um olhar atento às duas pirâmides de Dashur fornece algumas respostas. O templo no vale adjacente à Pirâmide Curvada contém frescos que retratam Seneferu realizando o seu festival Sed.⁴ O mesmo acontece na Pirâmide Vermelha, ali perto; uma inscrição nas pedras ao longo da base celebra a data do décimo terceiro ano de Seneferu no poder, o tempo necessário para um faraó decretar o festival Sed, enquanto as estelas no templo contíguo o representam usando o traje ritual.⁵

Se pegarmos nestas observações e as aplicarmos às três pirâmides principais a norte de Gizé, surgem semelhanças. Cada uma tem um longo passadiço que conduz a um templo preparatório, e câmaras internas contendo um sarcófago vazio. No templo preparatório de Khufu – filho de Semencaré – encontrou-se um pequeno relevo representando também o faraó com vestes especificamente utilizadas durante o festival Sed.⁶

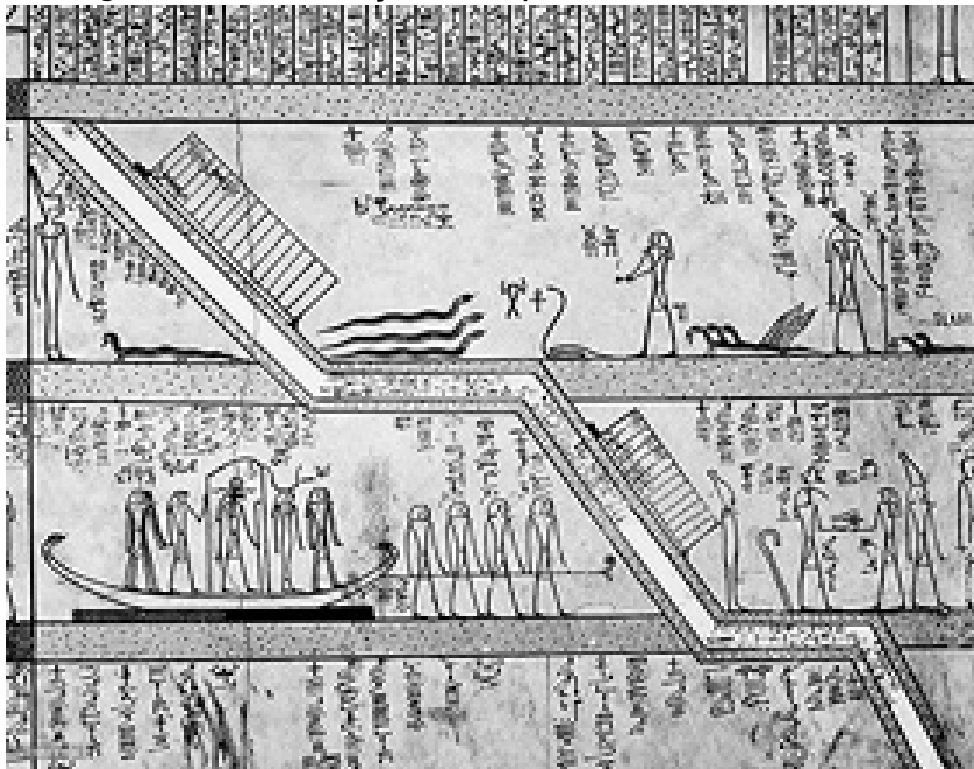
Heródoto, o historiador grego do século v a. C., observou nas suas *Histórias* que os faraós Quéops e Quéfren (Khufu e Khafre, em egípcio) «não foram sepultados nas pirâmides com os seus nomes, mas inumados noutra local do planalto de Gizé, nas imediações». Portanto, poderia a Grande Pirâmide ter sido originalmente concebida com o ritual da ressurreição em vida em mente?

Começemos com a afirmação básica de que esta extraordinária maravilha é referida numa estela do templo do vale como a Casa de Osíris. Uma das principais razões para levar alguém a desejar imitar a viagem de Osíris ao Amduat prender-se-ia com a obtenção de sabedoria. São mil quatrocentos e sessenta e um os blocos de pedra excepcionalmente polidos que formam o perímetro da base da Grande Pirâmide, o número exato de anos do Ciclo Sótico – o ciclo completo de Sirius, a estrela associada à sabedoria.

Depois, há a escolha da pedra de construção, que esteve longe de ser arbitrária; segundo a Lei da Correspondência, a rocha refletia o propósito a que o templo se destinava. O edifício inclui um revestimento externo de calcário de Tura polido e um núcleo interno feito de blocos colossais de granito vermelho, nenhum dos quais é

de material de construção local. O calcário, juntamente com o seu primo alabastro, estava associado à pureza ritual, enquanto o granito, uma rocha fundida que endurece e é metamorfoseada pela pressão, simbolizava a transformação.

Se examinarmos os desenhos do Amduat pintados no interior do túmulo de passagem de Tutmósis III e os compararmos com o interior da Grande Pirâmide, detetamos semelhanças impressionantes entre a miríade de corredores e divisões estreitas representando o Amduat e as câmaras e os corredores claustrofóbicos da pirâmide, como se a própria estrutura tivesse sido concebida como uma simulação tridimensional do Outro Mundo. Se tivermos em mente que o propósito de viajar até ao Amduat era, metaforicamente falando, o de polir um diamante em bruto, então vêm à luz algumas observações surpreendentes.



Os textos do Amduat de Tutmósis III têm uma estranha semelhança com as passagens interiores da Grande Pirâmide.

Heródoto e outros historiadores antigos insistiam que a Grande Pirâmide assentava sobre uma câmara bem mais antiga que fora

em tempos acessível a partir do Nilo. Isto teria sido há mais de sete mil anos, quando o clima no Egito era mais húmido e o Nilo corria mais perto de Gizé do que hoje. O acesso fazia-se de um túnel subterrâneo que levava a um monte rodeado de água, sobre o qual repousava um sarcófago que se dizia representar o monte primordial original da criação. Um poço de saída erguia-se acima desse sarcófago e conduzia a uma rústica câmara de pedra que hoje jaz sob a pirâmide.⁷ Outro relato foi feito no século XVII por John Greaves, professor de astronomia em Oxford, que descreve duas elaboradas salas arquitetónicas semelhantes a grutas ligadas aos lados norte e oeste, com nove metros de profundidade e quatrocentos e vinte e sete metros de comprimento, escavadas na rocha maciça formando os alicerces da pirâmide. A entrada é descrita como estreita, a construção das salas, intrincada, tudo imerso em escuridão, mas principalmente inacessível devido ao lixo. Greaves relata que este complexo tinha uma passagem de ligação ao interior da pirâmide, que, mesmo então, não se conseguiu encontrar devido ao entupimento de séculos de destroços acumulados.⁸

Hoje, a câmara de pedra bruta sob a Grande Pirâmide pode ser visitada. A sua principal característica é, de facto, um poço fundo vertical, cheio de destroços, pelo que a saída se faz por um poço estreito horizontal que só pode ser transposto gatinhando. O poço inclina-se depois para cima – como é mostrado nas imagens do Amduat – e para o centro da Grande Pirâmide. Através de uma série de passagens de ligação, chega-se à Grande Galeria – de novo, ominosamente semelhante no traçado às imagens do Amduat – e, após uma curta subida, outra passagem conduz à câmara da rainha, o seu teto inclinado notavelmente parecido com a câmara central sob a pirâmide de Unas.

Voltando à Grande Galeria, continua-se até ao topo e em direção a uma minúscula antecâmara, sobre a qual enormes tampos de granito assentam no teto como guilhotinas de pedra. Segue-se uma curta passagem, que exige que uma pessoa se dobre ao meio antes

de finalmente emergir na chamada câmara do rei. A relação entre comprimento e largura da divisão reflete a proporção matemática da oitava, a altura, a proporção áurea, a progressão matemática da natureza; estas medidas refletem-se em miniatura no sarcófago.



Câmara subterrânea sob a Grande Pirâmide. O poço descrito por Heródoto está em primeiro plano.

A câmara do rei é uma imagem da perfeição do universo e, por conseguinte, quem nela estiver imerso torna-se uma imagem dessa perfeição. É a câmara nupcial perfeita e, como já devem ter adivinhado, nenhum faraó foi alguma vez aqui encontrado.

Se a teoria da pirâmide enquanto imitação da ascensão da alma das trevas para a luz está correta, então, vale a pena salientar que a descrição anterior começou numa câmara de pedra áspera e culminou no seu oposto, uma lustrosa caixa de pedra – uma alegoria fiel da transmutação do iniciado da forma grosseira ao reflexo polido de Deus.

Poderia o sarcófago, então, representar a arca onde Osíris entrou em tempos, antes de ser cortado em pedaços, reagrupado e ressuscitado como um deus?

Escrevendo sobre os locais onde a antiga arte da ressurreição era realizada, o reverendo George Oliver, maçom do século XVIII, afirma como:

[...] eram concebidos com muita arte e engenho, e a maquinaria com que estavam equipados era calculada para excitar todas as paixões e afeições da mente... Estes locais eram indiferentemente uma pirâmide, um pagode ou um labirinto, munidos de salas abobadadas, extensas alas ligadas por galerias abertas e espaçosas, uma panóplia de masmorras secretas, passagens subterrâneas e vistas, terminando em adyta [santuários internos], que eram adornados com símbolos misteriosos gravados nas paredes e pilares; em todos estava contida alguma verdade filosófica ou moral. Às vezes, o local de iniciação era construído numa pequena ilha no meio de um lago; uma gruta oca, natural ou artificial, com cúpulas ressonantes, passagens tortuosas, orifícios estreitos e sacelli espaçosos; e de tal magnitude que podia conter uma numerosa assembleia de pessoas... E, para inspirar ainda maior veneração, eram devidamente designados túmulos, ou locais de sepultura.⁹

Oliver cita muitas fontes antigas, os seus relatos foram aprovados para publicação pela Sociedade Maçónica, uma seita que não revela levemente tais informações ao público.

Uma comparação com as pirâmides egípcias e a sua função ritual foi feita por um viajante em 1638 quando visitou as pirâmides indianas – os pagodes de Deoghar (Casa dos Deuses) –, cuja menção nos *Puranas* situa o complexo original na era pré-histórica.¹⁰ Estes templos são de uma altura impressionante, acedidos por uma pequena e solitária abertura, de modo a que nenhuma luz entre no interior exceto a que se esgueira pela entrada baixa. No centro do pagode principal há uma câmara escura onde decorriam os ritos religiosos. A testemunha ocular descreve as câmaras complementares utilizadas pelos sacerdotes e iniciados como semelhantes a grutas escavadas, mais do que recessos adequados a praticantes religiosos. E, tal como as suas homólogas egípcias, algumas câmaras comunicam umas com as outras através de passagens estreitas e desconfortáveis.¹¹

Nenhum destes locais foi alguma vez conhecido como tendo alojado mortos. Mas os candidatos vivos, por outro lado, faziam deles bom uso, saíam para a luz do amanhecer, ressuscitados dos mortos, em muito melhor forma do que quando haviam entrado, como prometido nas paredes do templo: que o espaço sagrado existe para recriar o indivíduo «como um deus, como uma estrela brilhante». ¹²



Parte do complexo de templos de cinquenta e dois quilómetros quadrados de Deoghar, uma das doze moradas mais sagradas do deus oriental da ressurreição, Xiva. Repare-se nas cúpulas em colmeia.

Capítulo 15

HOMENS VERDES, CAVALEIROS BRANCOS

À medida que nos aproximamos da era cristã, comentadores contemporâneos deploram a degradação e perda do entendimento dos Mistérios, devida em parte ao facto de o seu significado ser ofuscado pela tradução para outras línguas, não falando no abuso às mãos de um sacerdócio centralizado e corrompido. Demasiadas vezes os ensinamentos sagrados se transformaram num mecanismo de controlo para inspirar temor aos leigos ou extrair grandes somas de dinheiro pelo privilégio de prestar orientação divina, para cujo efeito, em 364 d. C., o imperador romano Valentiniano publicou uma lei que proibia atividades esotéricas noturnas, cujo objetivo era prevenir que ocorressem indecências em estabelecimentos que operavam sob a capa de escolas dos Mistérios. A notável exceção foi a Grécia, onde a correta execução dos Mistérios sagrados ainda era entendida como tendo influência positiva no bem-estar da sociedade.

À medida que o cristianismo ortodoxo se tornava mais ortodoxo, em particular no reinado de Teodósio, foram obliterados os ritos antigos, fechados os templos de iniciação e os praticantes regularmente queimados vivos. Escusado será dizer que os segredos, já praticados clandestinamente, eram agora ainda mais secretos. Passaram ao submundo, literal e figurativamente, perdurando em partes da Grécia até ao século VIII, e em Gales e Escócia até ao século XI, antes de serem ressuscitados por outra seita secreta, a irmandade interna dos cavaleiros templários.

Para ilustrar este ponto, eis o artigo VII da *Regra dos Irmãos Eleitos* dos templários, descoberta por acaso pela Inquisição enquanto vasculhavam os bolsos do mestre templário detido Roncelyn de Fos.

Construí nas vossas casas locais de encontro que sejam grandes e escondidos, que possam ser acedidos através de túneis subterrâneos para que os irmãos possam ir a encontros sem o risco de se meterem em sarilhos... Nas casas dos

*irmãos não eleitos, é proibido conduzir certos materiais relativos às ciências filosóficas ou à transmutação de metais de base em ouro e prata. Isto deverá realizar-se apenas em locais secretos e escondidos.*¹

«Metais de base» era uma referência vagamente velada aos membros não iniciados, sendo «ouro e prata» as qualidades do herói ressuscitado (sol/ouro) depois de se unir à Divina Virgem (lua/prata).

Existe um volume de provas avassalador de que os templários seguiam rituais relativos à ressurreição dos mortos e na tradição dos essênios.² Como obtiveram os templários este conhecimento jaz na sua obsessão por escavar sob o monte do Templo, após o que os cavaleiros descobriram rolos delineando as crenças e práticas dos antigos ocupantes: os essênios. Os rolos tinham sido enterrados pouco antes de esses santos homens de branco serem expulsos de Jerusalém por um exército romano invasor.³

As semelhanças entre as duas irmandades são notáveis: ambas favoreciam uma existência monástica, vestiam hábitos brancos, desfaziavam-se das riquezas um ano após ordenados, acreditavam em dois níveis de filiação e, apesar de existir um grupo exterior mais amplo, só os iniciados eram permitidos no *sanctum* interior dos seus templos.⁴ Ambas faziam votos de obediência e absoluto secretismo, ao ponto de os adeptos levarem os ensinamentos do Caminho para o túmulo. E não admira, ambas as ordens alegavam estar na posse de informações muito secretas oferecendo nada menos do que o próprio Paraíso.

Como vimos em Gisors, os templários utilizavam passagens e câmaras restritas de modo semelhante ao protocolo egípcio. Era um dos numerosos locais templários, o mais famoso dos quais ainda existe em Portugal, na cidade de Tomar.

Tomar parece um nome inventado. Escrevia-se *Thamara*, a palavra árabe para palmeira; contudo, o clima local da época era demasiado frio para suportar tal espécie; a palma, por outro lado, é

o símbolo de Osíris ressuscitado. Em português, a palavra significa «beber», mas dado que é impossível beber uma cidade, o termo é obviamente um eufemismo. De facto, quando se toma parte nos Mistérios, diz-se que se «bebe do Conhecimento», bebe-se da «taça da vida eterna». Para aumentar o mistério, Thamara foi também o nome dado à filha de Jesus e Maria de Magdala.⁵

Foi em Tomar que os templários construíram a sua igreja matriz e, como era hábito, dedicaram-na a Maria. Durante obras de restauro feitas nos anos 1940, descobriu-se um túnel secreto que saía da cripta e estendia-se quilómetro e meio sob o leito do rio que corre ali perto, até à praça da cidade, virando depois para cima, antes de emergir junto às fundações do seu mais enigmático monumento, a *charola*, que literalmente se traduz como «uma salva».

Uma salva é uma bandeja cerimonial de prata e o mesmo objeto em que repousa o Graal, segundo a famosa história medieval.⁶

O mito do Graal é uma descrição alegórica da árdua viagem de autodescoberta do herói. No fim, casa-se com a bela donzela Sophia – o termo grego para sabedoria –, após o que os seus olhos se abrem, torna-se iluminado e é figurativamente ressuscitado dos mortos.

Atribuir um nome tão invulgar à charola de Tomar sugere que o edifício é o ponto focal de um auto de ressurreição, e misterioso, além do mais. Este edifício poligonal é descrito como igreja, mas, no entanto, nunca teve um altar; e, como curiosidade, referia-se que, durante os cercos, o povo não foi autorizado a entrar na charola, provavelmente o lugar mais seguro da cidadela. Todavia, caso lhe tivesse sido permitido, a entrada ter-se-ia revelado difícil, pois não tinha porta. A única entrada era por baixo do chão.⁷



O templo principal dos templários. Originalmente, não tinha altar nem porta. Os cavaleiros e iniciados entravam por baixo do chão. Tomar, Portugal.



Dentro da charola de Tomar. Sob o chão, jaz uma câmara ritual oculta.



Janela em colmeia.

Foi já no interior da charola que olhei para cima e reparei em algo único neste monumento templário: o vidro opaco branco e dourado

da janela era todo em forma de favos de mel. Estava dentro de uma colmeia, o antigo talismã da ressurreição e do Outro Mundo, mais tarde adotado pelos cavaleiros templários e o seu benfeitor, o abade cisterciense Bernardo de Claraval. Neste caso, era uma indicação de que a câmara nupcial templária estaria decerto debaixo dos meus pés. Se pudesse levantar o chão de lajes, mesmo que só por um segundo.

Talvez não tivesse de o fazer. O relato oral de um velho residente em Valado dos Frades lembra como, durante o restauro no final do século XIX,

era hábito de um dos mestres pedreiros voltar a casa e registar as alterações feitas no interior do castelo, porque estas continuariam até que muito do que era velho fosse deixado irreconhecível ou feito desaparecer. Uma das coisas que mais o irritaram foi a desfiguração do belo e intrigante caminho árabe que os velhos monges do templo usavam nas cerimónias e conduzia diretamente à cave da igreja do templo [a charola].⁸

Mesmo nesses dias, os irmãos que viviam no convento contíguo costumavam partilhar, de memória, histórias com os pedreiros de como o mestre templário Gualdim Pais trouxera da Terra Santa os planos do Santo Sepulcro, que deviam ser usados para a construção da charola. Mestre Gualdim também ordenou que se construísse um caminho até ela ao estilo árabe, e ambos foram utilizados não só para cerimónias religiosas, mas também para a investidura de novos cavaleiros. Os monges referiam-se-lhe como o «portão para o submundo», a sua entrada assente em alvenaria muito antiga, em cujas vigas verticais os templários esculpiram dragões, e no lintel auxiliar, uma espécie de serpente alada.⁹

Durante tentativas recentes de embelezar o perímetro do Castelo de Tomar – dentro de cujas paredes se ergue a charola –, foi limpa uma área em torno do portão original para revelar uma entrada para uma gruta. No seu lintel, está esculpida uma serpente alada ladeada pelas cabeças de dois dragões de cujas bocas emana uma onda de

fôlegos. Um desenho feito em 1918 mostra as gravuras ainda na totalidade, acompanhadas por uma descrição de que partes do caminho árabe eram visíveis dentro das passagens subterrâneas e conduziam à câmara nupcial por baixo da charola.¹⁰

Em 1988, um grupo internacional de peritos tentou localizar a dita câmara, sabendo que há entradas, agora seladas, e que os templários construíram um túnel de acesso vinte e sete metros abaixo do chão. Estabeleceram contacto com o Instituto de Geofísica, cujo radar de penetração no solo seria capaz de detetar cavidades até trinta e sete metros de profundidade sem deixar sequer uma picadela no chão, mas, apesar desta obviamente discreta e não destrutiva técnica científica, o Ministério da Cultura português proibiu inexplicavelmente todas as investigações.¹¹

A câmara nupcial pode manter-se inalcançável, mas pelo menos algum do conhecimento que lá se transmitia é conhecido, e mostra como os templários exumaram uma tradição esotérica e a praticaram em privado. Para citar o artigo XVIII da *Regra dos Irmãos Eleitos*:

*O neófito será levado aos arquivos, onde lhe serão ensinados os mistérios da ciência divina, de Deus, do Menino Jesus, do verdadeiro Bafomet [fonte de sabedoria], da Nova Babilónia, da natureza das coisas, da vida eterna, bem como a ciência secreta, a Grande Filosofia, Abraxas [a fonte de tudo] e os talismãs – coisas que devem ser cuidadosamente escondidas dos eclesiásticos admitidos na ordem.*¹²

Durante a iniciação, os candidatos afastavam uma coroa de louros que lhes era estendida enquanto proferiam a frase «O meu Deus é a minha vitória», a mesma expressão usada no grau mitríaco, Miles.¹³

LIGANDO DUAS PALMEIRAS

Existe outra prova de que os templários eram a mais recente de uma longa linha de seitas que seguiam a tradição da ressurreição em vida, e envolve um antigo método de posicionar templos de veneração segundo uma planta geodésica subjacente.

Logo abaixo da charola fica a encantadora cidade de Tomar – a palmeira –, em cuja praça principal se ergue uma curiosa igreja que os templários dedicaram ao seu outro herói João Batista. Inserido na parede frontal está um baixo-relevo piramidal que retrata o que parece ser um grande cão e um leão. Um antigo egípcio que olhasse para aquilo entendê-lo-ia perfeitamente, pois o cão representa a Estrela do Cão, Sirius, corporificação do conhecimento; o leão representa Regulus, a estrela mais brilhante de Leão, há muito associada à chave dos Mistérios, bem como portal para os registos de todo o conhecimento.



Relevo de Sirius e Regulus.

A história torna-se mais curiosa dentro da igreja, repleta de efígies pagãs, nomeadamente o dragão e o deus ressuscitado da natureza, o Homem Verde. Se se traçar uma linha invisível do centro da charola até ao relevo, e enfiar depois uma agulha entre dois pilares marcados pelas efígies, a linha estende-se por mais de três mil e duzentos quilómetros até Jerusalém – especificamente a Abadia de Nossa Senhora do Monte Sião, em tempos lar de outra ordem secreta de monges chamada Ordem de Sião, a força por trás da fundação dos templários.¹⁴



*Homem verde e dragões. Igreja de São Batista,
Tomar.*

Ainda em Jerusalém, se marcarmos então os outros dois principais locais templários – a Igreja do Santo Sepulcro e os estábulos de Salomão –, os três locais formam um triângulo isósceles perfeito, como a ponta de uma pirâmide. Quando este triângulo é dividido em dois, a linha imaginária estende-se até ao Egito e ao Osireion em Abidos, a outra casa de Osíris.

A tradição das câmaras de iniciação secretas destinadas aos atos dos Mistérios ou para a ressurreição em vida era comum em toda a Europa medieval. Encontram-se debaixo de inúmeras igrejas pré-cristãs e catedrais góticas, quase sempre erigidas sobre templos antigos pre-existentes, nos quais os druidas e outras seitas gnósticas praticavam rituais idênticos. Alguns locais são bem conhecidos: a Catedral de Chartres, Mont Saint-Michel e Saint-Germain-des-Prés, construída sobre o templo original de Ísis em Paris, de onde a cidade obteve o seu nome. Os templários limitaram-se a ressuscitar o cadáver de uma tradição há muito adormecida pela repressão eclesiástica, enquanto a sua progénie, os maçons, lhes seguiu o exemplo, como elucidada, uma vez mais, o reverendo maçom George Oliver.



Nalguns graus filosóficos, o local de encontro é figurativamente denominado caverna, em imitação, talvez, da espúria Maçonaria, que sempre teve lugar nas entranhas da terra; e os mais estupendos exemplos ainda hoje são visíveis nos templos subterrâneos indianos, persas e egípcios. Nalguns lugares, foram escavadas montanhas inteiras e a gruta foi construída com celas, câmaras, galerias e ruas, também sustentadas por colunas e formando um labirinto. Exemplos desta prática encontram-se nas escavações sob a grande pirâmide do Egito; em Baia e Sena Julia, em Itália; perto de Náuplia, na Grécia; em Elefanta e Salsete, na Índia; em Ceilão; e em Malta há uma gruta, onde nos dizem que «a rocha não só está recortada em passagens espaçosas, mas escavada em numerosos corredores e apartamentos contíguos».¹⁵

UMA PEÇA ESCOCESA A PRETO E BRANCO

Sobre as origens da Maçonaria – primeiro publicadas em 1787 –, o Chevalier de Berage observa: «A sua Loja Metropolitana localiza-se na montanha de Heredom, onde a primeira Loja se situou na

Europa... Esta montanha situa-se entre o Oeste e o Norte da Escócia, a noventa e seis quilómetros de Edimburgo.»¹⁶

Noventa e seis quilómetros a noroeste de Edimburgo não há nenhum monte Heredom. Existe antes um monte Schiehallion, o centro geodésico da Escócia e a sua mais sagrada montanha, que encontrámos anteriormente. Como se confundiu uma com a outra?

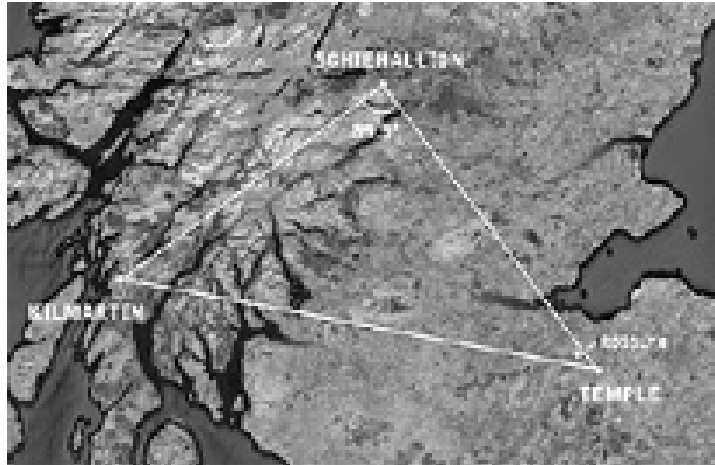
No século XIV, um cavaleiro templário chamado Robert de Heredom foi iniciado numa gruta no monte Carmelo. Quando a ordem foi cercada pelo rei de França, Robert mudou-se para a Escócia a fim de ser de novo iniciado, desta vez na gruta cerimonial de Schiehallion por um grupo chamado Filhos do Vale, que na altura constituía um movimento secreto. Com mais seis irmãos da cruz, Robert de Heredom partiu para o novo domicílio ao romper do dia, como se sinalizando um renascimento. Posteriormente, ressuscita a Ordem do Templo na Escócia, após a sua destruição em França.¹⁷

Se este é, de facto, o local onde a primeira Loja Metropolitana da Europa se localizou, então, marca o estabelecimento da Maçonaria na Escócia por volta de 1314 – três séculos antes da data oficial.¹⁸ Também significa que as cerimónias maçónicas seguem os antigos rituais dos cristãos celtas, praticados desde tempos imemoriais nesta montanha, como escreve o reverendo Oliver em *A História da Iniciação*.

*O grau de H.R.D.M. [Heredom]... pode não ser originalmente maçónico. Parece antes estar ligado às cerimónias dos primeiros cristãos. Crê-se que essas cerimónias foram introduzidas pelos culdee nos séculos II ou III da era cristã. Nesse período, a maçonaria operacional existia na Grã-Bretanha, evidenciada pela construção de uma igreja em Iorque e de um mosteiro em Iona; e estava no ativo antes do século XII.*¹⁹

No século XII, os templários montaram a primeira precetoria na Escócia, no vilarejo de Baile nan Trodach (atualmente chamado Temple), alguns quilómetros a sudeste de Edimburgo; a sua segunda principal área de interesse era

Kilmartin, com a pletora de locais sagrados neolíticos e câmaras rituais. Junto com a gruta ritual de Schiehallion, os três locais formam um triângulo equilátero com um grau de precisão espantoso, criando uma santíssima trindade de templos com propósitos semelhantes, e de acordo com a antiga tradição mundial de dispor os locais sagrados em triângulos perfeitos.²⁰



Alinhamento geométrico dos locais templários na Escócia. A margem de erro é de apenas meio grau.

Três séculos mais tarde, um edifício transbordante de simbolismo pagão, esotérico e maçónico foi construído ao cimo da estrada do Templo – a Capela de Rosslyn. No seu tempo, o edifício recebeu uma suspensão da execução por ordem expressa do saqueador-mor de Inglaterra, Oliver Cromwell, apesar de todos os outros edifícios do género na região terem sido demolidos. O facto de Cromwell ser maçom pode ter tido uma pequena influência na decisão.



O primeiro grau.

Uma das talhas mais desconcertantes na Capela de Rosslyn surge no canto exterior sudoeste. Representa um homem com uma venda e uma corda frouxamente enrolada ao pescoço, conduzido pelo que parece ser um cavaleiro de túnica templária.²¹ Qualquer maçom dos dias de hoje veria nisto uma perfeita representação, apesar da pedra gasta, da iniciação ritual do candidato no primeiro grau, uma das cerimónias mais importantes da Maçonaria.

O verdadeiro enigma da Capela de Rosslyn é que não contém quase nenhum simbolismo cristão, e as provas sugerem que foi construída à imagem do Templo de Salomão, onde a Maçonaria também afirma ter raízes.²² Na altura da construção, no século v, já existia uma igreja contígua dedicada a São Mateus, alinhada de frente para o nascer do Sol no solstício a 21 de dezembro, provavelmente edificada sobre um templo pagão preexistente. Daí a necessidade de uma capela adicional onde, além dos membros da família St. Clair, a congregação era regularmente ultrapassada pelo pessoal da capela.²³ Talvez a enigmática capela tivesse sido concebida com outro fim em mente.

Quem visita Rosslyn fica, em primeiro lugar, impressionado com a riqueza dos detalhes. Em particular, três dos seus catorze pilares – o artífice, o aprendiz e o mestre maçom – representam o credo central do princípio salomónico: sabedoria + estrutura = força. Um

pequeno lanço de escadas à direita liga a uma sala em nítido contraste com a de cima; pois a cripta está despida de adornos exceto algumas marcas maçónicas invulgares e a imagem erodida de um arco inacabado. O mais curioso ainda é que esta cripta nunca alojou um corpo e, em tempos, a parede ocidental abriu-se para um labirinto de túneis, um deles conduzindo a um santuário de metal escondido sob o centro da capela em cima. Esta entrada foi emparedada algures no passado; o santuário de metal só foi confirmado recentemente, graças a um radar de penetração no solo, mas mantém-se inacessível, tanto quanto é do conhecimento público,²⁴ junto com uma segunda cripta que jaz escondida por baixo da primeira.

Seriam estas câmaras utilizadas como parte das cerimónias maçónicas de ressurreição? A tradição maçónica é, para todos os efeitos, uma encenação e um prolongamento do ritual de feitura-de-reis realizado em Saqqara, do uso do avental branco no festival Sed ao teto dos salões maçónicos, que, como a câmara de Unas, está decorado com estrelas. O seu rito iniciático do aprendiz assassinado é uma encenação da vida do faraó Seqnenre Taa (também escrito como Tao, o Caminho),²⁵ enquanto a admissão ritual no terceiro grau – em que o candidato é levantado de um túmulo figurado, a sua venda removida e declarado como ressuscitado dos mortos, também praticado pelos membros do sexo feminino da Grande Loja da Bélgica – era igualmente executada pelos essénios em Qumran.²⁶



Pilar do aprendiz, Capela de Rosslyn.

Como em tantos locais sagrados onde se praticava a ressurreição em vida, entra-se na cripta de Rosslyn a partir do oeste e sai-se em direção a leste.

Isto leva-nos ao elemento central da capela, o pilar do aprendiz. Maravilhosamente esculpido, talvez por um pedreiro português (pois foram trazidos pedreiros portugueses para ajudar no trabalho de construção, e o facto de o pilar ser feito no singular estilo manuelino que se encontra em Tomar), inclui quatro vegetações em espiral que se erguem das bocas de oito dragões em torno da base. Estes símbolos óbvios do poder regenerativo da natureza são ainda reforçados pela inclusão na capela de dúzias de representações do homem verde, símbolo da ressurreição da natureza, culminando no mais extraordinário dos homens verdes que fita do teto da capela.



O homem verde, um de dúzias na Capela de Rosslyn.

O edifício foi fundado em 1446, no equinócio do outono, sem dúvida acompanhado por um ritual repleto de simbolismo, sobretudo porque, mesmo antes de o Sol nascer, os dois objetos mais brilhantes no horizonte oriental eram Vénus e a estrela há muito associada à chave dos Mistérios e portal para os registos de todo o conhecimento, Regulus.²⁷ Por volta desse período, quase mil e oitocentos quilómetros a sudoeste, o mesmo alinhamento estelar teria sido usado pelos templários, ao começarem a construir a sua igreja dedicada a João Batista em Tomar, que inclui uma hoste de homens verdes e um baixo-relevo de Regulus, o leão.



Divina Virgem e o Menino, homenagem a Ísis e Hórus. Repare-se nas torres gêmeas sobre a sua cabeça, o castelo de Maria e Marta, emblema de Maria de Magdala e do voto de lealdade feito pelos templários. Rosslyn.

Com o tempo, a janela leste de Rosslyn viria a enfatizar estes proeminentes objetos estelares e os seus valores. A sua geometria baseia-se no quadrado e no círculo, duas formas que representam o acasalamento perfeito do masculino-material com o feminino-etéreo, o mesmo processo exigido ao «homem solteiro» que lhe permite a passagem à fase final da ressurreição em vida.

Mas há mais. Por cima desta elegante obra de vidro e alvenaria existe um pequeno buraco que, à distância, parece circular, mas na verdade tem a forma de uma estrela de cinco pontas, símbolo da Divina Virgem, Ísis. Feito de vidro vermelho, ilumina-se com o nascer do Sol no equinócio, o momento em que luz e escuridão se mantêm em perfeito equilíbrio, como um tabuleiro de xadrez. O efeito seria ainda mais pronunciado quando a janela original, mais pequena, estava colocada, o que escurecia consideravelmente a

capela e fazia uma pessoa sentir-se como que imersa numa gruta sagrada.



Como um prolongamento dos Mistérios: o tabuleiro de xadrez, símbolo dos ressuscitados e dos mortos, do lado de fora da Igreja de S. João Batista, Tomar.

Mas foi do lado de fora que os pedreiros, dando os últimos retoques no telhado, deixaram o mais revelador dos símbolos: uma colmeia de pedra com um buraco em forma de rosa de cinco pétalas, o verdadeiro símbolo de Vénus.

Capítulo 16

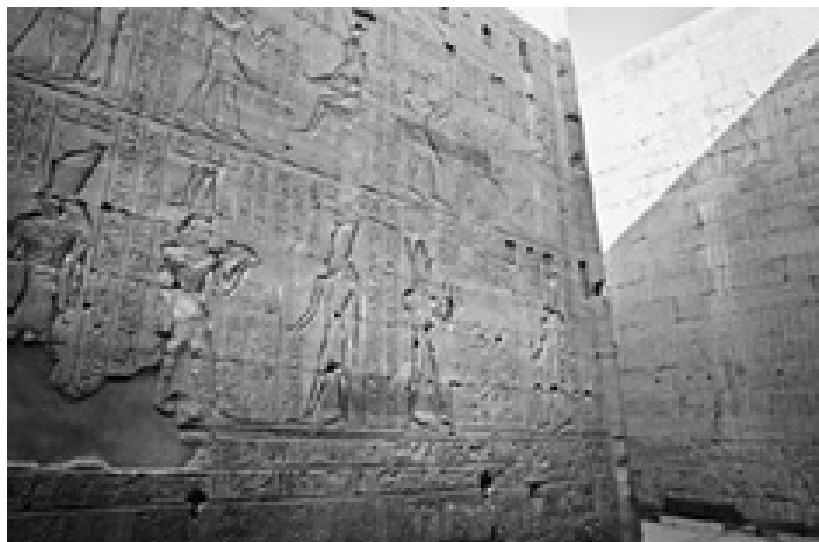
A CIÊNCIA DO OUTRO MUNDO

Foi em tempos praticado no Egito um costume segundo o qual os sacerdotes faziam orações ao amanhecer em todas as salas do templo, como se despertando do sono um ser senciente. Talvez tivessem razão, porque o templo é a encarnação física de uma força natural – um deus –, é um espelho da perfeição do cosmos e, como tal, funciona como regulador na conduta adequada dos assuntos humanos, como especificado no *Livro do que Jaz no Amduat* nas paredes do templo de Edfu: «Quem for disso fará uma cópia e conhecê-la-á sobre a Terra, agirá para ele como um protetor mágico, no Céu e na Terra, infalível, regular e eternamente.»

Alguns templos são concebidos como elaborados marcadores do tempo, os ângulos, geometria, alinhamento e posição geodésica refletindo preocupação com a astronomia, astrologia, os ciclos máximo e mínimo do Sol e da Lua, até o laborioso ciclo de precessão de Terra, que vira a mó do Céu a cada 25 920 anos.

Outros são concebidos como máquinas sencientes para assegurar a viagem e o regresso da alma sem impedimentos.

Assim como o pôr do Sol marca a entrada para a noite, também o templo representa o horizonte para o mundo do espírito. A imersão do iniciado numa câmara da qual toda a luz externa é excluída é uma óbvia reprodução do ventre da Terra Mãe, a escuridão imitando a negrura retinta do universo no seu estado primordial. É a quietude que precede a entrada no Outro Mundo. A única iluminação vem da radiância espiritual interior do iniciado.



Templo de Edfu, coberto de cima a baixo de sabedoria antiga útil, desde a construção de templos até a como aceder ao Amduat.

Longe de serem disparates místicos, estas observações têm mérito científico. A ausência de luz torna a glândula pineal mais ativa, gerando os compostos químicos melatonina e pinoleno, que permitem a criação do alucinogénio DMT,¹ uma combinação que abre caminho a um estado alterado de consciência e à viagem xamânica. A produção química começa após o pôr do Sol e atinge o ponto máximo de atividade entre as três e as quatro da manhã. Coincidentemente, esta é a hora preferida dos budistas para a meditação e dos monges medievais para as matinas; é também a hora a que ocorre a maioria de mortes hospitalares registadas e a que nasce a maior parte dos bebés. Talvez estas situações estejam ligadas por ser o período em que as regiões mais distantes da Terra estão protegidas do campo geomagnético do Sol (GMF). Alterações no GMF estimulam a pineal porque têm efeito na produção de serotonina e melatonina, aumentando ainda mais a capacidade de fenómenos psíquicos e atividade clarividente.² É a hora a que o véu entre mundos se torna mais fino.

A combinação de química e ambientes de privação sensorial como dólmens, túmulos neolíticos, câmaras nas pirâmides e grutas serve para afetar o estado de consciência do candidato quando

busca passagem para o Outro Mundo. Mas há mais elementos em funcionamento nesta tecnologia espiritual, como se os arquitetos dos templos não tivessem deixado nada ao acaso. Todos os locais sagrados, sem exceção, assentam nos cruzamentos dos cursos eletromagnéticos de energia da Terra,³ e uma vez que o GMF interage com estas linhas terrestres de força, bem como com a pineal, os locais sagrados tornam-se os carros perfeitos para viajar.

Esta observação está contida no mito da criação hopi. Nas suas lendas, um dos primeiros humanos feitos pelo Criador é enviado ao Polo Sul com um tambor, onde ouve o batimento cardíaco da Terra. À medida que marca um ritmo em agradável harmonia, uma onda de energia vital é dirigida ao centro de Gaia, lançando córregos de força vital para a superfície, após o que a Terra se torna cheia de vida. Contudo, alguns locais tornaram-se significativamente mais ricos nesta energia. Os hopis chamaram-lhes «pontos do enho», e, com o tempo, assumiram o papel de locais sagrados e converteram-se nos pontos quentes sobre os quais todos os grandes templos hoje se erguem.

Os antigos egípcios concordam. Tradições escritas como os *Textos da Construção de Edfu* informam-nos sobre como grupos de sábios e deuses criadores chamados *aku shemsu Hor* (brilhantes, seguidores de Hórus) embarcaram em programas de construção de templos em locais cuidadosamente escolhidos, cujo desenvolvimento pretendia provocar a «ressurreição do antigo mundo dos deuses» após a sua destruição por um dilúvio global,⁴ que foi entretanto datado de 9703 a. C.⁵

Que a localização dos templos devia ter sido «cuidadosamente escolhida» é um eufemismo à luz das descobertas científicas recentes. Já em 9000 a. C. foi sugerido, no *Yajur Veda*, que a superfície da Terra está cheia de uma força que serpenteia como um rio invisível cujos afluentes estão refletidos no espaço: «Cobras de qualquer tipo movem-se ao longo da terra. Que estão no firmamento e no céu... que são as flechas dos feiticeiros.» (Sendo o feiticeiro uma pessoa conhecedora da arte de manipular a fonte das energias

subtis.) Foram precisos 11 008 anos até a NASA, usando equipamentos de detecção extremamente sensíveis, validar esse texto sagrado ao provar que «a Terra está ligada ao Sol por uma rede de portais magnéticos que se abrem a cada oito minutos». ⁶

Estes portais magnéticos são influenciados pelo vento solar que se ergue a cada amanhecer e intensifica o campo geomagnético da Terra. À noite, o campo enfraquece, depois aumenta ao amanhecer, e o ciclo repete-se. Isto, por sua vez, interage com as correntes terrestres da Terra para gerar pontos quentes de energia designados pela ciência *descontinuidades de condutividade*; os *sioux* conhecem-nas há milénios como *skan*. E nos templos, esta energia faz algumas coisas invulgares.

Sempre que os cientistas se dedicam a estudar antigos locais de veneração são constantemente recompensados. Descobriu-se que as leituras magnéticas dentro do maior círculo de pedra do mundo em Avebury esmorecem muito mais à noite do que se pode explicar em circunstâncias naturais. Ao nascer do Sol, voltam a carregar-se, com a corrente terrestre da terra ali perto atraída para o fosso que rodeia Avebury ao mesmo tempo que as flutuações magnéticas no interior do templo atingem o seu máximo. O efeito é ainda mais amplificado por as pedras estarem deliberadamente posicionadas com os campos magnéticos a apontar em direção ao centro do círculo, enquanto, ao longo da sua avenida processional, as pedras estão dispostas alternadamente pelos seus polos positivos e negativos. A mesma polaridade alternada encontra-se nas lajes que sustentam a passagem para o túmulo de Newgrange. ⁷

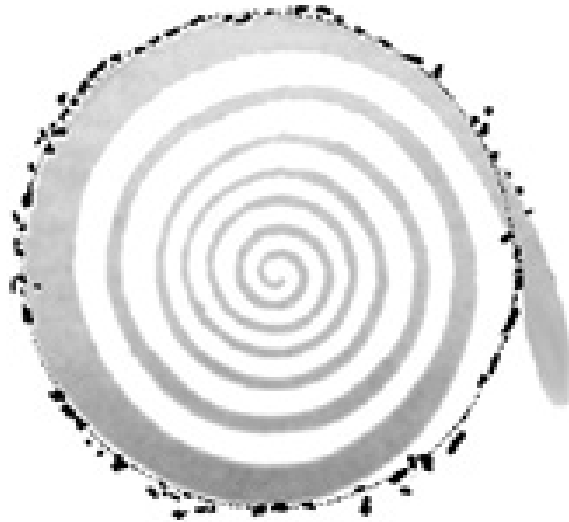


Círculo de pedra em Avebury.

Estes locais sagrados são concebidos para conduzir uma corrente natural, concentrá-la, e depois libertá-la no local, por vezes ao dobro da razão da área circundante.⁸

Leituras de magnetómetro nas pedras de Rollright – um atmosférico círculo de pedra no centro de Inglaterra – revelam visualmente como esta energia é atraída para o templo através das suas três pedras perpendiculares de entrada. A energia roda depois em espiral no interior do perímetro e desce para o que parece uma toca de coelho invisível.⁹

Em Carnac, uma década de medições científicas dos campos elétricos e magnéticos em torno dos milhares de menires e círculos de pedra prova como as pedras armazenam corrente elétrica e a libertam durante o dia, ou quando alguém entra em contacto com elas.¹⁰ Além disso, o GMF também mostra grandes flutuações nas linhas de falha sismicamente sensíveis, pelo que não é por acaso que um número desproporcionado de locais sagrados se ergue sobre falhas sísmicas, sendo a metrópole megalítica em redor de Carnac um soberbo exemplo. O mesmo se aplica aos duzentos e oitenta e seis círculos de pedra existentes na Grã-Bretanha, duzentos e trinta e cinco dos quais situados em linhas de falha.¹¹



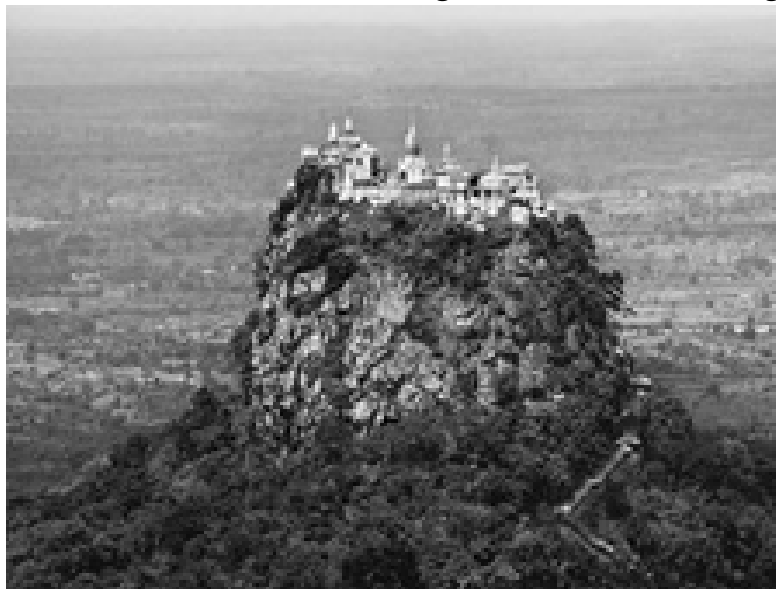
Mapa magnetométrico do fluxo de energia dentro do círculo de pedra de Rollright.

Imagem de Freddy Silva, adaptada de Charles Brooker, New Scientist, 13 de janeiro de 1983.

Portanto, longe de serem estruturas estáticas, os antigos locais sagrados são organismos vivos e concretos, exatamente como os antigos sacerdotes egípcios afirmavam quando tratavam os templos como se despertando um ser vivo do sono.

Tudo isto ajuda a explicar o porquê de tantos templos se situarem em locais que, a princípio, parecem ser irracionais e, com franqueza, perigosos. Por exemplo, a Igreja de Saint-Michel d'Aiguilhe (França), o Mosteiro Meteora (Grécia) ou Sigiriya (Sri Lanka), que inclui retratos de figuras femininas não identificadas numa gruta a mais de cento e vinte metros de altura, numa garganta independente de rocha vulcânica que, até há pouco tempo, era praticamente inacessível. Em Bandeleer, Novo México, o *kiva* dos nativos americanos parece um local sensato para uma busca de visão no Outro Mundo, até se descobrir que é preciso fazer uma conveniente subida de trinta metros por um penhasco vertical para chegar a uma gruta onde, sentados no interior da câmara circular de tijolo do *kiva*, os participantes ficam sob a influência de duas linhas magnéticas que se cruzam no local onde a estrutura foi construída.

Ou consideremos os templos erguidos a partir de grutas associadas a espíritos criativos e visões de uma divina virgem e que eram originalmente usadas por iniciados ou eremitas em busca de experiências místicas do Outro Mundo: Abuna Yemata Guh (Etiópia), o Mosteiro de Sumela (Turquia), o Mosteiro de Taktsang Palphug (Butão), o mosteiro de Popa Taungkalat (Birmânia), ou o templo de madeira Hsuan-k'ung Ssu, que assenta em vigas de carvalho fixadas em buracos talhados na face vertical da montanha sagrada Heng Shan, na China, como se o seu arquiteto estivesse perfeitamente confortável com a antigravidade e a vertigem.



Templo de Popa Taungkalat.



Porquê construir na planície quando a falésia vertical serve?

Templo de Hsuan-k'ung Ssu, China.

Os templos geram um ambiente eletromagnético capaz de estimular o corpo humano, que é em si mesmo eletromagnético, ativando ainda mais o seu estado de consciência. Até o tipo de pedra era cuidadosamente considerado para acrescentar ao efeito. Sempre foi uma curiosidade o porquê de os primeiros homens usarem uma das mais duras rochas da Terra para construir os locais sagrados, mas também que escolhessem extraí-la até cerca de seiscentos e quarenta quilômetros de distância dos locais de construção. O que a maioria destas rochas tem em comum é que albergam altas quantidades de magnetite, criando, com efeito, um campo magnético local que estimula os milhões de partículas de magnetite já existentes no interior do crânio humano, para não falar

no efeito direto sobre o ferro dissolvido na corrente sanguínea à medida que circula pelos canais arteriais do corpo.

O efeito sobrenatural desta tecnologia espiritual é celebrado em inúmeras histórias de pessoas que passam a noite em círculos de pedra para ficarem cara a cara com o povo das fadas. O tema mais recorrente no folclore descreve que as pedras ganham vida à noite para se transformarem num círculo de mulheres, ali atraídas por um músico das fadas para dançar além da meia-noite até ao cantar do galo, após o que as mulheres se transmutam novamente em pedras. Um destes locais no Sul da Grã-Bretanha tem dois monólitos auxiliares chamados «os Flautistas», e de facto emitem sinais ultrassónicos e campos eletromagnéticos amplificados a certas alturas do dia, como se vagueando do sono para a vigília.

As duas rochas mais salientes do círculo de pedra de Castlerigg registam uma carga eletromagnética ao amanhecer, enquanto as de Rollright emitem até um zumbido audível. Os mesmos efeitos ocorrem nos monólitos da Bretanha. Como se as lendas contivessem o verdadeiro comportamento da energia sónica e telúrica descoberta por equipamento científico mais recente.

Muitos templos têm outra coisa em comum no facto de aludirem ao ciclo lunar. Além de ser um calendário conveniente, estudos mostram que, após vários dias num ambiente de total privação sensorial, o corpo humano começa a aclimatar-se à escuridão estabelecendo um relógio biológico de vinte e cinco horas – 24,85 horas, para ser preciso – que acontece ser o ciclo temporal da órbita da Lua em torno da Terra.¹² Dado que um dos objetivos do iniciado durante o ritual de ressurreição é a busca da sabedoria, vale a pena salientar que o deus egípcio da sabedoria, Djehuti, não só adota como talismã o quarto crescente, como é, além de Osíris, a divindade presente à entrada do Amduat.

Quando uma equipa de cientistas que media os efeitos da consciência humana investigou o porquê de os locais sagrados serem usados para rituais xamânicos, descobriu uma correlação

extraordinária entre os dois. Inicialmente, a equipa da Universidade de Princeton estava a recolher dados para o Projeto de Consciência Global usando um computador chamado «Gerador de Eventos Aleatórios» (*REG – Random Event Generator*). Em estudos de campo, a equipa encontrou desvios consistentes da aleatoriedade esperada nos dados compilados em situações onde grupos se unificavam por algo de interesse comum. As provas dão a entender que existe um campo de consciência e que as intenções ou estados emocionais que estruturam o campo são transmitidas como informação absorvida na distribuição de resultados do computador.¹³

Os cientistas conduziram então experiências em locais sagrados, desejosos de saber se a sacralidade era devida ao seu uso coletivo ao longo do tempo ou por estarem à partida imbuídos de uma certa ressonância energética, ou se uma combinação de forças como a rocha, o eletromagnetismo, e por aí adiante, os fazia assim.



Não tentem fazer isto em casa. Caminho de peregrinos em Hua Shan. China.

Durante uma experiência inicial no templo de paisagem nativo-americana de Mato Tipila no Wyoming (desde então chamado Torre do Diabo, infelizmente), o resultado do REG foi comprovadamente afetado pela cerimônia de um feiticeiro. Decidiu-se então ver os efeitos dos grupos de meditação sobre o REG quando meditando em locais de interesse que não fossem necessariamente sagrados. A máquina foi influenciada apenas num pequeno grau estatístico.¹⁴

Quando os grupos foram levados a Luxor, Karnak e várias pirâmides, os efeitos foram seis vezes superiores às provas de campo normais. De facto, representavam os maiores alguma vez vistos. Mas o que espantou o líder da equipa, Roger Nelson, foi que os resultados de vinte e sete templos eram ainda mais altos sempre que ele caminhava em torno dos locais num silêncio respeitoso, com uma versão portátil da máquina no bolso. Para ele, isso provava que o espírito do próprio lugar registava efeitos tão altos como o poder que emanava de um grupo em meditação.¹⁵

Embora os templos em si mesmos ressoassem com um alto grau de consciência, a combinação da veneração concentrada em grupo *mais* o templo criava uma consciência expandida que tinha um efeito vincado na máquina.

Estas experiências modernas validam textos antigos como os *Puranas*, de há catorze mil anos, da cultura tâmil, que afirmam categoricamente como os deuses construíam templos para que as pessoas pudessem descobrir-se a si mesmas experimentando o Outro Mundo. As correspondências geomagnéticas, geodésicas, acústicas e geométricas dos templos geram ambientes que permitem a viagem da alma e o seu regresso ao corpo vivo, através do qual se diz que o iniciado se torna semelhante a um deus, como uma estrela brilhante.

Na verdade, os *Textos da Construção de Edfu* esclarecem o porquê de tantos templos terem sido construídos à face da Terra: «Continuaremos a erguer templos até que as pessoas descubram o templo perfeito que jaz dentro delas.»

Capítulo 17

A METAMORFOSE DA ALMA

Tal como o filósofo Zenão celebrenemente explicou as duas portas da verdade e da falsidade aos seus pupilos, também Platão usou o símbolo de dois caminhos na conclusão da sua *República* quando escreveu sobre uma história de retorno-da-alma de um soldado chamado Er, que viaja até um local de julgamento, uma espécie de paraíso, enquanto os menos virtuosos viajam por um caminho à esquerda e a descer para ir ao encontro do seu destino. A moral da história é que os que seguiram uma vida de consciencialização e autoanálise serão capazes de virar o destino a seu favor, terão um melhor grau de controlo sobre o futuro, até a escolha da reencarnação. Só esta ardente busca da sabedoria pode combater a estupefação a que todos os humanos estão sujeitos. Esta imagem simbólica da alma que ama a sabedoria ascendendo a níveis mais altos da existência tornou-se um princípio central das escolas platónica, estoica e neopitagórica dos Mistérios.

Platão lembra-nos que o objetivo de passar pela iniciação nos Mistérios é devolver a alma ao estado de perfeição em que entrou no mundo, mas de cujo objetivo se desvia enquanto no corpo físico. Devidamente habilitada, uma pessoa pode conduzir-se com maior certeza enquanto vive. As escolas órficas realçam um benefício adicional para os iniciados quando, por fim, atingem o momento da morte física. Confrontada com uma bifurcação nas estradas para a beatitude ou para o tormento e fastidioso renascimento, ao deixar o corpo, a alma iniciada já sabe em que direção seguir, tem vantagem sobre as que passaram a vida adormecidas, inconscientes de que podem percorrer melhor a escuridão impenetrável do submundo antes de chegarem ao Outro Mundo e às suas vistas paradisíacas.¹ Homero reiterou este ponto quando escreveu *Hino a Deméter*: «Feliz aquele entre os homens da Terra que viu estes Mistérios. Mas aquele que não é iniciado e neles não toma parte, nunca tem posse de tão boas coisas quando estiver morto.» Estas posições relativamente recentes consubstanciam os extremos a que os

antigos egípcios iam para explicar todas as *minutiae* descrevendo as situações e os obstáculos a enfrentar no Amduat, como exemplificado pelas copiosas descrições espalhadas pela câmara do faraó Unas.



*Nicho isolado ilustrando o conceito das duas portas,
Machu Picchu.*

A metamorfose da alma é alegoricamente celebrada nas histórias de Cupido, o deus do amor, e no seu eventual casamento com a deusa da alma, Psique. É essencialmente um recontar do caminho seguido tanto por Buda como por Osíris. Estas personagens parecem cair na Terra pelo impulso da curiosidade em relação ao mundo mortal; passam por penas e tribulações, mas eventualmente recuperam a bem-aventurança ligando-se de novo ao Outro Mundo enquanto vivos e descobrindo a sabedoria inerente à busca do divino feminino.



Cupido e Psique. A lenda é narrada em O Asno de Ouro, de Lúcio Apuleio, em que o herói passa por uma série de aventuras, através das quais supera o seu ímpeto animal, descobre a natureza da alma e é instruído nos Mistérios de Ísis.

Os evangelhos gnósticos descrevem com flagrante clareza os benefícios desta busca. Há duas forças antagônicas em ação no mundo físico: o Deus da Luz, da ação correta e do amor; e o Deus das Trevas, cujo principal objetivo é frustrar a obtenção dessas forças positivas fazendo as pessoas «beber das águas do esquecimento... de modo a que não saibam de onde vieram».² Os sistemas sociais de banditismo organizado assente no engano sempre promoveram a anestesia da inteligência e a procura da «cegueira mental»,³ ao que os evangelhos gnósticos respondem: «A ignorância é a mãe de todo o mal. A ignorância é um escravo. O conhecimento é liberdade.»⁴ O propósito partilhado por todas as seitas esotéricas era libertar os humanos deste enredo, iniciando-os no culto do conhecimento a partir do qual poderiam conhecer-se a si mesmos, e a técnica consistia numa viagem xamânica de ressurreição em vida ao Outro Mundo. Como Adão e Eva, um pouco de conhecimento contribui muito para ajudar a tomar decisões entre o bem e o mal, cujas causas e efeitos ecoam tanto na vida como na eternidade.

O ritual de ressurreição dos mortos ecoa no nosso tempo, reconhecido como é na Páscoa, um evento religioso que marca o momento da morte e do renascimento do deus-homem espiritualizado, agora caracterizado no cristianismo por um Jesus ressuscitado. Porém, as raízes etimológicas da Páscoa estão em Ísis/Ast/Asterte, que, na sua encarnação saxónica era Ostara – a Estrela da Manhã –, e, finalmente, a germânica Eostre. Como tal, equipara-se ao ideal egípcio da alma renascida após o culminar do ritual de ressurreição ao amanhecer.

Na sua obra do século VIII, o venerável Beda lamenta que, durante o mês dedicado a Eostre, fossem organizados banquetes em honra desta deusa da fertilidade, mas, no seu tempo, o evento já fora usurpado pela nova agenda da Igreja. Mesmo assim, as ligações egípcias mantiveram-se. O prelúdio da Páscoa é o Domingo de Ramos, que marca a entrada triunfante de Jesus em Jerusalém montado num burro, um evento carregado de simbolismo ritual, sendo como é a representação de um homem que superou a sua natureza animal – o que Jesus/Isa alcança submetendo-se a uma morte figurada. Os seguidores celebraram este profundamente simbólico rito de passagem acenando com folhas de palmeira, um gesto que lembra o ritual da ressurreição de Osíris, pois o símbolo usado para assinalar a ocasião foi a palmeira.

Osíris é representado com a pele em tom verde-azulado, é a mais antiga expressão sobrevivente do culto do homem verde, a divindade tutelar da fertilidade que todos os anos, no equinócio da primavera, revitaliza a terra e a ergue dos mortos. Embora Jesus nunca seja retratado com a pele verde, o olhar atento que se erga para os vitrais da Catedral de Chartres – um local com longas ligações às escolas dos Mistérios – reparará como, na janela sudeste, Jesus foi colocado num invulgar trono verde.

O que inúmeros iniciados descobriram durante a sua imersão na santidade da câmara nupcial permanece o maior dos mistérios, e, no entanto, os relatos sobreviventes deixam claro um benefício: a reconciliação dos opostos e a experiência da unidade no seio do

indivíduo. Esta é a chave que liberta a ilimitada energia psíquica interior, que, por sua vez, amplifica a consciência do ser e a capacidade de funcionar conscientemente como ser autónomo. Os gnósticos, e posteriormente os herméticos, descobriram muito bem este potencial de alcançar um mundo espiritual para lá da forma que jaz ao alcance de cada um – o paraíso há muito bloqueado pela religião ortodoxa.

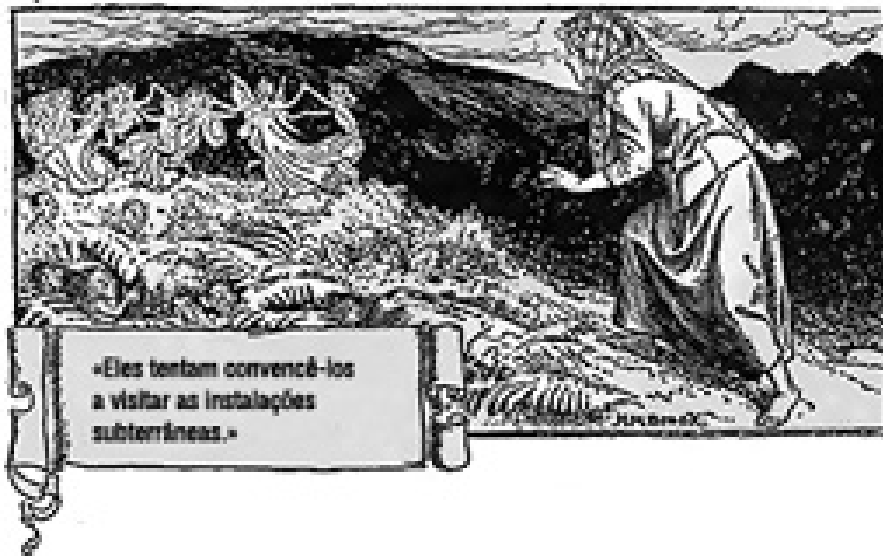


Ilustração de Gustave Doré de A Divina Comédia, de Dante, 1892.

O caminho para o entendimento deste potencial latente era através da iniciação, em que o candidato se submetia a uma morte figurada e atravessava momentaneamente para um novo limiar. Hoje, tais acontecimentos são chamados «experiências de quase morte», e estudos recentes sobre tais episódios revelam que os pacientes descrevem as mesmas paisagens, euforia, encontros e ditosas visões há muito vistas pelos iniciados nos seus sarcófagos ou grutas. Mas, mais importante, estas pessoas, através de uma experiência *involuntária*, não só tiveram revelações místicas, como descobriram algo sobre o seu propósito nesta vida e, após

regressarem ao corpo, levaram vidas encantadas, com uma saúde melhorada, mais empatia pelos outros, até maior sensibilidade à luz e ao som. Também se consideram mais espirituais após a experiência, mas não necessariamente alinhadas com a religião organizada.⁵

Embora a jornada deste livro tenha lidado com coisas de eras há muito passadas, o seu apelo é oportuno. Cada vez mais pessoas rejeitam as grandes religiões do mundo porque o seu núcleo foi revelado como oco ou a mensagem usurpada por extremistas. No mínimo, as pessoas rejeitam as preces comunais pela introspeção pessoal, ironicamente imitando a verdadeira essência da busca solitária de autodescoberta do iniciado. Como humanos, ansiamos pelo rejuvenescimento espiritual e pela experiência direta do propósito.



De Traces of the Elder Faiths in Ireland, 1901.

O objetivo do conhecimento era ajudar as pessoas a transcender a sua aparente impotência desempenhando um papel ativo no seu processo pessoal de manifestação consciente. Porque todas as formas estão interligadas, tanto no material como no etéreo, uma pessoa armada de um entendimento dos processos cósmicos pode influenciar ativamente o resultado das forças que ocorrem em ambas as esferas, pode tornar-se mestre da sua própria realidade,

em vez de ser vítima dele. Ao tomar consciência do seu lugar na ordem da vida, um homem ou uma mulher pode instigar mudanças no mundo à sua volta, influenciar as circunstâncias e, longe de ser um observador passivo, fazer a realidade responder à sua vontade.

A viagem bem-sucedida ao Outro Mundo e a descoberta do ser representam o triunfo da energia psicoespiritual sobre o dogma religioso cego. Em última análise, o objetivo e o dom da ressurreição em vida é a liberdade de consciência, precisamente como nos lembra o Evangelho de Tomé: «Aquele que se encontra a si mesmo é superior ao mundo.»⁶

NOTAS

UM CONTO DE FADAS ESCOCÊS

1. Mackenzie, «A Vision of the Dead», em *Wonder Tales from Scottish Myth and Legend*.

CAPÍTULO 1

UMA NOBRE TRADIÇÃO RECENTEMENTE SUPRIMIDA

1. Abt e Hornung, *Knowledge for the Afterlife*, 9.
2. Robinson, *The Nag Hammadi Library*, 52.
3. *Ibidem*, 53.
4. *Ibidem*, 144.

CAPÍTULO 2

O MITO DA RESSURREIÇÃO

1. Robinson, *The Nag Hammadi Library*, 332.
2. Kahir, *Al'-Koran, Al'-Muntakhab*, 4:157-58; Yusuf, *The Holy Qur'an*.
3. Bembo, *Letters and Comments on Pope Leo x*; e Paolo, *De Vita Leonis Decimi*. John Bale publicou a frase como uma sátira em *Acta Romanorum Pontificum*, 1574. No entanto, longe de ser uma citação satírica, a frase de Leão x foi testemunhada e registada por Bembo. Os registos do cardeal Caesar Baronius – antigo bibliotecário do Vaticano e o mais notável historiador da Igreja – fornecem informações sobre a falsificação no cristianismo. No que respeita à declaração do papa Leão, escreveu: «O pontífice foi acusado de ateísmo, pois negou Deus e chamou a Cristo, diante dos cardeais Pietro Bembo, Jovius e Iacopo Sadoletto, e de outros íntimos, “uma fábula”, tem de ser corrigido.» (*Annales Ecclesiastici*, op. cit., tomos VIII e XI) Em *Catholic Encyclopedia* (Pecci ed., III, pp. 312-14, *passim*), a Igreja anulou esta citação destrutiva argumentando que o que Leão queria dizer com «lucrativa» era «proveitosa», e «fábula» era «tradição». Por isso foi reformulada como «Quanto os cristãos ganharam com esta maravilhosa tradição de Cristo.» Porém, o cardeal Bembo, secretário do papa durante sete anos, acrescentou que Leão «era conhecido por não acreditar no cristianismo. Avançou

contrário à fé e que, ao condenar o evangelho, deve portanto ser um herege.» (em *Letters*).

4. Phillips, *The Virgin Mary Conspiracy*, 147-48; e LePage, *Mysteries of the Bridechamber*, 25.

5. 1 Coríntios 2:2.

6. LePage, *Mysteries of the Bridechamber*, 23.

7. Robinson, *The Nag Hammadi Library*, 153.

8. Ireneu, *Against Heresies*, 5.35.2.

9. Knight e Lomas, *The Hiram Key*, 145-49.

10. *Evangelho de Filipe*, 55:15-16.

11. *Evangelho de Tomé*, 17. Isto é, Patterson, Robinson e Bethge, *The Fifth Gospel*.

CAPÍTULO 3

O QUE É A INICIAÇÃO?

1. Citado em Warburton, *The Divine Legation of Moses*.

2. Stobaeus, *Eclogues*, 119.

3. Citado em Faber, *The Origin of Pagan Idolatry*, 153.

4. *Ibidem*.

5. Smith, *The Secret Gospel*, 14-17; Welburn, *The Beginnings of Christianity*, 98.

6. Naydler, *Shamanic Wisdom in the Pyramid Texts*, 186.

7. Greaves, *Lao Tzu and Taoism*, 65.

8. Zand I Wahman. *Yasht*, III, 6-22.

9. Most, *Pegamun Harmala*; Flattery e Schwartz, *Haoma and Harmaline*.

10. Hoshangji, Haug e West, *The Book of Arda Viraf*, 166.

11. Emboden, *Art and Artefact as Ethnobotanical Tools*.

12. Emboden, «Sacred Narcotic Water Lily of the Nile, Economic Botany», 395-407.

13. Valencic, «Has the Mystery of Eleusinian Mysteries Been Solved?», 325-36.

CAPÍTULO 4

PRIMEIROS SEGUIDORES DO CAMINHO

1. Georgius, *Alphabetum Tibetanum*, 202.
2. Hewett e Dutton, *The Pueblo Indian World*, 37-38.
3. Eastman, *The Soul of the Indian*.
4. Clavigero, *The History of Lower California*, 84-86.
5. Kroeber, *Handbook of the Indians of California*, 754.
6. Fraser, *The Golden Bough*, 2-11.
7. Phillips, «Magnetic Portals Connect Earth to the Sun», *NASA Science News*, 30 de outubro de 2008.
http://science.nasa.gov/science-news/science-at-nasa/2008/30oct_ftes/ (acedido a 10 de julho de 2016).
8. Pallis, *The Babylonian Akitu Festival*.
9. Vermaseren, *Mithras: The Secret God*, 75.
10. Faber, *On the Origin of Pagan Idolatry*, 3:180.
11. Estrabão, *Geographica*, livro 5, 730.
12. Speidel, *Mithras-Orion: Greek Hero and Roman Army God*, 1.
13. Cooper, *Mithras: Mysteries and Initiation Rediscovered*, x.
14. Por exemplo, Marinatos, *The Goddess and the Warrior*, 62.
15. Speidel, *Mithras-Orion: Greek Hero and Roman Army God*, 43.
16. Cooper, *Mithras: Mysteries and Initiation Rediscovered*, 54.
17. Por exemplo, Keating, *The History of Ireland*, vol. IV, 466.
18. Hood, «The Tartaria Tablets».
19. Citado em Gardner, *Realm of the Ring Lords*, 30-33, 68-70.
20. Curry, «Gold Artifacts Tell Tale of Drug-Fueled Rituals and “Bastard Wars”».
21. João 3:3.
22. Gardner, *Realm of the Ring Lords*, 103-4.
23. Scholem, *On the Kabbalah and its Symbolism*, 192.
24. Grant, *The Magical Revival*, 28.
25. Earhart, *A Religious Study of the Mount Haguro Sect of Shugendo*.
26. Evans-Wentz, *Cuchama and Sacred Mountains*, 48.
27. Morrow, *The Sacred Science of Ancient Japan*, 39-40.
28. *Ibidem*.

29. Dresser, *Japan: Its Architecture, Art, and Art Manufactures*, 112.
30. Mullin, *The Shifting Narratives and Circling Bodhisattvas of Baoguo Si*.
31. Chen, *Taisho Shinshu Daizokyo*.
32. Phelps, *The Omei Illustrated Guide Book*.
33. Hargett, *Stairway to Heaven*, 40.
34. Sales, Psalmanazar e Bower, *Universal History: From the Earliest Accounts to the Present Time*, 7:9; Oliver, *The History of Initiation*, 13.
35. Forbes, *Oriental Memoirs*, 3:447.
36. Maurice e Barlo, *Indian Antiquities*, 3:145.
37. Mateus 9:18-25.
38. Gardner, *The Magdalene Legacy*, 8-9.
39. Voraigue, *Legenda Aurea*, 1483.
40. Hippolytus, *The Refutation of All Heresies*, capítulo 1.
41. Rudolph, *Gnosis*, 343.

CAPÍTULO 5

O OUTRO MUNDO DOS CELTAS

1. Eogan, *Knowth and other Passage Tombs of Ireland*, 211.
2. Por exemplo, Christopher e Lomas, *The Hiram Key*.
3. MacDonald, *The New Statistical Account for Scotland*, vol. x, 1845.
4. Elder, *Celt, Druid and Culdee*, 1990, 92.
5. *Ibidem*.
6. *Ibidem*.
7. Mackey, *An Introduction to Celtic Christianity*, 143.
8. Curtis e Ponting, *New Light on the Stones of Callanish*.
9. Broadhurst, *Tintagel and the Arthurian Mythos*, 158-80; Broadhurst e Miller, *Dance of the Dragon*.
10. Broadhurst e Heath, *The Sacred Land*, 103.
11. Broadhurst, *Tintagel and the Arthurian Mythos*, 158-80.
12. *Ibidem*.

CAPÍTULO 6

SEGREDOS DA COLMEIA

1. Bush, *Gringo Doctor*, 115.
2. 1 Samuel 14:27.
3. Eneix, «The Ancient Architects of Sound».
4. Jahn, «Acoustical Resonances of Assorted Ancient Structures»; Devereux, «Acoustical Properties of Ancient Ceremonial Sites».
5. Larson, *Greek Nymphs*, 86.
6. Bryant, *A New System*, 299-333.
7. Platão, *Phaedrus*, 245-46.

CAPÍTULO 7

CINQUENTA SOMBRAS DE GNOSTICISMO

1. Clemente de Alexandria, Stromata 6.11, *Ante-Nicene Fathers*, II, 3 13; Caesarius of Heisterbach, *Dialogue on Miracles*, 12:55.
2. *Ibidem*.
3. Gregório de Tours, *History of the Franks*, 92.
4. Turner, *Ritual in Gnosticism*, 136-40.
5. *Evangelho dos Egípcios (2)* em *The Nag Hammadi Library*, 218.
6. Broad, *The Oracle*, 201.
7. Heliodoro, *An Aethiopian History*, 241.
8. Platão, *Phaedrus*, 245-46.
9. *Ibidem*.
10. *Ibidem*.
11. *Ibidem*, 68b.
12. Plotino, em Joseph Peterson, *Iamblichus: Theurgia or on the Mysteries of Egypt*.
13. Temístio, *Aristotle on the Soul*.
14. *Ibidem*.
15. Jâmblico de Apameia, *On the Mysteries of the Egyptians*, 1:12, 37.
16. Willoughby, *Pagan Regeneration*.
17. *Ibidem*.
18. Bleeker, *Initiation in Ancient Egypt*, 35.
19. Willoughby, *Pagan Regeneration*.

20. Em Freke, *The Jesus Mysteries*.
21. Estrabão, *Geographica*, livro 5, 4-5.
22. Ver Paget, *In The Footsteps of Orpheus*.
23. Baigent, *The Jesus Papers*, 180-88.

CAPÍTULO 8

A CÂMARA NUPCIAL SECRETA

1. Estrabão, *Geographica*, livro 5, 730.
2. Apuleio, *The Golden Ass*, 285-86.
3. Turner, *Ritual in Gnosticism*, 136-38.
4. Ireneu, *Against Heresies*, 1.21.3.
5. *Evangelho de Tomé* em Pagels, *The Gnostic Gospels*, 75.
6. Smith, *The Gospel of Philip*, secção 60.
7. *Ibidem*, secção 38.
8. *Ibidem*, secção 107.
9. *Ibidem*, secção 96.
10. Drowner, *The Mandaeans of Iran and Iraq*, 100.
11. LePage, *Mysteries of the Bridechamber*, 94.
12. Smith, *The Gospel of Philip*, secção 59.
13. *Ibidem*, secção 107: 14-16.
14. Rudolph, *Gnosis*, 293.
15. Weidner e Bridges, *The Mysteries of the Great Cross of Hendaye*, 88-89.
16. Dunne, *Carl Jung*, 171.

CAPÍTULO 9

O QUE ACONTECE NO MÉDIO ORIENTE FICA NA AMÉRICA CENTRAL

1. Sejourne, *Burning Water*, 190.
2. Miller e Taube, *The Gods and Symbols of Ancient Mexico*, 190.
3. Bierhorst, *The Mythology of Mexico and Central America*, 161.
4. Miguel Angel Vergara, professor maia, em comunicação pessoal com o autor.
5. Silva, *The Divine Blueprint*, 33-41.
6. Sejourne, *Burning Water*, 56.

7. *Ibidem*, 58.
8. *Ibidem*.
9. Popol Vuh.
10. Stead, *The Review of Reviews*, 12:275; Le Plongeon, *Sacred Mysteries among the Mayas and the Quiches*, 87.
11. Vare, «El Clasico Medio en el Noroccidente de Yucatan».
12. Schiele e Matthews, *The Code of Kings*, 200.
13. Wiggermann, *Mesopotamian Protective Spirits*, 66.

CAPÍTULO 10

ESTRANHOS DE NAZARÉ

1. LePage, *Mysteries of the Bridechamber*, 93; Keller, *The Bible as History*.
2. Crossan, *The Historical Jesus*.
3. Apocalipse 22:16.
4. Epifânio de Salamina, *Against Heresies*, em Layton, *The Gnostic Scriptures*.
5. Drowner, *The Mandaeans of Iran and Iraq*, 100.
6. Shuré, *The Great Initiates*, 520n.
7. Pagels, *The Gnostic Gospels*; Baigent, Leigh e Lincoln, *Holy Blood, Holy Grail*.
8. Em Kahir, *Al'-Koran, Al'-Muntakhab*; Robinson, *The Nag Hammadi Library*, 345.
9. Baring e Cashford, *The Myth of the Goddess*, 592.
10. Marcos 14:3-11.
11. Stewart, *The Foreigner*, 21-22.
12. Mateus, 3:2.
13. Broadhurst e Miller, *Dance of the Dragon*; Graves, *Needles of Stone*; Silva, *The Divine Blueprint*.
14. Silva, *First Templar Nation*.
15. *Ibidem*.
16. *Ibidem*.
17. Partridge, *A Dictionary of Slang and Unconventional English*.

18. Descrições da vida de Krishna semelhantes, correspondendo até à história posterior de Jesus, podem encontrar-se numa miríade de outras fontes, incluindo o *Bhagavad Gita*, *Srimad Bhagavatam* (ou *Bhagavatam Purana*), *Khuddakapatha*, *Sutta Nipata* (no *Khuddaka Nikaya*), e *Diha Nikaya* (no *Sutta Pitaka*). Também pertinente é a obra do jornalista do século XIX Nicolas Notovitch, a quem foi dado acesso a livros sagrados em Hemis e Lassa, alegadamente escritos, segundo os mosteiros que o receberam, algum tempo antes de 500 a. C. Estes livros de referência foram verificados por Swami Abhedananda e pelo cientista Nicholas Roerich. Há também contos tradicionais análogos vindos da Ásia Central, registados por cronistas como Estrabão e já antigos no seu tempo. Ver também George Cox, *The Mythology of the Aryan Nations*; Kersey Graves, *The World's Sixteen Crucified Saviors*, 225.

CAPÍTULO 11

DENTRO DA GRANDE PIRÂMIDE E RUMO AO OUTRO MUNDO

1. Brunton, *A Search in Secret Egypt*, 39.
2. *Ibidem*, 41.
3. Schwaller de Lubicz, *Sacred Science*, 111.
4. Silva, *The Divine Blueprint*, 73-83; Knight e Lomas, *Uriel's Machine*.
5. Chouinard, *Lost Race of Giants*; Dewhurst, *The Ancient Giants Who Ruled America*.
6. *Strand Magazine*, dezembro de 1895, 646-47; reproduzido em Wood-Martin, *Traces of the Elder Faiths of Ireland*, 1:57.

CAPÍTULO 12

INICIAÇÃO EGÍPCIA

1. *The Roman History of Ammianus Marcellinus*, 315.
2. Apuleio, *The Works of Apuleius*, 240.
3. Szpakowska, *Behind Closed Eyes*, 150-51.
4. Schwaller de Lubicz, *Sacred Science*, 111.
5. Porfírio, *De Abstinencia*, 4.6.

6. DuQuesne, *Anubis*, 26ff; Naydler, *Shamanic Wisdom in the Pyramid Texts*, 22.
7. Faulkner, *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, texto 9.9.
8. Reymond, *The Mythological Origin of the Egyptian Temple*; Abt e Hornung, *Knowledge for the Afterlife*.
9. Abt e Hornung, *Knowledge for the Afterlife*, 144.
10. *Ibidem*, 2.
11. Knight e Lomas, *The Hiram Key*, 146.
12. Faulkner, *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, textos 9.10-11.
13. Mead, *Corpus Hermeticum* 10.25; Faulkner, *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, Enunciados 256-301, 302-458.
14. Fowden, *The Egyptian Hermes*, 28.
15. Pawson, *Gematria*, 78; Michell, *The Dimensions of Paradise*, 182.

CAPÍTULO 13

COMO VIAJAR PARA O OUTRO MUNDO E VOLTAR VIVO, OU OS TEXTOS DAS PIRÂMIDES

1. Hart, *The Routledge Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*.
2. Schwaller de Lubicz, *Sacred Science*, 99.
3. Wilkinson, *Symbol and Magic in Egyptian Art*, 109.
4. Faulkner, *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, enunciados 220-22, 254-57, 260.
5. Este é um aspeto abordado em Naydler, *Shamanic Wisdom in the Pyramid Texts*.
6. *Ibidem*, 166.
7. Hooke, *Myth, Ritual and Kingship*, 74-80.

CAPÍTULO 14

O FARAÓ DEIXOU O EDIFÍCIO

1. Naydler, *Shamanic Wisdom in the Pyramid Texts*, 72, 90-95.
2. Breasted, *Ancient Records of Egypt*, 1:213-14.
3. Welburn, *The Beginnings of Christianity*, 254.
4. Naydler, *Shamanic Wisdom in the Pyramid Texts*, 99-102.
5. *Ibidem*, 101.

6. *Ibidem*, 103-4.
7. Faber, *On the Origin of Pagan Idolatry*, 3:187; Maurice, *The History of Hindustan*, 5:1061.
8. Greaves, *Pyramidographia*, 2:34.
9. Oliver, *The History of Initiation*, 21-23.
10. *Journal of the Asiatic Society of Bengal*, vol. 52, parte 1, 165.
11. Maurice e Barlo, *Indian Antiquities*, 386.
12. Faulkner, *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, Enunciado 159.

CAPÍTULO 15

HOMENS VERDES, CAVALEIROS BRANCOS

1. Serbanesco, *Histoire de l'Ordre des Templiers et les Croisades*, 300-7.
2. Silva, *First Templar Nation*, 168-69.
3. Eusébio, *Historia Ecclesiastica*; Silva, *First Templar Nation*, 129.
4. Baigent, Leigh e Lincoln, *Holy Blood, Holy Grail*, 374.
5. Por exemplo, Thiering, *Jesus: The Man*, 151.
6. Silva, *First Templar Nation*, 179-91.
7. *Ibidem*, 194.
8. Contado por Scaliburis, blog.thomar.org, 7 de março de 2009.
9. *Ibidem*.
10. Silva, *First Templar Nation*, 179-91.
11. Ricardo Branco, blog.thomar.org/2007/02.
12. Serbanesco, *Histoire de l'Ordre des Templiers et les Croisades*, 302.
13. Cooper, *Mithras: Mysteries and Initiation Rediscovered*, 32.
14. Silva, *First Templar Nation*, 102.
15. Oliver, *The History of Initiation*.
16. Berger, *Les plus secrets mystères des Hants Grades de la Maçonnerie dévoilés*, vi.
17. Corbin, *The Imago Templi in Confrontation*; Waite, *A New Encyclopedia of Freemasonry*.
18. Mackey, *Lexicon of Freemasonry*.

19. Oliver, *The Historical Landmarks and Other Evidences of Freemasonry*, vol. 2, 34.
20. Silva, *The Divine Blueprint*, 33-42.
21. Knight e Lomas, *The Second Messiah*, 148.
22. Knight e Lomas, *The Hiram Key*.
23. Coppens, *The Stone Puzzle of Rosslyn Chapel*.
24. *Ibidem*.
25. Knight e Lomas, *The Hiram Key*.
26. *Ibidem*.
27. Wicherink, *Souls of Distortion Awakening*.

CAPÍTULO 16

A CIÊNCIA DO OUTRO MUNDO

1. Roney-Dougal, *The Faery Faith*, 11.
2. Burr, *Blueprint for Immortality*; Braud e Schlitz, «Consciousness Interactions with Remote Biological Systems», 1-46.
3. Broadhurst e Miller, *Sun and the Serpent*; Silva, *The Divine Blueprint*; Graves, *Needles of Stone*.
4. Reymond, *The Mythological Origin of the Egyptian Temple*, 122, 136.
5. Silva, *The Divine Blueprint*, 82.
6. Phillips, «Magnetic Portals Connect Earth to the Sun», *NASA Science News*, 30 de outubro de 2008. http://science.nasa.gov/science-news/science-at-nasa/2008/30oct_ftes/ (acedido a 10 de julho de 2016).
7. Poynder, *Pie in the Sky*, 81.
8. Burke e Halberg, *Seed of Knowledge, Stone of Plenty*, 129.
9. Brooker, «Magnetism and Standing Stones».
10. Mereaux, *Carnac*, 138-42.
11. Devereux, *Earth Lights Revelation*.
12. Wever, *The Circadian System of Man*, 157.
13. Nelson et al., *Field REG II: Consciousness Field Effects: Replications and Explorations*; Nelson, *Field REG Measurements in Egypt: Resonant Consciousness at Sacred Sites*, 425-54.

14. *Ibidem*.

15. *Ibidem*.

CAPÍTULO 17

A METAMORFOSE DA ALMA

1. Platão, *Phaedrus*, 114.

2. Robinson, *The Nag Hammadi Library*, 119.

3. *Ibidem*, 387.

4. *Ibidem*, 159.

5. Sartori, *The Wisdom of Near-Death Experiences*.

6. *Evangelho de Tomé*, 111.

BIBLIOGRAFIA

- Abt, Theodore, Hornung, Erig. *Knowledge for the Afterlife: The Egyptian Amduat; A Quest for Immortality*. Munique: Living Human Heritage, 1963.
- Apuleio, Lúcio. *The Golden Ass*. Traduzido por Robert Graves. Harmondsworth, Reino Unido: Penguin, 1950.
- . *The Works of Apuleius*. Londres: Bell & Daldy, 1866.
- Baigent, Michael. *The Jesus Papers*. São Francisco: HarperCollins, 2008.
- Baigent, Michael, Leigh, Richard, e Lincoln, Henry. *Holy Blood, Holy Grail*. Nova Iorque: Delacourte, 1982.
- Baring, Anne, e Cashford, Jules. *The Myth of the Goddess*. Harmondsworth, Reino Unido: Penguin, 1993.
- Beaumont, Comyns. *The Riddle of Prehistoric Britain*. Londres: Rider & Co., 1946.
- Bembo, Cardeal Pietro. *Letters and Comments on Pope Leo X*. Roma: Tipografia Delle Scienze Matematiche e Fisiche, 1842 (reedição).
- Berger, M. *Les plus secrets mystères des Hants Grades de la Maçonnerie dévoilés, ou le vrai Rose-Croix*. Jerusalém: Berlin Haudes & Speen, 1787.
- Bertonio, Ludovico, *Vocabulario de la lengua Aymara*. Juli, Chuchyto: Francisco de Canto, 1612.
- Bierhorst, John. *The Mythology of Mexico and Central America*. Nova Iorque: William Morrow, 1990.
- Bleeker, Claas Jouco. *Initiation in Ancient Egypt*. Leiden, Holanda: E. J. Brill, 1965.
- Borlase, William Copeland. *Dolmens of Ireland*. Londres: Champan & Hall, 1897.
- Braud, William G., e Schlitz, Marilyn J. «Consciousness Interactions with Remote Biological Systems». *Journal of Scientific Exploration* 2, n.º 1 (1991): 1-46.

- Breasted, James Henry. *Ancient Records of Egypt*. Chicago: University of Chicago Press, 1906.
- Broad, William. *The Oracle: Ancient Delphi and the Science behind Its Lost Secrets*. Nova Iorque: Penguin, 2007.
- Broadhurst, Paul. *Tintagel and the Arthurian Mythos*. Launceston, Reino Unido: Pendragon Press, 1992.
- Broadhurst, Paul, e Miller, Hamish, *Dance of the Dragon*. Launceston, Reino Unido: Pendragon Press, 1993.
- . *Sun and the Serpent*. Launceston, Reino Unido: Pendragon Press, 1990.
- Broadhurst, Paul, e Heath, Robin. *The Sacred Land*. Launceston, Reino Unido: Mythos Press, 2009.
- Brooker, Charles. «Magnetism and Standing Stones». *New Scientist* 97, n.º 1340 (1983): 105.
- Brunton, Paul. *A Search in Secret Egypt*. Nova Iorque: E. P. Dutton, 1936.
- Bryant, Jacob. *A New System: Or an Analysis of Ancient Mythology*. Londres: T. Payne, P. Elmsley, B. White e J. Walter, 1776.
- Burke, John, e Halberg, Kaj *Seed of Knowledge, Stone of Plenty: Understanding the Lost Technology of the Ancient Megalith-Builders*. Tulsa, Oklahoma: Council Oak Books, 2005.
- Burr, Harold S. *Blueprint for Immortality: The Electric Pattern of Life*. Londres: Neville Spearman, 1972.
- Bush, Ira Jefferson. *Gringo Doctor*. Caldwell, Idaho: Caxton Press, 1935.
- Caesarius of Heisterbach. *Dialogue on Miracles*. Editado por J. Strange. Colónia: J. M. Heberle, 1851.
- Chen, Pi-Yen. *Taisoh Shinshu Daizokyo*. Tóquio: Taisho Issaikyo, 1924.
- Chouinard, Patrick. *Lost Race of Giants*. Rochester, Vermont: Bear & Co., 2013.

- Classical Journal* (Classical Assoc. of Middle West and South) 37 (1942).
- Clavigero, Francesco. *The History of Lower California*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 1937.
- Clemente de Alexandria. Stromata 6.11. *Ante-Nicene Fathers*. Traduzido por William Wilson. Buffalo, Nova Iorque: Christian literature Publishing, 1885.
- Cook, Ian A., K. Pajot, Sarah, e F. Leuchter, Andrew. «Ancient Architectural Acoustic Resonance Patterns and Regional Brain Activity». *Time and Mind* 1, n.º 1 (2008): 95-104.
- Cooper, Jason. *Mithras: Mysteries and Initiation Rediscovered*. York Beach, Maine: Weiser, 1996.
- Copleston, Frederick. *The History of Philosophy: Greece and Rome*. Vol. 1. Nova Iorque: Image Books, 1993.
- Coppens, Phillip. *The Stone Puzzle of Rosslyn Chapel*. Kimpton, Illinois: Adventures Unlimited Press, 2004.
- Corbin, Henry. *The Imago Templi in Confrontation*. Paris: Eranus, 1974.
- Cox, George. *The Mythology of the Aryan Nations*. Londres: Spottiswoode & Co., 1870.
- Crossan, John Dominic. *The Historical Jesus: The Life of a Mediterranean Jewish Peasant*. Victoria, Austrália: CollinsDove, 1993.
- Curry, Andrew. «Gold Artifacts Tell Tale of Drug-Fueled Rituals and “Bastard Wars”». *National Geographic*, 22 de maio de 2015.
- Curtis, Margaret, e Ponting, Gerald. *New Light on the Stone of Callanish*. Ilha de Lewis: G & M Ponting, 1984.
- Devereux, Paul. «Acoustical Properties of Ancient Ceremonial Sites». *Journal of Scientific Exploration* 9 (1995): 438.
- . *Earth Lights Revelation*. Londres: Sterling, 1990.
- Dewhurst, Richard. *The Ancient Giants Who Ruled America*. Rochester, Vermont: Bear & Co., 2013.

- Dresser, Christopher. *Japan: Its Architecture, Art, and Art Manufactures*. Londres: Longmans, Green, & Co., 1882.
- Drowner, Ethel Stefana. *The Mandeans of Iran and Iraq*. Oxford, Reino Unido: Clarendon Press, 1937.
- Dunne, Claire. *Carl Jung: Wounded Healer of the Soul*. Nova Iorque: Parabola Books, 2000.
- DuQuesne, Terence. *Anubis: Master of Secrets and the Egyptian Conception of Mysteries*. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 1996.
- Earhart, Byron. *A Religious Study of the Mount Haguro Sect of Shugendo*. Tóquio: Sophia University, 1979.
- Eastman, Charles. *The Soul of the Indian*. Cambridge, Massachusetts: Houghton Mifflin, 1911.
- Elder, Isabel Hill. *Celt, Druid and Culdee*. Londres: Covenant Publishing Co., 1938.
- . *Celt, Druid and Culdee*. Thousand Oaks, Califórnia: Artisan Sales, 1990.
- Eliade, Mircea. *Rites and Symbols of Initiation*. Londres: Bloomsbury, 1958.
- Emboden, William A. *Art and Artefact as Ethnobotanical Tools in Ancient Near East*. Portland, Oregon: Dioscorides, 2005.
- . «Sacred Narcotic Water Lily of the Nile», *Economic Botany*, 33, n.º 1 (1979): 395-407.
- Eneix, Linda. «The Ancient Architects of Sound». *Popular Archaeology* 6 (março de 2012).
- Eogan, George. *Knowth and Other Passage Tombs of Ireland*. Londres: Thames & Hudson, 1986.
- Epifânio de Salamina. *Against Heresies*. Traduzido por Frank Williams. Nova Iorque: E. J. Brill, 1987.
- Estrabão. *Geographica*, livros 5 e 15. Traduzido por H. C. Hamilton e W. Falconer. 3 vols. Londres: H. Bonn, 1854-57.

- Eusébio. *Historia Ecclesiastica*. Traduzido por Paul Mayer. Grand Rapids, Michigan: Kregel Academic & Professional, 2007.
- Evangelho dos Egípcios*. (1). Em *The Other Gospels: Non-Canonical Gospel Texts*. Editado por Ron Cameron. Filadélfia: The Westminster Press, 1982.
- Evangelho dos Egípcios*. (2). Em *The Nag Hammady Library* em edição inglesa. Editado por James Robinson, E. J. Brill, Leiden, 1984.
- Evans-Wentz, W.Y. *Cuchama and Sacred Mountains*. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1981.
- Faber, George. *On the Origin of Pagan Idolatry*. Vol. 3. Londres: R & R Gilbert, 1816.
- Faulkner, Raymond O. *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 1969.
- Flattery, David, e Schwartz, Martin. *Near Eastern Studies. Haoma and Harmaline: The Botanical Identity of the Indo-Iranian Sacred Hallucinogen «Soma» and Its Legacy in Religion*. Vol. 21. Berkley: University of California Press, 1989.
- Fleetwood, John. *Life of Our Lord and Saviour Jesus Christ*. Londres: London Printing Co., 1911.
- Forbes, James. *Oriental Memoirs*. Londres: R. Bentley, 1834.
- Fowden, Garth. *The Egyptian Hermes*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1986.
- Fraser, James George. *The Golden Bough*. Nova Iorque: MacMillan, 1922.
- Freke, Timothy. *The Jesus Mysteries*. Nova Iorque: Three Rivers Press, 1999.
- Gardner, Laurence. *The Magdalene Legacy*. Nova Iorque: HarperCollins, 2005.
- . *Realm of the Ring Lords*. Gloucester: Fair Winds Press, 2002.

- Georgius. *Alphabetum Tibetanum*. Roma: Typis Sacrae Congregationis De Propaganda Fide, 1759.
- Godwin, Jocelyn. *Mystery Religions in the Ancient World*. Nova Iorque: HarperCollins, 1981.
- Grant, Kenneth. *The Magical Revival*. Londres: Skoob Books, 1991.
- Graves, Kersey. *The World's Sixteen Crucified Saviors*. Boston: Colby & Rich, 1876.
- Graves, Tom. *Needles of Stone*. Londres: Turnstone, 1978.
- Greaves, John. *Pyramidographia: Or a Description of the Pyramids in Aegypt*. Londres: John G. Badger, 1646.
- Greaves, Roger, trad. *Lao Tzu and Taoism*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 1969.
- Gregório de Tours, *History of the Franks*. Editado por Rudolf Buchner. Leiden, Holanda: Brill, 1957.
- Gruber, Elmer, e Kersten, Holger. *The Original Jesus*. Rockport, Massachusetts: Element, 1995.
- Halevi, Z'ev ben Shimon. *Kabbalah: The Tradition of Hidden Knowledge*. Londres: Thames & Hudson, 1978.
- Hargett, James. *Stairway to Heaven: A Journey to the Summit of Mount Emei*. Albany: State of New York University Press, 2007.
- Hart, George. *The Routledge Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*. Nova Iorque: Routledge, 1993.
- Heliodoro. *An Aethiopian History*. Londres: Thomas Underdowne, 1895.
- Hewett, Edgar Lee, e Dutton, Bertha Pauline. *The Pueblo Indian World*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1945.
- Higgins, Godfrey. *Anacalypsis*. Londres: J. Burns, 1874.
- Hipólito. *The Refutation of All Heresies*. Traduzido por Francis Legge. Londres: Society for Promoting Christian Knowledge, 1921.
- Hood, M. F. S. «The Tartaria Tablets». *Scientific American*, vol. 2 18, número 5, maio de 1968.

- Hooke, Samuel Henry. *Myth, Ritual and Kingship: Essays on the Theory and Practice of Kingship in the Ancient Near East*. Oxford: Clarendon Press, 1958.
- Hoshangji, Jamaspji, Haug, Martin, e West, Edward. *The Book of Arda Viraf: The Pahlavi Text Containing the Gosht I*. Fryano, e Hadokht-Nask. Bombaim: Government Central Book Depot, 1872.
- Ireneu. *Against Heresies*. Londres: James Parker & Co., 1872.
- Jahn, Robert G. «Acoustical Resonances of Assorted Ancient Structures». PEAR Technical Report 95002, março de 1995.
- Jâmblico de Apameia. *On the Mysteries of the Egyptians*. Traduzido por Thomas Taylor. Frome, Reino Unido: Prometheus Trust, 1999.
- Journal of the Asiatic Society of Bengal*. Vol. 52, parte 1. Calcutá: J. W. Thomas, 1883.
- Kahir, Tafsir Ibn. *Al'Koran. Al'-Muntakhab*. Riade, Arábia Saudita: Maktaba Dar-us-Salam, 2003.
- Keating, Geoffrey. *The History of Ireland*. Vol. IV. Londres: Irish Texts Society, 1902-14, 466.
- Keller, Werner. *The Bible as History*. Londres: Hodder & Stoughton, 1980.
- Kingsley, Peter. *In the Dark Places of Wisdom*. Inverness: The Golden Sufi Centre, 2003.
- Knight, Christopher, e Lomas, Robert. *The Hiram Key*. Londres: Century, 1996.
- . *The Second Messiah*. Londres: Century, 1996.
- . *Uriel's Machine*. Barnes & Noble, Nova Iorque, 2004.
- Kroeber, Alfred Louis. *Handbook of the Indians of California*. Washington DC: Government Printing Office, 1925.
- Larson, Jennifer. *Greek Nymphs: Myth, Cult, Lore*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- Layton, Bentley. *The Gnostic Scriptures*. Londres: SCM Press, 1987.
- LePage, Victoria. *Mysteries of the Bridechamber: The Initiation of Jesus and the Temple of Solomon*. Rochester, Vermont: Inner

- Traditions, 2007.
- Le Plongeon, Augustus. *Sacred Mysteries among the Mayas and the Quiches*. Nova Iorque: Macoy Publishing, 1990.
- MacDonald, Robert. *The New Statistical Account for Scotland*. Perthshire, 1845.
- Mackenzie, Donald A. *Buddhism in pre-Christian Britain*. Glasgow: Blackie & Son, 1928.
- . *Wonder Tales from Scottish Myth and Legend*. Glasgow: Blackie & Son, 1928.
- Mackey, Albert G. *Lexicon of Freemasonry*. Glasgow: Richard Griffin & Co., 1860.
- Mackey, James P. *An Introduction to Celtic Christianity*. Edimburgo: T&T Clark, 1995.
- Marinatos, Nanno. *The Goddess and the Warrior*. Londres: Routledge, 2000.
- Maurice, Thomas. *History of Hindostan: Its Arts and Its Sciences*. Londres: W. Bulmer & W. Nicol, 1795-98.
- Maurice, Thomas, e Barlo, Inigo. *Indian Antiquities: Or Dissertations Relative to Ancient Hindostan*. Londres: W. Richardson, 1794.
- May, E. C. *Review of the Psychoenergetic Research Conducted at SRI Int. 1973-88*. SRI Int. Technological Report, março de 1988.
- Mead, George R. S., ed. e trad. *Corpus Hermeticum*. Londres: Theosophical Publishing Society, 1906.
- Mereaux, Pierre. *Carnac: Des Pierres Pour Les Vivants, Kerwangwenn*. Bretanha, França: Nature & Bretagne, 1992.
- Michell, John. *The Dimensions of Paradise*. Londres: Thames & Hudson, 1988.
- Miller, Mary e Karl Taube. *The Gods and Symbols of Ancient Mexico*. Londres: Thames & Hudson, 1993.
- Morrow, Avery. *The Sacred Science of Ancient Japan*. Rochester, Vermont: Bear & Company, 2014.

- Most, Albert. *Pegamun Harmala*. Denton, Texas: Venom Press, 1985.
- Mullin, Tenzin. *The Shifting Narratives and Circling Bodhisattvas of Baoguo Si*. Tese de mestrado, Universidade de Otago, 2013.
- Myers, Luke. *Gnostic Visions: Uncovering the Greatest Secret of the Ancient World*. Bloomington, Indiana: iUniverse, 2011.
- Naydler, Jeremy. *Shamanic Wisdom in the Pyramid Texts*. Rochester, Vermont: Inner Traditions, 2005.
- Nelson, Roger. «Field REG Measurements in Egypt: Resonant Consciousness at Sacred Sites». Princeton Engineering Anomalies Research School of Engineering/Applied Science, PEAR Technical Note 97002, julho de 1997.
- Nelson, Roger, Jahn, R. G., Dunne, B. J., Dobyns, Y. H., e Bradish, G. J. «FieldREG II: Consciousness Field Effects: Replications and Explorations». *Journal of Scientific Exploration* 12, n.º 3 (1998): 425-54.
- Oliver, George. *The Historical Landmarks and Other Evidences of Freemasonry: Explained in a Series of Practical Lectures, with Copious Notes*. 2 vols. Londres: R. Spenser, Londres, 1846.
- . *The History of Initiation, in Twelve Lectures, Comprising a Detailed Account of the Rites and Ceremonies, Doctrines and Discipline, of All the Secret and Mysterious Institutions of the Ancient World*. Nova Iorque: Leonard & Co., 1855.
- Pagels, Elaine. *The Gnostic Gospels*. Nova Iorque: Random House, 1979.
- Paget, Robert. *In the Footsteps of Orpheus*. Londres: Robert Hale, 1967.
- Pallis, Svend A. *The Babylonian Akitu Festival*. Copenhaga: A. F. Host, 1926.
- Paolo, Cardeal Giovio. *De Vita Leonis Decimi*. Florença: Officina Laurentii Torrentini Ducalis typographi, 1551.

- Partridge, Eric. *A Dictionary of Slang and Unconventional English*. Nova Iorque: MacMillan, 1985.
- Patterson, Stephen J., Robinson, James M., e Bethge, Hans-Gebhard. *The Fifth Gospel: The Gospel of Thomas Comes of Age*. Harrisburg, Pensilvânia: Trinity Press, 1998.
- Pawson, Marke. *Gematria: The Numbers of Infinity*. Sutton Mallet, Reino Unido: Green Magic, 2004.
- Peterson, Joseph. *Iamblichus: Theurgia, or On the Mysteries of Egypt*. Nova Iorque: Metaphysical Publishing Co., 1911.
- Phelps, Dryden. *The Omei Illustrated Guide Book*. Chengtu, China: West China University, 1936.
- Phillips, Graham. *The Virgin Mary Conspiracy*. Rochester, Vermont: Inner Traditions, 2005.
- Phillips, Tony. «Magnetic Portals Connect Earth to the Sun». *NASA Science News*, 30 de outubro de 2008. http://science.nasa.gov/science-news/science-at-nasa/2008/30oct_ftes/ (acedido a 10 de julho de 2016).
- Platão. *Phaedrus*. Traduzido por H. Tredennick. Harmondsworth, Reino Unido: Penguin, 1969.
- Popol Vuh. Editado por Adrian Recinos, Delia Goetz e Morley, Sylvanus. Norman, Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1950.
- Porfírio. *De Abstinencia*. Em *Porphyry. On Abstinence from Killing Animals*. Traduzido por Gillian Clark. Ithaca, Nova Iorque: Cornell University Press, 2000.
- Poynder, Michael. *Pie in the Sky: A Revelation of the Ancient Celtic Wisdom Tradition*. Londres: Collins Press, 1998.
- Prendergast, Frank, e Ray, Tom. *Alignment of the Western and Eastern Passage Tombs at Knowth Tomb*, 2016.
- Reymond, Eve R. E. *The Mythological Origin of the Egyptian Temple*. Manchester, Reino Unido: Manchester University Press, 1969.

- Rhys, Sir John. *Celtic Folklore Welsh and Manx*. Oxford, Reino Unido: Clarendon Press, 1901.
- Robinson, James, ed. *The Nag Hammadi Library*. Leiden, Holanda: Brill, 1997.
- The Roman History of Ammianus Marcellinus*. Editado por C. D. Yonge. Londres: George Bell & Sons, 1902, 315.
- Roney-Dougal, Serena. *The Faery Faith*. Londres: Green Magic, 2003.
- Rudolph, Kurt. *Gnosis*. Edimburgo: T & T Clark, 1976.
- Sales, George, Psalmanazar, George, e Bower, Archibald. *Universal History: From the Earliest Accounts to the Present Time*. Londres: T. Osborne, 1779.
- Sartori, Penny. *The Wisdom of Near-Death Experiences*. Londres: Watkins, 2014.
- Schiele, Linda, e Matthews, Peter. *The Code of Kings*. Nova Iorque: Scribner, 1998.
- Scholem, Gershom G. *On the Kabbalah and its Symbolism*. Nova Iorque: Schocken Books, 1965.
- Schwaller de Lubicz, R. A. *Sacred Science: The King of Pharaonic Theocracy*. Rochester, Vermont: Inner Traditions, 1982.
- Sejourne, Laurette. *Burning Water: Thought and Religion in Ancient Mexico*. Nova Iorque: Vanguard Press, 1956.
- Serbanesco, Demeter Gerard Roger. *Histoire de l'Ordre des Templiers et les Croisades*. Paris: Éditions Byblos, 1969.
- Shuré, Eduard. *The Great Initiates*. Nova Iorque: Harper & Row, 1961.
- Silva, Freddy. *The Divine Blueprint: Temples, Power Places, and the Global Plan to Transform the Human Soul*. Portland, Maine: Invisible Temple, 2012.
- . *First Templar Nation*. Portland, Maine: Invisible Temple, 2013.
- Sinclair, John. *Schiehallion*. Stirling, Escócia: Mackay, 1905.

- Smith, Andrew Phillip. *The Gospel of Philip: Annotated and Explained*. Woodstock, Vermont: SkyLight Paths Publishing, 2005.
- Smith, Morton. *The Secret Gospel*. Londres: Victor Gollencz, 1974.
- Speidel, Michael. *Mithras-Orion: Greek Hero and Roman Army God*. Leiden, Holanda: E. J. Brill, 1980.
- Stead, W. T., ed. *The Review of Reviews*. Vol. 12. Londres: Horace Marshall & Son, 1895.
- Stewart, Alexander. *A Highland Parish or the History of Fortingall*. Glasgow: Alex Maclaren & Sons, 1928.
- Stewart, Desmond. *The Foreigner*. Londres: Hamish Hamilton, 1981.
- Stobaeus, Joannes. *Eclogues*. Veneza: Trinavelli, 1536.
- Strand Magazine*, dezembro de 1895, como reproduzido em W. G. Wood-Martin. *Traces of the Elder Faiths of Ireland*. Vol. 1. Londres: Longmans, Green, & Co., 1902.
- Szpakowska, Kasia. *Behind Closed Eyes: Dreams and Nightmares in Ancient Egypt*. Swansea: Classical Press of Wales, 2003.
- Temístio. *Aristotle on the Soul*. Ithaca, Nova Iorque: Cornell University Press, 1994.
- Thiering, Barbara. *Jesus: The Man*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1992.
- Turner, John D. *Ritual in Gnosticism*. Atlanta, Geórgia: Scholars Press, 1994.
- Valencic, Ivan. «Has the Mystery of the Eleusinian Mysteries Been Solved?» *Ethnomedicine and the Study of Consciousness* 3 (1994): 325-36.
- Vare, Torrecilla Carmen. «El Classico Medio en el Noroccidente de Yucatan: La fase Oxkintok Regional en Oxkintok (Yucatan) como paradigm». *Paris Monographs in American Archaeology* 2 (1998).
- Vermaseren, M. J. *Mithras: The Secret God*. Londres: Chatto & Windus, 1959.
- Voraigne, Jacapo di. *Legenda Aurea, 1483*. Editado por George O'Neill. Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press,

1972.

Waite, A. E. *A New Encyclopedia of Freemasonry*. Londres: Rider, 1921.

Warburton, William. *The Divine Legation of Moses*. Londres: T. Tegg, 1837.

Weidner, Jay, e Bridges, Vincent. *The Mysteries of the Great Cross of Hedaye*. Rochester, Vermont: Destiny Books, 2003.

Welburn, Andrew. *The Beginnings of Christianity*. Edimburgo: Floris Books, 1995.

Wever, R. A. *The Circadian System of Man*. Berlim: Springer-Verlag, 1979.

Wicherink, Jan. *Souls of Distortion Awakening*. Edição de autor, 2004.

Wiggermann, F. A. M. *Mesopotamian Protective Spirits: The Ritual Texts*. Groningen: Styx & PP Publications, 1992.

Wilkinson, Richard. *Symbol and Magic in Egyptian Art*. Londres: Thames & Hudson, 1994.

Willoughby, Harold. *Pagan Regeneration: A Study of Mystery Initiations in the Graeco-Roman World*. Chicago: Chicago University Press, 1929.

Wood-Martin, William Gregory. *Traces of the Elder Faiths of Ireland*. Londres: Longmans, Green & Co., 1902.

Yusuf, Ali. *The Holy Qur'an: Text, Translation and Commentary*. Lahore, Paquistão: Sh. Muhammad Ashraf Publishers, 1938.

Zand I Wahman. *Yasht*. Bombaim: B.T. Anklesaria, 1957.